



As
doze
tribos
de
Hattie

intrínseca

AYANA MATHIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

As
doze
tribos
de Hattie



AYANA MATHIS

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA

Copyright © Ayana Mathis, 2012

TÍTULO ORIGINAL

The Twelve Tribes of Hattie

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Taís Monteiro

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-493-7

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Filadélfia e Jubileu: 1925

Floyd: 1948

Six: 1950

Ruthie: 1951

Ella: 1954

Alice e Billups: 1968

Franklin: 1969

Bell: 1975

Cassie: 1980

Sala: 1980

Agradecimentos

Sobre a autora

*Para minha mãe,
e para Vovó
e Vovô*

*Então todos vós vos chegastes a mim, e dissestes:
Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a
terra e, de volta, nos ensinem o caminho pelo qual
devemos subir, e as cidades a que devemos ir. Isto me
pareceu bem; de modo que dentre vós tomei doze
homens, de cada tribo um homem.*

— Deuteronômio 1:22-23

*A casa, trancada como um relógio de bolso,
Aqueles corações apertados respirando lá dentro...
Ela não poderia ter inventado isso.*

— Rita Dove, *Obedience*

Filadélfia e Jubileu

1925

— FILADÉLFIA E JUBILEU?! — exclamou August quando Hattie mencionou os nomes que queria para os gêmeos. — A gente não pode dar nomes malucos assim para os bebês!

A mãe de Hattie, se ainda estivesse viva, teria concordado com August. Diria que a filha escolhera nomes vulgares; “baixos e pedantes”, teria definido. Mas ela estava morta, e Hattie queria para os filhos nomes que não estivessem gravados em lápides dos mausoléus de família da Geórgia, por isso deu a eles nomes de promessa e esperança, buscando-os à frente, não no passado.

Os gêmeos nasceram em junho, no primeiro verão de Hattie e August como marido e mulher. Os dois tinham alugado uma casa na Wayne Street — uma casa pequena, mas num bom bairro e, como dizia August, apenas temporária.

— Até comprarmos nossa casa própria — explicava Hattie.

— Até assinarmos na linha pontilhada — concordava August.

No final de junho, os sabiás invadiram as árvores e telhados da Wayne Street. O bairro vibrava com o canto dos pássaros. Os trinados embalavam o sono dos gêmeos e deixavam Hattie num bom humor tão grande que ela vivia rindo. Chovia todas as manhãs, mas as tardes eram ensolaradas e o pequeno gramado era verde como o primeiro dia do mundo. As mulheres do bairro começavam a cozinhar bem cedo, e ao meio-dia o quarteirão recendia aos bolos de morango postos nas janelas para esfriar. Os três, Hattie e os

gêmeos, cochilavam na sombra da varanda. No próximo verão Filadélfia e Jubileu já estariam andando; com passos vacilantes, como velhos meigos e desajeitados.

* * *

HATTIE SHEPHERD vigiava seus dois filhos nos moisés. Os gêmeos estavam com sete meses. Respiravam com mais facilidade quando sentados, por isso ela usava pequenas almofadas. Só assim ficaram mais calmos. A noite fora difícil. Pneumonia podia ser curada, ainda que não tão facilmente. Melhor isso que caxumba, gripe ou pleurisia. Melhor pneumonia do que cólera ou escarlatina. Hattie sentou-se no chão do banheiro e se apoiou na privada, as pernas esticadas à frente. A janela estava embaçada com o vapor condensado e gotas escorriam pelas vidraças e caixilhos de madeira branca para se depositar em poças na ranhura do azulejo atrás do vaso. Hattie deixara a água quente correr por horas. August passara metade da noite no porão botando carvão no aquecedor de água. Ele não queria sair para trabalhar e deixar Hattie e os filhos sozinhos. Bem, mas... um dia de trabalho é um dia de pagamento, e o depósito de carvão andava baixo. Hattie lhe garantiu: os gêmeos iam ficar bem agora que a noite tinha passado.

O médico tinha vindo no dia anterior e aconselhado o tratamento com vapor. Receitou uma pequena dosagem de ipecacuanha e alertou contra remédios antigos do interior como cataplasmas de mostarda, mas massagens com unguentos eram aceitáveis. Diluiu a ipecacuanha com um líquido claro e oleoso, deu a Hattie dois contagotas e mostrou como pressionar a língua dos bebês com o dedo para o remédio descer pela garganta. August pagou três dólares pela visita, e começou a preparar um cataplasma de mostarda assim que o médico saiu pela porta. Pneumonia.

Em algum lugar do bairro, uma sirene uivou tão aguda que era como se estivesse na frente da casa. Hattie levantou do chão para enxugar um círculo na janela embaçada do banheiro. Nada além de uma fileira de casas brancas do outro lado da rua, amontoadas como dentes, e manchas de gelo acinzentado na calçada e brotos quase mortos nos quadrados de terra congelados que ocupavam. Aqui e ali se acendia uma luz numa janela de cima — alguns vizinhos trabalhavam nas docas como August, outros entregavam leite ou trabalhavam no serviço postal; havia professores, também, e um punhado de outros sobre os quais Hattie nada sabia. Por toda a Filadélfia as pessoas se levantavam no frio de rachar para alimentar as fornalhas nos porões. Todos partilhavam dessa labuta.

Uma neblina granulada embaçava o céu no horizonte. Hattie fechou os olhos e recordou o sol nascente de sua infância: essas visões estavam sempre atormentando-a, suas lembranças da Geórgia se tornando mais urgentes e forçosas a cada dia que passava na Filadélfia. Todas as manhãs de sua infância o apito para o trabalho soava ao raiar do dia, pelos campos, pelas casas e pelos ciprestes. Da cama, Hattie via os trabalhadores da lavoura marchando pela estrada em frente a sua casa. Os mais lentos passavam depois do primeiro apito: as mulheres grávidas, os doentes e os aleijados, os velhos demais para a colheita, as que tinham bebês presos às costas. A sirene os impulsionava como um açoite. Solene a estrada e solenes os rostos; os campos começando a se iluminar, os colhedores se espalhando por esses campos como gafanhotos.

Os bebês de Hattie piscaram para ela, devagar; ela coçou os dois debaixo do queixo. Logo seria hora de trocar os cataplasmas de mostarda. O vapor subia da água quente na banheira. Acrescentou mais um punhado de eucalipto. Na Geórgia, havia um eucalipto plantado no bosque do outro lado da rua, mas era uma madeira difícil de ser obtida no inverno da Filadélfia.

* * *

TRÊS DIAS ANTES, a tosse dos bebês tinha piorado. Hattie vestiu o casaco e foi até o mercado perguntar ao dono do local onde poderia encontrar eucalipto. Foi enviada a uma casa a alguns quarteirões. Hattie era nova em Germantown, e logo se perdeu no emaranhado de ruas. Quando chegou ao destino, a pele queimada pelo frio, pagou quinze centavos a uma mulher por um saco do que poderia ter de graça na Geórgia.

— Ora, você é tão pequenina! — disse a mulher do eucalipto. — Quantos anos você tem, garota?

Hattie se empertigou com a pergunta, mas disse que tinha dezessete e acrescentou, para que a mulher não a confundisse com qualquer outra infeliz recém-chegada do Sul, que era casada, que o marido era aprendiz de eletricista e que haviam acabado de se mudar para uma casa na Wayne Street.

— Que bom, querida. Onde está sua família?

Hattie hesitou por um instante, engoliu em seco.

— Na Geórgia, senhora.

— Você não tem parentes aqui?

— Minha irmã, senhora.

Não disse que a mãe tinha morrido um ano antes, quando Hattie estava grávida. O choque da morte da mãe, de se tornar órfã e ser uma estranha no Norte, fez a irmã mais nova de Hattie, Pearl, voltar à Geórgia. A irmã mais velha, Marion, também havia retornado, embora tenha dito que regressaria após dar à luz e depois que o inverno passasse. Hattie não sabia se ela voltaria. A mulher examinou-a mais de perto.

— Eu vou junto com você para dar uma olhada nos seus filhinhos — falou.

Hattie recusou. Foi uma tolice, coisa de garota idiota e orgulhosa demais para admitir que precisava de ajuda. Foi para casa sozinha agarrada ao saco de eucalipto.

O ar do inverno era como fogo, queimando tudo menos a vontade de fazer com que os filhos melhorassem. Os dedos de Hattie eram garras congeladas cravadas no papel do saco pardo amassado. Entrou na casa da Wayne Street com muita clareza de espírito. Sentiu que conseguia ver através dos bebês, atrás da pele e da carne e no fundo da caixa torácica até seus exaustos pulmões.

* * *

HATTIE COLOCOU Filadélfia e Jubileu mais perto da banheira. O punhado extra de eucalipto fora demais — os bebês fecharam os olhos na névoa mentolada. Jubileu fechou a mão e tentou erguer o braço, esfregar os olhos lacrimejantes, mas estava fraca demais e sua mão caiu ao lado do corpo. Hattie se ajoelhou e beijou a mãozinha dela. Pegou o braço amolecido da filha — leve como o osso de um pássaro — e usou a mão dela para enxugar as lágrimas, como Jubileu teria feito se tivesse força.

— Pronto — disse Hattie. — Pronto, você conseguiu, sozinha.

Jubileu olhou para a mãe e sorriu. Mais uma vez, Hattie levou a mão de Jubileu aos olhos embaçados. A menina achou que fosse uma brincadeira de pega-pega e deu uma risada fraca, áspera, baixa e catarrenta, mas ainda assim uma risada. Hattie também riu, porque a filha era muito corajosa e boazinha — mesmo doente como estava, continuava animada como um bichinho. Tinha uma covinha na bochecha. O irmão, Filadélfia, tinha duas. Não se pareciam em nada. O cabelo de Jubileu era preto como o de August, mas o de Filadélfia era claro e leitoso, cor de areia terrosa, como o de Hattie.

A respiração de Filadélfia era difícil. Hattie o tirou do moisés e encostou-o na parede da banheira, onde o vapor era mais forte. Parecia um saco de farinha nos braços dela. A cabeça pendia no pescoço e os braços estavam caídos. Hattie deu uma sacudidela

delicada para reanimá-lo. Ele não comia desde a noite anterior — os dois tossiram tanto durante a madrugada que vomitaram o pouco de sopa de legumes que Hattie tinha conseguido lhes fazer engolir. Abriu uma pálpebra do filho com o dedo, o globo ocular revirado na órbita. Hattie não sabia se ele estava dormindo ou desmaiado, e se estivesse desmaiado, talvez ele não... talvez não...

Mexeu na pálpebra dele outra vez. Dessa vez ele reagiu — meu garoto! — retorcendo os lábios do mesmo jeito de quando ela lhe dava purê de ervilhas ou quando ele sentia o cheiro de alguma coisa de que não gostava. Muito exigente.

A brancura do banheiro era demasiada: banheira branca, paredes brancas, teto branco. Filadélfia tossiu, com longos espasmos de ar que fizeram seu corpo tremer. Hattie pegou a lata de mostarda quente do aquecedor e esfregou no peito dele. As costelas pareciam gravetos nos seus dedos; estalariam e cairiam na cavidade torácica com a menor pressão. Ele era, os dois eram tão gordinhos quando estavam bem... Filadélfia levantou a cabeça, mas estava tão cansado que ela caiu; o queixo dele bateu no ombro de Hattie, como acontecia quando era recém-nascido e estava aprendendo a manter a cabeça em pé.

Hattie andava em círculos pelo pequeno banheiro, esfregando as costas de Filadélfia entre as escápulas. Quando ele arfava, o pé distendia e chutava a barriga dela; quando respirava, o pé relaxava. O chão era escorregadio. Hattie cantava sílabas sem sentido — tá tá, dum dum, tá tá. Não conseguia lembrar a letra de nada.

Água gotejava das janelas e das torneiras e pela parede ao redor do interruptor de luz. O banheiro inteiro gotejava como um bosque da Geórgia depois de uma tempestade. Alguma coisa zumbiu, depois chiou atrás da parede, e a luz do teto se apagou. O banheiro ficou todo azul e enevoadado. Meu Deus, pensou Hattie, mais isso. Encostou a cabeça no batente da porta e fechou os olhos. Já estava há três dias sem dormir. Foi acometida por uma lembrança que quase pareceu um desmaio: Hattie, a mãe e as irmãs andando

pelos bosques ao amanhecer. Mamãe na frente, com duas grandes malas de viagem e as três meninas atrás, levando valises. Atravessavam a névoa matinal e os arbustos baixos no caminho para a cidade, as saias se enroscando nos galhos. Esgueirando-se pela floresta como ladras para tomar o primeiro trem que partia da Geórgia. Não fazia nem dois dias que o pai de Hattie tinha morrido, e os homens brancos já estavam tirando a plaqueta com o nome dele da porta da oficina de ferreiro para colocar as próprias. “Tenha piedade de nós”, dissera mamãe quando a primeira trombeta soou no campo.

O pé de Filadélfia entrou no umbigo de Hattie e ela teve um sobressalto, retornando ao banheiro com os filhos, assustada e zangada consigo mesma por ter se distraído. Os dois bebês começaram a chorar. Engasgando e tremendo ao mesmo tempo. A doença ganhava força, primeiro numa criança e depois na outra, e em seguida, como se estivesse esperando por aquele momento para fazer o pior, atacando como um raio bifurcado. Piedade, Senhor. Piedade.

Os filhos de Hattie ardiam em febre: a temperatura subia, as pernas se agitavam, as bochechas estavam vermelhas como sóis. Hattie pegou o frasco de ipecacuanha e deu uma dose a cada um. Tossiram muito antes de engolir — o remédio escorreu pelos cantos da boca. Hattie limpou o rosto dos dois, ministrou mais ipecacuanha e massageou os peitos arfantes. Suas mãos se moviam com perícia entre as tarefas. Eram mãos rápidas e competentes, mesmo enquanto Hattie chorava e implorava.

Como os bebês estavam quentes! Como eles queriam viver! Quando cedia a esses pensamentos, Hattie via as almas dos filhos como uma névoa fraca; diáfana e inalcançável. Ela era apenas uma menina — só dezessete anos a mais de tempo na terra que os filhos. Hattie os entendia como extensões de si mesma e os amava porque eram seus e por serem indefesos e precisarem dela. Mas ao

olhar para os filhos agora podia ver que a vida estava se esvaindo deles.

— Lutem — exigiu Hattie. — Assim — insistiu, e inspirou e expirou o ar dos próprios pulmões, solidária, para mostrar que era possível. — Assim — repetiu.

Hattie estava sentada no chão de pernas cruzadas, com Jubileu equilibrada em um joelho e Filadélfia no outro. Dava tapas nas costas dos dois para tentar fazê-los expectorar o catarro. Os pés dos bebês se entrelaçavam no triângulo formado no espaço entre as pernas dobradas de Hattie — mas a energia fenecia e eles se apoiavam cada vez mais nas coxas dela. Mesmo que vivesse até os cem anos, Hattie continuaria vendo, tão nitidamente como via os filhos derramados à sua frente agora, o corpo do pai caído no canto da oficina, os dois homens brancos da cidade se afastando sem nem ao menos acelerar o passo ou esconder as armas. Hattie tinha visto aquilo, não podia desver.

O pastor na Geórgia dissera que o Norte era uma Nova Jerusalém. A congregação o chamou de traidor da causa dos negros do Sul. Ele foi embora no dia seguinte, num trem para Chicago. Outros também estavam partindo, desaparecendo das lojas ou das plantações; deixando os lugares que haviam ocupado nos bancos da igreja na missa do domingo vazios nas orações de quarta-feira. Todas aquelas almas, foragidas do Sul, nesse mesmo momento bruxuleavam em suas ilusões nos miseráveis invernos das cidades do Norte. Hattie sabia que os filhos iriam sobreviver. Apesar de muito pequenos de toda a dificuldade, Filadélfia e Jubileu se encontravam entre as almas luminosas, já no início de uma nova nação.

* * *

TRINTA E DUAS HORAS DEPOIS que Hattie, a mãe e as irmãs se esgueiraram pelos bosques da Geórgia em direção à estação ferroviária, trinta e duas horas acomodadas em bancos duros no vagão reservado aos negros, Hattie foi despertada de um sono leve pelo aviso do condutor do trem: “Estação Broad Street, Filadélfia!” Hattie desceu do trem, a barra da saia ainda suja da lama da Geórgia, o sonho da Filadélfia redondo como uma bola de gude em sua boca e o medo como uma agulha no peito. Hattie, a mãe, Pearl e Marion subiram os degraus da plataforma para o saguão principal da estação. Estava escuro, apesar do sol da tarde. O teto era em forma de domo. Pombos arrulhavam nas vigas. Hattie tinha só quinze anos, e era magra como um graveto. Ficou ao lado da mãe e das irmãs às margens da multidão, as quatro esperando uma brecha para entrar no fluxo de gente e seguir para as portas duplas do outro lado da estação. Hattie entrou na multidão. Mamãe chamou: “Volta aqui! Você vai se perder no meio de tanta gente. Você vai se perder!” Hattie olhou em pânico por cima do ombro; achou que a mãe estivesse logo atrás dela. O fluxo era intenso demais para voltar, ela foi levada pela correnteza de gente. Chegou às portas duplas e foi empurrada para a calçada.

A avenida principal estava congestionada; Hattie nunca tinha visto tanta gente num só lugar. O sol estava alto. A fumaça dos automóveis pairava no ar junto com o cheiro do asfalto novo e do odor nauseante de lixo em decomposição. Rodas ressoavam nas ruas pavimentadas, motores aceleravam, jornaleiros anunciavam as manchetes. Do outro lado da rua, um homem de roupas sujas numa esquina gemia uma canção, as mãos ao lado do corpo, palmas para cima. Hattie resistiu ao anseio de tapar os ouvidos para não ouvir os sons frenéticos da cidade. Sentiu o cheiro da ausência de árvores antes de notar a inexistência delas. As coisas eram maiores na Filadélfia — isso era verdade — e havia mais de tudo, demais de tudo. Mas Hattie não viu uma terra prometida naquele tumulto. Era apenas, pensou, Atlanta em escala maior. Dava para encarar. Mas,

no exato momento em que se declarou adequada à cidade, seus joelhos fraquejaram e o suor escorreu pelas costas e por baixo da saia. Centenas de pessoas passaram por ela no pouco tempo em que esteve na rua, mas não sua mãe ou suas irmãs. Os olhos de Hattie doíam com o esforço de examinar os rostos que passavam.

Uma carrocinha no final da calçada chamou sua atenção. Hattie nunca tinha visto um carrinho vendendo flores. Um homem branco estava sentado num banquinho com as mangas arregaçadas e o chapéu puxado para a frente para se proteger do sol. Hattie pôs a sacola na calçada e limpou as palmas das mãos suadas na saia. Uma mulher negra se aproximou da carrocinha. Apontou um maço de flores. O homem branco se levantou — ele não hesitou, seu corpo não se contorceu numa postura ameaçadora — e pegou as flores de um balde. Antes de embrulhá-las num papel, balançou o ramalhete com delicadeza para tirar a água das hastes. A mulher negra deu um dinheiro a ele. Será que as mãos dos dois se tocaram?

Quando a mulher pegou o troco e se virou para guardar o dinheiro na bolsa, desequilibrou três dos arranjos de flores. Vasos e botões caíram da carroça e se quebraram na calçada. Hattie enrijeceu, esperando a inevitável explosão. Esperou que outros negros se afastassem do foco de violência que por certo iria irromper. Esperou o momento em que teria de desviar o olhar da mulher e do horror que se seguiria. O vendedor se abaixou para arrumar a bagunça. A negra gesticulou um pedido de desculpas e levou a mão à bolsa outra vez, provavelmente para pagar pelo prejuízo. Em poucos minutos estava tudo resolvido e a mulher voltou a andar pela rua com o nariz no cone de papel com as flores, como se nada tivesse acontecido.

Hattie observou a multidão na calçada com mais atenção. Os negros não saíam para a sarjeta para deixar os brancos passarem e não baixavam os olhos obstinadamente para os próprios pés. Quatro garotas negras passaram, adolescentes como Hattie,

conversando. Apenas garotas conversando, dando risadinhas à vontade, do jeito que somente as garotas brancas caminhavam e conversavam nas ruas das cidades na Geórgia. Hattie as seguiu com o olhar até o final do quarteirão. Finalmente, a mãe e as irmãs saíram da estação e se aproximaram dela. “Mamãe”, disse Hattie. “Eu nunca mais vou voltar. Nunca mais.”

* * *

FILADÉLFIA CAIU PARA A FRENTE e bateu a testa no ombro de Jubileu antes que Hattie pudesse impedir. Respirava em cicios úmidos e roufenhos. As mãos estavam abertas e caídas ao lado do corpo. Hattie deu uma chacoalhada; ele desmoronou como uma boneca de pano. Jubileu também estava ficando mais fraco. Hattie conseguia manter a cabeça dela em pé, mas os olhos continuavam desfocados. Hattie segurou os dois bebês nos braços e tomou um desastrado impulso para pegar o frasco de ipecacuanha. Filadélfia tossiu baixo e olhou para a mãe, confuso.

— Desculpe — disse Hattie. — Eu também não entendo. Vai ficar tudo bem. Desculpe.

A ipecacuanha escorregou da sua mão e se espatifou no chão. Hattie se ajoelhou ao lado do vidro, Filadélfia num braço e Jubileu equilibrado no colo. Abriu a torneira de água quente e esperou. Jubileu tossiu da forma que pôde, e da maneira que pôde aspirou ar para dentro do corpo. Hattie pôs os dedos debaixo da água corrente. Estava gelada.

Não havia tempo para abastecer a fornalha no porão nem para esperar a água esquentar. Filadélfia estava apática, as pernas chutando a barriga de Hattie em movimentos involuntários. A cabeça pendia no ombro. Hattie saiu do banheiro. Pisou nos cacos de vidro do frasco quebrado e cortou o pé; manchou de sangue os azulejos brancos e o assoalho de madeira do corredor. No quarto,

puxou a manta da cama e enrolou nas crianças. Num instante já tinha descido a escada e estava calçando os sapatos no pequeno vestíbulo. Os cacos de vidro em seu pé se cravaram mais fundo. Saiu pela porta e desceu os degraus da varanda. Nuvens de vapor condensado emanavam de seu vestido molhado e os braços descobertos mergulharam no ar frio e limpo. O sol já estava brilhando.

Hattie bateu à porta da vizinha.

— Eles estão com pneumonia! — falou para a mulher que atendeu. — Por favor, me ajude.

Hattie não sabia o nome dela. Já dentro da casa, a vizinha puxou a coberta para ver Jubileu e Filadélfia inertes no peito da mãe.

— Ah, meu Deus — exclamou. Um garoto, o filho da mulher, entrou na sala. — Vá chamar o médico — gritou ela.

Tirou Filadélfia do colo de Hattie e correu escada acima com ele nos braços. Hattie foi atrás, Jubileu desfalecida no colo.

— Ele ainda está respirando — disse a mulher. — Enquanto estiver respirando...

Chegando ao banheiro, ela tapou o ralo da banheira. Hattie ficou na porta, embalando Jubileu, sua esperança esvanecendo ao observar a mulher abrir a água quente com força total.

— Eu já fiz isso! — bradou Hattie. — Não há nada mais a fazer?

A mulher devolveu Filadélfia a Hattie e contornou o armário de medicamentos. Saiu com uma lata de cânfora, que desatarraxou e passou embaixo do nariz dos bebês como se fosse um sal aromático. Só Jubileu reagiu, afastando a cabeça do odor. Hattie ficou chocada com tanta inutilidade — todo aquele tempo lutando para salvar os filhos, só para terminar em outro banheiro igual ao dela, com uma mulher tão impotente contra a doença quanto ela.

— O que eu posso fazer? — Hattie olhou para a mulher através do vapor. — Por favor, diga-me o que fazer.

A vizinha encontrou um tubo de vidro com bulbo de borracha na ponta; usou aquilo para puxar muco do nariz e da boca dos bebês.

Ajoelhou-se na frente de Hattie, quase aos prantos.

— Meu Deus, meu Senhor, nos ajude.

A mulher sugava muco e rezava.

As pálpebras das crianças estavam inchadas e vermelhas de capilares rompidos. A respiração era superficial. Os peitos subiam e desciam depressa demais. Hattie não sabia se Filadélfia e Jubileu estavam com medo ou se entendiam o que estava acontecendo com eles. Não sabia como consolá-los, mas queria que sua voz fosse a última coisa nos ouvidos dos filhos, que seu rosto fosse a última visão em seus olhos. Hattie beijou a testa e as bochechas dos dois. As duas cabeças tombaram em seus braços. Entre uma respiração e outra, os olhos se arregalaram em pânico. Ouviu um gorgolejo úmido no peito dos dois. Estavam se afogando. Hattie não conseguia aguentar aquele sofrimento, mas queria que partissem em paz, por isso não gritou. Chamou-os de tesouros, chamou-os de luz, de promessa e nuvem. A vizinha chorava num murmúrio contínuo. Mantinha a mão no joelho de Hattie. A mulher não a soltava, nem quando Hattie tentou se livrar. Não era muito, mas o fez para que a garota não passasse por aquilo sozinha.

Jubileu lutou mais. Tentou tocar Filadélfia, mas estava muito fraca para estender o braço. Hattie pegou na mão dela. Abraçou os dois bebês. Embalou-os. Apertou o rosto nos cocurutos. Ah, que pele aveludada! Sentiu a morte deles como um rasgo no próprio corpo.

Os filhos de Hattie morreram na mesma ordem em que tinham nascido: primeiro Filadélfia, depois Jubileu.

Floyd

1948

A PENSÃO ERA MAIS LIMPA que a maioria. Os lugares para pessoas de cor, os que Floyd podia pagar, em geral precisavam de fumigação e pintura. Floyd coçou os esfolados nas costas. O último lugar tinha percevejos. Mas ele ia passar o verão no Sul... o que podia fazer? Tudo ali era infestado de coisas nojentas que rastejavam e mordiam. Entrou no quarto — quente, apesar do ventilador zumbindo na janela. Os lençóis eram um pouco desbotados e puídos, mas o assoalho brilhava de uma cera recente e flores brancas bonitas arrumadas num vaso enfeitavam a mesa de cabeceira.

— Não são lindas? Minha mãe costumava jogar as flores fora — disse Darla.

Como Darla era estridente. Mesmo quando falava baixo, era como se gritasse para a pessoa do outro lado da rua. Andou em volta de Floyd e depositou a mala ao lado da cama. Ela também não sabia viajar. Isso significa que seu vestido estava amarrotado e o cabelo, amassado na testa. Não parara de fumar durante as cinco horas de viagem — mesmo quando Floyd estacionou para ela ir ao banheiro, a fumaça continuou subindo atrás do arbusto em que se agachou. Toda aquela fumaça tornou o nariz dela vermelho e amarelou as pontas dos dedos.

— Acho que você sabe que talvez eu não volte esta noite. Mas pode ficar no quarto até se ajeitar em algum outro lugar — avisou

Floyd.

— Não dá para dizer quem vai estar onde hoje à noite.

Darla era um tipo tranquilo e despachado, ainda que um tanto vulgar. O vestido laranja que usava era tão berrante que podia provocar queimaduras de sol. Claro que Floyd nunca tinha conhecido uma garota de teatro que não fosse tosca: limpavam os dentes com unhas cor-de-rosa e falavam como se tivessem saído de uma plantação de algodão. Nunca ficou com uma delas mais do que as duas noites em que tocava em determinada cidade. Naquela manhã, ele tinha se vestido, pegado o trompete e começado bem, saindo de fininho pela porta, quando Darla pulou da cama e disse:

— Garotinho, vou com você até a próxima cidade. Estou cansada deste lugar.

Talvez ele tivesse concordado por causa da ressaca. Que estupidez. Mas agora não havia mais nada a fazer a respeito.

— Você podia me levar para comer alguma coisa — sugeriu ela, sentando na cama do quarto de pensão.

Floyd fez uma careta, olhando os próprios sapatos.

— Por que está fazendo essa cara? Eu sei que não vamos ficar juntos, mas isso não significa que você não possa me pagar um sanduíche de tomate.

Floyd sorriu.

— Puxa... parece uma sardinha em lata. Nunca vi ninguém tão rígido.

O sapato de Darla estava pendurado no pé. Ela o chutou devagar na direção de Floyd.

— Por que tanta seriedade? Você precisa aprender a relaxar.

— Eu sei do que preciso — replicou Floyd, fechando a porta.

Ela já estava sem camisa quando chegou à cama, e a calça saiu um minuto depois. Abriu o zíper do vestido de Darla, e bastou isso para ela estar nua. Garota levada, não usava nada por baixo. Darla o chamou de papai e garotão e gritou até dizer chega, e os dois se divertiram muito. O único problema foi uma foto em cima da

cômoda — uma imagem em sépia de um camponês musculoso a cavalo. Floyd teve a sensação de que o olhar do rapaz o seguia pelo quarto. Olhava quando Floyd passava a mão pelos quadris de Darla e quando Floyd gozou. Ao terminarem, Floyd descansou o rosto no lençol, tão perto de Darla que sentia o calor úmido emanando dela.

O cheiro de sexo encheu o quarto. Quando levantou para mexer no ventilador da janela, Darla não se cobriu com o lençol, como faria uma garota mais recatada. Tinha um traseiro redondo e as coxas se transformavam em pernas finas. Talvez fossem um pouco finas demais, mas eram uma característica de que Floyd gostava nela.

Floyd já tinha possuído muitos corpos. Era bonito, e mesmo que não tivesse a pele clara como alguns, tinha o cabelo preto ondulado, que cacheava nas têmporas. Depois de suas apresentações, podia escolher a garota que desejasse. Na Filadélfia, chamavam-no de Lady Boy Floyd. Já tivera duas mulheres numa noite, três no mesmo dia. Era mais fácil conseguir isso no Sul do que na Filadélfia. Não importava que em casa ele já tivesse possuído mulheres em banheiros ou em bancos de automóveis, estava convencido de que na Geórgia elas eram mais fáceis. Talvez algo na maneira como andavam. Metade delas — não as mais boazinhas, é claro — nem usava anáguas. E nas cidades menores algumas nem levavam bolsa! Simplesmente andavam pelas ruas balançando as mãos; podia-se fazer qualquer coisa com mulheres que tinham essa liberdade.

Floyd sabia que as mulheres da Filadélfia eram respeitáveis e tinham boas maneiras, como sua mãe e irmãs. Hattie queria que ele parasse de brincar e se casasse. Proibiu-o de levar mulheres para casa, e quando ele conseguiu um emprego como zelador no Downbeat Club, onde podia se reunir com os músicos que tocavam lá, ela só falou: “Não sei por que você quer limpar a sujeira de outras pessoas.”

Quando ele conheceu Hawkins e Pres, ela não fez nenhum comentário. Mas em algumas noites da semana, quando ele voltava para a casa da Wayne Street após uma apresentação em algum bar ou depois de lavar banheiros no Downbeat, acontecia de encontrar a mãe, de camisola, sentada perto da janela. Hattie estava zonda de insônia, mas sorria para ele, e os dois ficavam sentados juntos por algum tempo, em silêncio.

Quando Floyd era criança, poucos anos depois da morte dos gêmeos, eram só ele, Cassie e Hattie. Hattie só se levantava da cama à tarde. Alguns dias, depois de horas ao pé da cama esperando a mãe acordar, Floyd punha a mão na frente da sua boca para verificar se ela estava respirando. Hattie usava uma camisola branca o dia inteiro e flutuava pelos quartos da casa, pálida e silenciosa como um iceberg. Floyd e Cassie comiam as coisas estranhas que a mãe inventava — arroz frio com leite e açúcar, um prato de bolachas amanteigadas ou feijão com molho de tomate direto da lata — na hora em que ela conseguia preparar uma refeição. Quando August chegava em casa à noite, havia música e assobios, e sua voz, triste ou zangada, mas sempre insistente, dizia a Hattie para se vestir, dar banho nas crianças, pentear o cabelo. Às vezes tia Marion fazia uma visita — e também era muito estridente e valentona, ou ao menos era o que parecia a Floyd. Mas em algum momento a casa esvaziava e ficava de novo em silêncio. Embora a tristeza de Hattie fosse sufocante, embora Floyd e Cassie recebessem tratamento de filhos abandonados, os quartos frios e enclausurados da Wayne Street ganhavam certa beleza nas lembranças de Floyd. Hattie mal conseguia abrir um sorriso desanimado, mas deixava Floyd e Cassie subirem no seu colo, trançarem seu cabelo, beijarem sua testa, como se fosse uma boneca viva. A mãe e os filhos eram companheiros, igualmente carentes e vulneráveis, navegando juntos pelos dias. Mesmo agora que Floyd era adulto, havia uma cumplicidade entre ele e a mãe, e Hattie era a única pessoa no mundo com quem Floyd se sentia

sereno. Sentia falta da firmeza da mão. Era bastante comum para ele mergulhar numa confusão interna exagerada que ameaçava soterrá-lo.

Floyd se sentia assim nas longas viagens entre os locais em que tocava, quando estava sozinho no carro, o cheiro de jasmim em decomposição, característico do Sul, entrando pelas janelas. Com o coração acelerado no peito por conta das bolinhas que o mantinham acordado de um show para o seguinte, ele voava pelas estradas, pisando no acelerador e sentindo-se desapegado de desejos razoáveis. Parava para reabastecer em cidades compostas por nada além de uma igreja de madeira e um posto de gasolina. Lá, informava-se sobre uma casa na estrada onde poderia comer por um dólar. Se a dona da casa estivesse sozinha, e se concordasse, eles poderiam ir para a cama antes de Floyd voltar para a estrada. Também houve um frentista de posto de gasolina jovem e grandalhão no Mississippi e um homem que trabalhava numa loja de ferragens em Kentucky. Eles foram para os fundos no auge do calor da tarde, quando a estrada e a loja estavam vazias.

A turnê de Floyd estava pela primeira vez longe de casa por um período significativo. Quanto mais tempo ele ficava fora, mais se permitia os desejos que, na maior parte do tempo, conseguia suprimir na Filadélfia. Eles se tornavam mais insistentes nos meses que passava na estrada, mais exigentes e mais difíceis de conciliar com o homem que ele entendia que era.

* * *

E LÁ ESTAVA ELE em outra pensão, com outra estranha e numa cidade em que nem sabia aonde ir para tomar um café. Esse Sul. Afinal o que ele estava fazendo, perambulando por aquele lugar ermo apenas com seu trompete e alguns dólares no bolso? Ele queria sair da Filadélfia. Tinha vinte e dois anos e sentia-se ansioso para fazer

seu nome como músico. Tinha ido ali para tocar em bares e pontos de jazz, mas já estava havia três meses naquela pequena e esqualida turnê e se sentia uma pipa com a linha cortada.

Floyd ficou em frente à cômoda dedilhando os puxadores das gavetas.

— Meu Deus, querido. Não está cansado depois de tudo isso? — Darla deu uma piscada. — Quer mais?

— Aceito — respondeu ele, não muito animado.

— Bom, você vai ter que vir até aqui pegar.

Ela ficou observando-o remexer na pilha de roupas no chão.

— Ah, eu gostaria que você parasse de ir de um lado para outro. Está me deixando nervosa.

Floyd pegou um maço de cigarros no bolso do paletó.

— Vou perguntar uma coisa, querido. O que está fazendo aqui? Você parece esses jovens que estudam em faculdades para negros.

— Fazendo shows — respondeu Floyd.

— Eles não têm boates no Norte? Você não precisa vir até aqui. Deve haver alguma razão para querer passar dois dias aqui e três ali. A maioria das pessoas não faz isso.

— Eu já expliquei — disse Floyd.

Darla deu de ombros.

— Não é da minha conta, de qualquer maneira.

O sol estava se pondo. Um pôr do sol opaco, uma faixa enevoadada laranja baixa no céu, o sol, uma bola vermelha amortalhada nas nuvens.

— Acho que vou tomar um banho — disse Floyd.

Enrolou-se num lençol e saiu pelo corredor em direção ao banheiro. O banho o acalmou. Quando voltou para o quarto, Darla estava dormindo, nua e de pernas e braços abertos, o cabelo jogado para um lado da cabeça e a boca aberta. Floyd riu. Sentiu um estranho carinho pelos modos rudes de Darla — ela não tentava impressioná-lo. Acomodou-se ao lado dela na cama e adormeceu.

* * *

FLOYD FOI ACORDADO POR VOZES na rua abaixo. O quarto escuro era iluminado apenas pelas luzes que entravam pela janela e por baixo da porta. Sua boca estava áspera de sede, e ele sentiu uma espécie de irritação geral e sem objetivo.

Darla acordou e olhou para ele, piscando.

— Que tumulto é esse? — perguntou.

Ele não respondeu. As vozes na rua ficaram mais altas. Da janela, Floyd viu uma multidão caminhando pelo bulevar em frente à pensão. Acendeu a luz do teto.

— Você está querendo me deixar cega? — perguntou Darla.

As últimas roupas limpas de Floyd estavam amassadas no fundo da mala. Chutou as roupas sujas para um canto e se vestiu rapidamente. O quarto pareceu pequeno ao redor, o cheiro de suor e do perfume barato de Darla eram enjoativos. E aquele maldito camponês simplório continuava olhando para ele do retrato emoldurado em cima da cômoda.

— Estou pronto para sair — falou Floyd.

— É o que parece.

Darla levantou-se e se espreguiçou, depois se abaixou para pegar outro vestido berrante na mala. Floyd ficou batendo o pé, mas Darla não se apressou. Floyd abria e fechava o isqueiro. Ele suspirou.

— Garotinho, você tem alguma coisa a dizer?

— Acho que vou sair.

— E por que ficou aí bufando e suspirando em vez de simplesmente dizer que vai sair? — Darla balançou a cabeça e se voltou para sua mala de viagem. — Você é um tipo engraçado.

Lá embaixo, a porta da frente da pensão estava escancarada, como se o dono tivesse saído às pressas. Fora, uma multidão se espalhava de calçada a calçada e transbordava pela rua. No lugar dos postes de iluminação, tochas queimavam em estacas altas nas

esquinas. Um homem vestido de verde da cabeça aos pés — chapéu e sapatos verdes, calça e camisa verdes — chamou Floyd para entrar no cortejo. Uma mulher enrolada em metros de tecido branco bufante e vaporoso andava ao lado de um homem com símbolos desenhados a carvão nas bochechas. Outros levavam algo simples na mão: um buquê de flores, um pedaço de cana-de-açúcar, um pássaro amarelo numa gaiola.

As pessoas tocavam tamborins e sinos, caminhando e dançando pela avenida. Não era uma dança que Floyd conhecesse, aquelas torções da pélvis e um caminhar vulgar, parecida com passos de galinha, que levantava as saias das mulheres até as coxas. Um homem caiu agachado e voltou a ficar de pé com uma pirueta. Pessoas vibravam. Ele aumentou o ritmo da dança, a pintura amarela no peito luzindo de suor. O cheiro de piche queimado enchia o ar, além de outro aroma adocicado e defumado que Floyd não conseguiu identificar. Um garoto levando copinhos de metal em uma bandeja veio em sua direção.

— Mirra? Quer mirra, senhor? — perguntou, apontando os copinhos e o aroma adocicado emanando deles.

— O que é isso? — perguntou Floyd.

— Sete Dias!

O garoto se enfiou na multidão.

Quando Floyd aceitou fazer aquele show, ninguém disse que seria uma festa. E eu aqui todo engravatado como um vovô, pensou, afrouxando o colarinho. Uma banda de metais tocava em algum lugar à frente. Era o tipo de noite em que qualquer coisa poderia acontecer, que droga ele ter deixado o uísque no quarto com Darla.

Floyd encostou no batente da porta da pensão e fumou um cigarro. Não dava para ver quem era quem naquela loucura — todo mundo topava qualquer coisa, homens e mulheres, todos bamboleando, gingando e rodopiando. Os dedos de Floyd coçaram de ansiedade, como acontecia antes da primeira música de uma apresentação. Quando o apresentador o anunciava, Floyd entrava

no palco e esperava; deixava a plateia inquieta, sorvendo seus drinques até a expectativa crescer e se transformar em ansiedade. Só então ele levava o trompete aos lábios. Sempre sabia quando a plateia estava no ponto.

Duas mulheres de vestidos azuis e chapéus com penas azuis se aproximaram dele na calçada. A de covinhas sorriu para ele. Era uma gracinha, cor de amendoim torrado, por isso Floyd deixou que ela o pegasse pelo braço e o conduzisse para o meio da multidão.

— O que significa isso tudo? — perguntou.

Ela não respondeu. Passou pela cabeça dele que as pessoas na multidão se vestiam como elementos da natureza, nuvens ou flores e animais; suas acompanhantes eram dois azulões. A bonitinha bebericava de uma caneca de cerâmica e ofereceu a ele — um licor de milho tão forte que poderia polir seu trompete, misturado a alguma coisa doce que Floyd não identificou. Fez sinal para ele beber devagar, mas Floyd ignorou e tomou três longos goles. A bebida o animou. Talvez aquele azulão propiciasse algum alívio, quem sabe numa das ruas laterais ou no Packard. Floyd deslizou a mão pelas costas dela e a deixou lá.

A avenida principal fez uma curva e entrou em um parque. Floyd estava no meio da multidão; corpos o empurravam de todas as direções. Ficou na ponta dos pés para encontrar algum lugar onde pudesse levar seu azulão, mas ombros e costas suadas o mantinham preso. Devíamos sair dessa multidão, cochichou no ouvido dela, e está calor, e deve haver um lugar de onde a gente possa assistir a tudo sem estar tão apertado. Ela sorriu para ele e inclinou a cabeça de lado. Cara, aquelas covinhas eram uma coisa. Enlaçou a cintura dela e a puxou na direção do que pensou ser uma esquina, mas o azulão sacudiu o dedo para ele e saiu do seu alcance.

A turma engrossou ao redor. Talco, brilhantina e fumaça empestevam o ar. Floyd desabotoou os primeiros botões da camisa. Não conseguia respirar. É apenas um desfile, disse a si

mesmo, quando sentiu o pânico se agitando no peito — nada além de um bando de bêbados do interior. Mas todos aqueles corpos! O licor recobriu a língua de Floyd com uma pasta adocicada e enjoativa. Enfiou-se cegamente pela parte densa do tropel e despontou afinal no último círculo de gente e então numa clareira onde se debruçou perto de uma árvore e vomitou violentamente.

Quando conseguiu se recompor, Floyd viu que estava perto de uma igreja num beco sem saída do bosque, a certa distância dos festeiros. Um graveto estalou. Alguma coisa emitiu um som metálico na floresta à sua frente. Parece o barulho de correntes, pensou Floyd. Não era muito nítido, mas tudo era possível naquela noite dos horrores — um homem acorrentado poderia de repente sair daquela floresta. Havia prisioneiros acorrentados na Geórgia, não havia? Poderia ser uma dessas almas atormentadas assombrando o lugar. Floyd pegou um galho de árvore e o empunhou como uma espada. O barulho de correntes chegou mais perto. Floyd se endireitou e brandiu o pedaço de pau.

Um jovem surgiu do bosque. Uma bandana escarlate em seu pescoço brilhava ao luar como uma joia. Numa das mãos em concha ele chacoalhou algumas moedas, e com a outra tocou no chapéu como forma de cumprimento.

— Opa, opa — falou. — Eu só estou de passagem.

— Eu... desculpe. Não sabia quem era... — Floyd baixou o galho.

O rapaz não tinha mais de dezoito anos. Mas não era um garoto, o que permitia reparar em seus lábios eram vermelhos e voluptuosos, macios como travesseiros, que ele mantinha levemente abertos. Era uma boca madura como um morango; o jovem estava ciente disso.

— Você parece um pouco agitado — disse o garoto, rindo.

Um fogo de artifício espocou.

Floyd teve um sobressalto.

— Não estou. Eu só... nunca vi nada igual a isto.

O garoto observou o talhe do paletó de Floyd e a seda da gravata. Examinou o corte de cabelo e os sapatos.

— Sei — falou. — Dá para ver que você não é daqui.

Sua voz era fina e baixa como um clarinete.

— Só estou na cidade para fazer um show — explicou Floyd.

— Aham — aquiesceu o rapaz, preparando-se para continuar andando.

— O que é esse desfile? — indagou Floyd, porque queria saber e porque não queria que o rapaz fosse embora.

— Sete Dias.

O garoto fez um gesto de desprezo na direção da multidão.

— Eles fazem essa macumba todo ano. Eu não acredito nessas coisas.

Floyd sentiu cheiro de madeira queimando, como de uma fogueira.

— É uma espécie de festival de magia?

O jovem deu um suspiro.

— Acho que você pode chamar assim. Gente de vodu celebrando a maneira como acham que Deus criou o mundo. — Fez uma pausa e sorriu para Floyd. — Eles dizem que Deus fez o mundo, caso não tenha ouvido isso no lugar de onde veio.

— Não vi nenhuma cruz nem pastores — comentou Floyd.

— Todo dia tem cruzes e pastores por aqui. Essa gente invoca o xamã assim que sai da igreja — explicou o rapaz como se não fosse daquelas pessoas. — Eles têm Sete Dias para ser hereges.

— Meio estranho — disse Floyd.

O garoto deu de ombros.

— Sabe algum lugar aqui onde eu possa tomar um pouco de água? — perguntou Floyd.

O jovem levou Floyd até a lateral da igreja. Quando chegaram à bomba d'água, Floyd bebeu bastante e jogou água no pescoço e no rosto. Ficou pensando como a água podia ser tão fresca e pura num lugar úmido e lamacento como aquele. A água espirrou em sua

camisa e nos sapatos engraxados. Ele devia estar parecendo um bárbaro. Mas, até aí, embora estivesse bem penteado, o menino era um caipira, e não havia necessidade de impressioná-lo. Floyd não tentou impressionar ninguém que tivesse encontrado na viagem. O garoto ficou a alguns metros de Floyd com os braços cruzados. Abaixo da bandana no pescoço, um triângulo de pele cor de mel brilhava sob a iluminação.

Floyd enxugou as mãos na calça e se apresentou. O garoto apertou a mão dele como alguém acostumado a fazer isso.

— Meu nome é Lafayette — falou.

Os dois sentaram-se num banco na parte mais afastada do pátio da igreja. Floyd conversava com Lafayette como se ele fosse uma mulher em quem estivesse de olho: de onde ele era e o que fazia, e ele morava na cidade? Lafayette respondeu às tentativas de conversa com monossílabos: daqui mesmo, cabeleireiro, não, não moro na cidade. Não se impressionou quando Floyd disse que tocava trompete e mora na Filadélfia. A indiferença de Lafayette irritou Floyd; alguém de uma cidadezinha como aquela deveria se sentir fascinado pelas grandes cidades do Norte. Continuou, falando depressa, enfeitando os detalhes da própria vida: tinha visto Monk tocar no Minton em Nova York — Lafayette poderia ter ouvido falar do Minton, era um lugar muito famoso — e havia tomado um drinque com Duke Ellington. Enquanto conversavam, Floyd percebeu que não estavam em jogo apenas seu orgulho e sua vaidade. Ele queria que Lafayette gostasse dele.

Floyd não se lembrava de outra ocasião em que tivesse se sentido tão inseguro e inexperiente. Desistiu das tentativas de conversa fiada. O negócio era se sentar mais perto de Lafayette e deixar claras suas intenções. Mas Floyd estava nervoso demais, esfregando as palmas das mãos na perna da calça e raspando o chão com a ponta do sapato. Lafayette aproximou-se dele no banco. Passou os dedos na nuca de Floyd. A respiração estava acelerada porém estável. Enfiou a mão dentro da camisa de Floyd,

onde os dois primeiros botões estavam abertos. A mão fria do garoto esquentou no peito de Floyd, os dedos se agitaram de leve. Floyd se inclinou na direção dele. Com esses pequenos gestos, a negociação estava feita. Tinham chegado a um acordo. Floyd seguiu Lafayette por uma abertura entre as árvores. Olhou para trás e viu uma pequena luz alaranjada do outro lado da igreja. Poderia ser qualquer coisa — fogos de artifício, um festeiro dos Sete Dias fantasiado de sol. Floyd apressou o passo para acompanhar Lafayette.

Era lua cheia, mas a luz batalhava para chegar aos dois homens debaixo das copas das árvores. Lafayette sabia o caminho e andava depressa. Logo estava vários passos à frente. Talvez, pensou Floyd, eu seja um idiota e esse cara esteja me atraindo para alguma armadilha. Ele já estivera em bares e postos de gasolina onde homens o atacaram sem razão alguma, e agora refletia se eles sabiam, como Lafayette sabia, e queriam conseguir isso dele à força.

Chegaram a uma pequena clareira iluminada pela luz da lua. Lafayette se mostrou ansioso; desabotoou a camisa de Floyd e desafivelou o cinto. Floyd — obediente como um menino em que Lafayette o havia transformado — ficou nu sob o luar, tremendo de desejo e de medo. Pacientemente, Lafayette se despiu, de forma provocante. Tinha a mesma tonalidade dourada no corpo todo, com o peito sem pelos e uma barriguinha insinuante. As coxas eram firmes e fortes e não cederam aos apertos de Floyd. O garoto era experiente de uma forma que deixou Floyd inseguro. Soltou um gemido e se afastou de Lafayette.

— Não sei, não... Quer dizer, eu não... — começou a dizer.

— Tudo bem — murmurou Lafayette com os lábios colados ao ouvido de Floyd. — Tudo bem.

* * *

COMEÇOU A CHOVER. O suor de Floyd e de Lafayette se misturou às gotas de chuva e escorreu pela pele dos dois. Floyd não conseguia deixar de olhar o pênis de Lafayette pendurado entre as coxas. Imaginou seu contorno pressionando o tecido da calça de Lafayette quando se vestiram e saíram da clareira mais tarde.

No limite da clareira encontraram um tronco de árvore, grosso como dois homens lado a lado, rugoso e coberto de vegetação.

— O que é isso? — quis saber Floyd, apontando o tronco.

— Alguns gostam de deixar uma marca.

Floyd ficou de cócoras.

— Os nomes?

— Nomes? Bem, pode escrever o seu aí. Mas não o nome, só uma marca.

A superfície estava arranhada com entalhes feitos à faca. Havia vários corações, algumas letras que poderiam ser iniciais, o contorno da mão de alguém.

— Muita gente vem aqui? — quis saber Floyd.

— Não tem muito lugar para curtir o tempo livre — respondeu Lafayette.

— Acho que é diferente em Macon ou em Atlanta.

— É diferente no lugar onde você mora? — perguntou Lafayette, com ênfase.

— Eu não sei nada sobre isso.

— Ah, não sabe? — Lafayette deu um sorrisinho. — Bom, acho que não é diferente em lugar nenhum.

— Quer dizer, eu não sou... Eu gosto de mulheres.

— As pessoas gostam de pensar isso de si mesmas.

— Mas é verdade.

— Não estou dizendo que é mentira. Mas parece que você também gosta de homens, não é?

Floyd nunca soube nada sobre os homens com quem tinha estado. Os encontros eram sempre rápidos e furtivos, com apenas pequenas tentativas de conversa. Depois, Floyd expulsava a

experiência da cabeça, como fazia com uma noite de bebidas em excesso ou após perder todo o dinheiro num jogo de dados ou qualquer outra libertinagem. Não conseguia pensar muito sobre essas brechas em sua força de vontade, senão cederia com mais frequência. Senão ficaria como Lafayette. Lafayette, que não tinha a decência de deixar Floyd manter sua honra. Lady Boy Floyd, como o chamavam. Quem era Lafayette para dizer o contrário? Era do tipo que se vê desmunhecando em Greenwich Village. Por que não tinham a sensatez de agir normalmente, para se proteger das gozações, Floyd não sabia. Olhou para Lafayette. Os olhos do rapaz estavam pousados nele, um olhar firme e desafiador que Floyd não esperaria de alguém como ele. Alguma coisa naquele olhar fez Floyd se sentir envergonhado.

— Você nem pensa em sair deste lugar? — perguntou timidamente.

Lafayette desviou o olhar e cruzou os braços. Estava nu como no dia em que nasceu, com a barriguinha protuberante e os lábios curvados para baixo. Floyd teve vontade de rir. Se conhecesse Lafayette melhor, se o conhecesse muito bem, poderia dizer “Ah, venha cá” e beijar o rosto dele.

— Eu não quero me intrometer. Só estou perguntando — explicou Floyd.

— Minha irmã mora em Nova Orleans.

— Você já foi lá?

— Não. Eu nunca fui a lugar nenhum.

— Puxa, você é bem experiente para quem nunca esteve em lugar nenhum.

— Você acha? — perguntou Lafayette.

Seu sorriso foi o mais puro e genuíno que ele havia se permitido naquela noite.

Se ao menos Lafayette não fosse tão... Se ao menos não usasse aquele lenço escarlate, Floyd poderia levá-lo a algum lugar. Seriam apenas dois homens viajando juntos. Ninguém iria desconfiar. Eles

poderiam ficar juntos todas as noites. Floyd nunca tinha considerado a possibilidade de uma relação estável com outro homem.

A chuva caía em gotas pesadas. Os dois procuraram abrigo embaixo de uma árvore no limite da clareira. Ficaram um bom tempo juntos observando as grandes folhas balançando no temporal. Floyd pensou em pegar na mão de Lafayette, mas ele poderia se afastar. E se ele não o rejeitasse e os dois ficassem de mãos dadas na chuva, o que isso significaria? Seria melhor levantar e sair daquela clareira. Mas Floyd aproximou-se lentamente de Lafayette até suas coxas se tocarem, até sua coxa se apoiar na de Lafayette e a de Lafayette se apoiar na dele.

Depois da segunda vez, Floyd começou a ter esperança de passar a noite na clareira embaixo do abrigo da árvore, mas Lafayette levantou-se e disse de repente:

— Preciso ir embora.

Vestiu-se rapidamente e saiu andando na frente. A trilha, que tinha demorado tanto para ser percorrida antes, não era mais do que dois quarteirões urbanos. Num instante os dois estavam de volta ao pequeno pátio atrás da igreja.

— Então é isso — disse Lafayette.

Floyd lembrou-se da maneira como havia dispensado Darla poucas horas antes. Lafayette estava pronto para deixá-lo naquele lugar sem explicações.

— É isso — concordou.

— Certo — repetiu Lafayette. Os dois ficaram frente a frente, a não mais que trinta centímetros um do outro. — A gente se vê por aí, então — falou.

— Espere! — bradou Floyd. — Eu queria dizer que vou tocar no Cleota's amanhã à noite.

— Está me convidando para ir lá?

— Se você quiser.

— Está me convidando ou não?

— Estou convidando. Às dez horas.

— Vou chegar às onze.

Lafayette deu uma piscada. Rápido e com a cabeça baixa, atravessou o pátio e desapareceu atrás da igreja.

Floyd estava louco por um cigarro. Suas roupas estavam molhadas e amarrotadas e sabe-se lá como ele cheirava. A chuva tinha formado uma poça de lama perto do banco onde ele e Lafayette se sentaram. Mosquitos enxameavam a lâmpada acima da porta da igreja. Sem Lafayette, o lugar parecia murcho e abandonado.

Eu marquei um encontro com um homem, pensou Floyd. E ele estava feliz por isso, muito alegre por isso. Mas agora estava sozinho, e era como se a luz tivesse apagado, exatamente isso, do jeito como uma criança fica desorientada e com medo do escuro e não consegue reconhecer nada. Por exemplo, o que significava o fato de ter sentido mais em três horas com Lafayette do que jamais tinha sentido com qualquer mulher? Isso o tornava... O que ele precisava era de uma caminhada. Ir até a pensão e pegar o trompete, depois encontrar um lugar isolado e tocar até os dedos doerem e os lábios não segurarem mais a embocadura.

Afastou-se do pátio da igreja. A turma dos Sete Dias já estava quase toda dispersa. Baldes que antes queimavam com o que o garoto tinha chamado de mirra, agora apagados, jaziam emborcados no meio da rua. Um casal embriagado se acariciava apoiado a uma árvore, a blusa da mulher caída nos ombros. O festival tinha degenerado em depravação. Talvez todos tivessem bebido o licor que o azulão oferecera a Floyd, o que os tornara lascivos e desregrados. Sob circunstâncias normais, Floyd era um homem que gostava de sexo mais do que deveria, para seu próprio bem; sem dúvida foram seus desejos e os Sete Dias que provocaram o problema com Lafayette. E problemas podiam ser desfeitos ou ignorados. Ele os vinha ignorando havia anos, por mais tempo do que conseguia lembrar. Não existia razão para tudo mudar agora. A menor razão. Mesmo mentindo para si mesmo,

Floyd sabia que depois do próximo show ele diria a Lafayette que tinha uma apresentação em Nova Orleans, embora não fosse verdade, e se Lafayette concordasse eles partiriam juntos de carro para os âmagos mais profundos da noite.

Também não era verdade que nunca tivesse considerado a possibilidade de envolvimento com um homem. Houve Carl. É verdade que Floyd tinha só treze anos na época e era sexualmente excitável — por isso aquilo podia ser compreendido. De fato, ele tinha várias razões para entender daquela maneira. Os dois eram melhores amigos. Passavam as tardes de inverno na casa de Carl. A última tarde que passaram juntos foi na casa de Carl. Ficaram na cama enrolados em cobertas até os ombros. Estava muito frio e o dia escurecia. Os dois estavam envolvidos com alguma coisa, desenhando, jogando damas ou fazendo lição de casa. Sentaram-se muito próximos no quarto frio, aquecendo-se numa faixa de sol cada vez menor que entrava pela janela. Carl pôs a mão no joelho de Floyd. Primeiro, Floyd sentiu vontade de espantar aquela mão como uma mosca, mas não disse nada, e ficaram quietos por um tempo. A mão de Carl esquentou, as meias-luas das unhas passando de azuladas a rosadas. Ele esfregou a coxa de Floyd, em cada lugar que Carl tocava, Floyd sentia queimar. Os dois estavam sentados de pernas cruzadas, joelho com joelho, trêmulos e ofegantes.

A porta do quarto se abriu. Eles não tinham ouvido passos — como não tinham ouvido os passos? A mãe de Carl olhou de um garoto para o outro, depois de um para o outro de novo. Quando entendeu o que via, o rosto se contorceu até expressar apenas fúria. Floyd pulou da cama, mas ela bloqueou a porta. Ninguém nunca tinha olhado para ele com tanta repulsa; ele nunca havia feito nada tão terrível, nada que o tornasse tão pouco humano. Saia já daqui, saia já daqui, ela gritou, mesmo quando seus tapas e socos tornavam quase impossível que Floyd passasse por ela. Ele correu escada abaixo e chegou à porta da frente, onde vasculhou o

armário em busca do casaco. No andar de cima, a mulher continuou batendo em Carl, os tapas ressoando na casa vazia.

Agora Floyd descia o bulevar deserto, como se pudesse fugir da lembrança da surra em Carl ou do choque de dor em seu rosto. Virou a esquina. O coração batia depressa no peito, as pernas estavam bambas. Uma luz âmbar se derramava na calçada de uma porta aberta no meio do quarteirão. No umbral, uma mulher com um vestido caseiro de algodão se abanava. A luz o atraiu, assim como o aroma amanteigado do pão no forno. Outra mulher sovava massa numa mesa comprida, os braços cobertos de farinha até o cotovelo. Estava cercada de massa: transbordando de formas de pão e derramando de forminhas de bolo.

A mulher na porta estreitou os olhos e disse:

— Não vendemos bebidas alcoólicas.

Um casal de festeiros dos Sete Dias apareceu descendo a avenida no outro lado da rua.

A mulher sovando a massa deu um passo à frente. As garotas eram irmãs, ele imaginou, recém-saídas da adolescência.

— Isso aí — disse ela. — Aqui só tem pão.

— Eu...

Floyd não sabia como dizer a elas que só queria entrar naquela luz âmbar e sentir o cheiro do pão no forno, que elas pareciam duas garotas simpáticas e que ele precisava de um abrigo por um momento.

— Vocês têm um telefone aqui? — perguntou. Procurou um lenço nos bolsos e, não encontrando, enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Pago um dólar se me deixarem fazer uma ligação — falou. Tirou a carteira e mostrou notas de um dólar para as garotas. — Dois dólares por uma ligação e um desses pãezinhos.

As irmãs olharam uma para a outra. A que estava sovando a massa deu de ombros, e a outra respondeu:

— Entre.

Conduziu-o por uma série de portas duplas até uma pequena padaria com paredes amarelas brilhantes e um vaso de lavandas no balcão. Apontou um telefone na parede, e enquanto Floyd esperava a telefonista fazer a ligação, a garota colocou três pães quentinhos no balcão. Saiu antes que ele pudesse agradecer.

Floyd não ouviu um toque de chamada, só estalidos de estática e a telefonista dizendo para aguardar um momento. Deu uma mordida no pãozinho e voltou a chorar. Ouviu um clique e depois uma voz fugidia do outro lado da linha.

— Mãe? — chamou Floyd. — Mãe?

— Floyd? — respondeu Hattie.

— Espero que eu não tenha... acho que acordei você.

Torcia para que a estática escondesse as lágrimas na sua voz.

— É você, Floyd? O que aconteceu? Está tudo bem?

— Tudo bem, mãe. Estou ótimo. Só queria... Faz tempo que eu não ligo.

— Você nunca ligou — retrucou Hattie daquele jeito que seria uma acusação na boca de qualquer um, mas na dela era uma simples constatação. — Algum problema?

— Não, mãe. Problema nenhum. Só queria dar um alô. Estou voltando em duas semanas.

— Tem uma carta daquela associação de músicos negros para você — disse Hattie.

— Em duas semanas, mãe.

— Já ouvi. — Deu um suspiro. — Você está inteiro?

— Estou ótimo.

— Quem está ótimo não liga antes do dia amanhecer.

A linha zumbiu entre os dois.

— Acho que vou desligar. Só queria dar um alô. Acho... tudo bem com você?

— Tudo bem, Floyd. Tudo indo como sempre.

— E o papai? Como está o papai?

— Também está bem. Está todo mundo bem, Floyd, o que está acontecendo?

— Agora eu vou desligar, mãe. Sei que é tarde. Achei que... imaginei que estivesse sentada na sala de visita, como costuma fazer.

— Eu estava.

— Então eu não acordei você.

— Não, não acordou.

— Bom, acho que vou desligar.

— Tudo bem.

— Mãe?

— Sim?

— Você se lembra do Carl? O que aconteceu com o Carl?

Hattie fez uma longa pausa antes de responder:

— Não sei o que aconteceu com ele. A família se mudou daqui.

— Mas você acha que ele está bem? Quer dizer, você soube se alguma coisa ruim aconteceu com ele?

— Não sei. Não faço ideia. Por que está me perguntado desse garoto, Floyd?

— Por nada. É que eu me lembrei dele, só isso. Agora eu vou desligar. Foi bom falar com você, mãe. A gente se vê logo.

— Tchau, Floyd.

— A gente se vê logo!

A ligação foi cortada. Floyd colocou o receptor no gancho e cheirou os pãezinhos por um bom tempo antes de comê-los. Colocou outro dólar no balcão e saiu da padaria pela porta da frente.

* * *

O SHOW DE FLOYD COMEÇOU pontualmente às dez horas da noite seguinte, antes de os bêbados ficarem barulhentos demais e de

todas as mulheres honestas voltarem para suas casas. Era bom ter mulheres numa apresentação: quanto mais mulheres presentes, menores as chances de acontecer uma briga. Floyd subiu ao palco, trompete na mão. O lugar estava lotado. O Cleota's, ele ficou sabendo, era o único clube de música dos três condados que admitia gente de cor.

Floyd sentiu o peso das expectativas da plateia, de sua vulnerabilidade, de sua condição, algo que ele nunca entenderia, não completamente. Hattie se referia à Geórgia como "aquele lugar". Não dizia o nome do estado. Floyd não sabia o que tinha acontecido com ela ali. Hattie e August eram refugiados do Sul; o conhecimento de Floyd sobre aquele lugar era perpassado pelo terror, pela nostalgia e pela raiva dos pais. Com certa frequência, notícias sobre um linchamento ou sobre um assassinato por uma turba branca saíam "daquele lugar" e invadiam as casas da Wayne Street, deixando os moradores do quarteirão calados e gratos por estarem asilados no Norte. Observando sua plateia, Floyd sentiu um irremediável abismo entre eles o que o deixava em parte na defensiva e em parte envergonhado. Ele devia alguma coisa para aquela gente, disso tinha certeza. A música era a única maneira de participar da experiência deles naquele momento. Havia certa condescendência nessa atitude, mas ele não conhecia outra forma de fazer aquilo.

Floyd esfregou o corpo do trompete, para dar sorte e em homenagem aos temas que iria tocar. O Cleota's era pobre demais para ter luzes de palco adequadas, por isso o proprietário desligou algumas lâmpadas do fundo, mas mesmo assim Floyd conseguia distinguir as pessoas. O pianista começou a tocar e o baterista deu o ritmo, tranquilo, só o suficiente para preparar a plateia. Darla usava um vestido tão vermelho quanto uma gota de sangue. Floyd não a via desde a noite anterior. Ele esperou. Lafayette não estava no clube. O pianista estava ficando impaciente com a repetição de sua introdução. Floyd disse a si mesmo que não estava esperando

que o garoto chegasse. Mesmo assim, não levou o trompete aos lábios até que Lafayette se esgueirasse pela multidão.

Agora o pianista tocava com entusiasmo e o baterista começou a alisar os pratos com a escovinha. A plateia se inclinou para a frente. O trompete de Floyd reluziu sob a iluminação. Começou a tocar "Round Midnight". Um homem na frente gritou:

— Grande!

Floyd fez o trompete vacilar, depois tocou mais suave. Agudo e ondulante. Perguntando às pessoas qual era o problema e devolvendo para elas. Floyd saiu de cena e deixou o trompete transportá-lo até os limites de si mesmo. Não havia nada que aquele instrumento não conseguisse dizer.

— De outro mundo! — bradou o homem da frente.

No meio de todo aquele êxtase, houve uma comoção no meio da multidão. Floyd olhou por cima do trompete e viu um homem imenso balançando como um bêbado no centro da confusão. Empurrou Lafayette com força com um braço gordo. Lafayette cambaleou para trás mas não caiu. Recuperou o equilíbrio — ele era ágil — e avançou para o homem, punhos erguidos. O pianista parou de tocar, assim como o baterista. Só Floyd continuou soprando uma nota interminável, o peito apertado.

O bêbado mirou um soco e errou; a força do golpe o desequilibrou. Lafayette estava sobre ele no instante seguinte, desferindo um soco duplo, um murro na barriga e outro na garganta. E teria continuado a bater se dois sujeitos não o segurassem, cada um de um lado, e mantivessem seus braços às costas. O grandalhão estava dobrado ao meio, sem conseguir respirar. Apontou para Lafayette e tentou dizer alguma coisa. Os homens que intervieram arrastaram Lafayette em direção à porta.

Eles resolveram expulsar Lafayette, não o gordão. Ninguém protestou. Floyd baixou o trompete a seu lado. Algumas pessoas da multidão vaiaram quando Lafayette passou por elas. A maioria não fez nada, mas Floyd não viu nenhuma solidariedade na expressão

de ninguém. Mesmo que tivesse sido pior, se o grandalhão tivesse batido em Lafayette até tirar sangue, as pessoas não o teriam protegido. Naquele lugar, em Nova Orleans ou a qualquer lugar que fossem, agora e sempre, Lafayette seria algo estranho demais para ser tolerado.

Lafayette conseguiu se soltar de seus captores o suficiente para girar nos calcanhares e fulminar Floyd com o mesmo olhar lampejante da noite anterior. Floyd quase pulou do palco. Queria abrir caminho com os punhos pela multidão e bater com o trompete nos homens até eles soltarem Lafayette. Andou até a beirada do palco. Lafayette lutava com os dois homens na porta. A plateia, não mais interessada na confusão, olhava para Floyd com expectativa. Ele fez um sinal de cabeça para o pianista e levou o trompete aos lábios mais uma vez.

O público adorou Floyd. Ele voltou para três bis. A banda que entrou no palco depois convidou-o para tocar o último número com eles. Quando o show terminou, o homem na fileira da frente, que tinha urrado como se estivesse na igreja, fez questão de pagar um uísque para Floyd, e depois outro, e um terceiro. Darla também chegou até o balcão, mas logo foi levada para a pista de dança. Os uísques deixaram Floyd enjoado. Não tirava os olhos da porta. Como se Lafayette fosse voltar depois de Floyd o ter renegado. O homem entusiasmado falou:

— Que confusão eles armaram no meio da sua música. Esse garoto sabe que não devia vir aqui.

Floyd estava num banquinho rodeado por admiradores. De uma vez só, sua covardia e sua aflição o abateram. Firmou-se para resistir ao ataque, embora sentisse vontade de chorar, e tentou terminar a bebida. O copo escorregou de sua mão. Os homens à sua volta deram tapinhas nas costas e pediram mais bebida.

— Em copos pequenos, mais fácil de segurar! — disse o homem, entusiasmado.

Floyd riu mais alto que qualquer um e engoliu três doses tão rapidamente que o barman mal conseguiu acompanhar. Quando desceu cambaleante do banquinho e saiu aos trancos e barrancos, o grupo de admiradores deve ter achado que ele ia vomitar.

Floyd se escondeu num canto a algumas portas do Cleota's. Era tarde e a rua estava deserta. Os homens do clube saíram à sua procura, os gritos abafando o som de seus soluços. Ele não sabia onde Lafayette morava. Não sabia seu sobrenome nem onde trabalhava. Floyd dobrou-se, as mãos nas coxas para manter o equilíbrio. A noite estava mais fresca que a anterior e a brisa o acalmou. Lafayette tinha mencionado que a casa de sua mãe ficava na periferia da cidade. Não era muita coisa para começar, mas era uma cidade pequena; ele ainda podia encontrar Lafayette e pedir seu perdão, os dois poderiam partir naquela mesma noite, como Floyd imaginara. Seu carro estava estacionado numa das ruas laterais, ainda que não se lembrasse em qual. Andou depressa até a esquina.

— Aonde você vai com tanta pressa? — perguntou um homem com uma garrafa na mão. Atravessou a rua, vindo na direção de Floyd. — Onde é o incêndio? — Examinou Floyd de alto a baixo. — Você conhece aquele garoto?

Floyd continuou andando.

— Não está com tempo para falar? Imagino que queira chegar logo aonde está indo.

Os passos do homem aceleraram atrás dele.

— Eu vi que aquele garoto olhou para você. Você está indo atrás dele?

Floyd se virou. O homem segurava a garrafa pelo gargalo.

— Não sei do que está falando.

— Não sabe do que estou falando? Você não tem coragem de assumir? Estou falando do seu amigo.

— Eu não conheço aquele garoto.

Floyd fechou os punhos para a luta. Naquele momento, uma voz de mulher chamou alguém do outro lado da rua.

— Sam! Vamos logo! Jim vai dar uma carona para a gente no caminhão.

O homem deu mais uma olhada em Floyd e se afastou.

Floyd ficou de cabeça baixa, como um cão açoitado. Disse a si mesmo que tinha feito a coisa certa; não teria sido prudente admitir que conhecia Lafayette. O que poderia ganhar além de uma briga que atrasaria sua busca? Virou a esquina e encostou-se na fachada de uma casa para recuperar o fôlego. O carro, lembrava, estava perto da avenida principal. Para o inferno com essa gente. Para o inferno com todos eles. Era preciso agir; ele não sabia o que aconteceria depois, mas ainda podia fazer a coisa certa. Enquanto corria em direção ao carro, Floyd notou um laivo de amanhecer, só um suspiro lilás no fundo do céu.

— Ei! É você, Floyd?

Darla estava parada no meio da rua.

— Tem um bando de imbecis por aqui, não? — falou, indo na direção de Floyd. — Você tem um cigarro?

Floyd negou com um gesto de cabeça.

— Ninguém tem cigarro nesta cidade, e as lojas estão fechadas. Este lugarzinho é bem estranho, sem dúvida. — Darla vasculhou a bolsa. — Eu sempre guardo um na bolsa para emergências. Tem certeza de que você não tem um cigarro?

— Tenho.

Darla inclinou a cabeça para o lado e examinou Floyd por alguns segundos.

— Aquele não é o seu carro? — perguntou.

— Ah, é. Acho que sim.

— Você está fugindo da cidade?

Darla deu uma risada.

— Não, eu só ia dar uma volta.

— É mesmo? — Chegou mais perto dele. — Quer entrar no banco de trás?

Floyd remexeu as mãos nos bolsos e olhou para baixo.

— Não, você não quer. Nem sei se alguma vez você quis. — Fez uma pausa. — Será que não tem um cigarro no carro? — Darla foi até o Packard e olhou pelas janelas. — Agora eu sei por que você fica mudando de lugar a cada dois ou três dias.

Floyd teve vontade de dar um tapa nela.

— Eu vi quando você entrou no mato com aquele garoto ontem à noite — disse ela. — É por isso que estava correndo para o carro?

— Eu não sei do que está falando — replicou Floyd.

— Eu vi você.

— Não era eu.

— Para mim não significa nada. Quer dizer, eu acho nojento, mas não posso dizer que me importo.

— Não era eu.

— Não é novidade nenhuma. Mas acho que devia se cuidar. Você viu o que aconteceu com aquele garoto.

— Eu não conheço aquele garoto.

— Ah, pare com isso, Floyd.

— Não foi a mim que você viu.

Darla se abaixou para mexer na maçaneta da porta.

— Você está com as chaves? — perguntou.

Floyd sentiu o cheiro da própria covardia; ele era todo podre por dentro. Se visse Lafayette na rua naquele momento, não seria capaz de olhá-lo nos olhos. Destrancou a porta do carro e sentou-se ao volante. Apoiou a mão na coxa para estabilizar o tremor no músculo. Darla entrou ao lado dele. “Saia daqui”, Floyd queria dizer. Ela procurou cigarros no porta-luvas, não encontrou nada e começou a sair do carro, mas Floyd pegou no braço dela e a puxou para dentro.

— Se sairmos agora — falou —, chegaremos a tempo para o meu próximo show. Trezentos quilômetros.

— Você deve achar que Deus fez de mim uma tonta — replicou Darla, desvencilhando-se dele e saindo do carro. Andou alguns passos, virou para olhar para ele e disse com mais suavidade: — É melhor você estar preparado para dirigir essa distância toda.

Floyd ficou olhando enquanto ela se afastava, os saltos altos batendo na rua. O sol subia como uma bola laranja furiosa. Poderia ser outro planeta, outro planeta igual a este, mas todo em chamas. O céu acima ainda estava escuro, com uma camada de nuvens púrpura. Floyd virou a chave na ignição, pensando que deveria se enforcar como Judas.

Six

1950

A TENDA DO AVIVAMENTO ERA menor do que Six imaginara. Havia menos de trinta pessoas lá dentro e já estava lotada. Six, sentado com outros dois homens em cadeiras dobráveis na parte da frente, olhava além da multidão, por entre as abas abertas da tenda, para o pátio lá fora. Uma chuva constante fustigava as árvores; as folhas verdes e macias balançavam nos galhos. Uma família entrou, viu Six atrás do púlpito e saiu outra vez. Saíram por causa de Six, porque ele só tinha quinze anos e era do Norte, e ninguém nunca tinha ouvido falar dele. Os outros pregadores ao seu lado também eram desconhecidos, mas eram homens de meia-idade e correspondiam à imagem esperada. Quando Six os conheceu mais cedo naquele dia, chamaram-no de novato. Fizeram cócegas debaixo de seu queixo e brincaram que ele ainda usava fraldas. Esfregaram as mãos grandes em sua cabeça de forma brincalhona. Six sentiu as palmas daquelas mãos — secas ou úmidas, firmes ou trêmulas — na raiz dos cabelos cortados rente. Desconfiou da bondade delas.

A tenda de Six era menos vistosa. Tudo bem por ele. Iria fazer o seu sermão e as pessoas que o levaram ali veriam que cometeram um engano e o mandariam de volta para casa, na Filadélfia.

A alguns metros, em outra tenda, maior, as páginas dos hinários farfalhavam e um piano tocava. O público já tinha começado a

cantar. A plateia de Six parecia cansada — fatigada demais para um bom sermão, fatigada demais para sentir qualquer coisa.

Six voltou a olhar para as árvores. Uma mulher vestida de amarelo berrante estava sob as copas, molhada até os ossos. A saia colada nas coxas, a blusa marcando os seios. Six achou peculiar que ela não tivesse um guarda-chuva. A maioria das pessoas não usava, ele já havia notado. Entravam na tenda se sacudindo para se livrar das gotas, um sinal claro do modo de vida no campo. Pensou na figura da mãe saindo na chuva pela porta dos fundos, o guarda-chuva erguido. Com duas grandes passadas, Hattie já estava no meio da rua. Hattie anda como um trem chegando à estação, August costumava dizer. Six sempre sabia em que parte da casa a mãe estava, para qual quarto iria em seguida. Ele ficava muito em casa. Hattie não queria que ele fosse um garoto tão caseiro; achava que deveria sair com os irmãos. Para não desagradá-la, ele se escondia nos cantos da casa e passava a maior parte do tempo no quarto que dividia com Franklin e Billups. Seu esconderijo preferido era uma reentrância embaixo da escada, embora ele fosse grande demais para se acomodar lá e tivesse de se encolher todo, com os joelhos encostados no queixo.

Sentia-se melhor naquele cubículo, sem ser visto, a casa e os moradores como um enxame de muitas abelhas ao seu redor. Conseguia ouvir Hattie nos corredores e seus irmãos chamando uns aos outros em voz baixa — Hattie não tolerava gritos em casa —, o pai assobiando, as irmãs cochichando. Suas cicatrizes não o incomodavam quando ele estava embaixo da escada. Não sentia os queloides repuxando o pescoço e serpenteando pelo tronco e pelas costas. Embora já estivessem curados havia anos, coçavam e ardiam com a mesma intensidade de quando Six era criança e os ferimentos cicatrizaram.

Six mantinha seu constante desconforto em segredo, não por estoicismo e coragem, mas por amargura. A dor e a fragilidade o tornavam especial — especialmente maltratado e especialmente

indignado — e excepcional porque tinha sofrido. Sua dor era o seu bem mais precioso e secreto, e Six o guardava com ferocidade, como se fosse uma joia roubada de um cadáver.

A aba da tenda se abriu com o vento mais uma vez. A mulher de amarelo saiu de debaixo das árvores para a chuva. Six não conseguia vê-la direito para saber se era bonita, mas seu pulso acelerou com a maneira como a saia dela se colava às coxas. Era jovem, isso ele conseguiu perceber. Desejou que ela entrasse em sua tenda. Ficaria desapontada ao ouvir o seu sermão — todos ficariam —, mas suas cicatrizes coçavam muito na tenda fechada, e ela poderia distraí-lo de seu sofrimento e da saudade de casa.

Six já tinha feito quatro sermões na Igreja Batista Mount Pleasant, perto da sua casa, na Filadélfia. A Palavra o acometera num acesso, e o arrebatara totalmente. A primeira vez fora quase dois anos antes, durante um serviço religioso noturno, num domingo. Pouco antes do chamado à oração, Six ouviu um assobio baixo e monocórdio, como o som de ar saindo de um osso furado. Sentiu algo — um espírito, um demônio? — vindo em sua direção. Quando alcançou Six, a coisa entrou nele, não como a pomba do Espírito Santo de que a Bíblia falava, mas como um trovão que acorda um bairro no meio da noite. A força do impacto o dobrou. Ele apertou o pescoço com a mão, mas isso não pode deter a Palavra que surgia nele. Sentiu tanto medo que achou que iria vomitar. A Palavra se acumulou em sua boca como uma pilha de pedrinhas e jorrou através de seus lábios.

Depois, os párocos disseram que ele pregou como um ungido por Deus por quase trinta minutos. Six se lembrava muito pouco do que disse ou fez. Permaneceu apenas uma vaga euforia que logo desapareceu e cuja ausência o deixou esgotado e confuso. Em casa, em seu esconderijo debaixo da escada, Six fechava os olhos com força e tentava convocar Deus, ou o que fosse que o tivesse acometido, mas era como tentar se lembrar de um sonho — quanto mais pensava a respeito, mais a imagem se afastava. O pastor

disse que era a graça. Mas o que era graça, se aquilo chegava até ele em forma de um ataque e depois o deixava frágil e doído como nunca se sentira antes de sua visita? Não havia a quem perguntar a respeito: Hattie disse que era a mesma coisa de quando as moças da igreja recebiam espíritos e falavam em línguas, o que só mostrava como elas eram impressionáveis. August disse que havia algumas coisas estranhas que simplesmente não podiam ser explicadas neste mundo, e os acessos de Six eram uma dessas coisas.

Six questionava se religião não era apenas um monte de pessoas envolvidas num delírio coletivo que desaparecia no minuto em que elas passavam pelas portas da igreja e chegavam à rua. E quem poderia culpá-las? Quem não gostaria de se deixar levar por uma coisa luminosa e exaltada? Mas Six não era como os outros da igreja. Sua experiência de Deus foi um surto violento que ele não conseguiu controlar. Acabou acreditando que, assim como tudo em sua vida, seus sermões tinham algo a ver com sua saúde debilitada. Não conseguia perceber que talvez houvesse uma bênção nisso, que era o sinal de alguma ajuda sendo oferecida. No meio da noite, enquanto a família dormia e Six continuava insone, com dores no corpo e crises de coceira, sabia que o encanto de Jesus era outro indicador de que ele era uma aberração, não só no corpo como também no espírito. Sua alma era suscetível às esquisitices de Deus, assim como seu corpo era suscetível a qualquer coisa oportunista que pudesse atacá-lo. Se soubesse como rezar, Six teria pedido a Deus que retirasse sua dádiva.

As pessoas na tenda começaram a se preparar para o culto. Six não fazia ideia do que ia dizer. A congregação o observava. Ele não queria que percebessem que estava nervoso, mas, em sua agitação, sentia a pele queimar como uma cabeça de fósforo. Olhou para os outros pregadores: um segurava uma Bíblia desbeijada com uma capa de couro coberta de arranhões e outro lia suas anotações, parando de vez em quando para olhar o céu e sussurrar

uma oração. Quase tudo o que sabia da Bíblia Six tinha aprendido na escola dominical ou em trechos de sermões que ouvira quando sua tia Marion o levava à igreja. August e Hattie só iam à igreja no Natal e na Páscoa, ou em batizados ou enterros. Tia Marion dizia que eles iam sofrer as consequências daquilo. “Se você não for à casa do Senhor, ele não virá à sua casa”, ela gostava de dizer.

Six não se despediu dos irmãos quando saiu da Filadélfia para ir ao encontro do avivamento. Fora enfiado num carro antes do amanhecer, quando todos no quarteirão ainda dormiam e não o viram partir. Six havia batido muito num garoto um dia antes. De suas profundezas brotou uma violência que ele não sabia existir ali. Os parentes do garoto queriam vingança, os vizinhos disseram que ele era louco.

A viagem até o Alabama demorou dois dias. Six dormiu uma noite no carro, e na outra ficou hospedado na casa de uma carola no Tennessee. Pararam na calada da noite numa estrada do interior sem postes de iluminação. A lua era um fiapo no céu. Estava tão escuro que Six não conseguia ver os contornos do próprio corpo, ele e a escuridão eram uma coisa inseparável. Uma senhora segurando uma lanterna abriu a porta da casa e disse que a eletricidade era instável. Era a única casa da estrada; o interior cheirava a grama e orvalho e os quartos zumbiam de tantos mosquitos. Six teve a impressão de que as paredes não serviam para muito mais do que impedir as pessoas de ver o que acontecia lá dentro. Não conseguiu dormir nada por causa da vertigem causada pela escuridão, pelos mosquitos e pelo silêncio. De manhã viu que a casa era pouco mais que um barraco de madeira vergado sob o peso do teto, as molduras das janelas tortas demais para acomodar uma vidraça.

Agora, com a Bíblia no colo, pensou em João 3:16 e em Jesus andando sobre as águas e em Daniel na cova dos leões. Tentou sentir alguma coisa a respeito dessas histórias, evocar seu fervor religioso, mas seu coração manteve um ritmo estável; ele continuava lúcido como sempre, e com medo. Six fechou os olhos e

a Bíblia e resolveu abrir numa página ao acaso e falar sobre o que encontrasse. Levítico 14:20, os rituais para purificar um leproso. Gênesis 49:9, "Judá é rebento de um leão". Ele não sabia o que era rebento. Os pandeiros pararam, e um homem se aproximou da mesa de papelão que servia de púlpito.

Dois dias antes Hattie o acordou de madrugada.

— Psiu — fez, com os dedos nos lábios.

Mostrou um paletó e uma gravata que ele não conhecia e gesticulou que Six devia se vestir rapidamente no banheiro. Mal começava a clarear. Quando ele desceu a escada, estavam todos lá, Hattie, August e o velho amigo dos dois, reverendo Grist, reunidos no hall de entrada. O reverendo Grist disse que iam naquele momento, imediatamente. As tendas de avivamento do Alabama começariam em dois dias; eles poderiam fazer um circuito pelo estado e ficar fora por duas semanas.

— Duas semanas? — exclamou Six.

— Garoto, depois da confusão que você aprontou, tem sorte de não serem dois anos — disse August.

— Você acha que vai ser suficiente? — perguntou Hattie.

— Acho que vamos descobrir — respondeu August.

Six nunca tinha se ausentado de casa. Olhou para o andar de cima, onde os irmãos e irmãs dormiam.

— Não há tempo para despedidas — disse Hattie.

Ela abriu a porta da frente e os quatro foram até o carro estacionado na rua. O reverendo Grist levava a mala que Hattie tinha preparado para Six. Ela seguiu atrás do grupo, rígida e impenetrável. No último minuto, quando Six já estava acomodado no banco traseiro, o motor do carro já havia sido ligado e tinha perdido qualquer esperança de que fosse se despedir da mãe, Hattie apareceu correndo e lhe entregou uma Bíblia. Apertou a mão dele quando ele pegou o livro, e então virou as costas e saiu andando em direção à casa.

* * *

O PÚBLICO SE AGITOU. Six abriu a Bíblia mais uma vez e seus dedos caíram nas Bem-aventuranças: “Bem-aventurados os humildes de espírito... Bem-aventurados os que choram...” E os mansos e os misericordiosos e assim por diante. Six não queria ser manso. Doente e cheio de cicatrizes como era, as pessoas confundiam suas limitações físicas com humildade. Six achava que misericórdia e fraqueza eram a mesma coisa e se revoltava contra isso da mesma forma que se revoltava contra seu corpo frágil. Queria castigar, não perdoar. Queria ser uma espada, não um cordeiro.

A história de Josué veio à sua mente. Six lembrava-se vagamente de uma muralha e uma cidade de cujo nome não conseguia se recordar. Teve dificuldade para encontrar aquilo na Bíblia. O homem atrás do púlpito conclamou os congregados a uma oração. Era uma súplica longa e apaixonada. Alguém na plateia aparentemente cansada chegou a gritar. As mãos de Six estavam escorregadias; as folhas da Bíblia se colavam com a umidade e as pontas de seus dedos deixavam manchas no canto das páginas. Six queria afrouxar a gravata e desabotoar o colarinho da camisa. Jericó! Lembrou-se do nome da cidade.

— Amém — disse o homem conduzindo a oração.

— Amém — ecoou a congregação.

— Esta noite nós vamos abordar a Palavra do Senhor de três maneiras — continuou o homem. — Ele nos abençoou com três de seus servos.

Six encontrou a passagem. Não havia a batalha que esperava, somente algumas trombetas e os israelitas andando ao redor dos muros da cidade. O homem que conduzira a oração disse:

— Temos aqui Six Shepherd, que veio da Filadélfia.

Six manteve a cabeça baixa, para concluir a leitura.

— Parece que nosso jovem irmão Shepherd se concentrou na Palavra. — Seguiu-se uma pausa, mas Six não levantou a cabeça.

— Devo dizer — continuou o homem — que esse vai ser um sermão memorável!

Quando Six se levantou, o público inclinou-se para a frente, numa atitude de expectativa. Murmuraram uns com os outros. Alguém comentou:

— Ele é minúsculo.

Six andou até o púlpito e fez uma pose ao pôr a Bíblia na mesa e virar as páginas para a frente e para trás, tomando cuidado para não perder o trecho escolhido. Os olhos lacrimejavam. Provavelmente eles já conheciam a história de Jericó. Todo mundo conhecia essa história. Ele não deveria estar ali, deveria estar sentado no peitoril da janela do seu quarto na Filadélfia vendo a mãe sair andando pela rua da frente.

— Eu vou falar com vocês sobre Josué — começou a dizer. — Se vocês puderem... Se puderem abrir suas Bíblias no livro de Josué...

A congregação olhou para ele. Não houve a agitação e os movimentos que em geral seguiam o anúncio da escritura. O homem que tinha aberto a cerimônia chegou por trás dele e cochichou:

— Muita gente aqui não está com a Bíblia. Você vai ter que ler para eles.

— Ah! Eu... Desculpem-me. Eu... vou ler...

Perdeu a página marcada, as palavras começaram a se mexer na página e ele não conseguia encontrar o versículo escolhido.

— Não estou ouvindo — alguém gritou lá de trás.

— Desculpem. É... hã... — Six respirou fundo. — Josué 6:15 — bradou para todos.

Sua voz soou artificial, alta e grave, como a de uma criança imitando um adulto. Leu em alto, num barítono falsete. Não se atrevia a erguer os olhos. Conseguia sentir o tédio de todos. Mas, ao continuar a leitura, a cena tomou forma em sua mente. Six viu um homem vestido de branco liderando um poderoso exército; centenas de pessoas seguiam o barbado Josué montado em seu

cavalo preto. À frente dele, outros homens portavam trombetas e cornetas que cintilavam tanto sob a luz do sol que seu brilho podia ser visto por todo o deserto. Eles marchavam ao redor de uma muralha alta e maciça além da qual não se via nada. Uma vez, duas, e uma terceira vez, uma quarta, o exército de Josué marchou ao redor da muralha. Nada aconteceu. O exército do Senhor começou a duvidar de seu líder.

Six observou a congregação; as pessoas pareciam tão cétricas e exaustas quanto os homens de Josué. O exército de Josué circundou a cidade pela sétima vez. Os trombeteiros ergueram seus instrumentos em unísono, como se fossem um só organismo com muitas mãos. Josué ergueu o braço e seu exército gritou: "Urra! Urra! Urra!" As palavras foram brandidas no ar. "Urra! Urra! Urra!" Uma barragem de som empurrou os muros de pedra da cidade. Jericó estremeceu. As rochas cinzentas das muralhas racharam ao meio e depois em quatro partes, até que não sobrasse nada, e a cidade de Jericó estivesse desnuda.

— Aquelas muralhas viraram pó, irmãos e irmãs, viraram nada. Vocês conseguem ver? Fechem os olhos, irmãos e irmãs, e imaginem o que o Senhor fez!

— Amém — alguém gritou.

Agora o espírito se apossava de Six. Não conseguia ver os rostos à sua frente; sua ansiedade foi substituída por um êxtase que pulsava em seu peito como uma bola de fogo.

Six se lembrou de uma canção de sua infância e a entoou no tenor agudo e falseado de garotos da sua idade. *Josué comandou a batalha de Jericó, Jericó, Jericó. Josué comandou a batalha de Jericó e as muralhas tombaram.* As pessoas cantaram com ele. Six ergueu a Bíblia em direção ao céu e a multidão se pôs de pé. As mulheres na fila da frente sacudiam os pandeiros. Os congregados batiam palmas e os pés. Six levantou a mão para silenciá-los.

— "E destruíram totalmente, ao fio da espada, tudo quanto havia na cidade, homem e mulher, menino e velho, bois, ovelhas e

jumentos” — continuou lendo. — Parece um pouco radical, não é, irmãos e irmãs? Mas vocês sabem, o Senhor não faz coisas pela metade. Ele não se senta na nossa varanda para tomar limonada, não é? Não vem só para aparecer em cena. Ele vem para tomar conta!

— Eu sei que isso está certo! — gritou uma mulher.

— Irmãos e irmãs, vou dizer o que o Senhor pode fazer. Quando eu era um garotinho, eu me machuquei feio. Fui internado num hospital, um hospital cheio de médicos que não podiam fazer nada por mim. Sabem o que os médicos disseram para minha mãe, irmãos e irmãs?

Six fez uma pequena pausa.

— Disseram que eu não passaria daquela noite. Disseram para chamar a agência funerária. Não me deram mais remédios. Aqueles médicos simplesmente voltaram para suas casas. Mas o Senhor estendeu Sua mão.

— Conte mais!

— O Senhor estendeu Sua mão e disse: “Não chegou a hora dele. Meu servo tem um trabalho a fazer antes de eu o chamar para vir para casa.”

— Amém!

— E sabe o que mais, irmãos e irmãs? Ele me salvou para este ministério. Eu não tenho muita experiência. Mas o que tenho... Amém!... O que tenho é a mão do Senhor para me guiar. Tão certo como o fato de eu estar aqui. Ele me trouxe até vocês esta noite. Ele me salvou para que eu pudesse estar aqui esta noite para lhes dizer que, se nós pedirmos a Ele, o Senhor fará com que nossos sofrimentos e pesares tombem como as muralhas de Jericó.

— Louvado seja o Senhor.

— Manifestem seu júbilo para o Senhor esta noite!

Todos gritaram.

— Eu disse para manifestar júbilo. Vocês não têm nada melhor do que isso para Jesus?

A congregação rugiu. Six parou para recuperar o fôlego e enxugar o suor da testa. As pessoas gritavam e batiam palmas. As moças na fila da frente levantavam os braços e chacoalhavam os pandeiros.

— Vamos baixar a cabeça e rezar juntos. Deus Pai, esta noite pedimos que revele o que depositou em nossos corações e que nos dê forças para fazer o que Ele exige de nós. Diga-nos, Senhor, como marchar ao redor de Jericó. Dê-nos suas instruções esta noite, Jesus, e as seguiremos até a vitória.

Six olhou para a assembleia. Uma mulher chorava na fila da frente. Seus ombros pesavam com a força dos soluços; os braços caídos ao lado do corpo. Six deu um passo de detrás do púlpito improvisado e andou na direção dela. Não sabia bem por quê. Seus pés o conduziram a ela sem que soubesse o que iria dizer. Tocou no braço dela com a ponta dos dedos.

— Senhora — falou.

A mulher abriu os olhos

— Senhora, o que Jesus pôs em seu coração esta noite?

Six falou com delicadeza, como se ele e ela fossem as únicas pessoas na tenda. Olhando a mulher de perto, viu que ela era uma perdedora irremediável. Tinha sido chutada até cair e depois chutada um pouco mais. Uma fina cicatriz corria do canto de um olho até o canto da boca. Não era jovem, mas também não era velha. Six teve vontade de passar a ponta da língua na saliência da cicatriz.

— Eu não sabia se viria aqui esta noite, pois estive longe durante muito tempo. Eu encontrei a salvação quando era nova, mas me desviei do caminho. Vim aqui porque queria... Não sei... Queria voltar para perto de Jesus.

— O Senhor sempre recebe de braços abertos os fiéis de seu rebanho. Qual é o seu nome, irmã?

— Coral.

— Irmã Coral, os braços Dele estão sempre abertos.

Ela concordou com a cabeça. O vestido que usava era de um tom claro, talvez já tivesse sido cor-de-rosa. A gola branca estava amarelada e puída.

— Acredito que seja verdade, reverendo — falou.

Coral levantou-se com as mãos entrelaçadas à frente, tão apertadas que os nós dos dedos se avermelharam. Tentou parar de chorar, interromper os soluços convulsivos.

— Posso ver que seu espírito é sincero — disse Six.

Ele conseguia sentir o coração amargurado daquela mulher e ver que tinha boas intenções. Aquela cicatriz, pensou, precisava ser vingada.

A multidão formou um semicírculo ao redor deles.

— Eu nunca fui... nunca fui casada. Que o Senhor me perdoe por dizer isso a um jovem como você. Eu nunca fui casada, mas vivi com um homem, e ele seguiu outro caminho. Tive uma filha com ele, mas ela morreu quando ainda era um pedacinho de gente, e fui viver com a minha irmã. Ela também passou por tempos difíceis.

— Que Deus a abençoe — disse Six.

— Agora ela está doente. O médico foi lá e disse que não sabe qual é o problema. Está de cama há um mês e fica cada vez mais fraca. Parece um fantasma, não restou nada dela. Foi a única pessoa neste mundo que foi bondosa comigo.

Ela fitou Six com aqueles olhos, e lhe lançou uma expressão que continha tudo o que é vão e indizível neste mundo.

— Vamos rezar, irmã Coral. Você, eu e todas as almas que o Senhor reuniu aqui esta noite. Vamos todos rezar.

Six pegou a mão de Coral e os dois se ajoelharam no chão de terra batida. Só na igreja ele sentia compaixão por alguém que não fosse ele mesmo. Alguma coisa aconteceu com ele quando olhou para a irmã Coral. A força surgiu no corpo de Six enquanto falava sobre Jericó, aumentando até transbordar. Foi tomado por tanto poder que conseguia partilhá-lo, precisava partilhá-lo, ou o poder explodiria nele. Conseguia ser bondoso, mesmo que apenas

naquele instante, porque se sentia forte, mesmo que apenas naquele momento.

Six colocou uma das mãos entre as escápulas dela e a outra em sua testa. Tinha visto ministros fazerem aquilo em Mount Pleasant. Ele sentiu a Palavra passar de seu corpo para o da irmã Coral, e a fé e a dor daquela mulher passarem para ele. Sentiu as reentrâncias da coluna dela e o calor úmido de sua testa. Ela parecia uma mulher bem rude; Six não esperava que a pele fosse tão macia. Seus dedos tremeram. Ele nunca tinha tomado tanta consciência de outra pessoa; a alma de Coral vibrava dentro dela como um motor. Os dois formavam um só organismo naquele momento. Six sentiu o próprio corpo coçar sob sua pele repuxada e irritável.

— Vamos estender as mãos sobre nossa irmã — disse ele.

Uma dúzia de mãos tremeu sobre a irmã Coral. Six chorou enquanto a assembleia gemia e clamava por Jesus.

Depois de algum tempo, não sabia quanto, Six voltou a si. Seus joelhos estavam úmidos e rígidos por terem ficado no chão de terra, a garganta estava áspera, e a blusa de Coral, molhada sob sua mão. De repente, ele sentiu uma forte vontade de urinar. Esfregou os joelhos e ficou de frente para a assembleia. Alguns estavam radiantes, outros, exaustos, os rostos oleosos e riscados de lágrimas. Coral continuava de joelhos. Duas mulheres a ajudaram a se levantar e a levaram até uma cadeira dobrável onde ela sentou com as mãos no colo. Six não sabia como terminar o sermão. Não conseguia imaginar como fazer um encerramento adequado depois de tudo que tinha acontecido com eles. De repente se sentiu envergonhado, como se tivesse feito uma coisa particular e todo mundo tivesse visto.

— Amém — falou e saiu da tenda para o pátio com as árvores, do lado de fora.

Alguém chamou seu nome, mas Six não se virou. Atrás dele os pandeiros tilintaram; os acordes de um hino flutuaram até ele no ar

frio e úmido. A chuva tinha parado. O vento sacudia as folhas, e gotas caíam em seus ombros e sua cabeça. Ainda restava um pouco de luz do dia. Six sabia que precisava voltar para a tenda, mas queria subir nas árvores. Os últimos raios de sol batiam nas gotas das folhas, e por alguns instantes as árvores tremulantes pareceram douradas. Six estava em silêncio por dentro, não em paz, mas calado, enlevado. Eu não sou qualquer um, pensou. Não sou apenas um garoto doente.

Com grande dificuldade, subiu numa árvore e acomodou-se num dos galhos mais baixos. Ouviu um sino a distância, um repique barítono vindo de algum lugar na estrada de terra que levava ao local do culto. Uma estrada de terra vermelha — só árvores dos dois lados e alguns automóveis estacionados na clareira em frente às tendas. Um fantasmagórico quarto de lua apareceu. Como era raro enxergar a lua na Wayne Street. O sol mergulhava no horizonte. Mais adiante, uma fileira de luzes se estendia ao longo da estrada. Atrás, um aglomerado maior e mais iluminado indicava a cidade. O reverendo Grist disse o nome da cidade, mas Six havia esquecido. Não tinha vontade nenhuma de ir para lá.

O momento de Six com Coral já estava perdendo a força. Ele não sabia onde iria dormir aquela noite, o que comeria nem quem o alimentaria. Hattie lhe dera cinco dólares quando ele partiu. Sabia que não era suficiente para levá-lo de volta à Filadélfia.

Embaixo de onde Six estava empoleirado, dois homens começaram a se aliviar nos troncos das árvores.

— Aquele garoto, como é o nome dele?

— Six, o nome dele é Six.

— Ele não tem idade nem para usar calças.

— Você viu como ele saiu correndo quando terminou?

— É aquela Coral. É tão herege que assustou o garoto.

— Ela veio aqui hoje se arrepender.

— Isso mesmo, mas amanhã já vai estar catando alguém atrás do barraco.

— E você bem que gostaria de ser o escolhido!

— Não, meu pensamento só está com Jesus.

Os dois riram.

Eles estão rindo de mim, pensou Six. Talvez todos estivessem rindo dele na tenda. Esses caipiras idiotas. Se August tivesse ficado na Geórgia, seria igual a esses homens. Estaria dirigindo um caminhão ou pegando carona na cidade para ir a uma tenda de avivamento numa sexta-feira à noite e tendo uma conversa como aquela que Six estava entreouvindo. Six pensava no Sul como um estranho aglomerado de estados indistintos onde as pessoas falavam muito devagar, como August, e de onde iam embora por causa dos brancos, só para passar o resto da vida sentindo saudades das coisas mais retrógradas e banais: nozes-pecã, árvores-do-âmbar, pêssegos gigantes. August conseguia recitar nomes de pessoas que moravam na cidade em que tinha nascido. Na Geórgia, dizia, os mais velhos nunca ficavam desprotegidos. O Norte era frio e sem cores — a comida era horrível e as pessoas viviam desesperadas. Quando ele falava assim, Hattie cruzava os braços e apertava os lábios, formando uma linha fina.

Holofotes se acenderam — a noite azulada foi engolida por um feio círculo de luz. Algumas pessoas saíam da pequena tenda. Um homem segurando a mão de um garotinho entrou e saiu da claridade. Six os acompanhou com o olhar enquanto andavam pela estrada até perdê-los de vista. Não conseguia se lembrar de August segurando a mão dele daquele jeito. Outros garotos iam pescar com os pais ou assistiam a eventos esportivos. Talvez o homem e o garoto que viu tivessem ido pescar naquele mesmo dia. Não importava, a isca teria deixado Six nauseado. Seus colegas de escola o chamavam de fresquinho e o provocavam sem dó.

Os homens abaixo de Six continuavam conversando.

— Ele tem quinze anos, hein? Nem parece.

— É muito pequeno.

— Mas foi bem no sermão.

— Ele é bom de sermão, sem dúvida, mas tem alguma coisa estranha com ele.

— Você só está dizendo isso porque ele é certinho demais.

— Não, não é isso. Ele me parece um bicudo-do-algodoeiro.

— Que maldade. Não é culpa dele ser tão pequeno e contido.

Six não sabia o que era um bicudo-do-algodoeiro, mas imaginou que fosse uma coisa feia e pequena. Ajeitou-se no seu galho de árvore; como desejava voltar para os seus irmãos e ao seu cubículo embaixo da escada!

Um dos homens embaixo da árvore continuou:

— Não é que ele pareça com um besouro, é o jeito como se comporta.

Havia outro garoto como Six na escola, pálido e delicado. O nome dele era Avery, mas os garotos o chamavam de Ava. Era pequeno e afeminado, mas tinha saúde, por isso, diferentemente de Six, não era poupado de abusos físicos. Uma tarde, Six viu um grupo de garotos correndo atrás de Avery na rua. Avery era muito lento; sabia que iam alcançá-lo, por isso parou no meio do quarteirão e ficou esperando. Eles o cercaram e o jogaram no chão. O garoto caiu de joelhos e se recusou a reagir. Ficou lá ajoelhado na calçada enquanto era chamado de maricas e de veadinho. Quando eles pararam, Avery levantou e limpou a sujeira dos joelhos. Six fez uma careta para ele. Queria que os valentões vissem que ele também odiava Avery; assim entenderiam que Six era apenas doente, não patético, e que não merecia o desprezo deles.

Talvez houvesse outra maneira de entender o mundo, mas Six não conseguia imaginar qual poderia ser. Tinha a impressão de que o próprio pai sentia nojo de sua fragilidade. Depois que Six se recuperou do acidente, August parou de passar momentos com ele — claro, era verdade também que o pai quase nunca estava em casa. Uma vez Six ouviu tia Marion dizer a Hattie que foi a morte dos bebês que deixou August tão indócil, que antes disso era um homem bem decente. Six não sabia exatamente o que ela estava

dizendo, mas sabia que a presença do pai em sua vida era no máximo periférica. August nunca ensinou a Six coisas que os pais deviam ensinar aos filhos. Na noite antes de Six partir para o avivamento, August disse:

— Eu não sabia que você tinha esse tipo de ressentimento, garoto.

Como você pode saber o que eu sinto?, pensou Six. Você só fica contando piadas e histórias inúteis sobre uma cidade na Geórgia da qual ninguém nunca ouviu falar. Como pode saber qual é a minha mágoa?

Passos se aproximaram das árvores.

— Boa noite, reverendo — cumprimentaram os dois homens.

— Louvado seja Deus, meus irmãos — replicou o reverendo Grist.

— Foi um garoto seu que fez o sermão de hoje?

— Isso mesmo. Primeiro sermão longe de casa — explicou o reverendo Grist.

— Mas ele tem o espírito, com certeza.

— Algum de vocês o viu por aí? Disseram que ele veio nessa direção.

— Não, senhor, nem sinal do garoto.

— Daqui a pouco ele aparece. Deve ter saído para tomar um pouco de ar. Está muito quente lá dentro.

— Bem, se vocês o virem, digam para me encontrar na tenda maior. A mãe me pediu para tomar conta dele — falou Grist.

Os dois homens se afastaram.

À menção de Hattie, a garganta de Six se apertou. Ele deu um suspiro, depois ficou o mais imóvel que conseguiu, por medo de ter sido ouvido.

— Se estiver por aqui em algum lugar, esse garoto deve estar cansado. Poderia ir até o carro e tirar uma soneca no banco de trás — disse o reverendo Grist. Fez uma pausa, aguçando os ouvidos. — Será que esse garoto não podia dizer sim senhor ou algo assim para eu saber que está bem?

— Sim, senhor. — A voz de Six saiu baixa e ofegante, um fio de voz em meio às cigarras, ao murmúrio suave das folhas e ao gotejar da chuva caindo pelos carvalhos.

Quando Six teve certeza de estar sozinho, desceu da árvore e foi até o automóvel do reverendo, mantendo-se no escuro, longe das luzes, e adormeceu deitado no banco traseiro.

Six acordou de madrugada, bem depois da meia-noite, e ainda longe do amanhecer, com o som do motor do carro sendo desligado. Saiu e foi levado a uma casa, por um corredor, até um quarto que cheirava a peixe frito. Despiu-se ainda meio dormindo, cansado demais para se preocupar com que o reverendo visse suas cicatrizes. Havia uma cama de armar preparada para ele. Quando deitou, a lona cedeu sob seu peso. Six sonhou que estava balançando na rede numa varanda em frente a uma grande casa branca com uma treliça, e que o pai subiu a escada da varanda dizendo:

— Eu sabia que você gostaria daqui. Sabia que você ia querer ficar para sempre.

* * *

DE MANHÃ, não havia sinal do reverendo Grist. O quarto em que Six tinha dormido era frio e melancólico, com paredes amarelas desbotadas pelo tempo. A luz do sol entrava por uma janela perto da cama. Era uma luz embaçada e até um pouco granulada. A janela era coberta por um tecido fino e transparente que filtrava a luz. Vozes murmuravam em algum lugar da casa — o som era ameaçador, como se alguém estivesse conspirando contra ele. Six jogou as pernas para o lado da cama e procurou sua calça, muito consciente de que não sabia onde estava, nem na casa de quem, e de não conseguir se lembrar do nome da cidade. A única pessoa que conhecia nesse lugar longínquo e desconhecido era o reverendo

Grist. Lágrimas lhe subiram aos olhos. Bebezão. Um bebê chorão. Ele não ia chorar, decidiu, e se ajoelhou para procurar as roupas embaixo da cama. Encontrou só os sapatos.

— Maldição! — falou.

O reverendo Grist abriu a porta do quarto.

— O Senhor não gosta desse tipo de linguajar, garoto.

Só de cueca, Six virou-se para o reverendo, envergonhado de suas cicatrizes e da própria nudez. Tentou se cobrir com as mãos.

— Desculpe-me, senhor — falou.

— Não combina com um garoto que fez o belo sermão de ontem à noite.

O reverendo entrou no quarto e pôs as roupas de Six em cima da cama.

— A dona da casa lavou e passou as roupas para você — disse Grist. — Também preparou o seu café da manhã. Essas irmãs são muito gentis. A maioria mal consegue se sustentar, mas estão nos alojando e nos alimentando. Assim como a viúva no templo. Conhece essa história, garoto?

Six negou com um gesto de cabeça.

— Você tem um fogo vivo ardendo em você, e o Senhor o abençoou com seu espírito, mas você não conhece a Palavra da maneira que deve para continuar sendo um pregador. — Lançou um olhar severo para Six. — Você quer continuar fazendo sermões?

Six não queria continuar fazendo sermões. Era verdade que tinha sentido alguma coisa na noite anterior com Coral, algo que nunca havia sentido e de que, diferentemente das outras vezes, ele conseguia se lembrar. Mas Six queria voltar para casa. O reverendo o consideraria ingrato, por isso Six respondeu:

— Não sei, senhor. Acho que sim.

— Ser pastor é um chamado, meu jovem! — exclamou Grist com intensidade. Fez um gesto em direção às roupas de Six. — O Senhor nos põe no mundo nus, mas imagino que não queira que continuemos dessa forma.

O reverendo Grist estava sendo bom para Six desde que tinham saído da Filadélfia.

— A partir daqui vigoram as leis Jim Crow — disse o reverendo, quando atravessaram o que podia ser considerado a divisa entre o Norte e o Sul do país. — Você já esteve no Sul alguma vez? — Six negou com a cabeça. — Bem, quando estiver entre os brancos, tente não se destacar. Se não conseguir, sorria e não olhe nos olhos de ninguém.

O reverendo continuou enquanto Six se vestia:

— O Senhor nos dá o sopro da vida. E nos dá flores e a lua e olhos para ver tudo e um coração e uma mente para apreciar sua beleza. Isso é algo que só nós podemos fazer. Sabe como? Uma vaca no pasto não aprecia a beleza. Isso é uma dádiva que Ele nos deu, para tornar a vida mais doce. Não é uma maravilha?

O reverendo Grist fez uma pausa antes de perguntar:

— O que aconteceu com você, garoto?

— Como?

— Eu... fiquei me perguntando o que aconteceu.

— Queimadura, senhor.

— Deve ter acontecido muito tempo atrás, para já estar cicatrizada dessa forma.

— Sim, senhor.

— Deve ter doído muito... E você era um garotinho na época, imagino.

— Sim, senhor.

— Deve ter sido um grande susto para sua mãe.

— Acho que sim.

* * *

SIX SE LEMBRAVA de estar na ambulância indo para o hospital e de Hattie chorando ao seu lado. Nunca a vira chorar, nem antes nem

depois. Tinha só nove anos na época, mas se recordava dos soluços pesados que balançavam seu corpo para a frente e para trás de como ela ficava tocando as partes dele que não estavam queimadas. “Por favor, mais este não”, ela dizia. O corpo tremia e balançava, mas suas mãos estavam calmas e firmes sobre ele, como se não estivessem ligadas ao resto do corpo.

Six ficou dois meses no hospital. Toda vez que despertava dos analgésicos, Hattie estava lá, o rosto pálido como giz — sentada ereta na cadeira, de pé perto da janela ou andando perto da cama. August também foi. Assobiava melodias para Six ou levava presentes estranhos: uma flauta de madeira que ele tocava bem baixinho até uma enfermeira entrar e dizer para parar, cerejas que descascava com uma faquinha e cortava em pedaços para Six sentir a doçura na língua sem ter de usar as mandíbulas queimadas para mastigar.

As irmãs o visitavam. Acordou numa tarde e encontrou Cassie ao lado de Hattie.

— Desculpe, mamãe. Desculpe. Desculpe — ela dizia.

Hattie virou-se para olhar para ela e aquiesceu. Cassie saiu do quarto aos prantos.

O sol era filtrado pelas grossas cortinas do quarto do hospital. Era como se tivesse dormido muito tempo, e talvez ainda estivesse dormindo, e tudo o que via ou ouvia não passasse de um sonho. No sonho ele levantava da cama, abraçava Cassie e falava: “Olha, eu estou bem. Foi um acidentezinho de nada, e já estou quase bom.”

As queimaduras cobriram cinquenta por cento do seu corpo. Os médicos disseram a Hattie que não sabiam se Six iria sobreviver, e que de sono em sono ele estava morrendo, ou quase.

Bell e Cassie pensaram que o tinham matado. Mesmo depois que ele melhorou e voltou à escola, e até agora, seis anos depois, elas continuavam se culpando. As duas faziam qualquer coisa que Six pedisse. Quando se mostrava distante ou frio ou olhava para elas com raiva, ficavam profundamente magoadas. Six provocava as

duas de propósito, quando queria infligir dor ou desejava que se lembrassem daquela noite e sofressem.

Na noite do acidente, Cassie estava se arrumando para um baile de formatura a que um rapaz mais velho a tinha convidado. Hattie deu permissão porque o rapaz era, em suas palavras, do tipo certo, que iria para a faculdade. Hattie conseguiu pagar boa parte do vestido, e Cassie limpou casas para pagar o restante. Cassie era a primeira Shepherd a ir a um baile de formatura. Hattie não falava muito, mas ficou um bom tempo passando o vestido a ferro e depois o ajeitou com cuidado na cama de Cassie, como se fosse um recém-nascido. Era verde-claro e levemente brilhante. Camadas de chiffon se enfunavam na barra quando ela se movia. Six foi diversas vezes ao quarto da irmã para ver o vestido em cima da cama. Era tão bonito e delicado que poderia flutuar e ser levado voando pela janela.

Cassie e Bell estavam no banheiro penteando o cabelo de Cassie.

— Six — chamava uma delas —, traga mais bobes para a gente.

Ou:

— Six, diga para a mãe que precisamos do pente quente daqui a vinte minutos.

Ele ia quando era chamado e ficava na porta do banheiro observando as irmãs. Quando não estava ocupada com o cabelo de Cassie, Bell ficava ao seu lado esfregando as mãos nas bochechas do irmão, distraída, como faria com um gato. Suas irmãs eram mais bonitas que qualquer pessoa que Six conhecia. Tagarelavam como dois passarinhos alegres. Bell desceu a escada para ligar o aquecedor de água. Quando voltou, Cassie tinha tapado o ralo da banheira, e a água quente saiu pela torneira com uma ruidosa torrente de vapor. A água era tão quente que poderia cozinhar um ovo. Six sentou na beirada da banheira. Uma das duas, talvez Cassie, pediu que ele pegasse uma toalha limpa no armário do corredor, e a outra fez uma piada dizendo que ele seria o mordomo delas, e as duas deram risada. Six estava para se levantar e fazer

um gesto exagerado de reverência quando perdeu o equilíbrio e caiu na banheira. Tão quente que poderia cozinhar um ovo. Tão quente que por um bom tempo Six não conseguiu respirar nem gritar. Sentiu como se sua carne estivesse se despedaçando dos ossos. Cassie gritou. Continuou gritando quando o tirou da banheira e ainda gritava quando o deitou no chão e gritava enquanto ele estrebuchava sobre o ladrilho. Six ouviu Hattie gritando e passos, muitos passos, vindo pelo corredor e depois, felizmente, desmaiou. Acordou na ambulância, com as mãos da mãe massageando seus pés e mãos, flanando sobre ele como se seus dedos tivessem se transformado em borboletas.

* * *

— AS CICATRIZES NÃO SÃO TÃO FEIAS, SABE? — comentou o reverendo Grist. — E graças a Jesus você ainda está aqui.

— Louvado seja, senhor — concordou Six.

Six se vestiu, tomou o café da manhã e entrou no carro com o reverendo Grist para ir à cidade — o reverendo queria que Six conhecesse um típico município do Sul. No local do serviço da noite anterior, os ministros estavam rezando e estudando suas Bíblias para preparar a missa da tarde. Era sábado, e a cerimônia ia começar às quatro horas.

— Hoje à noite vai ter uma multidão como você nunca viu.

— Todo mundo aqui é assim tão devoto? — perguntou Six.

— O serviço de avivamento é a única distração na cidade, por assim dizer. Não tem muita coisa aqui para as pessoas fazerem, a não ser bares e salões de bilhar, mas elas podem ir a esses lugares a qualquer momento. O serviço é um entretenimento. Mas tudo bem, eles vêm pela razão que quiserem, depois o Senhor se ocupa de suas almas. Amém.

A cidade tinha cinco quarteirões de lojas e um bazar. O reverendo mostrou a agência de correio e um lugarzinho onde uma mulher chamada Tia Baby Sugar fazia a melhor torta de batata-doce do estado do Alabama.

— Eles têm uma entrada pelos fundos para negros comprarem alguma coisa e levarem para casa — explicou o reverendo Grist.

Os brancos pareciam tão mal de vida quanto os negros. As mulheres que Six viu usavam vestidos desbotados e tinham cabelos pegajosos, ou eram gordas de bochechas vermelhas. Os homens eram suarentos e seus sapatos não estavam bem engraxados. Os negros desviavam dos brancos na calçada; um homem quase caiu num bueiro ao pular do meio-fio para não trombar com uma mulher branca que andava em sua direção. A cidade parecia dividida em números iguais de cada raça. Na Filadélfia, Six raramente via pessoas brancas além dos professores da escola. Lá ele considerava os brancos uma entidade vaga porém poderosa — como as forças que controlam o clima, capazes de destruição, que se escondem da vista.

Os negros e os brancos da cidade se conheciam. Apesar de todos os desvios e cuidados, se cumprimentavam com frequência, em geral se chamando pelos nomes. Havia algo quase íntimo no relacionamento entre eles, e era essa intimidade que mais perturbava Six. Era provável que essas pessoas se conhecessem desde sempre, e ainda assim um tinha o poder de exigir que o outro pisasse no bueiro, e o outro fosse covarde o suficiente para obedecer.

Chegaram ao fim da avenida principal. As calçadas desapareceram e a rua alargou-se numa estrada. Quanto mais Grist se afastava com o carro, os brancos também desapareciam. Depois de pouco mais de um quilômetro, eles passaram por uma negra conduzindo uma mula com um bastão. Usava um chapéu de homem. Apesar da chuva da noite anterior, o chão estava seco; nuvens de poeira vermelha espiralavam ao redor dos pés da mulher que caminhava.

A mula tinha um sino no pescoço. Six o reconheceu como a fonte do som que ouvira na noite anterior, e conjecturou se era a mesma mulher que conduzia a mula dia e noite por aquelas estradas, nunca vindo de lugar nenhum e nunca tendo um lugar para chegar.

A estrada de terra vermelha era ladeada por árvores de frondes longas que caíam como cabelos e roçavam o chão. Uma estrutura de madeira branca surgiu no horizonte. A igreja era cercada por troncos e tufo marrons de grama amassada, uma mistura de estacionamento com um alargamento da estrada. Até a simples cruz de madeira na fachada tinha um ar de improvisado. A igreja não tinha os degraus da frente como qualquer igreja deve ter, para que os membros ficassem por lá depois do culto e para serem vistos pelos vizinhos em seus melhores trajes de domingo.

Algumas mulheres estavam na frente das portas; suas vozes flutuaram pela janela do carro aberta junto com um odor oleoso e almiscarado. As mulheres se viraram na direção do som do motor, protegendo os olhos do sol.

— É ele! É ele! — gritou uma delas, acenando com os braços para chamar a atenção do carro.

O reverendo Grist estacionou na frente da igreja.

— Louvado seja o Senhor! Louvado seja Jesus! São vocês mesmos aí? — perguntou ela.

— Em que podemos ajudar, irmãs? — indagou o reverendo Grist enquanto saía do carro.

À luz do dia, Coral não parecia a mulher com quem Six havia rezado na noite anterior. O cabelo estava raiado de fios grisalhos e reunidos em quatro tranças, duas de cada lado da cabeça. Faltava um dente no lado direito da boca. Três rugas grossas vincavam sua testa.

— Reverendo Six, venha até aqui para que eu possa vê-lo — pediu ela.

As outras mulheres, cochichando entre si, aproximaram-se do carro.

— Vocês todas estavam na tenda grande e por isso não falaram com ele. Saia do carro, minhas amigas querem conhecê-lo! — disse Coral.

Six não queria entrar no meio daquelas mulheres agitadas, curvadas para espiar dentro do carro.

— Bom dia, senhora — cumprimentou ele.

Queria que o reverendo Grist afastasse aquelas mulheres. Coral enfiou o braço pela janela e pegou a mão de Six. Suas mãos úmidas o fizeram ter vontade de enxugar as palmas na calça.

— Obrigada, reverendo Six. Muito obrigada!

— Vamos com calma, irmã. O que está acontecendo? — perguntou o reverendo Grist. Fez sinal para que Six saísse do carro. — Vamos abrir um pouco de espaço para o rapaz.

Six respirou fundo e pôs a mão na maçaneta. A irmã Coral gritou:

— Ele curou minha irmã!

As amigas de Coral entraram no coro.

— Eu vi com meus próprios olhos. Ela está de pé e muito bem na casa da Baby Sugar — comentou alguém.

— Fazia um mês que ela não colocava um dedo fora de casa!

— E agora está pronta para sair correndo por aí!

— E eu disse a todo mundo que foi você que a curou, reverendo Six — acrescentou Coral. — Eles perguntaram: “Como a Regina conseguiu sair de casa?” E eu disse que foi você. Acabei de levá-la para casa para descansar um pouco, mas ela vai estar no culto de hoje à noite. Deus o abençoe, reverendo Six. Deus o abençoe!

— Louvado seja o Senhor, irmã. Não se esqueça de agradecer ao Senhor, pois Ele é a origem de todos os milagres — falou Grist.

— Eu fiquei feliz e agradecendo a Jesus a noite toda e a manhã inteira. Cheguei em casa ontem à noite e lá estava Regina sentada na cama! Sentada, perguntando onde eu estava, e se tinha alguma coisa para comer. Nem me lembro quando foi a última vez que ela comeu sem ser forçada goela abaixo.

— Vamos fazer uma prece de agradecimento juntos — sugeriu Grist, baixando a cabeça.

Six não falou nada, embora soubesse que esperavam que dissesse algo. Não sabia ao certo se o homem mais velho acreditava naquele milagre. Era verdade que tinha sentido a irmã Coral no próprio corpo, que sentira a profundidade e a amplitude de sua dor como se fosse uma coisa tangível que podia segurar. E também era verdade que, quando estava imerso em sua prece, vislumbrou um leito de doente, não uma visão, mas uma sugestão de lençóis suados e o langor e a claustrofobia de estar num quarto com uma pessoa enferma. Deduziu que estivesse recordando a própria convalescença. A sugestão foi passageira, mas... Pode ser, pensou, que a moça simplesmente tenha se sentido melhor. Six já estivera perto da morte, mas estava vivo até agora, e não houve milagre nenhum.

Ficou tão absorvido nos próprios pensamentos que não percebeu que a prece do reverendo tinha acabado. Uma das mulheres falou:

— Olhe só. O reverendo Six já está ao lado do Senhor. Nem nota mais este mundo.

— Louvado seja — replicou outra.

Six manteve a cabeça baixa, pois não teria de dizer nada se pensassem que estava rezando, e porque tinha lhe ocorrido que talvez quisesse ser o que pensavam que fosse. Durante toda a vida, as mulheres lhe davam atenção por terem pena dele. Agora era porque o respeitavam.

— Muito bem, irmãs, nós nos veremos mais tarde, se Deus quiser — disse o reverendo Grist.

Entraram no carro e seguiram viagem.

— Está sentindo esse cheiro? — perguntou Grist.

Six fez que sim com a cabeça.

— É o cheiro do algodão. Algodão maduro — explicou.

Uma extensão de talos de pontas brancas se espalhava pelos campos à frente.

— Senhor? — perguntou Six. — O que é um bicudo-do-algodoeiro?

— Bicudo-do-algodoeiro? Onde você ouviu isso? É um inseto, terrível como os gafanhotos da Bíblia. Come todo o algodão. Por que você quer saber?

Six deu de ombros.

— Sua mãe estava na dúvida se deixava você vir nesta viagem. Você sabia disso?

— Não, senhor.

— Eu não vejo muito sua mãe na igreja — continuou Grist. — Quando ela vai e as pessoas começam a falar em línguas, ela olha como se elas tivessem duas cabeças.

Ficaram em silêncio por um tempo.

— Espero que um dia ela encontre o Senhor — disse o reverendo.

— Eu também — concordou Six.

— Você encontrou o Senhor, Six?

— Não sei — respondeu ele devagar.

— Bem — prosseguiu o reverendo —, você saberia se tivesse encontrado. Não é algo com que se possa enganar. — Em seguida: — Acho que você não deveria pregar esta noite.

— Como? — perguntou Six.

— Só temos hoje e amanhã nesse encontro do avivamento. Fique na tenda maior e preste atenção. Quem sabe o Senhor vem até você.

— Sim, senhor.

* * *

O REVERENDO ESTAVA CERTO quanto ao número de pessoas que ia à cerimônia do culto aos sábados. As pessoas começaram a chegar logo depois das três da tarde, a pé ou amontoadas em carrocerias de picapes. Levavam cestas de frango frito e sacos de bolinhos fritos de milho, maçãs e pêssegos, jarros de água e chá gelado.

Antes que as tendas se abrissem, muitos se sentaram no gramado e espalharam os pratos em toalhas de pano. De vez em quando, um grito soava e duas mulheres se encontravam com os braços abertos.

Six ficou olhando o pessoal através de uma fenda das abas fechadas da tenda maior. Coral falou para metade da cidade sobre o milagre. Em poucas horas a notícia se espalhou às casas onde os pastores se hospedavam. Os oito se reuniram antes do culto da noite para discutir os planos de ação. Six ficou todo orgulhoso ao saber que ele também iria. Os ministros poderiam dizer se ele de fato tinha curado Coral. Talvez explicassem por que aqueles acessos sagrados aconteciam com ele — talvez pudessem rezar para ele se livrar disso.

Six sentou-se ao lado do reverendo Grist quando os principais ministros começaram a reunião.

— Não cabe a nós decidir como o Senhor escolhe seus servos nem quem eles são — falou o reverendo.

— Amém. É verdade — concordou um dos ministros.

Os outros ficaram em silêncio até um pastor mais jovem exclamar:

— Todos vocês sabem que esse rapaz não curou ninguém!

— Regina disse que ele a curou. Eu mesmo falei com ela. Ela parece muito bem — respondeu o ministro-mor.

— Uma coisa é certa, esse garoto não vai subir ao púlpito hoje à noite.

Os ministros, a maioria de acordo, olharam para Six e aquiesceram.

— Esperem um pouco. Acho que muita gente vai vir esta noite depois de ouvir sobre Regina — falou o ministro-mor.

— Vocês precisam mandar esse garoto para casa. Ele só está causando problemas.

Mais cabeças assentiram.

— Isso mesmo, vamos mandar ele para casa! Acabar com essa confusão!

— Não há lugar para rancores na casa do Senhor, irmãos — continuou o ministro-mor.

— Rancores! Ninguém está rancoroso por conta de uma...

— O fato — interrompeu o reverendo Grist — é que o garoto não está muito certo de sua vocação.

O ministro-mor fixou o olhar no reverendo Grist.

— Você trouxe o garoto aqui, e ele não tem certeza? — indagou.

— Eu não sabia. Acho que nem ele sabia.

Um dos homens pulou da cadeira.

— Ponha esse garoto no próximo ônibus para o Norte!

A expressão dos pastores se contorceu de raiva. O reverendo Grist abraçou Six pelos ombros. Six teve medo de que o expulsassem da tenda. Não tinha considerado a hipótese da ira dos ministros. Não achou que uma simples cura, uma cura sem tanta certeza, poderia fazer com que o odiassem.

— Afinal, o que ele está fazendo aqui? — bradou o pastor mais zangado. Ele se levantou tão abruptamente que sua cadeira caiu para trás no chão de terra. — Esse garoto está estragando tudo!

Naquele instante Six entendeu que tinha alguma coisa que os pastores desejavam, algo que conferia a ele um poder sobre os outros. Ele nunca tinha tido poder sobre outros homens.

No fim ficou decidido que o reverendo Grist levaria Six de volta à Filadélfia assim que a cerimônia terminasse. O garoto foi escondido, primeiro no automóvel do reverendo Grist, onde suas cicatrizes coçavam e doíam e onde estava tão quente que ele pensou que iria desmaiar. Depois, os ministros ocultaram Six atrás da tenda maior. Às cinco horas o avivamento começou, e as pessoas chegaram aos borbotões. A tenda se encheu com o aroma de gel para cabelos Nu Nile, de sol e de sabonete caseiro. Six queria chorar de tanta solidão. As pessoas eram ariscas como potros selvagens. Sussurravam, ansiosas. As crianças se empurravam, as mães

gritavam para que ficassem quietas. Através de uma abertura atrás da tenda, Six podia ver uma parte da multidão e as nuças gordas dos ministros. Um apresentador subiu ao palco para conduzir o público à oração e anunciar os que iam falar. Uma mulher o seguiu e cantou “Grande é a tua fé” numa bela voz soprano.

Era uma mulher enorme, tão grande e redonda que um automóvel não conseguiria derrubá-la. A música emanava dela como o apito dos navios que chegavam à marina da Filadélfia — com grande intensidade e nenhum esforço. Um pandeiro chacoalhava, mas a voz da mulher cobria todos os demais sons. Fluía da tenda e invadia as árvores, assustava os pássaros e fazia as pedras tremerem. Ela reduziu o ritmo e alongou as notas, e as pessoas, em reverência, pararam de bater palmas, pararam de respirar, deixando-se arrebatados pela música.

Six agachava-se no chão de terra. Só conseguia ver os sapatos dos congregados. Quase todos desgastados, com o couro descascado na ponta e repintados. Alguns estavam sujos de lama, com uma camada de pó recobrendo os tornozelos dos que os usavam. Um mocassim branco batia no ritmo da música. Havia uma mancha escura na ponta, alguma coisa avermelhada e lustrosa que lembrava outro par de mocassins manchados que Six vira na tarde em que agredira o garoto na Filadélfia.

* * *

— PARA COM ISSO, SIX! PARA!

Six se lembrava de uma voz de homem, grave e tensa, gritando:

— Para com isso! Sai de cima dele!

A voz o fez voltar a si. Six recobrou a consciência com um espasmo, todas as suas forças fugindo dele. Ficou prostrado, a cabeça caída, o queixo quase tocando o peito. Olhou para a

esquerda, em direção à voz, e viu um sapato branco com uma mancha escura na ponta.

Havia um grande alvoroço ao seu redor. Os braços de Six doíam, os nós dos dedos estavam esfolados e uma pontada de dor atravessava a parte superior das costas, como se os músculos tivessem ficado tensos por muito tempo. O coração queimava no peito. A pulsação abria um buraco dentro dele; as costelas não conseguiam conter um coração que batia daquele jeito. O cascalho arranhava seus joelhos por cima da calça. Era como se Six tivesse saído do próprio corpo e voltado para encontrá-lo vandalizado.

Dois braços fortes o seguraram pelas axilas e o arrancaram do lugar. Os mocassins brancos saíram de seu campo de visão, e não havia mais nada em que focar, por isso ele olhou para baixo, e lá estava Avery com o rosto transformado numa polpa ensanguentada e um dente caído ao lado numa pequena poça de sangue. Os olhos fechados e a cabeça virada, com uma das faces encostada no pavimento. A outra tinha um corte tão profundo que um pedaço branco de osso aparecia no tecido vermelho e lustroso. Six olhou para os próprios pés e viu que estavam em cima de Avery. Olhou para as mãos — a esquerda estava fechada e a direita segurava um pedaço de concreto ensanguentado do tamanho de uma laranja.

A multidão ao redor gritava e se acotovelava. Um homem ajoelhou-se ao lado de Avery, e uma mulher chorando saiu da multidão. A mulher olhou para Six com tanto ódio que ele cambaleou para trás. Apontou para ele, e dois garotos mais velhos avançaram, atacando Six como cães raivosos. Alguns homens os separaram. A mulher era a mãe de Avery, e os garotos eram os primos que vieram em seu socorro, embora nunca o tivessem defendido em todos aqueles anos em que tinham sido atormentado.

Six estava na Greene Street, a dois quarteirões de casa. O homem que o separou de Avery e outro passante, dois vizinhos que Six via naquela região havia anos, o levaram para casa.

— Garoto, o que você estava querendo? — perguntou um deles.

— Você fez um estrago — acrescentou o outro.

Eles falaram um com o outro:

— Esse garoto Avery é muito fraquinho.

— Esse aqui também.

Os vizinhos de Six olhavam. Ocorreu a ele que Avery poderia morrer. Um dos homens bateu na porta da frente, e Six percebeu que estava em casa. Hattie ficou boquiaberta quando o viu.

— O que aconteceu com meu filho?

— Está fazendo a pergunta errada, sra. Shepherd.

Os dois explicaram o que ele tinha feito. Hattie observou as mãos sujas de sangue, o rosto suado e reluzente, o rasgo no joelho da calça. Cruzou os braços e apertou os lábios. A preocupação desapareceu de seu semblante, mas o medo continuou e a raiva aumentou, aquela ira em ebulição que explodia como um trovão e que fazia os Shepherd agirem intempestivamente. Hattie agradeceu aos homens e puxou Six para dentro de casa.

— Tudo isso é verdade? — perguntou.

— Eu não... Não sei exatamente o que aconteceu — respondeu Six.

— Você está sujo de sangue.

Six olhou para as próprias mãos e começou a chorar.

— Não quero ver uma lágrima no seu rosto... Está me ouvindo? Não quero ver uma lágrima.

Six ficou tremendo em frente à mãe.

— Eu não queria fazer aquilo — falou.

Hattie estapeou o rosto de Six com toda a força. Ele tombou na parede. Ela avançou contra ele, os punhos cerrados de raiva.

— Você pode ir para a cadeia. Eles podem vir aqui e prender você agora mesmo! E você vem me dizer que não queria fazer aquilo? Como se tivesse tido um acesso, do nada e de repente...

Hattie engasgou, levando a mão à boca.

— Ah! — exclamou. — Ah, meu Deus. O que há com você? Hattie olhou para o rosto do filho. — Você não consegue parar, não é?

Six balançou a cabeça de um lado para outro. A mãe se aproximou, os dedos pairando sobre a cicatriz visível logo acima do colarinho.

— Não sei como ajudar — murmurou.

Six achou que Hattie ia chorar, mas ela respirou fundo e se afastou para pegar a bolsa e o chapéu no armário.

— Vá se lavar — ordenou. — Fique aqui. Tranque a porta quando eu sair e não deixe ninguém entrar.

Quando Hattie voltou, com August, já era quase noite. Six estava escondido embaixo da escada. Ouviu barulhos na cozinha: água correndo, alguma coisa chiando numa frigideira. Depois o ruído de garfos em pratos. As pernas de Hattie apareceram.

— Você vai sair para comer ou não? — perguntou ela, de forma brusca e zangada como sempre.

Six não respondeu. Achou que ela iria puxá-lo para fora. Mas Hattie empurrou um prato com ovos fritos no cubículo. A família de Six comeu quase em silêncio na sala de jantar. Hattie mandou todos para a cama assim que terminaram. Six ouviu os passos dos irmãos subindo a escada acima dele. Hattie ia fazer alguma coisa terrível, ele sabia.

— Ei! — Six teve um sobressalto. Bell estava agachada na frente dele. — Deixe-me ver as suas mãos — cochichou.

— Eu disse para todo mundo ir para a cama — gritou Hattie da sala de jantar.

Bell subiu a escada correndo atrás dos outros.

— Pronto, Six — falou Hattie. — Agora você vai ter que sair.

— Vamos sair daí, garoto — falou August.

Six rastejou devagar. Os músculos doíam da luta e de ficar agachado no cubículo. Nunca se sentira tão cansado. Não sabia se teria forças para ficar de pé. A luz da sala de jantar era clara demais. Hattie estava numa ponta da mesa e August na outra.

— Estamos numa grande encrenca — observou August. — O garoto foi levado para o hospital. A mãe dele quer vir aqui

pessoalmente acabar com você, se os dois primos não chegarem primeiro.

Six estremeceu de alívio. A tarde toda ele teve medo de ser um assassino — Avery morto na rua e a mãe gritando debruçada sobre o corpo.

— Nós vamos ter de pagar a despesa do hospital, Six. Mas eles não vão chamar a polícia. Já é alguma coisa — disse August. — E isso só porque o pai dele organiza tantas loterias ilegais que, se descobrirem, é provável que o coloquem na cadeia e joguem a chave fora.

Hattie estava rígida como uma rocha em sua cadeira.

— Vamos ter que pensar em alguma coisa, porque os primos dele querem pegar você e talvez o pai dele também, e ele tem um monte de amigos perigosos. Acho que vamos ter que mandar você para algum lugar por um tempo. — August virou-se para Hattie. — A gente podia mandar ele para Pearl. A casa dela tem o tamanho do nosso quarteirão inteiro.

Hattie lançou a August um olhar que poderia parar um trem. Ele se recostou na cadeira.

— Bom, nós precisamos fazer alguma coisa — falou.

— Eu mandei chamar o reverendo Grist.

— Hattie, a gente não vai à igreja de Páscoa.

— Six vai sempre — retrucou Hattie.

Quando o reverendo chegou, Hattie mandou Six para a cama. No meio da escada, ela o deteve.

— O que deu em você? — perguntou.

Six olhou para os pés e balançou a cabeça de um lado para outro. Não queria contar o que Avery tinha falado. Six passou por ele voltando da escola. O garoto estava recolhendo os livros derrubados por um bando de valentões. Six não sabia por que havia parado na frente de Avery e chutado um livro que o garoto estava pegando, que tinha caído numa poça na sarjeta da calçada.

— Sua mãe Hattie é uma puta — disse Avery, vendo seu livro afundar na água enlameada.

Usou o primeiro nome dela. Disse que tinha visto a mãe dele beijando um homem na esquina em plena luz do dia, e que os vizinhos estavam falando que ela virara uma mulher fácil porque August não valia merda nenhuma. Foi o que Avery disse, que a mãe dele era uma puta e que August não valia merda nenhuma. Como Six poderia deixar aquele fracote insignificante, aquele garotinho de nada, falar de Hattie daquele jeito?

Six queria apenas dar um bom soco no queixo dele, mas, quando acertou Avery, o garoto caiu e não levantou. Ficou no meio da calçada olhando para Six com alguma coisa nojenta e reptiliana nos olhos. E continuou provocando. Estava estendido na calçada, mas continuou murmurando:

— Puta, puta.

Havia um pedaço de concreto perto da cabeça de Avery. Six pegou a pedra e acertou o garoto. Bateu nele com a pedra como se Avery fosse a pior coisa do mundo. Bateu como se fosse a água fervente que o tinha queimado, cada olhar de dó, cada crueldade infligida pelos colegas de escola. Quanto mais batia em Avery, mais poderoso Six se sentia. O braço subia e descia, subia e descia como o pistão de uma máquina. Seu corpo se movimentava como os dos garotos normais; era perfeito e invencível.

Hattie deu um suspiro. Ergueu a mão, como se fosse apertar o ombro ou bater nele outra vez — Six não sabia o que viria —, mas pensou melhor e deixou o braço cair de lado.

— Vá para a cama — falou.

August e o reverendo Grist passaram à sala de visita. Viram Six subindo a escada.

— Volte aqui, garoto — August chamou.

Six parou de subir, mas não virou o rosto para olhar o pai.

— Deixe ele ir, August — disse Hattie. — Deixe ele ir.

* * *

A CANTORA TERMINOU a música. Six se ajoelhou na terra atrás da tenda. Reconheceu naquela coisa reptiliana nos olhos de Avery o reflexo da própria feiura. Gostaria de ser diferente. Seu corpo fraco abrigava um espírito fraco e mesquinho. Enquanto Six batia, Avery continuou olhando para Six até não conseguir mais manter os olhos abertos. Eram duas almas cruéis unidas pela violência. O que aconteceu, disse Six a si mesmo, é que daquela vez ele estava em vantagem. Os dois eram garotos frágeis e inconsequentes, e era isso que os tornava o que eram.

— Senhor meu Deus — disse Six em voz alta. — Eu deveria pedir perdão pelo que fiz com Avery, mas não sei bem o que é arrependimento.

Soluçando, rezando e sentindo o peso de seu coraçãozinho cruel, Six andou em direção ao aglomerado de árvores em que se escondera na noite anterior.

Uma mulher despontou das sombras.

— Foi você quem curou a irmã da Coral? — perguntou ela.

Usava o mesmo vestido amarelo da noite anterior — amarelo-canário, luminoso e berrante como címbalos se chocando. As pernas eram finas, de tornozelos delicados e curvas suaves na panturrilha. Six olhou para ela e piscou.

— Você é ele, não é? O reverendo Six? — perguntou outra vez.

— Eu não sou reverendo — respondeu ele em voz baixa.

— Como assim?

A mulher de amarelo deu um passo em sua direção. Era tão pequena que o topo de sua cabeça mal alcançava o queixo dele. O tecido do vestido se movia quando ela caminhava, colando-se por um instante em seu corpo para revelar a curva dos quadris e o comprimento das coxas.

— Por que não está lá fazendo sermões? — perguntou, olhando para ele. — Eu estive na casa da Coral. Faz muito tempo que não

vejo Regina tão animada. — Deu outro passo na direção dele. — Ouvi dizer que você nem chegou a tocar nela.

O vestido tinha o decote alto para não parecer ousado, mas insinuava o volume dos seios logo abaixo do pescoço. As clavículas se curvavam uma em direção à outra.

— Ela está curada mesmo — disse ela.

— Não sei se isso tem alguma coisa a ver comigo. Sorte, talvez — respondeu Six.

— Você sabe falar manso fora do púlpito. Eu sou Rose — apresentou-se. — Vim aqui hoje porque minha mãe não está passando bem. Não foi trabalhar nessas últimas semanas, só fica em casa. Cada dia ela sente dor num lugar diferente. Será que você poderia rezar por ela? Você nem estava perto da Regina e ela melhorou. Se puser as mãos na minha mãe, sei que ela vai voltar a ficar bem como antes.

Six engoliu em seco e piscou outra vez.

— Não é justo — falou ela.

Rose se virou e andou rapidamente na direção da estrada. Six continuou onde estava e pensou em dizer: “Acho que eu não posso fazer nada por sua mãe!” Mas ela já estava longe demais quando ele afinal decidiu dizer alguma coisa.

Em vinte minutos eles chegaram a uma casa de madeira sem pintura. A mulher de vestido amarelo, na verdade uma garota, uns dois anos mais velha que Six, o deixou na varanda.

— Espere aqui — falou. — Vou ver se mamãe está acordada.

Eu não deveria estar aqui, pensou Six. Há uma mulher nessa casa que precisa de ajuda, ajuda de verdade. Mas quem poderia dar conselhos a ela? Os ministros eram ciumentos e beligerantes, não mais próximos de Deus do que Six. Rose saiu na varanda. Olhou para ele com tal expectativa e tal reverência que ele quis agradá-la, ser o que ela imaginava que fosse. Rose o conduziu por uma sala escura até um quarto que cheirava mais a tristeza do que a doença.

Uma mulher estava deitada numa esteira no chão, a luz prateada do luar sobre ela. Six viu seu ceticismo e sua exaustão.

— É esse aí? — perguntou ela à filha.

— Sim, senhora — respondeu a garota.

A mulher virou-se para o outro lado. Six não sentiu nenhum poder dentro de si, mas lembrou-se dos capelães que iam visitá-lo no hospital, como se ajoelhavam ao seu lado na cama. Sentou-se no chão ao lado da mulher deitada. Rose observava da soleira da porta.

— O que a está incomodando, senhora? — perguntou.

— Nada que um fedelho como você possa entender.

— Deus entende qualquer coisa, senhora. Não importa se eu entendo ou não — respondeu ele. — Sua filha disse que sente algumas dores.

A mulher não respondeu. Six observou os detalhes do quarto. Havia plantas por toda parte, transbordando dos vasos, penduradas no teto, congestionando as janelas.

— Parece que a senhora tem mão boa para plantas — comentou.

A mulher virou a cabeça para uma planta florida ao lado do colchão. Flores brancas cintilavam sob a luz prateada. Hattie tinha plantas em casa. Não era cantora, mas cantarolava quando cuidava das plantas. Six ponderou se aquela mulher também fazia isso. Estendeu a mão até um dos botões, mas a mãe de Rose sentou-se rapidamente e disse numa voz forte:

— Não toque nessa aí. É muito delicada.

Não estava tão doente quanto pensava estar. Essa percepção deu coragem a Six.

— A senhora deve adorar essas plantas, senão elas não cresceriam desse jeito. Aposto que está com elas desde que eram coisinhas pequenas e cuidou delas com amor e atenção.

— Acho que sim — respondeu a mãe de Rose.

— É como o Senhor faz conosco. As plantas estão lá no campo, como nós estamos aqui nesta terra. Ele estende a mão e as faz

crescer.

Ela olhou para o rosto de Six pela primeira vez.

Talvez, pensou Six, não existisse nada totalmente puro ou sagrado. Talvez o bem fosse apenas alcançado de modo indireto e por meio de canais improváveis: curas falsas ou uma sala cheia de homens zangados com Bíblias que conseguissem atrair essas pessoas tristes e animassem seus espíritos por alguns dias. Talvez Six fosse um deles — uma coisa ruim usada para bons propósitos. Talvez ele pudesse ser uma espada, afinal.

— Não acha que o Senhor cuida da senhora ao menos tão bem quanto cuida de um punhado de dentes-de-leão?

— Não sei se ele faz isso.

— Irmã, eu não vou tentar convencer a senhora de que Deus a ama. Apesar de vermos Seus milagres em toda parte, e se milagres não são amor, bem, não sei o que podem ser. Eu sei que acredita que Deus fez essas plantas, não é?

— Claro que acredito.

— Então permita que eu reze com a senhora. É só o que peço. Vamos rezar juntos, deixar que Ele mostre Sua clemência à senhora.

Six pegou na mão dela e rezou. Rezou mesmo estando consciente de suas intenções de uma forma que não acontecera com a irmã Coral, mesmo sentindo apenas a mais leve insinuação do divino. Os moradores da cidade disseram que Six tinha a dádiva, e agora ele tentava direcionar essa dádiva, dirigi-la para a mãe de Rose como uma varinha mágica. Queria que Rose o visse curando a mãe. Queria ser um instrumento de Deus, mesmo que arruinado.

Como na noite anterior, quando terminou a oração, Six não sabia o que fazer, por isso se levantou abruptamente e saiu do quarto. Foi até os fundos da casa e ficou andando no pequeno quintal. Depois de alguns minutos, Rose saiu.

— Gostaria de comer alguma coisa? — perguntou.

— Não, obrigado.

— Minha mãe está chorando lá dentro como no dia em que nasceu.

Sob a luz do luar, a pele de Rose parecia caramelo líquido.

— Você devia ao menos tomar uma limonada, antes de voltar — sugeriu ela.

Pegou na mão dele e o levou até a sala de estar. A luz da varanda entrava pela janela. Rose sentou-se ao seu lado no sofá baixo. Six sentiu o cheiro das roupas limpas e da pele dela. Rose o beijou. Os lábios eram úmidos e carnudos. Six fez um bico rígido, como que soprando uma colher de sopa quente. Pôs uma das mãos no ombro dela e a outra nas costas do sofá. Sentiu-se desajeitado. Ela deitou sobre ele e abriu os lábios, respirando em sua boca.

— Relaxe — falou.

Six rememorou a primeira vez que a tinha visto, com seu vestido amarelo molhado colado às coxas. Enfiou a mão debaixo da saia dela. A pele era macia como a luz da primavera. Os músculos das coxas ondulavam sob seus dedos quando ela tirou o vestido e abriu as pernas para ele.

Mais cedo naquele dia, Six tinha entreouvido os pastores falando de uma vaga de assistente de pastor na cidade. Ele ia se candidatar a essa vaga, e eles o aceitariam, porque as pessoas acreditariam nele quando soubessem que tinha curado a mãe de Rose. Ficaria naquela cidade e faria sermões aos domingos, e a congregação diria que Deus havia lhe conferido o dom da cura. Ele seria o que eles queriam que fosse. Talvez não importasse se o dom de Six era verdadeiro ou não. Era como o reverendo Grist tinha dito:

— Eles vêm pela razão que quiserem, depois o Senhor se ocupa de suas almas.

— Reverendo Six — sussurrou Rose, deitada no sofá ao seu lado, o corpo úmido, suado e lúcido sob a luz da varanda. — Reverendo Six, reverendo Six, reverendo Six.

Ruthie

1951

LAWRENCE TINHA ACABADO de apostar o que restava do seu dinheiro com o responsável pela loteria ilegal quando Hattie ligou de um telefone público a alguns quarteirões de distância da casa dela em Wayne Street. Quase não se ouvia sua voz com o ruído do tráfego e os choros altos do bebê.

— É a Hattie — ela disse, como se ele não reconhecesse sua voz. Depois: — Eu e Ruthie saímos de casa.

Por um momento Lawrence achou que ela havia tido um inesperado momento de folga e que talvez fosse encontrar com ele no parque em que geralmente se viam.

— Não — explicou ela. — Eu fiz minhas malas. Nós não podemos... não vamos mais voltar para casa.

Eles se encontraram uma hora depois num restaurante na Germantown Avenue. O movimento do almoço já tinha passado, e Hattie era a única cliente. Sentou-se com Ruthie no colo, um cardápio fechado na mesa à sua frente. Hattie não viu quando Lawrence se aproximou. Ele teve a impressão de que ela o tinha visto entrar e virou a cabeça para parecer não ter notado. Ao seu lado havia uma mochila de pano no chão: bordada, de cor discreta, desbotada. Um pedaço de tecido branco despontava pelo fecho. Lawrence sentiu uma onda de ternura à visão da bolsa amarrotada sobre o linóleo.

Lawrence colocou a mochila no banco quando entrou no reservado. Estendeu o braço e acariciou a bochecha de Hattie com o dedo. Os dois nunca tinham discutido seriamente um futuro. Ah, houve muitos suspiros e desejos nas tardes depois que faziam amor: tinha criado uma vida inteira de possibilidades e esperanças. Agora Lawrence olhava para Hattie e percebia que os devaneios dos dois eram mais reais para ele do que tinha se permitido acreditar.

Lawrence não era homem de se apegar a ideais de sentimentos elevados; vivia de forma pragmática no que dizia respeito a suas emoções. Tinha um automóvel e roupas bonitas, e havia trabalhado muito pouco para homens brancos. Deixou a família em Baltimore com dezesseis anos e começou do nada, sem ajuda de ninguém. E se não foi capaz de evitar que a mãe se tornasse um burro de carga, pelo menos não tinha seguido esse caminho. Durante a maior parte de sua vida, esta tinha sido a coisa mais importante: não ser burro de carga de ninguém. Depois apareceu Hattie com todos aqueles filhos, aquele bando de crianças, e sem marca nenhuma de partos no corpo. Falava como se tivesse cursado uma daquelas escolas para garotas negras da sociedade que eles tinham no Sul. Era como se tivesse sido jogada numa vida precária e de indignidades a que não pertencia. Com uma mulher dessas, se ele tentasse um pouco mais, talvez se transformasse num homem de família. É verdade que não conhecia os filhos de Hattie, mas seus nomes — Billups, Six e Bell — eram tão sedutores como nomes de cidades estrangeiras. Em sua imaginação, eles não eram bem filhos, mas dóceis cópias de Hattie.

— O que aconteceu? — perguntou a ela.

Ruthie se agitava em sua manta. Muito parecida com ele. Costumava-se dizer que os filhos parecem com os pais quando recém-nascidos. Ruthie tinha a pele clara como a dele e a de Hattie, mais clara que a de August. Claro, Lawrence não conhecia

os outros filhos de Hattie e não podia saber que a maioria tinha aquela mesma cor de leite com chá.

— August encostou a mão em você? — perguntou Lawrence.

— Ele não é esse tipo de homem — respondeu ela com convicção.

— Qualquer um é, quando se vê muito atingido em sua masculinidade.

Hattie olhou para ele, alarmada.

— Muitos homens, quero dizer — corrigiu Lawrence.

Hattie virou a cabeça para a janela. Ela iria precisar de dinheiro — isso com certeza —, e agora que August sabia a verdade, eles poderiam passar mais tempo juntos. Lawrence poderia alojá-la em algum lugar. Passou por sua cabeça que ele tinha duas escolhas: sair correndo do restaurante e nunca mais ver Hattie ou se tornar, de repente, um homem forte e responsável.

— Eu estou tão envergonhada — disse Hattie. — Estou tão envergonhada.

— Hattie, escute uma coisa. Nossa filhinha não é motivo de vergonha.

Ela balançou a cabeça. Mais tarde, naquele mesmo dia e durante muitos anos, Lawrence iria matutar se a tinha entendido mal, se aquela vergonha não era por ter uma filha com ele, mas por algo maior que não entendia, e não era culpa dele não conseguir entender o que os atormentava. Mas, naquele momento, pensou que ela só precisava ser convencida, por isso falou sobre alugar uma casa em Baltimore, onde ele tinha nascido, e como levariam a filha da Filadélfia e como tudo seria.

Os olhos de Hattie estavam vermelhos, ela não parava de olhar por cima do ombro de Lawrence. Nunca a vira tão nervosa, precisando tanto dele. Pela primeira vez, Lawrence sentiu que Hattie era dele. Não era uma questão de propriedade, mas algo mais profundo — ele era responsável por Hattie, responsável por ela, obrigado a tomar conta dela de uma forma maravilhosa e honrada. Lawrence tinha quarenta anos. E percebeu que tudo o que

vivenciara com outras mulheres — desejo, entusiasmos passageiros? — não tinha sido amor.

Hattie mostrou-se incrédula. Recusou a proposta.

— É a nossa chance — falou Lawrence. — Nunca vamos superar essa situação, nunca vamos nos perdoar se não fizermos isso. Querida.

— Mas você ainda...? — perguntou ela.

Lawrence já tinha discutido vagamente suas jogatinas. Disse a Hattie que ganhava a vida basicamente como carregador na estação ferroviária, o que fora verdade por alguns meses muitos anos antes. Hattie tentou fazer Lawrence entender que não aceitava seus hábitos no jogo como ele poderia imaginar.

— Eu vou parar — prometeu ele. — Já parei, aliás. Só participo de uns joguinhos quando o trabalho na estação está devagar.

Hattie começou a chorar, com comoventes soluços que balançaram seus ombros e perturbaram Ruthie.

— Eu vou parar — repetiu ele.

Lawrence deslizou para perto de Hattie no banco. Inclinou-se e beijou a testa da filha. Beijou a têmpora de Hattie e suas lágrimas no canto da boca. Quando se acalmou, Hattie descansou a cabeça no ombro dele.

— Eu não aguentaria ser feita de boba uma segunda vez — disse Hattie. — Não aguentaria.

* * *

HATTIE MAL ABRIU A BOCA durante as quatro horas de viagem de carro até Baltimore. O automóvel de Lawrence era o único na estrada — os faróis altos abriam um túnel na escuridão. A noite era negra e tranquila, e a lua, fina como uma unha, não emanava nenhuma luz. Lawrence acelerou para oitenta quilômetros por hora, só para ouvir

o motor girar e sentir o carro saltar para a frente. Hattie ficou tensa no banco de passageiro.

— Já estamos quase chegando. — Estendeu o braço e apertou a perna gordinha de Ruthie. — Eu amo você — disse Lawrence. — Amo vocês duas.

— Ela é uma boa menina — replicou Hattie.

August queria dar o nome de Margaret à nova filha, mas Hattie e Lawrence tinham decidido chamá-la de Ruth, em homenagem à mãe de Lawrence. Quando Ruth tinha nove dias, Hattie a levou para conhecer Lawrence em um parque perto da sua casa.

— Este é o seu pai — falou Hattie, entregando-a a ele.

A garota ficou inquieta — Lawrence era um estranho para ela —, mas ele a segurou até que se acalmasse.

— Shh, shhh, garotinha Ruthie, shh, shh — falou.

Um pranto se formou em sua garganta quando a visita terminou e Hattie levou a menina de volta para Wayne Street. Durante as horas e os dias que ficou sem vê-la por uma segunda vez, Lawrence pensava em Ruthie a todo instante: agora ela estava com fome, agora estava dormindo. Agora está fazendo barulhinhos aninhada nos braços do homem que não é o pai dela. Era possível, claro, que Hattie tivesse se enganado e que Ruthie fosse filha de August, mas Lawrence sabia, sabia de uma forma que não era lógica e não podia ser explicada, que era dele.

Lawrence apertou mais o volante, até seus dedos doerem.

— Nunca fizeram um carro melhor que o Buick 44. Eu disse que seria uma viagem tranquila — observou. — Não disse? Já dirigi este carro até Chicago uma vez, para visitar meu primo.

— Você me contou — falou Hattie.

Um carro passou na direção contrária. Hattie pôs a mão sobre os olhos de Ruthie para protegê-la do clarão do farol.

— Você vai gostar de Baltimore — garantiu Lawrence. — Vai ver só.

Mas ele não sabia se ela ia gostar. Os dois iam morar em dois cômodos de uma pensão até ele conseguir juntar dinheiro para alugar uma casa. Um lugar onde coubessem todos os filhos de Hattie custaria vinte e cinco dólares por semana. Lawrence podia ganhar esse dinheiro com facilidade; poderia garantir seis meses de aluguel numa única noite com algumas boas apostas. Não era o dinheiro que o deixava nervoso, embora no momento estivesse falido.

— “Como as faíscas voam para cima...” — disse Hattie. — É da Bíblia — acrescentou.

— Ei, isso desanima a gente. Não consegue se lembrar de nada além disso?

Hattie deu de ombros.

— Pelo visto, não — comentou Lawrence.

Fez uma carícia leve no joelho dela com as costas da mão. Hattie enrijeceu.

— Vamos, amor. Vamos lá, tente ficar um pouco feliz. É uma ocasião feliz, não é?

— Eu gosto desse versículo. Faz com que eu não me sinta sozinha — explicou Hattie. Afastou-se um pouco dele no banco. — Você vai trabalhar mais períodos na estrada de ferro, certo? — perguntou.

— Nós já falamos sobre isso. Você sabe que vou.

Lawrence sentiu o olhar de Hattie sobre ele, inseguro e assustado. O brilho dela tinha se apagado, pensou Lawrence. Havia alguma coisa cinzenta e desgastada em Hattie naqueles dias. Lawrence não queria que ela fosse uma mulher normal, uma negra oprimida. Ele não tinha saído de Maryland para se livrar delas? Não tinha casado com sua ex-mulher por ela ser encantadora como um falso brilhante? Deduziu que tinha contribuído para o medo e a apreensão que se abateram sobre Hattie.

Sentia falta da Hattie que tinha considerado tão irresistível quando os dois se conheceram — um pouco rígida, um pouco inacessível, brava o suficiente para andar depressa e ter um olhar

luminoso. Brava o suficiente para continuar seguindo em frente, como Lawrence. E havia outro lado nela, o lado que ansiava pelo que nunca poderia ter — os dois também tinham isso em comum. Lawrence tinha levado Hattie para Nova York alguns meses antes de ela engravidar. A viagem exigira mentiras elaboradas — Hattie dissera a August e à irmã Marion que fora contratada para cozinhar para uma festa na casa de uma mulher branca perto da Main Line e que precisava dormir lá. Marion ficou com as crianças. Lawrence não havia previsto a culpa de Hattie, mas foi algo que lançou uma nuvem sobre a viagem dos dois, e também sobre a própria cidade de Nova York — ou ao menos foi o que Lawrence pensou até o dia seguinte, quando eles voltavam de carro para a Filadélfia. Ao saírem do Holland Tunnel, Hattie se virou para olhar pela última vez a paisagem da cidade reluzindo sob o sol poente.

— Bem, já acabou — disse ela.

Alguma coisa nas ruas de Nova York parecia familiar a ela. Mais que familiaridade, disse, ela sentiu que fazia parte daquele lugar. Lawrence entendeu. A impressão que tinha era de que, cada vez que fazia uma escolha na vida, dizia não para outra. Todas as coisas que não podia fazer ou ser se espremiavam dentro dele; poderiam saltar a qualquer momento, deixando-o aturdido pelo arrependimento. Parou o carro no acostamento e abraçou Hattie. Ela era um coração batendo em sua mão.

Lawrence mal reconhecia a mulher aflita e distante que estava agora ao seu lado.

— Você age como se sua vida fosse uma longa tarde de inverno — disse Lawrence. — As árvores sempre desfolhadas e os arbustos sem flores.

— Não faria bem nenhum andar por aí com a cabeça nas nuvens.

— Algumas vezes faria, Hattie. Com certeza faria.

Agora ele era responsável por Hattie. Achou que ela poderia ao menos tentar ser um pouco mais... Bem, afinal de contas eles estavam começando uma vida juntos naquele dia, naquele exato

instante. Lawrence precisava da força dela. Precisava da determinação dela para impulsionar a sua. Era preciso mais que seu charme, sua sensualidade e um pouco de riso e esquecimento. Ele precisava ser melhor do que August.

Aquele vagabundo. August vivia em bares e clubes noturnos. Lawrence o viu uma vez num restaurante frequentado por negros sofisticados. August estava acompanhado; paramentado como o prefeito da Filadélfia, enquanto Hattie ficava na casa da Wayne Street com a barriga colada na pia. August poderia ter um bom emprego, mas escolheu trabalhar como autônomo na sede da Marinha por pura preguiça. Um homem precisa ser responsável. Lawrence era responsável. Por mais que fosse avoado, sabia proteger seus dependentes. Tinha esse Buick, não tinha? Próprio e já pago. E uma casa num bom bairro. Manteve a esposa bem-vestida enquanto estiveram casados e ainda a mantinha agora, depois do divórcio. Via a filha uma vez por semana — não perdia uma visita a não ser que houvesse algo muito importante, não, alguma coisa inevitável. A menina era a imagem da boa saúde, não precisava de nada. Havia muitas maneiras de ser responsável. Talvez ele não ganhasse seu sustento de uma forma que a maioria aprovava, mas nunca faltou nada para quem dependia dele.

— Você precisa saber se alegrar com as pequenas coisas, querida. Olha só aquilo... fogos de artifício!

Um clarão dourado surgiu atrás das copas das árvores e se abriu num leque de luz acima da estrada.

— Não é lindo? — perguntou. — Acho que estamos mais perto de Baltimore do que eu imaginava.

Hattie mal olhou para as luzes piscando à sua frente.

— Ei — falou Lawrence, depois de alguns instantes —, você trança seu cabelo à noite?

— O quê?

— O seu cabelo. Você faz tranças nele à noite e amarra com um lenço?

— Isso lá é pergunta que se faça?

— É que... acho que acabei de perceber que não sabia.

— Ah, Lawrence — replicou Hattie. Sua voz tremeu. Depois de uma longa pausa, ela falou: — Eu tranço o cabelo, sim.

Como eles sabiam pouco dos hábitos um do outro! Lawrence de repente se sentiu apreensivo com a expectativa de ver Hattie escovando os dentes, tirando o corpete e enrolando bobes nos cabelos. Os aposentos que tinha alugado eram numa pensão muito boa. A senhoria tecera os tapetes à mão e mantinha as janelas tão limpas que parecia possível passar as mãos pelo vidro. Mas o banheiro era do outro lado do corredor. Seria constrangedor se Hattie precisasse sair do quarto para se aliviar no meio da noite. Poderia se envergonhar do próprio hálito de manhã ou sentir repulsa pelo dele. Ruthie poderia chorar a noite toda, e Hattie ficaria irritada, ou talvez Lawrence se irritasse. E se ele fosse ao banheiro primeiro e ela fosse depois para lavar o rosto e sentisse o cheiro? Os dois estariam desnudados em seus odores, seus sons e seus hábitos. Lawrence suspirou. Mas eu não sou bobo. Estive casado por dez anos! Essas intimidades não são novidade, novidade nenhuma.

Ruthie choramingou.

— A gente precisa fazer uma parada para ela comer — disse Hattie.

— Agora?

— Daqui a pouco.

— Estamos quase chegando. Não dá para esperar? — indagou Lawrence.

O choramingo de Ruthie virou um berreiro.

— Acho que não.

Lawrence parou no acostamento.

— Então tudo bem — falou Hattie.

— Tudo bem — concordou Lawrence.

— Só que eu não posso...

— Ah!

Lawrence saiu do carro e ficou por perto.

— Lawrence!

— Ah! — disse outra vez e andou alguns passos pela estrada.

Lawrence ficou irritado. Será que Hattie ia mandá-lo sair do quarto cada vez que Ruthie sentisse fome? Sem dúvida ela tinha amamentado os outros filhos na frente de August. Eram coisas que um homem e uma mulher partilhavam depois de um tempo.

— Hattie — Lawrence começou a dizer ao voltar ao carro, depois que ela terminou —, não há razão para eu ir até o condado mais próximo cada vez que você quiser amamentar nossa filha.

Enquanto falava, Lawrence se lembrou da ex-mulher levantando no meio da noite para amamentar a filha ainda bebê. Tirava a menina do berço e a levava para a cama. Sob a luz do abajur da mesa de cabeceira, Lawrence a via desabotoando a camisola. O seio caía de lado como uma bolsa de água. Via as veias esverdeadas sob a pele. Delia encaixava o mamilo na boca da bebê. Parecia uma gambá ou ovelha ou outra coisa com tetas. Nunca mais ela lhe pareceu a mesma depois disso; mesmo quando se vestia para sair à noite, ele olhava para ela e pensava naqueles seios indolentes. Lawrence torcia para ser um homem melhor agora.

— Nossa filha — repetiu Hattie.

O bebê dormiu depois de mamar. Lawrence não passava muito tempo com ela. Ruthie estava sempre dormindo naquelas poucas tardes em que Hattie conseguia levá-la em seus encontros. Às vezes até encarava o olhar dele por alguns segundos, mas logo encostava em seu peito e adormecia. August ficava com ela todas as noites. August cantava para ela e a embalava. Na noite em que ela nasceu, August acendeu charutos e segurou seu corpo enrolado. Lawrence soube por telefone dois dias depois e só viu a filha após nove dias.

— Ela vai ter uma vida boa — disse Lawrence, voltando para a estrada. — Você vai ter uma vida boa, Ruthie. Todo mundo vai dizer: “Lá vai Ruthie, a garota mais bonita de Baltimore!”

Uma sirene de polícia uivou em algum lugar atrás deles. Hattie se assustou e apertou tanto Ruthie que ela resmungou durante o sono. Luzes azuis e vermelhas piscaram na estrada e iluminaram as árvores ao longo do acostamento.

— Guarda rodoviária estadual — falou Lawrence.

Reduziu a velocidade e encostou à direita quando o carro de polícia chegou mais perto.

— O que eles querem?

A voz de Hattie era aguda e fina. Torcia o pescoço para poder enxergar pela janela traseira.

— Hattie? — chamou Lawrence.

Quando o carro passou, a sirene ficou mais alta que a sua voz. Ruthie começou a chorar. Hattie embalou-a, nervosa. Os ombros tremiam quando se abaixou para beijar a testa da filha.

— Eu achei... achei que estavam atrás da gente — explicou ela.

— Hattie! Ninguém está atrás de nós, querida. Ninguém. Ela é nossa filha. Não fizemos nada contra a lei — garantiu Lawrence.

Lawrence passou o braço pelos ombros dela.

— O que eu estou fazendo aqui? — perguntou ela. — O que estou fazendo longe dos meus filhos?

* * *

OS FILHOS NÃO ESTAVAM ASSUSTADOS só porque Hattie tinha partido, mas porque ficaram sozinhos com August. Na sala, os meninos e as meninas estavam com muita fome. August estava escondido na cozinha havia horas.

— Saíam todos daqui para eu poder pensar um minuto — dissera ele.

Nenhum deles tinha tentado interrompê-lo, mas já eram quase sete horas, e àquela altura eles já teriam jantado e estariam tirando os pratos.

Alice apareceu à porta.

— Papai — chamou.

— O que foi, garota? Estou tentando ficar aqui quieto.

— O que vamos fazer a respeito da missa de domingo amanhã? — perguntou ela.

— Missa de... — Era a última coisa que August esperava que Alice dissesse, mas afinal ela era uma criaturinha que já se comportava como adulta. — Bem — respondeu —, acho que vocês todos deviam ir.

— Mas as roupas de domingo não estão limpas.

— Então lave.

— Não tem sabão. Hoje era o dia de a mamãe fazer compras.

— Usem o sabonete do banheiro.

— Não se pode usar sabonete! Não tira as manchas e as roupas ficam duras.

— Bem, acho que as roupas podem ficar duras por um domingo.

— E também pinicam.

— Ah, Alice. Então acho que vocês não vão.

— Tia Marion diz que, se não formos, vamos todos para o inferno.

— Alice, você parece um pica-pau na minha cabeça. Você não vai para o inferno por faltar a uma missa de domingo.

Alice ficou na soleira da porta com ar indignado, ereta como uma estaca. August virou as costas para ela e se abaixou para examinar o conteúdo da geladeira, apesar de já ter contemplado as prateleiras vazias a maior parte da tarde. Não havia muita coisa: um pouco de manteiga, uma tigela de pêssegos fatiados, um pouco de toucinho. Ele imaginou que Alice voltaria para a sala. Mas ela pôs as mãos nos quadris.

— Está todo mundo com fome. Era o dia de a mamãe fazer compras — repetiu.

August estava prestes a perguntar onde Hattie guardava a comida enlatada quando Franklin começou a chorar na sala. August e Alice o encontraram ao pé da escada com um corte no lábio e um inchaço surgindo no joelho. Onde tinham se metido todos os outros quando esse garoto estava caindo da escada? Alice achou que era necessário dizer a August que Franklin poderia ter quebrado o pescoço. Como se August não soubesse que aquelas crianças podiam se matar com a mãe ausente. Pegou um lenço do bolso de trás da calça e enxugou o sangue do rosto de Franklin. Viu uma mancha na bochecha do garoto, mas todos os dentes estavam no lugar e nada parecia quebrado, por isso os três voltaram para a cozinha.

August disse, com o máximo de entusiasmo que conseguiu:

— O que vocês querem para o jantar?

Alice sugeriu usar o toucinho para preparar favas cozidas, mas quando August perguntou se ela ajudaria, Alice corou.

— Eu não sei fazer isso — falou. — Além do mais, estamos sem favas.

— O que você quer dizer com não sabe fazer?

— Quero dizer que não sei fazer.

— O que você tem feito todas as noites na vida enquanto sua mãe prepara o jantar?

Alice deu de ombros.

— Sua mãe não ensinou todas vocês a cozinhar?

August soltou um assobio baixinho.

— Você sabe que ela não gosta de ninguém na cozinha.

Hattie tinha organizado as coisas de modo que ninguém na casa além dela soubesse como fazer qualquer coisa. Pior, August não soube disso até aquele exato momento. Devia haver um monte de coisas que ele não sabia.

— Saia daqui e leve Franklin. E não tire os olhos dele. Quando você menos espera, ele sai correndo entre os carros.

Quando Alice saiu do recinto, August procurou uns trocados no bolso. Vazio. Tudo bem, pensou. Hattie tinha uma lata com dinheiro de emergência na prateleira do alto da estufa. August tirou a tampa. Uma solitária moeda de cinco centavos. Pensou em lugares da casa onde pudesse encontrar algum dinheiro — nos bolsos de paletós ou de calças, mas tinha gastado os últimos trocados para comprar cigarro na noite anterior. Poderia ir até a sala e procurar debaixo das almofadas do sofá. Na frente de todos aqueles filhos famintos, poderia vasculhar a mobília em busca de algumas moedas.

— Floyd — gritou em direção à sala de visita. — Floyd!

August remexeu nas gavetas da cozinha, para o caso de alguma moeda ter caído atrás dos talheres. Esse garoto estava demorando.

— Floyd! — chamou outra vez.

August examinou o conteúdo dos armários — um saco de farinha, um pouco de sal e um pacote de ervilhas secas que demorariam horas para ser preparadas, mesmo se August soubesse como cozinhá-las — e pôs tudo na bancada, como se pudessem se combinar magicamente numa refeição para os filhos.

Floyd entrou e encostou-se no batente da porta.

— Você não teve a menor pressa para atender, não é?

O tom de August foi ríspido.

— Alice disse que você estava me chamando — retrucou.

— Vá até a casa da tia Marion e veja se ela pode vir até aqui, ou se tem algum frango pronto ou coisa parecida — falou August. — E não conte para ninguém.

Floyd lançou um olhar para o pai e para os sacos de farinha e sal e saiu da cozinha sem dizer nada. Os ruídos na sala ficaram mais altos. August ficou olhando os alimentos sobre a bancada até os gritos dos filhos ficarem tão urgentes que ele não pôde mais ignorar.

Chegou à sala no momento em que Alice e Billups trocavam empurrões. As crianças correram para ele assim que apareceu:

Billups empurrara Alice. Quem estava tomando conta de Franklin? Ele tinha caído de novo porque ninguém estava prestando atenção. E o jantar? E será que August sabia que Floyd tinha saído para ir a algum lugar apesar de ser o mais velho e o maior e devesse estar tomando conta da gente? August olhava de um para outro. Alice, com a voz mais alta que os outros, gritou:

— Onde está a mamãe?

As crianças ficaram em silêncio.

August não conseguia pensar numa mentira em que eles acreditassem, por isso ficou com a primeira que lhe veio à cabeça:

— Ela saiu para ajudar tia Marion, que não está se sentindo muito bem.

— Mas Floyd acabou de... — começou Alice.

August a fulminou com um olhar que pareceu uma punhalada no peito. Isso a calou. Bell sentou-se no banco da janela e apoiou a cabeça no queixo. Olhou direto para August e começou a chorar. Lágrimas pesadas e silenciosas escorreram pelas faces, e ele soube de imediato que ela devia ter entreouvido alguma coisa — não se pode esconder nada numa casa cheia de crianças. Devia fazer alguma coisa por ela, mas não conseguia. Não tinha coragem de olhar naqueles grandes olhos, com toda aquela tristeza. Meu Deus, que criança triste. August a ignorou e se sentiu um covarde.

— Por que mamãe levou o bebê junto com ela? — perguntou Billups.

Bell olhou para o pai quando ele não respondeu na hora. Enxugou as lágrimas e disse:

— Porque Margaret é pequenininha e a mãe tem que amamentar ela.

— Por que você simplesmente não diz que nós não vamos jantar hoje? — quis saber Alice.

— É assim que se fala com os mais velhos? Olha que eu te dou uma surra! — August nunca tinha batido em nenhum filho. As palavras pareceram estranhas saindo de sua boca. Alice não se

mexeu. Nem hesitou. — Você me ouviu? Ouviu o que eu disse? — gritou August. — E não quero ouvir mais nem uma palavra de vocês. Calem a boca! Todos vocês, calem a boca!

August subiu a escada de dois em dois degraus e bateu a porta do quarto atrás dele. Puxou as gavetas da cômoda e virou-as no chão. Com certeza Hattie tinha outro esconderijo com algum dinheiro de emergência, talvez notas enfiadas numa meia. Levantou o colchão e olhou embaixo. Tirou as caixas de sapato do armário e revirou os bolsos dos casacos de Hattie. Quando terminou, o quarto inteiro estava coberto de roupas e sapatos, os travesseiros no chão e o colchão fora do estrado. August sentou-se no chão sobre uma pilha de chinelos de Hattie. Esfregou um dedo no tecido e levou ao nariz. Tinha o cheiro dela: óleo de móveis e manteiga de cacau. Jesus, Hattie, pensou, eu nunca trouxe uma mulher para casa, não faço nada que outros homens não façam. Nunca fiquei longe desta casa. Nunca faria isso. August jogou o chinelo no chão e saiu do quarto pisando forte.

A situação na sala tinha degenerado. Deus, como Alice era parecida com a mãe, sem tirar nem pôr, com oito anos já a caminho dos quarenta, os lábios apertados e o olhar acusador. O chão estava coberto de embalagens de balas; o prato na mesa lateral, vazio. Franklin estava no chão lambendo um caramelo que segurava entre os dedos. August pretendia dizer que sentia muito, mas não haveria jantar naquela noite, que eles tinham tomado um bom café da manhã. Ia dizer que Hattie não voltaria para casa naquela noite, para não perderem tempo olhando a porta de entrada. Mas perdeu a coragem e ficou no meio da sala em silêncio, o olhar fixo na parede em frente para não ter que encarar os filhos. Eles ficaram esperando que falasse alguma coisa, mas August, de cabeça baixa, contornou Franklin, fez um grande círculo ao redor do sofá onde estava Alice e andou em direção à sala de jantar.

— Todo mundo para a cama — resmungou.

August saiu da casa e sentou-se nos degraus do fundo. Os ruídos da casa atravessavam a porta de tela. Ouviu Bell forçando os mais novos a ir para a cama. Fumou dois cigarros. Depois do terceiro, Bell chamou:

— O sr. Greer está na porta perguntando por você!

August forçou os olhos para enxergar o relógio à luz que passava pela tela. Nove. A hora certa de ir para a boate.

— Diga que hoje eu não vou.

— Ele disse que quer...

— Mande-o embora!

August tinha planos de ir ao Latin Casino naquela noite. Uma big band ia tocar; ele e os amigos vestiriam uma roupa elegante e ficariam perto do bar no fundo do clube. Depois, iriam ao balcão onde o barman tinha uma garrafa de uísque de milho do Tennessee escondida numa banheira de gelo. August não bebia muito, mas gostava de sentir o copo na mão. Gostava de bebericar alguma coisa no decorrer da noite. Claro, ele conheceria uma mulher que o faria rir. Dançaria com ela até os ombros ficarem úmidos de suor. Levaria a mulher para casa, daria um beijinho no rosto e a deixaria na porta, já pronta para o próximo encontro. Quando a visse de novo, eles se beijariam um pouco mais, e assim começaria um novo caso. Essas mulheres não significavam nada. Só tornavam a vida mais suportável dia após dia.

A casa estava em silêncio. As crianças provavelmente estavam chorando na cama — caso tivessem ido para a cama. August não conseguiu reunir coragem para subir e verificar. E se ainda estivessem acordadas? Seria igualmente terrível se estivessem deitadas com o rosto sujo e o pijama mal abotoado, coisas que não aconteceriam se Hattie estivesse aqui.

Hattie deve estar na estrada a essa hora, pensou August. *Eles* devem estar na estrada. Ela disse que iam para Baltimore. O tal Lawrence tem uns parentes por lá. Hattie pretendia buscar as crianças assim que se estabelecesse. August a xingou quando ela

disse isso. Falou que poria fogo na casa, mas não deixaria nenhum filho ir morar com ela e um preto desqualificado.

Uma melodia lhe veio à cabeça, uma música que Cassie tocava no piano na casa de Marion anos antes. Ela dissera que era russo. As meninas sabiam um monte de coisas de que ele e Hattie nunca tinham ouvido falar. Bell estava sempre lendo alguma coisa. Às vezes deixava os livros escolares em cima da mesa da sala e, tarde da noite, quando voltava de alguma boate ou de alguma mulher, August se sentava e lia. Topou com um poema de que gostou tanto que voltou a ler noite após noite: *Essa é a hora de chumbo/Lembrada por quem sobrevive a ela*. Não conseguia se recordar do título nem de nada além daquelas duas linhas. Achava que nunca entenderia bem nenhuma das belezas deste mundo.

Acendeu outro cigarro na ponta do que acabara de fumar. Floyd não tinha voltado. Provavelmente nem fora à casa de Marion. Melhor assim, pensou August, Marion teria vindo aqui e se comportado como se eu fosse alguma coisa grudada na sola do sapato dela.

Mulher tola, e tacanha. Marion deveria ter dado o piano para ele e Hattie — ninguém sabia tocar além de Cassie; desde que parara de ir lá praticar, o instrumento só fazia acumular poeira. Cassie tinha talento com aquele piano. Um dia August foi buscá-la na casa de Marion depois da escola, e não é que ela estava tentando tirar “Take the ‘A’ Train”? Disse que tinha ouvido no rádio — que coisa! Não demorou muito para Hattie dizer que Cassie não ia mais estudar piano, nem mesmo com a mulher da esquina considerando a menina tão boa a ponto de oferecer aulas de graça. Hattie disse que não era prático uma garota negra ficar enchendo a cabeça de música.

— O que ela vai fazer com isso? — perguntou.

Não havia razão de desmanchar o sonho de uma criança daquele jeito. E daí que não fosse prático? Cassie tinha só doze anos na época. Depois de todos os problemas enfrentados por August para

morar aqui na Filadélfia e ter uma vida melhor. No mínimo, uma vida melhor deveria significar uma criança poder fazer algo que não tivesse propósito a não ser fazê-la sorrir. Disse para Hattie deixar como estava. Hattie falou que passar as noites no bar e ter bom gosto com paletós não habilitavam August a tomar decisões quanto às crianças.

August passou pela casa na ponta dos pés e tirou uma garrafa do aparador. Ficou na sala de jantar bebendo e atento aos sinais de que algum filho ainda estivesse acordado. Se foram deitar, não foi por ele ter mandado, mas por estarem com muito medo e confusos demais para fazer qualquer outra coisa. Sempre que ele os mandava fazer alguma coisa, todos olhavam para Hattie para ver se tinham de obedecer. August era tratado como um tio bobão que aparecia para brincar com eles, mas sem maiores consequências. Saía de casa todas as noites, certo, mas por que não sairia? Ele trabalhava, quando podia, e sempre deu a Hattie a metade do que ganhava, ou perto disso. Muitos homens que August conhecia tinham uma vida particular fora de casa. Diabo, August conhecia homens que tinham mulheres e filhos que nunca viram nem pretendiam ver.

Antes de August se casar com Hattie, seus amigos o alertaram que uma garota clara como ela ia infernizar a vida dele. Senhor, como ela era bonita. Não tinha mais de quinze anos quando começaram a namorar, mas já era uma dama. Metade do tempo ela o olhava como se ele tivesse acabado de sair rastejando de um pântano. Só gostava de August por ele ser um segredo que a mãe não sabia, e por se empolgar em sair com um garoto do interior que ela considerava estar abaixo dela. Se tivesse um bandolim e um capim de trigo entre os dentes, ela teria se apaixonado por ele no ato. Mas a mãe dela era outra história. Poderia derrubá-lo como um cedro-do-líbano. A mulher não deixava Hattie e as irmãs fazerem nada. Hattie era inquieta. Mesmo quando estava parada, o pé batia no chão, os dedos tamborilavam o braço da cadeira. Quando

conseguia escapar da mãe e dar uma volta com August, os olhos nunca paravam nele por mais de alguns segundos. Estava sempre observando a rua ou alguma outra coisa. August deu a Hattie uma echarpe de presente, mas, como não podia levar para casa, ela a escondeu numa caixa debaixo da varanda. Ela adorava aquela echarpe; disse que era tão macia na pele do rosto, lembrava a brisa do primeiro dia da primavera. Estranho ela se mostrar tão fantasiosa assim. Claro que o resto do tempo era tão severa e bem-comportada que mal se permitia rir. Mesmo assim, Hattie o fascinava, e August fez com que ela gostasse um pouco dele. Uma noite a levou até a casa do irmão, onde ela fez com ele o que as outras garotas faziam. Depois de concluída a conquista, a vibração diminuiu dos dois lados. Hattie não ligou muito quando ele parou de aparecer com tanta frequência.

Hattie disse a August por carta que estava encrencada. Ele não a via fazia semanas, mas, assim que leu a carta, foi correndo até a casa dela. Ele tinha dezessete anos. Não sabia o que queria fazer da vida porque nenhuma das opções parecia muito boa. Quando Hattie disse que estava grávida, August decidiu na hora que queria ser um homem de família. Seria eletricista e se casaria com Hattie, que era, afinal de contas, uma das garotas mais bonitas de Germantown. Ela iria amansar quando se afastasse da mãe. Os dois ficariam juntos na varanda nas noites de verão, bebendo leite e olhando as estrelas. Seria uma vida correta. Então ele foi à casa de Hattie e falou com a mãe dela, que já sabia, ele imaginou, pois olhou para ele como se quisesse fincar um picador de gelo em seu peito. Quando estava saindo da casa, ouviu a mãe dizer que Hattie tinha arruinado a própria vida. Eu não sou ruína de ninguém, pensou August. Agora lá estavam eles vinte e dois anos depois, e talvez ele tivesse arruinado a vida de Hattie, ou ela tivesse arruinado a dele. Refletiu se Hattie teria continuado com ele se a mãe não tivesse morrido poucos meses antes do nascimento dos gêmeos. As mulheres faziam essas coisas, cansavam dos maridos e

voltavam para as mães. Será que Hattie só ficou por não ter outro lugar para ir?

Era culpa de Hattie o fato de ela se sentir tão infeliz. Como poderia esperar que ele não se afastasse um pouco se ela era sempre tão brava? Ele não a entendia. Algumas noites, ficava ao seu lado na cama encolhida como um punho cerrado, e em outras eles se pegavam até o amanhecer — ela arranhava as costas dele e mordía seus ombros, e os dois enterravam o rosto nos travesseiros para as crianças não ouvirem. Mas os dias eram sempre iguais, Hattie não retribuía os seus sorrisos, afastava-o quando tentava tocá-la. Ela trepava com ele — era só como ele podia definir —, mas não sentia nenhum carinho. Será que não percebia que August também ficava magoado? Ele também nunca tinha superado Filadélfia e Jubileu. Ou que Six quase tivesse morrido queimado, e que aquilo houvesse perturbado tanto a cabeça do garoto que ele tivesse mandado aquele Avery para o hospital. Quando era jovem, August não sabia o que desejava para a vida de seus filhos, mas com certeza não era isso. Sabia que deveria ter feito mais por eles, deveria fazer mais, mas também sabia que o jogo tinha as cartas marcadas. Não conseguia entender por que Hattie não admitia isso. Ela punha a culpa em August. Nem por um minuto deixou de pensar que ele era a causa de tudo de ruim que acontecia, e August nunca deixou de esperar que uma manhã acordaria e provaria que Hattie estava enganada. Se ela deixasse de odiá-lo por um dia, por uma hora, ele teria a força para fazer a coisa certa. Essa era a vida que os dois tinham. Ninguém podia saber isso melhor do que eles. Eles deviam um ao outro o compromisso de ficar juntos. Era o vínculo entre os dois.

A porta da frente abriu e fechou outra vez.

— Hattie?

August correu até a sala de jantar.

Bell estava na escada.

— O que você estava fazendo lá fora numa hora dessas? — perguntou August.

— Fui dar uma volta.

— Já é quase meia-noite!

Ela olhou para os próprios pés. August sabia que deveria largar a garrafa. Devia perguntar se ela tinha visto Hattie e ele brigando e descobrir uma forma de fazê-la se sentir melhor.

— Vá logo para cama — falou, voltando à sala de jantar. — Não é hora de garotinhas saírem na rua.

Bell foi atrás dele.

— Posso ficar um pouco com você? — perguntou.

— Acho que você precisa descansar um pouco.

— Acho que a mamãe não vai voltar.

August desabou numa das cadeiras.

— Não dá para dizer.

— Não vai, não.

— Por que está dizendo isso?

— Eu sei e pronto — respondeu Bell. — Eu vi os dois.

— Você viu quem?

— Mamãe e aquele homem.

— Onde você viu os dois?

— Na rua.

— Hoje?

Bell negou com um gesto de cabeça. August podia sentir o efeito do álcool em seu organismo.

— Bom, que droga, talvez ela não volte mesmo.

Bell começou a chorar. August pensou em assobiar uma canção ou dizer algo para fazê-la rir. Mas para quê?

— Vamos simplesmente ficar aqui e dar uma boa chorada. Não há muito mais a fazer.

Bell sentou-se ao lado do pai, encostou a cabeça no ombro dele e chorou. August acendeu um cigarro e acariciou o braço dela enquanto fumava. Havia uma picada de mosquito no braço da filha,

que ele esfregou com o indicador até ela gemer e pedir para parar. Bell adormeceu.

— Estamos bem encrencados agora — sussurrou para a filha adormecida.

* * *

ELES ESTAVAM A POUCOS quilômetros de Baltimore. Hattie não dissera uma palavra desde o momento em que a polícia rodoviária os ultrapassara. Segurava Ruthie deitada no colo, a cabeça descansando na curva do braço. Continuava a embalar a menina, mesmo já adormecida. Lawrence não conseguia ver afeto na maneira como Hattie lidava com a filha — era como se estivesse mexendo um caldeirão de sopa. Quantos filhos uma mulher poderia amar de verdade? Lawrence era um entre quinze irmãos, e sempre lhe pareceu que a mãe o considerava mais um estômago roncando de fome, mais dois pés desgastando os sapatos do ano anterior. Lawrence deu de ombros e continuou dirigindo. E o que mais ela podia ter feito? Eram filhos demais. Ruthie é uma entre os muitos filhos de Hattie, pensou. No meio de todos aqueles filhos, que lugar haveria para ela?

Veja a maneira como Hattie segurava a filha — como se Ruthie fosse qualquer um, apenas um bebê que precisava ficar no colo. E se Hattie não conseguisse amar mais um filho? Talvez tenhamos uma quantidade finita de amor para dar. Nascemos com a nossa porção, e ela se esgota se amamos e não somos amados o suficiente. Lawrence não tinha amado o bastante. Havia se recusado a usar sua parte, e agora isso estava transbordando, forçando os limites. Ele poderia explodir com isso; poderia estourar como um balão.

— Estamos quase lá — comentou Lawrence.

E daí que estivesse reduzido aos últimos dois dólares? Iria cobrar uma dívida assim que chegassem à cidade e isso os sustentaria até o próximo jogo. Alugaria uma casa para morarem em uma semana. Menos de uma semana, imaginou Lawrence.

Para Hattie, ele disse:

— Voltaremos para a Filadélfia para buscar todos. Aposto que os pirralhos nunca andaram de trem. Vamos morar numa casa com um quintal grande, talvez um balanço. Você nem acredita na varanda que...

— Você pode parar com isso? Por favor, pare de falar um minuto! Eu não aguento mais!

— E que tal você começar a falar, Hattie? Que tal deixar de ficar aí imóvel como uma múmia e agir um minutinho como se estivesse feliz de estar comigo?

Lawrence não queria ter aumentado o tom da voz, mas ela era tão... Será que não entendia o sacrifício que ele estava fazendo? Claro que, se quisesse, ela poderia abrir um sorriso, dar algum estímulo.

Hattie respirou fundo.

— Quando eu era menina, meu pai levou a gente para conhecer uns parentes dele perto de Savannah — falou. — Era um pedacinho de praia rochosa reservado para os negros. Mamãe não deixou a gente nadar, mas saiu para fazer alguma coisa e eu levantei a saia e entrei na água.

Hattie cobriu o joelho rechonchudo de Ruthie com a palma da mão.

— Meu primo Coleman chegou por trás e espirrou água no meu vestido inteiro. Ele sabia nadar, por isso continuou fazendo seus truques. Flutuava de costas e cuspiam água para cima como uma fonte, e quando mergulhava nós víamos as pernas dele saindo da água como estacas marrons. Depois boiava com os braços ao lado do corpo e a cabeça logo acima da superfície. Fiquei tão encantada! Era como se ele moldasse a água para se erguer e depois

desaparecer outra vez. Ficou repetindo isso e era tão engraçado, mas depois ele mergulhou e não subiu mais. Fiquei na parte mais rasa esperando ele subir e me ameaçar com garras de caranguejo, mas meu primo nunca subiu. De repente todo mundo estava gritando e correndo. Olhei para a praia atrás de mim, e mamãe estava segurando a mãe de Coleman para ela não ir atrás dele. Eu saí e fiquei na praia. Pouco depois um homem saiu da água carregando Coleman, e eu sabia que ele tinha se afogado. Um afogamento não é o que a gente pensa que é. Você entende o que estou dizendo? — Hattie olhou para Lawrence. — Eu disse hoje de manhã. Disse que não vou deixar que me façam de boba duas vezes.

— Ninguém está se afogando, Hattie. Eu estou aqui para ajudar você.

— Me ajudar? Eu não preciso de ajuda, Lawrence. Preciso de um porto seguro numa tempestade.

Lawrence tinha passado a vida cuidando do imediato, das coisas básicas necessárias para a sobrevivência — casa, comida, dinheiro. Hattie era incompreensível. Sempre havia um afogamento, um porto seguro ou alguma coisa grande que não podia ser consertada e na qual não se deveria pensar. O que importava era o agora — este carro, esta estrada, chegar a Baltimore. Sempre considerou a insatisfação de Hattie uma coisa bonita, como uma música triste, mas talvez ela fosse apenas triste e pesada. Demais para ele. Como poderia cuidar de uma mulher assim, que não conseguia se deixar cuidar porque estava sempre pensando no porquê das coisas? Mas Lawrence não era homem de complicar ainda mais uma situação complicada. Não tinha chegado até ali metendo o nariz onde não era chamado. Melhor ficar calmo e tranquilo e levar aquilo com jeitinho.

— Nós dois estamos nervosos. Só isso — falou. — Só estamos um pouco tensos.

— Claro — concordou Hattie. — Só estamos um pouco tensos.

* * *

AUGUST CHEGOU TARDE na noite anterior à partida de Hattie. Acordou na manhã seguinte com o sol batendo em seu rosto como dois punhos. A casa estava em silêncio, e ele desceu à cozinha esperando que Hattie tivesse saído. Mas lá estava ela, sentada à mesa da cozinha com Margaret no colo. Hattie mal olhou quando ele entrou.

— Como ela está hoje? — perguntou ele.

— Está ótima, August — respondeu ela.

August começou a revirar os armários.

— Não faça bagunça nos meus armários procurando café — disse Hattie.

— Deixe-me pegar a garota.

Ela o ignorou, continuou segurando Margaret com uma só mão enquanto procurava no armário com a outra.

— O dinheiro da conta de luz não está na lata — observou Hattie.

— Vou deixar aí no meu próximo pagamento.

Hattie acomodou Margaret no cestinho em cima da mesa.

— Já está um mês atrasada — falou.

— A companhia de energia pode esperar mais uma semana. Eles não vão falir por causa disso.

— Mas vão cortar a luz em uma semana.

— Você não tem um dinheirinho guardado em algum lugar? Só até eu receber?

— Não, August. Não tenho.

— Eu pago na semana que vem.

— Não, não paga, August. Você nunca pagou. Você pega todas as moedas que eu economizo.

— Não é um pouco cedo para isso, Hattie?

— Já é meio-dia!

Hattie encontrou a lata de café e a jogou na bancada.

— Eu tenho uma ideia: talvez você possa pedir um empréstimo nesse bar que frequenta — seguiu. — A essa altura eles te devem alguma coisa. Todas as roupas que meus filhos não estão usando e os sapatos que não estão nos pés deles pagaram a conta de luz do bar.

— Não comece. Eu não estou a fim.

— Eu *também* não estou a fim. E com certeza não estou a fim de ficar no escuro na semana que vem. Arranje um jeito de conseguir esse dinheiro — enfatizou Hattie.

— Você não podia esperar até eu tomar um gole de água para começar essa confusão comigo? Já estava aqui sentada, só esperando.

Ele começou a andar em direção à porta da cozinha. Falou por cima do ombro:

— Não tenho mais onde arranjar dinheiro, Hattie. É a semana que vem ou nada.

Quando estava chegando à porta, sentiu uma lufada de ar. Alguma coisa grande e preta passou perto dele.

— Você ficou louca, mulher!

A frigideira de ferro batido não o acertou por centímetros, batendo na parede do outro lado. Caiu no chão com um barulho que pareceu um acidente de automóvel. Margaret gritou.

— Você enlouqueceu? Podia ter arreventado minha cabeça! — O reboco rachou no lugar onde a panela tinha batido. — O que deu em você, Hattie? Acalme-se. Temos um bebê no recinto.

Aproximou-se para pegar Margaret no cestinho.

— Não toque nela — falou Hattie.

— Hattie, pare com isso. Ela está se acabando de tanto chorar.

— Não toque na minha filha!

— Que droga, Hattie, ela é minha filha também, e está berrando tanto que vai acabar derrubando o teto, e você fica aí fazendo besteira em vez de cuidar dela!

— Ela não é sua filha! Não é sua filha e não quero que toque nela!

Hattie levantou a mão como se fosse tapar a boca. Seria a coisa certa a se fazer, empurrar aquelas terríveis palavras de volta garganta abaixo. Mas ela não fez isso, e as palavras ficaram pairando entre os dois. Margaret continuava chorando. O instinto de August era pegar a filha no colo; sempre soubera lidar com choros de bebês. Queria tirar Margaret do cestinho e embalá-la um pouco. Queria cantar para ela até que dormisse. Hattie está falando isso por falar, pensou August. Só está brava e dizendo coisas estranhas. Mas havia lágrimas no rosto dela. De repente August se sentiu muito cansado. Queria se sentar à mesa e descansar a cabeça nas mãos.

— Pare com isso, Hattie. Pare com isso antes de dizer alguma coisa de que pode se arrepender.

— Já está dito, August.

— Isso que você disse é uma nojeira. Não devia falar desse jeito.

Esperou que ela se retratasse, que admitisse que dissera aquilo só por maldade e despeito. Vamos, Hattie, não me faça chorar como um bebê aqui na cozinha.

— Hattie?

Ela balançou a cabeça de um lado para outro. Pegou Margaret no colo e esfregou suas costas com a palma da mão. August teve a impressão de que agora ela segurava Margaret com mais firmeza, parecendo mais protetora do que antes, como se dissesse: “Esta filha é minha, não sua.”

— Quem? — perguntou August.

— Você não conhece. Não importa.

— Não importa? Você abriu as pernas! Agiu como uma puta com outro homem, e não importa?

— Não fale comigo desse jeito, August.

— E ainda tem fingido que a menina é minha filha! Estou botando roupas no corpo e comida na barriga dela e você agora me diz como devo falar com você?

— Quem é você para me julgar? Eu vivo com um mulherengo que sai todas as noites da semana. Economizei dinheiro para dar entrada em duas casas e acabei gastando em contas de luz e roupas para as crianças. Tenho trabalhado como uma mula há vinte e cinco anos. Desde que abro os olhos de manhã até deitar à noite, você me faz infeliz. Pense nisso antes de me ofender.

— Pegue essa menina e saia da minha casa.

— Eu vou, mas vou levar meus filhos comigo.

Então August disse que preferia botar fogo na casa. Saiu da cozinha e subiu a escada. Quinze minutos depois estava vestido e batendo a porta ao sair. Não sabia o que fazer a respeito de nada daquilo, mas não achou que ela iria embora. Quando voltou algumas horas depois, foi para encontrar tudo vazio e um bilhete de Hattie em cima da cama:

O nome dele é Lawrence Bernard. Só estou dizendo para o caso de acontecer alguma coisa com as crianças e você precisar me localizar. Estou indo para Baltimore. Volto depois para buscar meus filhos. Mandei todos ao parque. Pode deixar recados para mim com Marion.

August não conseguia entender como Hattie tinha mandado os filhos para o parque sem dizer que estava indo embora e sem preparar nada para o jantar.

* * *

LAWRENCE SAIU DA RODOVIA e pegou a entrada para Baltimore. A linha do horizonte estava baixa e as luzes não eram tão brilhantes nem tão numerosas como as da Filadélfia. Dava a impressão de que a cidade difusa era um reflexo do estado de coisas entre ele e Hattie. Porém, por mais zangado e desanimado que se sentisse, Lawrence surpreendeu-se ao constatar que estava com medo de Hattie se

decepcionar com Baltimore, que não quisesse ficar lá ou ficar com ele.

— Podemos fazer um passeio pelo porto. É bonito à noite, com os navios — falou. — Só preciso dar uma parada rápida na estação ferroviária.

— Na estação? Lawrence, eu estou cansada.

— Ou podemos ir até Federal Hill. Para você ter uma noção do lugar. Talvez se lembre da casa da sua família. Estamos no Sul, as pessoas são amistosas.

— As leis Jim Crow não são nada amistosas, se bem me lembro — disse Hattie.

Enquanto dirigia, Lawrence ia falando os nomes das ruas por onde passavam: Light Street, North Charles e Calvert. Era uma bobagem tagarelar sobre aqueles lugares, mas, se parasse de falar, as apreensões dele e de Hattie preencheriam o silêncio como uma inundação.

— Lawrence — falou Hattie —, eu estou muito cansada e Ruthie precisa dormir. Vamos logo para o lugar onde vamos ficar.

— Tem razão. Tudo bem. Nós temos todo o tempo do mundo.

Arriscou-se a pôr a mão no joelho dela. Hattie não a afastou.

— É tudo tão tranquilo... — comentou Hattie. — Eu nunca tenho tranquilidade em casa, a não ser no meio da noite. Agora nem isso. — Deu uma olhada para Ruthie. — Ela acorda a cada três horas.

Lawrence ouviu uma urgência crescente na voz dela. Massageou a sua coxa para acalmá-la. Hattie girou tão abruptamente na direção dele que quase largou o bebê.

— Alguém sempre quer alguma coisa de mim — falou quase num sussurro.

Lawrence continuou olhando para a frente. Não se atrevia a encarar Hattie para não revelar seus sentimentos. Depois, disse baixinho, hesitante:

— Se quiser dar um tempo, a gente pode esperar um pouco antes de trazer os seus filhos...

Tentou não mostrar alívio na voz.

— Não! Não! — contestou Hattie. — Eu não quis dizer...

— Nem eu! — exclamou Lawrence, embora estivesse dizendo isso mesmo, e tinha certeza de que ela também.

Continuou dirigindo por avenidas vazias, virando aleatoriamente nessa ou naquela rua. Não sabia bem por que estava postergando.

Após um tempo, falou:

— Só precisamos fazer aquela parada na estação.

— Não dá para ir direto para essa pensão? Eu estou tão cansada...

— Só um minuto, não vai demorar nada.

— Para quê?

— Preciso falar com um homem sobre o trabalho como carregador.

— A esta hora?

Lawrence estacionou em frente à Estação Pensilvânia.

— Já chegamos — falou.

— Acho que é melhor eu ir também — disse ela.

— Vai ser só um minuto.

— Qual é o problema, Lawrence? Você quis vir aqui. Agora me deixe esticar as pernas e usar o toailete.

Eram quase dez horas, a rua estava praticamente deserta. Lawrence andou alguns passos à frente de Hattie.

— Por que está andando tão depressa? — perguntou ela.

O que estou fazendo? Perdendo a compostura, pensou Lawrence.

Havia pouca gente no saguão principal: um homem no guichê de passagens, outro esfregando o chão e uma mulher com uma bandeja cheia de copinhos e uma garrafa térmica. Os olhos de Hattie estavam vermelhos e inchados, o cabelo achatado atrás. A saia estava amarrotada. Ela tentou alisar a saia com a mão livre. Parecia uma garotinha, toda amassada e assustada, e de alguma forma parecia menor sob o teto alto da estação. Lawrence mostrou o banheiro feminino para negras e disse para ela esperar perto do guichê de passagens quando terminasse.

— Achei que você ia ter só uma conversa rápida — falou ela.

Lawrence já estava se afastando e fingiu não ter ouvido a observação. Saiu para o saguão e entrou num pequeno corredor onde havia uma banca de jornal e uma tabacaria que estavam fechados. Lawrence bateu duas vezes na porta.

— Quem é vivo sempre aparece! — exclamou o homem que atendeu.

— O que tem de bom, Scoot? — indagou Lawrence.

— Tem jogo lá embaixo. Achei que você só vinha amanhã.

— Eu não vou poder ficar, Scoot. Mas preciso daqueles cinquenta que você me deve.

— Eu não tenho. Nós ainda não começamos.

Scoot riu.

— Eu sei que alguma coisa você tem.

— Só o que vou apostar. Você sabe que não posso ficar sem dinheiro antes de um grande jogo.

Lawrence começou a bater o pé.

— Pode bater o pé quanto quiser. Você precisa entrar nessa. Ray está lá embaixo com todo mundo — falou Scoot.

Os melhores de Baltimore estavam lá. Lawrence poderia ganhar uns quinhentos dólares, talvez mais.

— Eu já disse que não posso ficar.

— Se está precisando tanto de dinheiro, vá até lá embaixo e veja o que tem na mesa.

— Não tenho tempo! — replicou Lawrence.

— Arranje um tempo. Qual é o problema com você?

Scoot andou até uma porta no fundo que abria para um lance de escada. Lawrence o seguiu até as vísceras da estação. O cheiro de carvão e motores esfriando era avassalador. Acima, motores desaceleravam e rodas de aço freavam nos trilhos. Lawrence e Scoot andaram por um corredor de teto baixo tão estreito que tiveram de caminhar em fila única. Viraram uma esquina e um fecho de luz se estendeu até os dois por uma porta entreaberta no fim do corredor.

— Olhe aí! — exclamou Ray quando Lawrence e Scoot entraram na sala.

Oito homens ao redor de uma mesa cheia de fichas empilhadas. Uma camada de fumaça de cigarros pairava como uma nuvem pesada sobre a cabeça dos jogadores. Uma mulher com um vestido verde justo espiava de um canto perto de uma mesa menor com comida, garrafas térmicas de café e uma garrafa de uísque. Sempre havia uma garota nesses jogos. Dali a algumas horas ela estaria cochilando de boca aberta. Eles iam mandar que subisse para pegar mais álcool ou cigarros, e todos os homens ficariam olhando seu traseiro rebolando sob o tecido do vestido. Lâmpioes a óleo foram pendurados no teto, e o fedor de querosene se somava à proximidade e ao calor e à fumaça.

Ray estava com a pedra da sorte ao seu lado na mesa. Acariciava-a distraidamente com o polegar. Uma pista fatal, pensou Lawrence. Ele não aprendia a manter aquela coisa no bolso.

— Senhores — saudou Lawrence.

Ray tinha fichas empilhadas à sua frente e um copo com água. Ele não bebia nem fumava, e era magro como um gato de rua. Lawrence pigarreou e enfiou o dedo no colarinho.

— Você vai jogar? — perguntou um homem que ele nunca tinha visto.

Lawrence olhou ao redor — o garoto que cuidava do dinheiro contava um maço de notas de vinte. Seiscentos, talvez setecentos dólares. Lawrence teria de acabar entrando no jogo, mas não hoje, não na primeira noite com Hattie. Claro, mais cedo ou mais tarde ela teria de se acostumar com suas ausências e suas saídas de madrugada. E era verdade que precisaria começar a viajar outra vez: para Nova York pelo menos uma vez por semana para jogos com apostas altas, às vezes para Washington, e teria que jogar na loteria ilegal para manter o fluxo de caixa entre as grandes tacadas. Nove bocas para alimentar agora. Lawrence deu outra olhada no

dinheiro — poderia até mudar Hattie para uma casa na segunda-feira.

— Vai jogar ou não? — perguntou Ray.

— Bem, eu não vim assistir. Mas tenho uns negócios a tratar antes.

Os jogadores se entreolharam.

— Como assim, negócios? Tem um sujeito que veio de Boston só para esse jogo. — Ray pegou sua pedra e balançou no punho. — Você quer que a gente fique esperando?

— Nós também temos negócios. Que merda — disse o jogador desconhecido.

Ray olhou para ele, o homem voltou a dedilhar as fichas. Ray se levantou. Deu um passo na direção de Lawrence.

— Você está atrasando o jogo, e sabe que não gosto de gente entrando e saindo. Isso não é uma feira. É melhor você se sentar logo.

A mulher de vestido verde falou:

— Ele chegou aqui com uma garota de amarelo e um bebê. Elas estão esperando. — Antes de Ray conseguir perguntar, ela acrescentou: — Eu vi eles entrando quando fui buscar café para vocês.

— Ah, você trouxe a sua mulher. Fala para ela vir também — disse Ray.

— Ela não é uma mulher desse tipo.

Ray deu risada.

— Você gosta das esnobes. Tudo bem. Você tem uma hora. Uma hora.

Os dois saíram da sala e Scoot empurrou duas notas de vinte na mão de Lawrence.

— Você lembra onde é a saída? — perguntou.

— Eu já vinha aqui quando você ainda nem tinha começado a andar — respondeu Lawrence.

— E você nunca mais vai andar se não estiver de volta em uma hora.

Lawrence poderia ganhar centenas de dólares naquela noite, o suficiente para comprar alguma mobília para os dois começarem. Poderia dar uma desculpa pela ausência. Dizer alguma coisa para acalmar Hattie. Por enquanto ela precisava pensar que Lawrence tinha parado de jogar — para o bem dela, para não se sentir insegura. Ia ficar brava, mas a pensão era agradável, e a sra. James prepararia um bom café da manhã para Hattie e brincaria com Ruthie.

Lawrence dava um passo de cada vez. Estava com aquela coceira na garganta que sentia quando jogava e sabia que ia ganhar. Nunca falhava — dava tudo certo quando Lawrence sentia aquela coceira. As coisas iam se acertar com Hattie. A apreensão que sentiu na viagem tinha sumido. Jogar cartas o fazia se sentir pleno, atento e otimista.

Deixou uma caixa de fósforos no trinco da porta da tabacaria para poder entrar quando voltasse. Hattie está me esperando, pensou Lawrence. Esperando a mim, não August. Não é demais?

Entrou no saguão principal.

— Hattie?

Ela não estava lá.

— Hattie? — chamou ele.

Hattie não estava perto do guichê nem nos bancos da sala de espera. Foi até os toaletes e ficou perto do banheiro feminino, escutando à porta. Uma torneira foi aberta. Que bobagem, pensou. Estou correndo por aí como um idiota e ela só está lavando o rosto. Lawrence voltou para o saguão. Hattie acharia que ele era louco se o encontrasse ao lado da porta do banheiro. Fixou os olhos no corredor de onde ela apareceria. Um minuto se passou, depois mais um, e finalmente o saguão foi invadido pelo tique-taque de saltos no piso de mármore.

Uma mulher com uma caixa de chapéu saiu do corredor. Ninguém veio atrás dela.

— Com licença, senhora — disse Lawrence. — Senhora?

A mulher pareceu assustada.

— Desculpe o incômodo, senhora. Mas minha esposa e minha filha estão me esperando e eu não posso... Será que poderia ver se elas estão no toailete?

A mulher olhou para ele, depois respondeu:

— Eu vi alguém, pouco tempo atrás. Acho que ela foi em direção à saída.

Hattie tinha saído para esperar no carro. Estava cansada, coitadinha. Provavelmente ela e Ruthie haviam dormido. Lawrence atravessou a rua e olhou dentro do Buick; não estavam lá.

Correu de volta para a estação. O bilheteiro dormia atrás do guichê. O homem acordou assustado e estreitou os olhos ao ver Lawrence. Parecia pálido sob as luzes fluorescentes, e algumas mechas de cabelo grudavam na testa suada.

— O que deseja? Não há mais trens esta noite — falou.

— Desculpe, senhor, mas será que viu uma mulher por aqui com um bebê? Há poucos minutos?

— Sim, vi — respondeu o bilheteiro.

— E o senhor sabe para onde elas foram? — indagou Lawrence.

— Filadélfia, acho. Compraram uma passagem para o trem das dez e vinte e cinco.

— Qual plataforma? — gritou Lawrence.

— São dez e trinta e seis; o trem já partiu.

— Qual plataforma?!

— Veja como fala comigo — ameaçou o homem, fazendo menção de se levantar da cadeira. — Plataforma nove, mas estou dizendo que o trem já partiu.

Lawrence saiu correndo. Não havia nada na plataforma nove: nem um carregador ou fiscal ou condutor de folga. Não conseguia nem ouvir o eco das rodas nos trilhos ou avistar o menor brilho das luzes

traseiras do trem. Uma insinuação de óleo diesel pairava no ar. Apesar de pretender examinar o carro em busca de um bilhete ou da valise de Hattie, Lawrence sabia que aqueles vapores de diesel eram só o que restava dela.

* * *

ÀS QUATRO HORAS DA MANHÃ a porta da frente se abriu e fechou. August olhou para a sala e viu Floyd tirando os sapatos no corredor. Aquele garoto estava no mau caminho, um homem adulto ainda morando em casa, e furtivo. Ninguém sabia por onde andava na metade do tempo. Mas August tinha uma boa ideia do que o filho andava aprontando. Teve uma visão de Floyd chegando em casa e dizendo que tinha engravidado uma garota, e daí nunca mais faria nada na vida e deixaria de tocar trompete. August tentou levantar, mas Bell estava com a cabeça em seu colo e suas pernas estavam dormentes depois de tantas horas na mesma posição.

— Floyd! — sussurrou August, tentando não acordar a filha. — Floyd!

Quando August conseguiu ficar em pé, Floyd já tinha subido a escada. August deixou Bell deitada na cadeira e foi até a sala de visita. Tomou o último gole da garrafa e fumou o último cigarro.

Nas horas que passou na sala de jantar, August não tinha resolvido nada. Não sabia ainda o que iria servir no café da manhã para as crianças. Não havia decidido se deixaria Hattie ficar com elas, ou se devia ir até Baltimore e enfrentar Lawrence. Imaginou o confronto, embora nunca tivesse visto Lawrence. Seria um bonito elegante de pele clara, e o sangue escorreria do nariz e da boca quando August batesse nele. Mas August achava que uma briga não iria resolver nada. Não conseguia suportar sua incapacidade de agir, o fato de precisar que Hattie voltasse e de ter de resolver o problema de Hattie tê-lo abandonado.

O andar térreo da casa cheirava a cigarro. August pensou que poderia continuar ali até amanhecer. Não conseguia encarar o quarto, mas teria de subir antes do amanhecer sob risco de as crianças descerem e o verem amarrotado, bêbado e indefeso.

Na rua, um motor reduziu a marcha. O brilho dos faróis varreu a sala de visita. Naqueles poucos segundos de iluminação, August viu as embalagens espalhadas pelo chão, sapatos perto da porta e o tapete dobrado num canto. Nada bom. As crianças não deveriam descer de manhã e ver a casa naquela bagunça. Fez força para se levantar da poltrona e começou a arrumar as almofadas do sofá.

A porta se abriu e lá estava Hattie, com Margaret num braço e a valise de viagem no outro. Parecia uma retirante.

Hattie entrou e fechou a porta. August estendeu o braço para acender o abajur perto do sofá.

— Deixe a luz apagada — falou Hattie. — Se não se incomodar.

Os dois ficaram frente a frente na quase escuridão, a luz do poste da rua entrando pela janela.

— Aquele homem deixou você aqui? — perguntou August.

— Não, eu vim de táxi.

— De onde?

— Da estação ferroviária.

— Onde ele está?

— Em Baltimore.

A coisa a fazer era berrar insultos, dar bofetões ou mandar Hattie voltar para a rua. Ela o tinha abandonado com todos os filhos. Estava com a filha de outro homem nos braços. Qualquer um concordaria que ele deveria fazer alguma coisa terrível, mas ela ficara fora por quinze horas, e nessas quinze horas a vida de August havia se esfarelado como um torrão de terra seca.

Bell entrou correndo na sala.

— Mamãe! — gritou, abraçando Hattie.

— Você vai acordar a bebê — disse Hattie, afagando o ombro de Bell. — Vá para a cama.

— Eu estava tão... — Bell estava quase aos prantos.

— Já é tarde — falou Hattie.

Quando Bell saiu, Hattie se virou para August.

— Eu não vou mais encontrar com ele.

— Por que você voltou? — perguntou August.

— Por causa dos meus filhos.

— Ele fez alguma coisa?

— Não me pergunte isso. Não me pergunte nada sobre ele. Eu nunca perguntei nada a você.

— Eu nunca fui embora de casa — replicou August.

— Você nunca teve razões para fazer isso — devolveu Hattie.

Sentou-se na beira do sofá com a filha no colo.

— Eu posso ir para a casa da Marion de manhã. Eu... não sabia aonde ir esta noite.

— As crianças ficaram apavoradas.

— Você acha que não sei a confusão que aprontei? Meu Deus, August, eu estou exausta.

— Você! — Não conseguia dizer que não tinha nem ao menos conseguido dar comida para as crianças sem Hattie. — Seria pior ainda para eles se você fosse embora amanhã outra vez.

— Isto aqui está com cheiro de bar. Você devia abrir as janelas — sugeriu Hattie.

August saiu pela sala abrindo as janelas, como Hattie pedira. Os aromas da noite entraram: o orvalho na grama, as latas de lixo do vizinho, os cravos nos vasos de Hattie na escada da frente.

— Você não deve pensar que está tudo bem entre nós. Não está nada bem entre nós — falou August.

— E alguma vez esteve, August?

— Não sei como vou olhar para Margaret todos os dias.

August ouviu um pequeno choramingo, um soluço que poderia ter vindo da menina, mas parou tão de repente que ele percebeu que era Hattie. Seu estômago queimava com o álcool. Ficou na frente dela e levantou os braços de lado. Não era um convite a um abraço,

era um sinal de resignação, como que dizendo: lá vamos nós; é só isso o que temos. Deixou os braços caírem e sentou-se no sofá com um gemido. Havia decepções demais para relatar, mágoas demais. Tudo estava além de castigo ou de perdão, além do que tinham infligido um ao outro, além do amor.

— Eu estou chamando ela de Ruthie — disse Hattie.

— Por quê?

— Eu quero... Gostaria que você também a chamasse assim.

— Ruthie — repetiu August.

— Por favor.

August aquiesceu na sala escura. Aceitou, apesar de Hattie não conseguir enxergar o gesto.

Ella

1954

ELLA ACORDOU chorando e não ia parar. Mesmo depois de Hattie balançá-la, trocar a fralda e dar de comer, de dar um torrão de açúcar para ela chupar e enrolar os pés dela num cobertor e esfregar a barriga para o caso de ser uma cólica que a deixava agitada. Três horas se passaram, três horas de gritos altos e agudos que teriam feito um cão uivar. As outras crianças não aguentavam mais. Saíram para a escola mais cedo, fugiram de casa com camisas mal abotoadas e cadarços desamarrados. August em vão embalou a filha nos joelhos, depois saiu para ir às docas, onde tinha arranjado um bom trabalho. De todas as manhãs, logo naquela arranjava trabalho.

— Volto lá pelo meio-dia — falou, já saindo pela porta.

Hattie ficou sozinha com a filha. O choro de Ella a deixava nervosa, a fazia se sentir desesperada, infeliz e amedrontada. Saiu com ela para a escada da frente esperando que o ar matinal acalmasse as duas. Eram quase nove horas e o quarteirão estava tranquilo, depois do movimento de crianças indo para a escola e mulheres a caminho dos ônibus que levavam à cidade, para os bairros dos brancos, os homens de terno e macacões rumando para uma loja, uma fábrica ou um prédio de escritórios. Hattie pensou ter sentido o cheiro de madeira queimando na brisa, embora não estivesse ainda frio o suficiente para acender as fomalhas, além de todas as casas das redondezas usarem carvão. O outono sempre a

fazia se lembrar das estufas que queimavam madeira de sua infância. Uma vizinha passou na rua. Acenou rapidamente com a cabeça e seguiu seu caminho.

Hattie realizou as tarefas da manhã com Ella amarrada ao peito por um lençol. Lavou a louça do café das crianças, limpou o mingau de aveia derramado na mesa e contou as poucas moedas para o leiteiro. Era importante fazer o que precisava ser feito, não importava o dia ou as circunstâncias. Tirou os sapatos de outono e inverno do armário do corredor e fez o revezamento que costumava fazer em outubro. Sapatos que ficaram pequenos para os filhos mais velhos iam para os irmãos mais novos, e os filhos mais velhos ganhariam um novo par quando houvesse dinheiro ou espremeriam os pés nos sapatos do ano anterior. Hattie alcançou a prateleira mais alta e puxou a caixa na qual guardava as minúsculas sandálias e os sapatos de couro macio de amarrar que Filadélfia e Jubileu usaram algumas vezes trinta e um anos antes. Eram os únicos sapatos da casa que nunca tinham sido doados ou reutilizados. Hattie sempre quis mandar pintá-los. Limpou os sapatos com pasta para couro e um pano macio que guardava na caixa para esse fim. Ella gostou do cheiro e parou de chorar.

Eram dez e meia quando terminou seus afazeres. Hattie tirou a filha do lençol amarrado e deitou-a ao seu lado na cama, mas suas pernas não paravam quietas, então se levantou para tirar o pó da cômoda. Flocos de poeira flutuaram na coluna de luz solar que entrava rasante pela janela. Ella levantou o braço e pegou uma peninha flutuante do edredom. No verão anterior, uma tempestade tinha soprado botões de corniso pela janela do banheiro, um tumulto de pétalas rosadas fazendo piruetas pela sala e aterrissando nos lençóis das camas e nos travesseiros achatados. Ella era nova demais para ter participado do deleite de Hattie.

Hattie aplicou um pouco de lustra-móveis na cômoda, a cômoda da mãe dela, e começou a esfregar o tampo. Anos antes, August deixara uma xícara de chá na superfície e manchara a madeira.

Hattie quase batera nele ao ver a mancha, quase batera. Ele prometera que iria lixar e fazer um novo acabamento. Sei.

Ella ficou no centro da cama; o queixo fincado na gordurinha ao redor do pescoço, aquele queixo com uma pequena covinha. Hattie cantou para ela enquanto polia o móvel: *Filhinha da mamãe adora pão, adora pão. Filhinha da mamãe adora pão doce.* A garota estendeu o braço — o braço esquerdo, pois ela queria se lembrar da filha nos mínimos detalhes. As unhas precisavam ser aparadas. Agora ela vai dormir, pensou Hattie, e vou ficar olhando para ela e imaginar que estou lixando suas unhas, essas mechas castanhas e a pele cor de avelã e a maneira como ronrona como um gato antes de adormecer. Às duas horas chegaria Pearl, a irmã de Hattie. Às duas horas ela ia levar Ella para a Geórgia e as duas se separariam e Hattie ficaria na varanda vendo a filha partir.

* * *

JÁ FAZIA CINCO ANOS desde a última vez que Hattie segurava um bebê nos braços. Estava com quarenta e seis anos e pensou que não teria mais filhos. Quando deixou de menstruar, teve a esperança de que a vida iria mudar. Já tivera sua parte de sangue, leite e partos. Mas depois os seios intumesceram e vieram a vontade de tomar raspadinha e comer pepino fatiado e a pulsação familiar na barriga. Ela nunca deixava de perceber aquela pulsação, de dois corações batendo em seu corpo. Quando sentia aquilo, ela sabia, nem precisava ir ao médico. Contou a August quando os dois estavam na cama certa noite.

— Você vai ter que tirar o moisés do sótão — falou.

August se levantou num salto. Hattie notou que ele sorria, e teve vontade de se virar e lhe dar um tapa. Todos aqueles anos de infelicidade mútua não tinham diminuído a necessidade física de um pelo outro. Passavam-se dias sem que ela mal dissesse uma

palavra ao marido, mas as noites eram outra coisa, os corpos eram coisas completamente diferentes. Hattie dizia e fazia coisas com August das quais se envergonhava. No meio da noite, quando estavam na cama suando e ofegantes, os dois se olhavam, atônitos. Ela não sabia como entender aquela vontade esporádica que sentia por ele. Era algo que a confundira e humilhara nos trinta anos de casamento. Aquelas incessantes gestações. E, pior, a insistência de seu corpo por um homem que era o maior equívoco de sua vida. Hattie tinha só quinze anos quando os dois se conheceram. Jovem demais para entender que tudo o que August queria daquele namoro era ficar sozinho com ela na casa do irmão. Depois, quando ele se cansava e parava de procurá-la, Hattie nunca admitia que se ressentia, a ponto de sentir enjoo e não conseguir dormir à noite. A mãe tinha razão em chamá-lo de minha ruína, pensou Hattie. Se soubesse que as coisas seriam assim, eu teria me jogado no rio depois de ter enterrado os gêmeos.

— Talvez você consiga voltar a trabalhar na sede da Marinha — disse Hattie. — Talvez a sra. Mark não vá precisar mais de mim. Ela está se mudando para a Flórida com os netos.

— Você já está se preocupando. A gente consegue dar um jeito — replicou August. — Não vai ser mais difícil do que foi com os outros. Nenhum deles passou fome até agora.

Não mesmo?, pensou Hattie.

Ao longo do corredor as crianças dormiam três em cada quarto; Hattie podia quase ouvir seus gemidos, os punhos se esticando para fora das mangas, os pés ficando maiores que os sapatos, os ombros alargando e esgarçando o tecido dos casacos. Nas últimas duas semanas ela só tinha servido feijão com ossos de pernil no jantar e leite em pó com aveia no desjejum. Estavam magros; tinham uma expressão grave que destoava de um rosto infantil.

Ela nasceu no fim de um abril anormalmente quente. Hattie entrou em trabalho de parto enquanto lavava roupa para ganhar um dinheiro extra. O parto demorou menos de três horas, e quando

o médico saiu da casa alguns vizinhos de Hattie apareceram, mulheres do quarteirão que surgiam por ocasião de nascimentos e enterros ou para uma eventual xícara de chá na varanda. Limpavam o sangue, cuidaram das outras crianças e trouxeram o que conseguiram preparar naquele dia: um caldeirão de favas, uma bandeja de frango. A mais velha de todas, Willie, era de algum lugar nas Carolinas. Até onde qualquer um se lembrava, Willie sempre fora velha. Era uma mulher cor de terra com uma fala arrastada tão grossa que parecia ter chegado de Bugaloo no dia anterior. A mulher mais nova achava que Willie vinha da roça, embora quase todas fossem também do interior. Todas estavam sempre vestindo e polindo as personalidades urbanas, enterrando fossem quais fossem as cidades do Sul de onde as famílias vieram dez ou vinte anos antes, com suas estradas de terra e campos de colheita — ou se gabando das grandes varandas das famílias nos bairros negros em que tinham morado, que era apenas uma maneira disfarçada de exigir que a Filadélfia proporcionasse aquilo a que tinham direito.

Willie recolheu a placenta de Hattie e enterrou sob o carvalho na frente da casa. A árvore era grande e antiga, com raízes tão grossas e fortes que rachavam as placas de concreto.

— Assim o espírito da criança vai ficar perto de casa — explicou Willie.

As vizinhas não queriam admitir que acreditavam nessas coisas, mas sempre recebiam Willie quando davam à luz. Depois, estalavam a língua e balançavam a cabeça, dizendo:

— É uma pena que Willie continue tão ignorante.

Mas eram espertas demais para virar as costas a um vislumbre de boa sorte, uma dádiva ou bênção, não importava a sua forma. Se o sortilégio de Willie proporcionasse alguma promessa de que os filhos iriam prosperar na Filadélfia, que fosse. Hattie considerava aquelas esperanças tolas e ingênuas, embora também deixasse Willie realizar seu ritual. E é claro que as outras mulheres da Wayne

Street também tinham sido magoadas e castigadas pelo Norte, assim como Hattie, mas ela insistia tanto na especificidade de sua frustração que não conseguia enxergar que não estava sozinha naquela situação.

Às onze horas Hattie ainda não tinha acabado de limpar a cômoda. Ella se agitou, por isso Hattie a pegou no colo. O quarto cheirava a lustra-móveis. Distraída, Hattie colocara óleo demais, deixando poças do tamanho de moedas na superfície da madeira. Agora enxugava a substância com uma das mãos enquanto balançava Ella com a outra. Do outro lado da rua havia uma fita cor-de-rosa amarrada na porta de uma das casas da vizinhança. Uma garota tinha nascido alguns dias antes. À distância a fita parecia limpa e nova, embora um olhar mais de perto revelasse as bordas esfiapadas e pequenos furos por onde já tinha sido pregada nas portas de outras casas do quarteirão. Seis meses antes, estava presa à porta de Hattie pelo nascimento de Ella. Hattie tentou se lembrar de onde estaria a fita azul; já fazia algum tempo desde o nascimento do último menino.

— Veja, Ella. A sua fita de nascimento.

Hattie bateu na janela para chamar a atenção de Ella, e a ponta do dedo deixou uma marca. Apertou o dedo de Ella na vidraça, depois a mão inteira. A marca poderia ficar ali por um mês, talvez mais, se Hattie não a limpasse. Teve vontade de apertar a mãozinha de Ella em todas as vidraças e espelhos da casa. Muito depois de ela ter ido para a Geórgia, os contornos de sua mão surgiriam com a condensação quando o banheiro se enchesse de vapor.

Hattie poderia fugir com Ella. Não dar o bebê para Pearl, fugir para uma cidadezinha remota onde os invernos fossem amenos e elas não conhecessem ninguém. Hattie desceu correndo as escadas e foi à cozinha contar o dinheiro de emergência na lata de chá: quatorze dólares. Não conseguiriam ir muito longe. Havia anos que não saía da Filadélfia, mas tinha a clara noção das nuances do seu

papel no mundo, ao menos nos estados que conhecia — sua Geórgia natal e os estados pelos quais ela, Marion, Pearl e a mãe tinham passado a caminho da Filadélfia quando Hattie tinha quinze anos. Ela havia traçado a rota que tomaram em um dos livros de geografia das filhas: subindo as Carolinas, depois passando pela Virgínia e por Maryland até chegar à Pensilvânia.

Não havia banheiros nos vagões dos trens sob as leis Jim Crow quando Hattie e, as irmãs e a mãe saíram da Geórgia, em 1923, e muitas estações do Sul não dispunham de banheiros para negros, por isso elas precisavam se aliviar ao relento. Três ficavam de guarda enquanto a quarta se aliviava. Na primeira vez Hattie não conseguiu porque ficou com vergonha. A mãe foi por último, e o condutor branco começou a gritar com elas a poucos passos dos trilhos:

— É melhor vocês virem logo se quiserem seguir viagem!

Que vergonha foi ver a mãe — que estava sempre bem penteada, de coque, que poderia passar por branca mas nunca quisera, que era mais educada e sociável que a rainha da Inglaterra — acorada no mato com a saia amarrada na cintura com um homem branco gritando com ela. O mesmo condutor as ficou esperando na entrada do vagão reservado para negros minutos depois. Estava com as mãos nos bolsos e girava nos calcanhares observando-as caminhar na sua direção ao lado dos trilhos. Piscou para a mãe. Esfregou o corpo nelas quando subiram no vagão. A mãe de Hattie não disse nada, mas ficou com uma mancha vermelha no pescoço e a respiração vinha em explosões de raiva. Depois disso, só foram ao banheiro quando alguém estava quase se dobrando de dor de tanto segurar.

Foi uma viagem terrível, mas acontecera uma coisa espantosa. Hattie acordou no meio da noite com os estalos das rodas nos trilhos e a chuva escorrendo pela janela, o céu de um lilás opaco como um domo pressionando as árvores. A jornada era uma ruptura na normalidade da vida de Hattie. Na Geórgia ela era uma entre

muitos, indiferenciada dos outros, até para si mesma, mas no trem para a Filadélfia ela percebeu perfeitamente o que havia nela de inviolável. Sentiu-se como uma solitária flor vermelha num campo de grama verde.

Se Hattie e Ella fugissem, poderia ser desse jeito o tempo todo, como duas papoulas vermelhas. Ella tentava enfiar um dólar de prata na boca. Eram onze e meia. Hattie amassou umas ervilhas e pôs numa cuia amarela. Deu o creme verde na boca de Ella enquanto a garota trinava como um passarinho colorido e agarrava a colher. Hattie beijou o cocuruto da filha e chorou. Teria de se lembrar de dizer a Pearl que Ella gostava de ervilha.

* * *

PEARL MEXIA na fivela da alça da bolsa. Seu marido, Benny, a observava do banco do motorista. Ela pegou o espelhinho da bolsa e abriu, tomando cuidado para não angular o espelho com o sol para a luz não atingir os olhos de Benny enquanto ele dirigia. O repartido do cabelo estava meio desalinhado, apesar de ter sido plissado com o maior cuidado antes de saírem de Macon. Esperava que o permanente durasse pelos dois dias de viagem até a Filadélfia. Mas trouxera o pente para garantir, apesar de Benny ter dito que não iriam parar em nenhum hotel.

— Os hotéis para negros não valem nada — explicou quando ela perguntou onde iam dormir. — Só têm putas e percevejos.

Pearl se arrepiou. Detestava quando o marido era vulgar.

Levando tudo em consideração, o cabelo até que estava bem. Já tinham passado por dois estados, e o tempo estava instável. Ainda assim, pensou, posso dar um trato nas raízes. O nariz estava um pouco brilhante também, e ela empoou com o pó de rosas do espelhinho. Rosas sempre melhoravam o humor de Pearl; ela

decidiu aplicar pó de rosa mais ou menos de hora em hora. Afinal, a viagem era uma ocasião festiva.

Benny estreitava os olhos contra o sol da tarde que entrava pelo vidro da frente. Pearl notou que as mãos dele se agarravam com tanta força ao volante que os tendões eram visíveis. Ele deu uma fungada, quase um espirro, e perguntou:

— O que é isso?

— Meu pó facial. É gostoso, não acha?

— Está irritando meu nariz — disse Benny.

— Desculpe. Mas não me lembro de seu nariz ter sido perturbado nas ocasiões em que usei isso nos últimos dez anos.

Benny fez uma carranca. Baixou o vidro da janela e pisou no acelerador.

— Benny! — ralhou Pearl, tentando proteger o penteado do vento. Um pedaço de palha entrou e raspou a testa dela. — Benny! Essa janela! — repetiu.

Mas ele a ignorou, e por um tempo seguiram com o vento desmanchando o cabelo de Pearl.

Algum tempo depois Benny disse que estava com fome e os dois começaram a procurar uma parada de beira de estrada. Uma hora depois, avistaram um pequeno e desbotado cartaz pendurado torto num poste de madeira. As letras estavam desbotadas, mas era possível decifrar as palavras PARADA PARA NEGROS. Benny saiu da estrada e dirigiu alguns metros numa estrada de cascalho até uma clareira num bosque de pinho. A tarde estava quente, haveria mosquitos. O bafejo das flores silvestres impregnava o ar com um frescor que fez Pearl ter vontade de respirar em grandes golfadas. Associou a um perfume já esmaecido do pulso de uma mulher. O sol estava baixo nos pinheiros, e a clareira estava imersa numa luz lavanda.

Havia uma promessa naquela noite. No dia seguinte Pearl estaria com Ella e a levaria para sua casa na Geórgia para criá-la como se tivesse nascido dela. Mas Pearl tinha rezado. Rezado muito. Apesar

das decepções e da doença, apesar do cansaço e de uma depressão tão profunda que o quintal virou mato e ela não saía do quarto, Pearl ia à igreja todas as noites pedir ao Senhor que a abençoasse com filhos. As mulheres da congregação sentiam pena dela, reduzida que estava a cuidar da filha da irmã. Pearl fez com que acreditassem que estava pegando Ella como um gesto de caridade, embora soubesse que era de desespero.

Pearl pegou a toalha de mesa no banco traseiro, enquanto Benny tirava a cesta de piquenique do porta-malas. Os talheres tilintaram ao fundo. Pearl considerou que, já que os dois iam se sentar à mesa de piquenique e comer o que tinham trazido, deveria haver uma convivência amena entre eles. Não poderiam ficar naquele lindo crepúsculo — anos antes ela teria considerado uma noite romântica — sem se comportar de forma civilizada. E não era um fato que ela e Benny estavam numa espécie de peregrinação cuja magnitude do objetivo deveria superar suas rugas e ressentimentos?

Benny examinou o conteúdo da cesta. Respirou fundo o ar noturno e relaxou os ombros. Pearl desembalou os pratos de louça branca, os garfos e as facas e os guardanapos de tecido branco. Trouxe uma travessa com frango frito, outra com tomates fatiados e outra cheia de biscoitos. Arrumou os pratos lado a lado e pôs um licor de pêsego na mesa perto do marido para ele admirar. Benny achou graça em Pearl tentando agir como uma dama numa mesa de piquenique.

Pearl fez a oração:

— Meu Senhor, obrigada por esta maravilhosa refeição e pela nossa viagem em segurança. Agradecemos também — hesitou e deu uma olhada para Benny — pelo novo membro da nossa família.

Benny pigarreou.

— Amém — aquiesceu.

Não havia ressentimento na sua voz.

Ela o serviu primeiro. Deve ter sido o ar puro e a viagem do dia que aumentaram tanto o apetite. O frango de Pearl nunca esteve

tão macio e os tomates nunca foram tão doces. Benny comeu três biscoitos antes de Pearl ter tempo de piscar. Alcançaram os tomates ao mesmo tempo e as mãos se roçaram. Pearl sorriu com os olhos no prato e Benny chegou o corpo para mais perto dela.

— Não é qualquer mulher que consegue transformar uma refeição ao ar livre numa ocasião especial — falou ele.

Fazia muito tempo que não a elogiava.

Na luz difusa eles não conseguiram ver as figuras no carro avançando no caminho de cascalho na direção deles. Acabavam de se servir pela segunda vez quando o motorista acendeu os faróis altos, embora não estivesse tão escuro assim, e com isso Benny percebeu que ele e Pearl não eram bem-vindos. Limpou os dedos no guardanapo e enxugou os lábios, atento para não deixar migalhas nos cantos da boca. Só então se levantou e encarou os faróis, uma das mãos protegendo os olhos da luz. Pearl conjecturou se o proprietário tinha turbinado os faróis para ficarem mais fortes. Pearl e Benny estavam acuados, como que apanhados numa armadilha formada pelo farol.

Pearl continuou sentada. Depositou o prato de Benny sobre o dela. O tilintar da porcelana pairou no ar junto com o som do motor do automóvel ligado. Benny pôs a mão no braço de Pearl para sinalizar que ficasse quieta. Ela se sentou mais ereta e relaxou os ombros, apesar das palmas das mãos suadas e da acidez no estômago.

Os faróis se apagaram e todas as portas do carro se abriram de uma só vez. Benny avaliou os quatro homens que saíram. Eram de estatura média, mais para magros, com exceção do motorista, que era maior que os outros. Não maior do que Benny, mas parecia forte. Se o banco de piquenique pudesse ser erguido e atirado, isso cuidaria de dois deles. Poderia jogar a toalha de mesa sobre os homens, deixando-os temporariamente cegos enquanto espetava um garfo no rosto ou nas costas dos agressores. Ou poderia quebrar um prato e rasgar a barriga de um deles com o caco. Poderia enfiar

os dedos nos olhos de um, acertar o pescoço de outro com um soco e sentir o pomo de adão ceder sob seu punho. Benny imaginou, como costumava fazer quando enfrentava homens brancos, que aparência teriam se estivessem estirados na mesa de embalsamamento de sua agência funerária. Os homens andaram devagar em sua direção, propositadamente ameaçadores, o maior na frente. Isso também era um deboche — todos sabiam que quatro homens brancos não precisavam daquela demonstração de força num desolado acostamento de uma estrada na Virgínia. Todos sabiam que Benny não poderia fazer nada.

O grandalhão examinou os sapatos de couro de Benny, as abotoaduras douradas e a camisa de algodão com o colarinho bem passado. Os lábios se abriram num sorriso fino, duro e potente como uma pancada.

— Vocês estão perdidos? — falou numa voz arrastada.

Antes que Benny pudesse responder qualquer coisa, um dos outros disse:

— Responda ao homem. Não ouviu ele fazer uma pergunta?

— Não, sinhô. Quero dizer, sim, sinhô. Eu ouvi a pergunta, mas não, sinhô, a gente não estamos perdido. Só fazendo um lanchinho nesse banco aqui.

Não, sinhô? Sim, sinhô? Pearl nunca tinha ouvido Benny falar daquele jeito.

— Se não tem nenhum aviso dizendo de cor, significa que só branco, não é? — disse o grandalhão.

— E se o sinal disser de cor, isso significa homem branco também, não é? — falou outro homem.

— Bem, sinhô, então eu devo ter me enganado. Eu e a patroa se enganamos. Não foi de propósito.

— Vocês não sabem que no estado da Virgínia nós guardamos os melhores lugares para os brancos? Acham que construímos esse belo banco para vocês sentarem? — Fez uma pausa. — De onde vocês são?

— Os senhores têm razão. Têm razão. Nós é da Geórgia, nunca passamos por uma estrada viajando antes. — Abriu um sorriso. — A gente não conhece as regras da estrada, entendem?

— Vocês não são deste estado?

— Não, sinhô, nós não é.

Os olhos de Pearl ardiam. Sabia que, quando aqueles homens olhassem para ela, iriam ver seus olhos vítreos de lágrimas e pensariam que era de medo. E ela estava com medo — eles poderiam matar seu marido ali mesmo e fazer o que quisessem com ela, mas, que Deus a perdoasse, ela também estava furiosa. Os joelhos tremiam de raiva, os dedos dos pés estavam crispados. Queria tirar os sapatos e atirar neles. Naquele lixo branco desmazelado e quase faminto. De cara vermelha. Vermelha de tanto beber, isso é que era, pensou. Patas calejadas e juntas inchadas em lugar das mãos.

Um dos homens chegou mais perto de Pearl. Suas vísceras amoleceram. Ele estendeu o braço e apoiou a ponta dos dedos na beira da mesa. Lixo, pensou outra vez Pearl. Como eles devem nos odiar! Vejam só minha louça e meus belos talheres, queria dizer. Moro numa casa grande, com uma varanda e árvores frutíferas no quintal. Queria que aqueles homens se sentissem pobres e baixos quando voltassem para seus casebres e suas mulheres maltratadas.

O homem disse:

— Parece que sua patroa andou cozinhando. Ela cozinha bem, neguinho?

— Sim, sinhô — respondeu Benny. — Sim, sinhô, cozinha muito bem.

O grandalhão olhou para o homem, depois voltou a olhar para Benny e disse:

— É melhor vocês irem embora.

— Obrigado, sinhô. Vamos recolher nossa tralha e vamos indo agora mesmo.

— Eu não disse para levar nada. Disse para irem embora.

Benny fez uma pausa. Os punhos se fecharam ao lado do corpo. Os vasos sanguíneos das têmporas saltaram.

O grandalhão continuou:

— Vocês puseram suas coisas na mesa dos brancos e agora vão ter que ir embora daqui. É um imposto. Vocês pagam imposto?

Benny não respondeu. O grandalhão deu um passo em sua direção.

— Eu fiz uma pergunta. Vocês pagam imposto?

Benny engoliu com dificuldade.

— Sim.

— Sim o quê?

Mais uma vez, Benny não respondeu.

O grandalhão pôs a mão no peito de Benny e empurrou. Benny cambaleou mas não caiu. O som dos grilos aumentou. A bota de um dos homens esfregou o cascalho.

— Sim, sinhô — disse Benny. — Sim, sinhô, pagamos nossos impostos.

— Bom, vocês vão ter que pagar outro. Agora vão embora antes que eu mude de ideia.

Pearl apoiou as mãos na mesa e começou a se levantar. Parou ao perceber que teria de passar a perna direita por cima do banco e aquele lixo branco ia ver o tornozelo dela. Não conseguiu se mexer. Foi para a direita, depois para a esquerda, tentando encontrar a melhor forma de sair do banco.

O grandalhão falou:

— Sua patroa quer ficar aqui com a gente?

Todos deram risada.

Trêmula, Pearl levantou a perna; sentiu o ar frio no interior da coxa. Virou-se rapidamente para eles não verem as lágrimas em sua face. Enquanto andava até o carro, desequilibrada nos saltos altos sobre o cascalho, um dos homens deu um assobio jocoso e falou:

— Talvez fosse melhor ela ficar aqui.

Ouviu Benny andando devagar atrás dela, como que se afastando de um animal que poderia atacar.

No automóvel, por um bom tempo os dois não se falaram nem olharam um para o outro. Continuaram atentos ao espelho retrovisor em busca de dois faróis muito brilhantes. A noite se fechou numa escuridão total. O carro deles era o único na estrada. Pearl mantinha as mãos entrelaçadas no colo, afastando-as para alisar a saia sobre as coxas e puxar para baixo. Sentiu uma corrente de ar de uma fonte que não conseguia localizar, e pegou a manivela que controlava o vidro da janela.

— Quer parar de se agitar desse jeito? — disse Benny. — Você me dá nos nervos.

— Você me dá nos nervos e me dá vontade de ir embora — resmungou Pearl.

— Como é que é? — perguntou Benny. — Se você tem alguma coisa a dizer, diga em voz alta.

— Todas aquelas medidas e rapapés — gritou Pearl.

— O que você queria que eu fizesse? Diga, o que mais eu podia ter feito?

— Não precisava se rebaixar tanto. Poderia ter mantido a dignidade! Eu nunca fui tão humilhada!

— Ah, já foi, sim. Já foi e sabe disso. Faz tanto tempo que mora numa boa casa, serve seus chás da tarde e passeia nos jardins do clube que acha que pode fingir que não é quem você é, mas sabe tão bem quanto eu que a minha dignidade, minha maldita dignidade, teria nos deixado pendurados numa árvore.

— Aqueles homens não valem a sujeira da sola do meu sapato. Não aguentei o ar de satisfação nos olhos deles, Benny. Não consegui aguentar.

— E você acha que eu consegui?

* * *

A SRTA. PRISBY, uma mulher grosseira, monstruosa, bateu a porta quando saiu da casa da Wayne Street. A assistência social a mandava todas as semanas. Avaliação de residência, eles diziam, para verificar se Hattie continuava elegível aos benefícios que recebia todos os meses. Hattie achava que preferia passar fome a vê-la de novo. Talvez ela fosse até a agência da assistência social naquela mesma tarde para cancelar seus benefícios. Quase não fazia mais diferença, pois em menos de duas horas ela estaria dando a filha como se fosse um cachorro. Sua filha da meia-idade, sua última filha, indo embora com Pearl. Quando Hattie visse Ella de novo, daqui a uns três anos ou cinco, elas seriam duas estranhas. A filha iria chamá-la de tia Hattie ou senhora. Hattie olharia o rosto de Ella e tentaria não amá-la. Teria de se convencer de novo de que tinha feito tudo o que podia, que havia salvado Ella de uma geladeira quase vazia e de invernos sem carvão para a fornalha. Poderia ter ficado com ela, ainda poderia ficar. Porém. Ella ia ter um quarto só dela, hortênsias, grandes gramados e sorvete no verão, e não precisaria usar sandálias de outras irmãs. Não haveria mais uma srta. Prisby.

A srta. Prisby tinha vindo pela primeira vez quatro meses antes. Embora Hattie não tivesse contado a ninguém — o benefício não era uma coisa que devesse ser divulgada —, a fofoca se difundiu pelo quarteirão. Na manhã seguinte, as vizinhas — mulheres com os mesmos problemas de revezamento de pares de sapato, com blusas remendadas e prateleiras cheias de feijão em lata — se recusaram a falar com ela. Cumprimentavam-na com um breve aceno e passavam pela casa como se estivesse acometida por uma praga. Era aceitável não ter dinheiro para nada, nenhuma delas tinha, mas ir à agência de assistência social e preencher formulários confirmando isso era outra coisa. O benefício era vergonhoso demais, uma admissão pública de fracasso. Mas Hattie não suportava a expressão de fome da filha, e Ella contraiu crupe e não melhorava porque não havia dinheiro para o médico. Marion

começou a mandar recados a Pearl sobre como se sentia aflita por saber que as coisas não iam bem e quanto queria ajudar. Então Marion contou a Pearl sobre o auxílio do governo, e Pearl escreveu.

Hattie,

Bem, a primavera chegou e foi embora e a chuva não parou. As magnólias e o abrunheiro deram flores, e também aquelas coisas roxas delicadas que cresciam nas laterais da casa quando éramos meninas (lembra como a mamãe gostava delas?), mas depois um dilúvio realmente bíblico veio e destruiu tudo. Acho que foi bonito de certa forma. A entrada e o quintal ficaram forrados de pétalas brancas e roxas. Nos últimos dias o tempo está calmo e ensolarado. O gramado voltou a crescer e Benny disse que está mais bonito que o dos Parsons na casa ao lado.

A sra. Parsons me ajudou com meus problemas. É uma mulher bondosa e minha colega diaconisa na igreja. É como uma irmã para mim, muito solidária. Vem ver como estou todos os dias, mesmo depois de o médico parar de vir e Benny deixar de se comportar de forma engraçada. Acho que os homens são sempre engraçados com as coisas de mulher. Dessa vez eu tinha tirado o berço do sótão e pus no quarto ensolarado do fundo. Eu já havia pensado em fazer o quarto de bebê lá atrás. É um quarto bonito, bem arejado. Você nunca viu, é claro. Marion contou sobre o meu problema? Eu nunca sei nada de você. Imagino que seja ocupada demais e não tenha telefone, um artigo tão moderno.

Bem, agora já estou totalmente recuperada, mas o médico diz que ainda não devo tentar nada. A sra. Parsons acha isso uma bobagem. O que os médicos sabem sobre essas coisas?, costuma dizer. Não é interessante como algumas coisas acontecem em algumas famílias e não em outras? Você e Marion

foram tão abençoadas a esse respeito, e eu sou como Sara de Abraão.

Falei com Marion na semana passada. Ela me contou que as meninas vão indo bem. Disse também que você vem passando algumas dificuldades ultimamente. Bem, esse August nunca foi o que deveria ser. Marion diz que ele não está trabalhando e você está recebendo do seguro social. Não estou culpando ninguém. Sempre achei que a vida no Norte era cheia de altos e baixos, mas parece que isso precisa ser resolvido. Achei que eu e Benny poderíamos ajudar. Temos bastante espaço aqui, você sabe. Tem um quintal grande e o negócio de Benny vai indo muito bem. Ella seria feliz aqui. Eu sei que seria. Muito ar puro e sol e o ensino médio para negros já formou três garotas que vão para a Spelman College. São tantas as oportunidades, mesmo aqui em Macon. Lembra quando mamãe e papai entraram para a Sociedade para o Desenvolvimento dos Negros, tempos atrás? Bem, eu continuei pagando as mensalidades e a sociedade tem feito um trabalho muito bom, e sei que as coisas só podem melhorar. Benny diz que essas associações não podem desfazer a preguiça, mas ele vive fazendo graça com as coisas.

Eu disse a Marion que queria conversar com você. Não falei qual era o assunto. Sei como dá valor à sua privacidade, mas sei que vai à casa dela aos domingos e achei que poderia ligar para você na semana que vem.

Bem, estou mandando vinte dólares, só para aliviar um pouco as coisas. Espero que aceite.

Deus a abençoe e a guarde,
Pearl

Hattie jogou a carta fora e ficou sem ir à casa de Marion durante mais de um mês. Mas, cada vez que a srta. Prisby a visitava, Hattie

era obrigada a encarar quanto as coisas estavam ficando desesperadoras. As irmãs não diziam diretamente que ela tinha desmoralizado a si e à família, mas era o que pensavam e que Hattie sabia ser verdade. Conseguia aguentar a pobreza e aquela decepção, mas não queria o mesmo para os filhos, não para Ella. Duas vezes por mês Pearl mandava um envelope com uma nota de dez dólares dentro. Hattie ficava com o dinheiro. Detestava a si mesma e detestava Pearl, mas usava o dinheiro até o último centavo.

No verão, Pearl escreveu outra vez:

Espero que esteja refletindo sobre a minha proposta. Sei que não leva muito a sério o que August diz, mas ele é a favor.

Deus a abençoe,
Pearl

Hattie guardou a carta na bolsa e foi até a casa de Marion. Quando chegou, ela estava na cadeira de balanço da varanda, se abanando por causa do calor.

— O que você sabe sobre isso? — perguntou Hattie, agitando a carta na cara de Marion.

— Acho que você não devia estar me acusando como uma criança infernal quando não nos vemos há um mês. O que é isso? — indagou Marion, pegando a carta com o monograma.

— Ah — falou enquanto lia.

— Então? — perguntou Hattie.

— É que a Pearl diz as coisas do jeito errado. Não é tão ruim quanto pode parecer.

— O que me parece é que August e Pearl estão tramando pelas minhas costas, e você também, imagino — acusou Hattie.

— Ninguém está tramando nada. Aconteceu de August vir aqui conversar com Lewis...

— Desde quando August está vindo aqui sem mim? Ele e Lewis não trocaram mais de dez palavras desde que vocês se casaram.

— Não sei nada sobre isso, mas ele disse que não seria tão ruim se Pearl cuidasse da Ella, já que vocês estão passando por tantas dificuldades.

Hattie levou a mão à boca como que para abafar um grito. Respirou fundo, deixou a mão cair de lado e disse:

— Uma irmã está querendo roubar minha filha enquanto a outra esconde os fatos. Não me resta mais muita dignidade, Marion. Só estou pedindo que me diga a verdade.

— Eu já disse. August veio aqui, veio... veio pedir dinheiro emprestado para o Lewis, mas não queria que você soubesse, por isso prometemos não contar nada.

— Ele veio aqui pedir esmola? — perguntou Hattie. — Por quê?

— Não sei por quê, Hattie. — Marion tentou pegar na mão da irmã, mas Hattie se afastou para longe do alcance dela. — Ele e Lewis começaram a conversar, foi então que ele disse que estava pensando na Pearl.

— E então?

— E por acaso eu falei com a Pearl no dia seguinte e toquei no assunto.

— Entendi. — Hattie dobrou a carta e guardou de novo na bolsa. — Obrigada — falou e começou a descer os degraus da escada da varanda.

— Hattie! Espera! — gritou Marion.

— Me deixa em paz, Marion. Me deixa em paz.

August chegou em casa naquela noite assobiando um jazz, como sempre fazia, com chuva ou sol, festa ou fome, assobiando jazz. No jantar, Hattie jogou o purê de batata no prato dele com tanta força que respingou na gravata. Depois de comer, as crianças se dispersaram como gatos assustados. August ficou sozinho com o silêncio de Hattie e o ruído dos talheres nos pratos e a água correndo na pia dupla. Hattie virou a cabeça para olhar para ele.

— Você ia me contar que disse que Pearl podia ficar com a minha filha ou estava pensando em roubar Ella e levá-la para a Geórgia enquanto eu dormisse?

August pegou o maço de cigarros. Hattie não deixava que ele fumasse dentro de casa, por isso ficou batendo a quina do maço na mesa.

— Eu não falei nada disso para Pearl — retrucou.

— Você não falou nada disso para Pearl. — Hattie balançou a cabeça de um lado para outro. — Então ela inventou tudo e escreveu isso para mim numa carta?

— Eu não disse a Pearl para levar Ella. Só disse que estávamos passando por uma fase difícil e que talvez...

— Talvez você devesse sair de fininho e implorar dinheiro para o marido da minha irmã? E já que estava lá, pensou que poderia dizer que Pearl ficasse com a minha filha?

— Não foi desse jeito, Hattie.

— Para que você precisava de dinheiro, August? Não me lembro de ter visto nenhuma carne na geladeira. E com certeza você não acrescentou nada às nossas economias.

— Foram só uns poucos dólares. Eu já paguei.

— Espero que ela tenha valido a pena.

— Não foi por causa de mulher, Hattie. Só peguei quinze dólares emprestados e disse a Lewis que estava pensando sobre o que Pearl tinha falado. Só isso.

— Você vendeu a nossa menina por uns poucos dólares e pelo dinheiro que Pearl manda toda semana?

— Que dinheiro? Eu nunca peguei dinheiro nenhum da Pearl. Nem disse que ela podia ficar com Ella. Hattie, escute, eles estão tão bem lá... Não quer dizer que nunca mais vamos ver nossa filha. Ela vai estar com a sua irmã. Sangue do seu sangue, Hattie, só até as coisas aqui em casa melhorarem um pouco.

— Quando as coisas vão melhorar, August? Quando você não tiver mais namoradas? Vão melhorar quando você cansar de usar belas

camisas e sair todas as noites? — Bateu na mesa da cozinha com a palma da mão. — E você ainda tem a coragem de entrar aqui assobiando como um bobo toda noite.

— Você acha que eu não sei que tenho muitas bocas para alimentar? Que coisa, e uma delas nem é minha.

— Não ponha Ruthie nessa história!

— Eu vou àquela marina todos os dias, e todos os dias eles dizem “Não tem nada para você”. Eu volto para casa cantando... Isso mesmo, volto para casa e embalo as crianças nos joelhos e tento fazer com que riam um pouco... Não tem muito mais para dar a elas.

— Não quero ouvir suas histórias tristes com essa Prisby xeretando minhas gavetas e prateleiras toda semana. Você quer saber por que eu não sorrio para você? Tem sorte de eu não enfiar a faca em você enquanto dorme. Uma mulher de verdade faria isso.

— Você nunca tentou entender o que é ser um homem neste mundo.

— Não me venha com essa de como as coisas são duras para os negros. Eu estou recebendo benefício do governo porque você gasta o seu dinheiro na rua. Eu sei que é duro!

— Sabe para que eu usei aqueles quinze dólares? Para pagar o sindicato. Achei que assim eu ganharia mais, mas o sindicato não fez nada a não ser comprar uísque para os brancos. Assim como você, eu não quero que Ella vá embora, mas será que não consegue ver o que é melhor para a menina? Pearl e Benny têm muito dinheiro. Ella vai ter mais do que nós podemos oferecer.

— Certo, então por que não damos todos eles, August? Não precisamos parar na Ella. Que tal Franklin? Quantos filhos nossos vamos dar para outros tomarem conta só porque você não consegue fazer isso?

— Calma, Hattie. Acalme-se. Nós estamos falando da Ella. No fundo você sabe que é a coisa certa. Ela vai voltar a ter o que nós tivemos, um bom lugar para morar, ar puro.

— Nós não viemos do mesmo lugar — sibilou ela. — Você veio de um barraco, eu vim de uma casa numa colina. Nós não temos nada em comum a esse respeito, e não se esqueça disso. Seu crioulo caipira.

August levantou da mesa e avançou para Hattie com a mão erguida. Ele nunca tinha batido na mulher. Ela manteve-se onde estava, mesmo quando ele ficou tão perto que ela pôde ver o suor escorrendo pela testa dele. A mão de August tremia no ar.

— Você é uma mulher fria, Hattie.

Deixou a mão cair e saiu da cozinha.

Quando ela o viu sair, todo indignação e orgulho ferido, Hattie resolveu dar a filha a Pearl. August nunca iria se sair melhor. Podia até pensar que estava tentando, mas continuaria a fazer o que sempre fizera. Não posso ser tão irresponsável, tão egoísta, pensou, a ponto de sujeitar minha filha a essas circunstâncias quando existe alternativa.

* * *

PEARL E BENNY ATRAVESSARAM a linha Mason-Dixon e entraram na Pensilvânia. Agora era seguro parar, por isso estacionaram no acostamento e saíram para esticar as pernas e ir ao banheiro. Pearl foi para dentro do bosque que ladeava a estrada. Acabava de amanhecer e o orvalho molhou suas meias até os tornozelos. Essas florestas do Norte tinham um cheiro diferente, pensou, mais casca de árvore e menos terra e musgo. Ah, mas que bobagem, eles só passaram um limite, e as árvores não mudavam por terem saído das leis Jim Crow.

As pinhas caídas pressionavam as solas dos sapatos de Pearl e a planta dos pés. Sentiu vontade de tirar o calçado e esfregar os pés na terra. Pearl nunca entrava na mata perto da casa dela, em Macon. Preferia lugares cultivados. Agachou-se atrás de uma árvore

grande, uma das mãos no tronco para se equilibrar e a outra tirando a lingerie para não sujar. Ficou agachada tanto tempo que as pernas começaram a doer, e uma grande poça se formou embaixo dela. O ar fresco batendo nas costas era agradável, mas ela não conseguia deixar de olhar para ver se havia alguém.

É a minha última manhã sem um filho, pensou Pearl. Quanto mais perto chegava de Filadélfia, mais eufórica se sentia — os homens brancos não tinham mais importância, nem a vergonha por Benny ou até mesmo a raiva de Hattie. Ela teria de tomar a decisão certa. Até um tolo como August sabia disso.

Os joelhos de Pearl estalaram quando ela levantou. Poucos metros atrás dela, os esquilos tinham quase desnudado uma noqueira inteira; andou um pouco mais e encontrou outra. Matutou se Ella já tinha visto uma noqueira cheia de frutos. Provavelmente não vira muitas coisas: magnólias, plantações de beterraba, os cavalos que algumas pessoas do campo cavalgavam pela cidade de vez em quando. Esperava que a menina estivesse bem de saúde. Marion dissera que Hattie parecia exausta e adoentada. Pensar que Hattie a tinha acusado de tentar comprar Ella! Ela mandava dinheiro para botar comida na barriga daquelas crianças, e Hattie reduzia aquilo a um suborno. Mas bem que ela tinha ficado com o dinheiro, não é?

Nunca foi fácil gostar de Hattie. Era reservada demais, impossível saber o que estava pensando. Era sempre arrogante e ficava zangada quando suas grandes expectativas não eram correspondidas. Quando meninas, Pearl andava atrás de Hattie aonde ela fosse. Hattie se mantinha reservada, por mais que Pearl se mostrasse dedicada, por mais que a amasse. Ainda a amava, mesmo quando Hattie a fazia se sentir um fracasso. Mesmo agora, pobre como era e apinhada naquela casa com tantos filhos, Hattie continuava tão orgulhosa quanto no tempo em que as duas eram pequenas na Geórgia e o pai delas era o único negro dono de um estabelecimento comercial na cidade. Era provável que nem a ajuda

do governo a tivesse mudado. Pearl costumava lembrar a si mesma que era Hattie quem tinha fracassado, não ela. Hattie se casou com o homem errado e se deu mal.

Quando Pearl disse a Benny que Hattie tinha afinal concordado, ele se mostrou quase indiferente. Sim, ele trouxe o mobiliário do bebê do sótão e pagou um homem para reformar o quarto, e sorria e aquiescia quando as pessoas da igreja o parabenizavam, mas nunca falava sobre Ella quando estava sozinho com Pearl. Pouco antes de viajarem para a Filadélfia, Pearl chegou em casa com os braços cheios de roupas para bebês. Benny franziu a testa.

— Depois de todo esse tempo e tantas batalhas, achei que você ia ficar contente de ter uma filha — observou ela.

— Uma sobrinha — replicou Benny, virando as costas para voltar ao seu jornal.

O homem passava tanto tempo com gente morta que mal sabia como se comportar com pessoas vivas.

Pearl encontrou uma árvore carregada de nozes. Os galhos fervilhavam de esquilos e Pearl imaginou se Ella seria o tipo de criança que tem medo de animais. Tentou imaginar como seria a menina: clara como Hattie ou cor de canela como August, cabelo castanho ou preto e ondulado? Hattie era uma menina bonita. Todos os filhos de Hattie, os que Pearl conhecia, eram bonitos. Nozes tinham caído da árvore e se empilhado no chão. Pearl tirou a camiseta e a usou para guardar as nozes. Bem, toda aquela colheita a fez se sentir despreocupada como uma garotinha. Gravetos se grudavam à sua roupa e torrões de terra se juntavam na saia, mas ela continuou colhendo nozes até começarem a deformar a seda da roupa.

Benny estava chamando por Pearl quando ela saiu do bosque em direção da rodovia. Voltou ao automóvel pelo cascalho do acostamento da estrada toda animada, as bochechas rosadas e a camiseta transformada numa sacola.

— Olha só quantas nozes! — falou.

— Essa é a sua camiseta? — perguntou Benny.

— Vou dar para Hattie para assarmos juntas. Não vai ser bom?

Benny suspirou.

— Acho que vai precisar mais do que nozes.

— Pode facilitar um pouco as coisas, assar nozes como fazíamos quando éramos pequenas.

— Entra no carro — ordenou ele. — Ainda temos pelo menos cinco horas pela frente.

Os dois pararam mais uma vez — e os sanduíches de presunto da barraquinha na beira da estrada foram devorados tão depressa que o motor nem teve tempo de esfriar antes de voltar a funcionar. Pouco depois do meio-dia, eles atravessaram o rio Schuykill e entraram na Pensilvânia.

* * *

EU DEVIA embalar as coisas da Ella, pensou Hattie. Esfregou a bochecha no cocuruto macio da criança, onde o cabelo ainda não tinha crescido. Foi até a porta e olhou para a rua em busca do Buick de Pearl e Benny. Ella já tinha idade para segurar coisas — o nariz ou o queixo de Hattie ou uma mecha de cabelos. E havia aprendido a dar beijos, ainda mantendo a boca aberta num O redondo, beijos de sucção, como August chamava.

August se deleitava com ela, assim como com todos os filhos. Tratava todos como ursinhos de circo, e eles o adoravam por isso. Deixava os menores entrarem no banheiro enquanto se barbeava, e eles o observavam, fascinados, como se estivessem vendo um filme. Ensinava a assobiar as músicas que ouvia no rádio. August era um palhaço, e eles o adoravam; era Hattie quem os mantinha vivos, mas eles mal sorriam quando ela entrava na sala. Hattie não sabia como ser uma mãe diferente. Deu um apertão em Ella. Talvez

com você eu conseguisse ser melhor, cochichou no ouvido da filha. Talvez dessa vez... Mas era tarde demais, já estava tudo decidido.

Ella agarrou o lóbulo da orelha de Hattie e deu risada. Preciso botar o vestidinho azul nela e embalar suas coisas, pensou Hattie mais uma vez. Mas o vestido azul era para receber visitas ou sair, e elas ainda tinham mais uma hora juntas. Hattie resolveu trazer as garrafas de leite para a sacada. Talvez fossem substituídas antes de Pearl chegar. Os degraus estavam cobertos de folhas caídas, e a varanda de Hattie era a única que não tinha sido varrida.

Ella fez barulhinhos para as borboletas que flutuavam ao redor dos arbustos perto da escada da varanda. Era o primeiro outono da filha. Hattie pensou no que ela estaria achando daquilo, se chegara a notar que o verão havia se transformado no amarelo e laranja queimados do outono. Pelo menos Ella não teria de aguentar o inverno do Norte. Hattie nunca se acostumara. E não sentia saudades — o Sul era passado para ela —, mas o inverno do Norte a deixava triste. Tinha levado dois filhos seus. Ella guinchou agarrada ao seu corpo.

— Ah, você quer as borboletas — falou Hattie.

Pegou um jarro de vidro e capturou duas delas. Recusou-se a consultar o relógio outra vez, mas sabia que o tempo passava como as batidas do seu coração. As borboletas, brancas como duas tiras de papel, se agitavam no jarro. Ella ficou maravilhada. No verão as meninas de Hattie pegavam vaga-lumes. Arrancavam as partes brilhantes do abdome dos insetos e punham nos dedos como se fossem anéis.

— Esmeraldas de princesas! — gritavam e corriam pelo quarteirão com o brilho dourado revestindo os dedos.

Ella batia no jarro de borboleta com as mãozinhas.

— Não são uma gracinha? Se a gente fizer uns furos na tampa e colocar um pouco de grama no fundo elas vão viver até o pôr do sol — disse Willie.

Ela estava no meio da calçada, apoiada numa bengala.

— É uma pena matar essas borboletas. Pensei em soltar as duas quando ela se cansar — respondeu Hattie.

— Todas as coisas precisam chegar ao fim em algum lugar. Perto daquele arbusto ou dentro desse jarro, acho que para elas é a mesma coisa.

Willie gesticulou para Ella.

— Ela parece muito bem-disposta. É difícil lidar com bebês resmungões. Mas não mais difícil do que homens resmungões, eu acho. — Deu uma risada. — E ela é cheia de dobrinhas. Isso vai ser bom quando chegar o inverno. Bebês gordinhos se dão bem, mesmo se não ingerirem muito mais do que feijão e leite materno. Bebês gordinhos se dão muito bem em invernos com escassez.

— Sim, senhora — concordou Hattie. — Acho que é verdade. Acho que já vi isso antes.

— Todas já vimos. Bem, é melhor ir andando. Você precisa aparecer lá em casa. Vou dar uma coisa para você dormir melhor. Você nem parece a Hattie que conheci.

Willie continuou andando.

Era verdade que muitas crianças, inclusive os filhos de Hattie, tinham passado muito bem a feijão com repolho. Na próxima primavera Ella estaria um pouco mais velha e mais forte, e Hattie poderia estar trabalhando em algum lugar. Talvez a sra. Mark voltasse da Flórida, ou ela conseguisse emprego de cozinheira em algum restaurante. August e Marion e Pearl queriam tirar a filha dela, e aquela Pearl jogava notas de vinte dólares como se fossem centavos. Pearl sempre quis alguma coisa de mim, pensou Hattie. Nunca soube o que era, mas estava sempre se metendo na minha vida desde que éramos crianças — do mesmo jeito que aranhas se enfiam nos casulos e comem o que está dentro até restar só a casca.

Não consigo fazer isso, pensou Hattie. Vou desmoronar se der minha filha. Não conseguiria sobreviver. Talvez seja egoísta não permitir que ela aprenda a tocar piano e use vestidos bonitos, mas

eu não sou tão forte assim. Eu desintegraria, viraria nada e seria soprada pelo vento.

Para Ella, falou:

— Vamos arriscar.

* * *

A CASA ESTAVA COM UM LEVE AROMA de mofo, como roupa lavada que ficou muito tempo no varal num dia de chuva. Fez Hattie pensar em coisas que não suportava: fios de cabelo no ralo, a privada enegrecida de limo. Arrumou a sala de visitas e deixou o jarro com as borboletas na mesa perto do sofá. Do outro lado da rua as rosas tardias do vizinho caíam dos caules. Ocorreu a Hattie que era de rosas que ela precisava para animar a sala de visitas. Ela não ligava muito, mas Pearl gostava de coisas adocicadas e enjoativas.

Hattie resolveu atravessar a rua e colher umas rosas. Tinha acabado de pegar a tesoura da cozinha e já estava na varanda quando o Buick de Benny estacionou na frente da casa.

— Chegaram cedo — falou em voz baixa.

O sol refletia no capô como se o carro fosse abençoado por Deus, e lá estava Hattie em frente à sua casa alugada prestes a roubar algumas rosas do vizinho. Não se sentiu à altura da batalha que teria de lutar para ficar com Ella.

— Chegaram cedo — falou mais alto dessa vez.

Marion estava com eles. Pearl empoava o nariz no banco traseiro. As mãos dela tremiam. Olhou para Hattie na escada com o bebê no colo. O bebê dela, a sua Ella. Hattie estava mais velha, com certeza, mais enrugada e mais séria. Também parecia cansada, o cabelo se soltando do coque no alto do pescoço, mas continuava alta e ereta e ainda tinha alguma coisa na atitude que fazia Pearl se sentir um pouco abatida, um pouco malcuidada. Guardou o espelhinho na bolsa.

Hattie ficou olhando da escada da varanda. Benny abriu a porta para Pearl. Ele sempre foi um cavalheiro. Pearl empoava o nariz como uma princesa. Parecia saudável, bem alimentada, as unhas feitas. Quando saiu do carro, alisou a saia com as mãos e andou em direção à casa. Sim, ela estava muito bem, apesar de não se sentir muito segura. Os olhos fixavam-se em Ella. Pearl e Hattie se entreolharam, depois fitaram a menina. Marion rompeu o silêncio:

— Minha nossa, Hattie, você está péssima. O que está fazendo aqui fora com essa tesoura? Parece que andou bebendo. — Olhou ansiosa de uma irmã para a outra. — Está começando a ventar! Não está ventando?

Hattie respirou fundo e desceu os degraus.

— Vocês devem estar cansados da viagem, apesar de ter feito um bom tempo. Fez boa viagem, Benny?

— Mais ou menos, acho, Hattie.

Tirou o chapéu quando Hattie falou com ele.

Fez-se silêncio outra vez. Marion disse:

— Vocês não acham que devíamos entrar? — Passou entre Pearl e Hattie e abriu a porta da frente. — Vamos entrar.

— Você está muito bem, Hattie — falou Pearl. — E a menina também... Você pintou a casa desde a última vez em que estive aqui. Mas isso foi... bem, foi há muito tempo. Meu Deus. Aleluia. Bom, esta rua sempre foi muito boa e respeitável.

Pearl não conseguia se lembrar da última vez em que desejara tanto algo como desejava pegar Ella nos braços agora.

— É uma rua muito tranquila. — A voz estava trêmula.

Hattie sentiu uma onda de afeto por ela, toda encasacada, de luvas e com maquiagem demais no rosto. Se as circunstâncias fossem diferentes, teria esticado os braços e apertado os ombros de Pearl. Ella enfiou o nariz no pescoço de Hattie, como sempre fazia quando estava na presença de estranhos.

— Estava quase esquecendo as minhas nozes! Benny, pegue as nozes.

Benny voltou para o carro. As mulheres entraram na casa.

A sala de visitas era toda penumbra. Pearl ficou no corredor com os braços caídos ao lado do corpo; olhou ao redor como se de repente estivesse num celeiro. Hattie se ofereceu para fazer um café e saiu em direção à cozinha.

Pearl não se aguentou:

— Posso ficar com Ella enquanto você faz o café?

— Imagino que todo mundo tome com leite, não é? — perguntou Hattie.

Quando se virou para entrar no corredor, beijou a testa de Ella e puxou o lóbulo da sua orelha, pois isso sempre fazia sua filha dar risada.

Pôs água para ferver. Só restava um pouco de café na lata no fundo da prateleira, suficiente apenas para duas ou três xícaras. Vou dizer que não tomo café à tarde, pensou. Equilibrou Ella no quadril com um braço e pegou uma velha bandeja do armário com a outra, as melhores xícaras, o pote de creme e o açucareiro. Ella ficava tentando pegar os pratos, e Hattie quase derrubou os pires. Resmungava como se fosse chorar, por isso Hattie molhou o mindinho no açucareiro e levou à boca de Ella. Apoiou-se na bancada e sussurrou no ouvido da filha enquanto a garota chupava o açúcar. Para Hattie, era como se estivesse escorregando pelos lados da terra.

Marion entrou na cozinha.

— Precisa de ajuda? Pelo menos deixe-me segurar o bebê enquanto você faz isso.

— Não! — respondeu Hattie. — Não, tudo bem.

— Você vai ter que levar as coisas para sala, sabe?

— O café está pronto. Você pode levar a bandeja — disse Hattie.

Benny tinha posto as coisas do carro no meio da sala de visitas: uma cesta de maçãs e uma de favas, duas caixas fechadas e um saco grande transbordando com o que pareciam ser roupas. Perto daquilo tudo, a camiseta de Pearl cheia de nozes. Era como se ele

tivesse descarregado um navio. Hattie mudou Ella de um quadril para outro.

— Agradeço muito essas coisas, e reconheço tudo o que vocês passaram, mas... — Hattie respirou fundo — ... é melhor vocês voltarem com elas. Ella vai ficar comigo. Vocês não podem ficar com a bebê em troca de um balde de favas.

— Hattie! Trouxe essas coisas porque você é minha irmã, como sempre faço quando venho visitar. Também trouxe algumas coisas para Marion. Não trouxe?

Pearl olhou para Marion.

— Não sei como você consegue dizer uma coisa dessas — falou Pearl.

— Vou ajudar a levar tudo de volta para o carro — disse Hattie a Benny.

Benny balançou a cabeça de um lado para outro e olhou para ela com os olhos baixos.

— Acho que você devia ficar com elas, se quiser. Gostaria que ficasse, mesmo se...

— O que está dizendo, Benny? — bradou Pearl. — Hattie, achei que você poderia precisar dessas coisas!

— Você não sabe do que eu preciso, e gostaria que não ficasse fazendo especulações — disse Hattie.

— Nunca conheci ninguém tão cheia de orgulho bobo. Qualquer um pode ver que você precisa de ajuda. Olha só o estado desta casa!

— Pearl! — interrompeu Marion.

— Desculpe, Hattie. De verdade. Me desculpe. Eu estou um pouco nervosa — falou Pearl. — Acho que estamos todos um pouco nervosos. Vamos tomar o café. Por que não se senta para tomarmos o café?

— Prefiro ficar de pé, obrigada — respondeu Hattie, esfregando a nuca de Ella.

— Eu não quis dizer nada de mal. A gente devia conversar sobre isso. Tínhamos um acordo, Hattie. Está tudo decidido. Você mesma falou para eu vir.

— Mas agora estou dizendo o contrário.

— Mas, Hattie... você precisa ser prática. Tem de considerar coisas como roupa e comida, todos vocês apertados nesta casinha. Eu sei que deve ser difícil, mas é a melhor coisa. Para Ella.

— Você não sabe nada. Nunca teve filhos, por isso não pode dizer como é difícil. Pode, Pearl?

Pearl começou a chorar. Hattie ficou diante dela, embalando Ella. Sentia muito que Pearl estivesse chorando. Sentia muito pela solidão dela. Benny olhava para sua esposa como se fosse uma estranha, como se fosse alguém que tivesse acabado de chegar da rua. Mas, pensou Hattie, ela não podia resolver os problemas da irmã. Queria que eles fossem embora. Queria ficar uma hora quieta, em silêncio, antes que as outras crianças chegassem da escola.

— Não faz sentido prosseguir com isso — falou Hattie.

Uma melodia assobiada soou do outro lado da porta. A maçaneta girou. Augusto entrou.

— Vocês já chegaram! — exclamou.

Viu Pearl chorando e Benny olhando para os sapatos e Marion ali parecendo a tia velha de alguém. E Hattie, Hattie pairando como uma nuvem pesada no meio da sala.

— Parece que as coisas não estão indo muito bem. Achei mesmo que isso fosse acontecer — comentou.

— Por favor, Augusto, diga alguma coisa para ela — pediu Pearl.

— Hattie diz que não vai desistir da Ella, mas nós tínhamos um acordo. Você sabe que tínhamos.

— Não há nada que eu possa dizer. Ela me acha mais desprezível que uma barata.

— Pelo amor de Deus, Augusto. Por favor! Será que você não pode...

— Sabe de uma coisa? Ninguém age como se essa filha fosse um pouco minha. Todos se comportam como se ela tivesse saído de um ovo. Ninguém pensa que o fato de ela ir embora pode me magoar.

— Nós todos sabemos disso — retrucou Pearl. — Todos concordamos!

— Ella é nossa filha, Pearl. Você não tem o direito de agir como se fosse melhor do que nós. Qualquer cego pode ver que pensa assim, mas isso não faz você melhor que ninguém. Todas vocês vieram dos mesmos pais. As coisas aconteceram de um jeito diferente para Hattie, mas não está certo você vir aqui cantar de galo.

Hattie olhou para Augusto, surpresa de ver nele um aliado, ainda na dúvida se era mesmo um.

— Eu meio que estava torcendo para vocês já terem ido embora quando eu chegasse, porque não queria ver mais uma filha indo embora.

— Ela não vai mais embora — falou Hattie. — Eu mudei de ideia.

Augusto concordou com a cabeça.

— Quase liguei para Pearl dizendo para não vir. Não conseguia suportar a ideia de perder outro filho. Achei que ia ficar mal por causa disso, mas depois percebi que não era a mesma coisa de antes.

— Aonde você quer chegar com isso, August? — perguntou Hattie.

— Eu preciso dizer isso a você, Hattie, mesmo que não queira me ouvir. Você viu os gêmeos morrer, cuidou deles, cantou para eles e os embalou, e afinal não deu certo. — A voz de August estava trêmula. — Não estou aqui para dizer o que você deve fazer, mas gostaria que soubesse que não é a mesma coisa. Ella não vai morrer. Nós sentimos essa dor, Hattie, e agora está acontecendo de novo, mas você precisa entender que não é a mesma coisa.

Hattie ficou olhando Augusto por um bom tempo. Ninguém falava. Finalmente, ela acenou com a cabeça e ele retribuiu o gesto.

Pearl levantou e deu um passo na direção de Benny, mas ele estava sentado com a cabeça apoiada nas mãos e não olhou para

ela. Benny não vai amar Ella, percebeu Pearl. Estava enganada ao pensar que ele amaria.

— Ah! — exclamou em voz alta, e afundou no sofá.

Hattie pôs a mão em concha na cabeça de Ella; o cabelo fez cócegas na palma da sua mão. Passou os dedos na perna gordinha da filha e nos joelhos com dobrinhas e nas pequenas unhas translúcidas. Depois de algum tempo, Augusto pegou Ella no colo e cantou com tanta doçura que ela adormeceu. Hattie viu Augusto esfregar o nariz nela e se lembrou do sorriso dele quando ela disse que estava grávida. Lembrou-se do próprio pânico e da raiva que sentiu. Quase procurou Willie em busca de alguma coisa para se livrar da gravidez. E Hattie com certeza se sentia feliz por não ter feito isso — lá estava sua menininha no mundo. Hattie sentia-se grata pela vida de Ella, por mais breve que fosse sua participação nela. Mas depois houve aquele fato insuportável: Hattie estava perdendo mais um filho. E só conseguia se perguntar, que Deus a ajudasse, se teria sido mais fácil se Ella não existisse e Hattie nunca tivesse tido aqueles seis meses sendo a mãe dela. Como ela aguentaria uma vida como essa? Olhou ao redor da sala para ver se conseguia encontrar a resposta no rosto de August ou de Marion ou de Pearl, mas seus olhos pousaram em Ella. Naquele momento, não era nenhum consolo pensar que estava fazendo o melhor para a filha. Melhor nem pensar nisso, melhor seguir em frente, pois, se não seguisse, iria desmoronar e não conseguiria mais se levantar. Hattie levantou-se e subiu a escada. Desceu alguns minutos depois com o moisés de Ella e um saco de papel pardo.

— Estas são as coisinhas dela — disse a Pearl. — Tem uma bonequinha aí que eu mesma fiz para ela. Sem dúvida você vai ter algo melhor, mas ela gosta dessa e tem o meu cheiro, então pode ser útil se ela se agitar na viagem.

Pearl olhou para a irmã como se quisesse dizer alguma coisa mas não soubesse o quê.

Hattie tirou Ella dos braços de August. A menina fungou e choramingou, Hattie recostou-a no ombro e esfregou suas costas.

— Ela se mexe durante o sono — explicou a Pearl. — Se você não tirar do berço e esfregar as costas desse jeito ela acorda chorando.

Ella só vai ser minha filha por mais alguns minutos, pensou Hattie. Gostaria que ela acordasse para olhar em seus olhos uma última vez.

— É melhor você ir antes que ela acorde — falou.

Entregou a filha a Pearl. Cheguei ao fundo do poço, pensou.

Marion e Benny, Hattie e August, e Pearl, com Ella no colo, saíram para a rua. Benny abriu o carro e acomodou Pearl e Ella no banco do passageiro. Saiu com o automóvel em marcha lenta. Pearl ergueu a mão num aceno e a manteve no ar até o carro dar a volta na esquina e desaparecer.

— As crianças vão chegar logo da escola — disse Hattie.

— Acho que sim — concordou August.

Os dois entraram em casa e começaram a levar os cestos de alimentos para a cozinha. As borboletas ainda estavam vivas no jarro de Mason. August virou para ela e disse:

— Vamos sair dessa, Hattie.

Hattie pegou o jarro na mesa e atirou na parede atrás de August. Os dois ficaram olhando as borboletas, tontas, agitando-se acima dos cacos do vidro quebrado.

Alice e Billups

1968

6h30

Alice estava de roupão no alto da escada. O sol ainda não tinha nascido. Lá fora, ouviu o baque surdo de portas de carro se fechando na rua, Royce entrando no sedã que o levava ao consultório, o motorista fechando a porta, depois o ronco do motor diminuindo quando o veículo partiu. O relógio do avô bateu a meia hora, os degraus de madeira rangeram com o frio. Eudine só chegaria dali a duas horas. Nessa manhã específica, Alice considerou uma injustiça ter que descer sozinha para ligar a fornalha e pôr a chaleira no fogo. Eudine já deveria estar lá, totalmente uniformizada, servindo o café e preparando as torradas enquanto Alice dava as instruções para a festa daquela noite. Os convidados só chegariam às nove — uma vida inteira pela frente —, mas era necessário lidar com o bufê, a porcelana tinha de ser retirada do armário, as bebidas precisavam ser entregues.

Alice desceu. No corredor começou a ajeitar o canto do tapetinho que Royce tinha chutado ao sair de casa. Ele sempre chutava aquele tapete, e nunca se dava o trabalho de acender as luzes ou ligar o aquecedor. Mas é claro que era uma sorte ser casada com ele, havia tão poucos médicos negros, e de uma família tão

importante! Andou pelas salas geladas do primeiro andar. Bem, o que Royce sabia dos *austeros e solitários escritórios do amor*? Alguns anos antes, ele insistiu para que fossem a uma leitura de poesias de Robert Hayden, e Royce anuiu muito emocionado quando Hayden recitou aquele verso. Mas depois, quando Alice mencionou o poema, Royce não se lembrou de jeito nenhum e olhou para ela com pena, como que dizendo: como Alice é boba e pouco sofisticada, arregalando os olhos por causa de uma besteira. O importante, ela percebeu tarde demais, era ir ao recital com a elite negra da cidade, não se lembrar dos poemas. Alice ainda cometia muitos erros de conduta, mesmo depois de cinco anos de casamento.

Alice ligou o aquecedor e ficou na cozinha esperando o clarão do piloto e o gorgulho dos radiadores. Mal passava das sete! Não gostava de admitir que se sentia solitária, embora estivesse ansiosa pelo clique da chave de Eudine na fechadura da porta da frente. Se ao menos seu irmão Billups estivesse ali com ela. Alice sentia falta dele, principalmente de manhã logo cedo. Quantas vezes ele tinha chegado lá às seis horas, os olhos turvos depois de uma noite de sonhos terríveis? Ficavam tomando chá até ele se acalmar, depois ele a beijava no rosto, agradecia e saía para o emprego de meio expediente que tivesse no momento. Nos últimos meses as visitas dele tinham diminuído para uma a cada duas semanas. Nem retornou sua ligação para falar da festa. Até a mãe tinha ligado dizendo que iria. A mãe que nunca telefonava, que não gostava de festas e que, Alice às vezes pensava, não gostava de Alice.

A casa de Hattie ficava só a trinta minutos de distância, mas agora Alice nunca ia lá. Quando via os pais e os irmãos, eles tinham de ir à casa dela, jantar na mesa de Alice e ser servidos por sua empregada. Todos iriam à festa. Apreciariam suas coisas bonitas, sentariam em suas poltronas e sofás e conversariam como se ela nunca tivesse sido um deles. Bell sairia do toalete e faria uma piada dizendo que poderia vender aquelas toalhas e pagar o aluguel do

mês. Claro que o problema era o ciúme deles. Embora também fosse verdade que, quando reunida, a família a fazia lembrar um grupo de criaturas vagantes e solitárias aprisionadas numa jaula, como leopardos capturados. Ajudaria o fato de que Floyd animaria a festa com uma apresentação. Floyd tinha partido havia quinze anos, quando Alice era uma garota de dez anos. Só sabia dele pelas fotos nos jornais. A mãe recortava as fotos do jornal e mandava para todos da família. Quem teria imaginado que Hattie tinha sentimentos? Ah, como a perspectiva da visita deles a aterrorizava. Alice levantou-se tão de repente que quase derrubou a cadeira. Cinco minutos depois estava na rua, afastando o pânico no ar gelado.

7h30

Alice estava andando havia trinta minutos quando avistou a igreja luterana de São Marcos. Ela precisava de alguns minutos de calor. A manhã fria, tão tranquila quando Alice saíra de casa, tinha se tornado brutal. A igreja assomava no quarteirão, três andares e uma escada íngreme com degraus de granito que levavam até as portas duplas. A família de Royce pertencia à congregação havia setenta anos. Um dos bancos da frente tinha o nome da família gravado, o mesmo banco que Alice ocupava todo domingo, com a aba do chapéu da sogra roçando a lateral de seu rosto.

Quando eram adolescentes, Alice e Billups costumavam ir a igrejas católicas em segredo. Cabulavam as aulas para ficar perambulando pelos parques fumando, depois pegavam o bonde elétrico até a Nossa Senhora da Consolação, a antiga Igreja de Santa Maria ou a Sagrada Trindade. Os dois se revezavam narrando seus pecados para o padre no confessionário. Alice contava sua história numa voz monocórdia, recitando os fatos como se estivesse

lendo uma lista de compras. Contava aquilo com tanta frequência que se tornara insensível aos efeitos no ouvinte, e se o padre arquejasse ou ficasse num silêncio chocado, ela ficava quase surpresa. Na saída ela e Billups acendiam velas para a salvação de suas almas. Mas era mais comum fazerem o inverso: sussurravam um nome, sempre o mesmo nome, e apagavam uma vela para extinguir sua alma. Bem, agora Alice e Billups eram adultos e não havia mais como livrar o mundo de almas malignas.

O patamar gelado do alto da escadaria da igreja de São Marcos já havia recebido uma camada de sal. Um homem mais velho saiu da igreja carregando um balde branco. Alice não o reconheceu a princípio, escondido pelo casaco e o cachecol. Mas depois atentou para a curvatura dos ombros e a forma como esticava o pescoço para a frente, como se olhasse algo a distância. Alice arquejou. Não conseguia ver seu rosto, mas com certeza era ele — usava o mesmo chapéu de feltro, tinha a mesma agitação de um roedor.

— Thomas! — tentou chamar ela, mas sua boca só se abriu e fechou, como a de um peixe.

Sempre que o encontrava, Alice tinha a mesma visão: ela batendo nele com os punhos e o arranhando até tirar sangue, dando joelhadas na virilha até ele cair na calçada. Mas tinha medo até de apontar para ele, quanto mais atacar. Ele descia resolutamente em sua direção, jogando punhados de sal nos degraus. Disse a si mesma que ficaria firme dessa vez, ao menos isso, e quando ele chegasse perto teria de olhar para o rosto dela e reconhecê-la. O homem chegou mais perto, o salto dos sapatos batendo na escada.

Alice jamais conhecera um homem que usasse sapatos tão barulhentos. Como o som ecoava na casa vazia quando ela era criança. Ele tinha tão pouca mobília: a lousa no cavalete na cozinha e a mesa quadrada onde passava as lições de Alice e Billups, o sofá de dois lugares na saleta onde Alice esperava, com os deveres da escola sobre os joelhos. A fechadura estalava suavemente quando ele fechava a porta atrás de si e depois quando a trancava lá

dentro. Fazia uma pausa do outro lado da porta e verificava a maçaneta para se certificar de que Alice não poderia sair. Ela ficava sozinha na saleta. Naquela casa cheia de sons dos sapatos dele batendo no piso do corredor. Depois o salto dos sapatos clicando o assoalho de madeira da pequena sala de jantar. Depois nada, quando ele andava pelo retângulo atapetado do corredor que dava na cozinha.

Alice olhou para ele na escada. Não estava longe agora. Espere, pensou. Fique firme. Ele está quase aqui — quase chegando. Mas, quando ele se aproximou, o ar ao redor pareceu se contrair e atraí-la na direção dele até parecer que os dois estavam lado a lado, e Alice pôde sentir o cheiro do giz e do couro dos sapatos. Virou-se e saiu correndo.

8h30

— Billy! Billy, cadê você? — chamou Alice. Tocou a campainha pela quarta vez. — Billy!

Só havia três apartamentos no prédio. Alice tocou todas as campainhas. Uma mulher que nunca vira abriu uma janela no segundo andar e pôs a cabeça para fora.

— Moça! Pare com isso! Ele não deve estar em casa. Meu Deus!

Alice se enrolou mais no casaco.

— Billy! — chamou outra vez. Os dedos do pé doíam de frio. As solas do tênis eram finas como bolachas. Mas ela estava determinada a alertar Billups de que Thomas estava na vizinhança. Alice examinou a rua para ver se ele a seguira depois da igreja. — Billy! — gritou.

A vizinha abriu a janela outra vez.

— Eu já disse que ele não está!

— A senhora pode bater na porta dele, por favor? Apartamento 3?

— Moça, eu estou tentando dormir um pouco! E não vejo Billy desde ontem.

— Ele estava bem?

Billy era tão frágil, com sua insônia e suas dores de cabeça.

— Estou quase chamando a polícia, se você não sair daqui.

— Mas eu sou irmã dele!

A mulher fechou a janela. Alice desceu a escada e ficou no meio da calçada. Olhou uma última vez para a janela de Billy. A cortina se mexeu. Ou teria sido o reflexo do movimento dos galhos da árvore no vidro?

— Billy? — chamou, em tom mais baixo dessa vez.

Os olhos de Alice se encheram de lágrimas. Olhou para a rua vazia e teve um pressentimento. Era como se o céu de ferro e o frio doído e os minutos que se sucediam de forma incontrolável trouxessem um mau sentimento — já eram 8h30, já era fevereiro, já era seu aniversário de vinte e cinco anos! Alice estremeceu e voltou para casa. Com certeza foi a estranheza da manhã que a fez se sentir tão desprotegida.

9h30

Uma caminhonete branca saiu da casa quando Alice atravessava o gramado da frente.

— Quem era? — perguntou ela ao entrar em casa. — Eudine?

Eudine andava pelo vestíbulo como um grande felino, cheia de passos largos e silêncio. Era empertigada como um alfinete, o cabelo retorcido num coque na nuca, o avental de um branco ofuscante, e o rosto, não só a pele, mas a expressão, era liso como caramelo derretido. Alice fechou mais o casaco, como se pudesse esconder as calças largas e os sapatos de lona sujos de neve derretida. Enfiou uma mecha de cabelo solto no gorro de lã.

— Quem era na caminhonete? — perguntou Alice outra vez.

— O bufê.

— O quê? O bufê? Eles ficaram de vir depois do meio-dia.

— Eu não sabia — respondeu Eudine.

Ela sabia, é claro. Eudine sabia tudo sobre a administração da casa. Era a pessoa mais eficiente que Alice conhecia — acordava às cinco da manhã e sempre chegava ao trabalho quinze minutos adiantada.

— Bom, acho que eles se enganaram, não é? — disse Alice. — Não sei por que você não mandou eles voltarem.

Eudine não respondeu. Era indecifrável, tão imaculada e atemporal. Os olhos tinham o mesmo tom caramelado da pele. O rosto era um lago plácido, muito profundo. Uma mulher com um rosto daquele poderia ser uma confidente, poderia ouvir qualquer coisa, não importava quanto fosse horrível, e continuar firme como granito. Quando a contratou, Alice esperava que Eudine se tornasse sua confidente, como naqueles filmes em que a patroa da casa se senta na penteadeira e conta seus segredos para uma empregada que tira os colares e os guarda na caixa de joias. Ou será que só mulheres brancas conseguem obrigar empregadas negras a serem confidentes? Talvez Alice fosse apenas a imitação de uma mulher branca rica num casarão. Não sabia ao certo se estava imitando alguém. Quer dizer, o objetivo de seus esforços era quase sempre obscuro.

— Vou ligar para eles.

Alice tinha guardado as anotações para a festa numa escrivaninha na sala de estar. Listas iniciadas semanas antes: os guardanapos necessários, cardápios, números de telefone dos floristas e da agência que mandava empregados extras, a gerente do bufê que Alice tinha descartado. A mulher era imponente como se fosse a dona da casa. A certa altura chegou a parar de consultar Alice! Por uma questão de eficiência, explicou. Como se Alice não soubesse planejar a festa do próprio irmão.

— Sabe, Eudine, aposto que aquela mulher terrível tem alguma coisa a ver com isso — disse Alice, jogando no chão pedaços de papel e faturas manchadas enquanto remexia o tampo da escrivaninha. — Ela estava determinada a me sabotar.

— Acho que não foi ela — retrucou Eudine.

— Como?

Alice não tirou os olhos dos papéis. Era tão difícil acompanhar todos aqueles detalhes.

— Acho que... Talvez o dr. Phillips tenha selecionado algumas pessoas... Quero dizer, algumas coisas que pediu em separado.

— Royce? Não, não pode ser. Ele disse que não... Eu mesma cuidei de todos os detalhes.

Alice piscou rapidamente. Sentiu um nó na garganta.

— O outro bufê ainda vai vir depois?

Alice quis fazer a pergunta com energia, mas, quando abriu a boca para falar, a voz saiu fraca como a de uma menininha.

Eudine olhou para ela.

— Acho que não — respondeu com calma.

— Eu vou... vou subir e ligar para resolver isso tudo — disse Alice pouco depois.

A humilhação fazia suas bochechas arderem. Perguntou-se por que Royce tinha cancelado o bufê escolhido por ela, e de quais outras maneiras ele a constrangeria quando tinha conspirado com Eudine. Alice podia sentir o sorriso irônico de Eudine. Subiu a escada devagar, cabeça erguida e as costas eretas. No alto, fez uma pausa, pegou um vaso com ambas as mãos e atirou-o no chão. Que delícia, quanto alívio naqueles cacos de vidro.

11h00

A melancolia invadiu a casa como uma era do gelo. A manhã estava quase acabando e Alice só tinha conseguido tirar o macacão e voltar ao roupão. Era comum o tempo passar daquele jeito — Alice soçobrando até o dia terminar de repente e ela ser forçada a agir freneticamente: as exigências domésticas, vestir-se para o jantar na hora em que Royce voltava do hospital, fazer compras diversas de coisas que Billups não conseguia adquirir sozinho. Alice deu um suspiro. Era evidente que o dia não iria clarear. Ela queria voltar para a cama, passar o resto dos dias na cama até a primavera chegar. Mas e daí? A primavera chegaria com suas cores berrantes, as pessoas ficariam felizes porque a estação havia mudado, e Alice teria de se sentir feliz também. No verão, ela e Royce passariam o mês de julho na casa em Vineyard, naqueles grandes aposentos arejados, as cortinas cor de champanhe se agitando ao vento, os cubos de gelo tilintando como móveis nos copos de cristal, a conversa tilintando da mesma forma frívola e delicada. O ar teria o aroma de bala puxa-puxa e algas secando, eles se vestiriam de branco e se sentiriam mais felizes ainda. Tanta felicidade. Quase tão cansativa como aquele fevereiro implacável.

12h30

A campainha da porta tocou. Alice correu até o alto da escada e espiou Eudine abrir a porta. Billy! Fazia semanas que ele não a visitava. Estava bem, parecendo mais alto por alguma razão. Alice viu de relance a própria imagem no espelho do corredor enquanto descia: o cabelo ainda cheio de grampos, o rosto ainda não lavado. Não gostava que Billups a visse desarrumada, mas que alegria, que maravilha ele ter vindo.

— Billy! — Desceu a escada correndo para cumprimentá-lo. — Eudine! Chá! — ordenou.

Alice pegou o irmão pelo braço e o conduziu à sala de estar.

— Eu penso em você todos os minutos. Fui ao seu apartamento hoje de manhã e você não estava. A festa é hoje à noite. Você esqueceu? — Fez uma pausa e deu um passo para trás para examiná-lo. — Está tudo bem com você?

— Tudo bem, Alice — respondeu ele.

— Por que ainda não tirou o paletó?

— Você não me deu chance...

— Bom, você está tão elegante. Nem imagino o que tem feito nessas últimas semanas! Esse paletó é novo? Muito bonito. Onde você comprou?

— Alice, eu preciso...

— Azul-marinho. Bem, prefiro paletós masculinos pretos ou cinza. Sempre compro preto ou cinza, mas... Foi Royce quem deu? Ele tem tanta roupa. Você precisa dar uma olhada nas roupas antigas dele. Vai ser preciso fazer uns ajustes, mas...

— Alice! Alice, por favor. Eu preciso falar com você.

— Falar comigo? Meu Deus, parece coisa séria. Sobre o quê, afinal? Nem chegou a hora do almoço. Cedo demais para tanta seriedade, Billy!

— É meio-dia e meia, Alice.

— É mesmo? Tão tarde assim? O dia está fugindo de mim! E ainda há tanta coisa a fazer. — Olhou ao redor da sala. Eudine já tinha arrumado as garrafas que não precisavam de refrigeração, distribuído os melhores cinzeiros e disposto os porta-copos de estanho nas mesas laterais. Alice pulou do sofá com um sobressalto. — Preciso tomar um banho. Você me espera, Billy?

— Chá — anunciou Eudine, entrando na sala com xícaras e um bule numa bandeja de prata.

— Bem, eu... — disse Alice, olhando de Eudine para a escada e voltando para Eudine. — Acho que dá tempo de tomar uma xícara.

— Eu preciso falar com você — repetiu Billups.

— Ah, Billy! Eu não contei. — Alice esperou Eudine sair da sala. Sentou-se ao lado de Billups e falou em voz baixa: — Eu tive uma manhã terrível. Vi aquele homem na escadaria da porta da igreja. Estava usando o mesmo chapéu.

Billy ficou tenso.

— Eu o reconheceria em qualquer lugar — cochichou Alice. — Não falei nada. Mas devia ter falado alguma coisa.

— Não era ele — disse Billy.

— Era *e/e* — replicou Alice.

— Por favor, Alice. Podemos falar sobre outra coisa?

As visões que Alice tinha de Thomas incomodavam seu irmão. Na maioria das vezes ela não falava a respeito. Mas no último ano ela vira Thomas perto da sua casa de calçados favorita e na Bonwit Teller, no centro da cidade. Ele não envelhecera, mas algumas pessoas conseguiam preservar a aparência jovem por anos e anos.

— Os mesmos sapatos batendo no chão, Billy. Saí correndo e fui direto ao seu apartamento, para avisar que ele estava por perto.

Alice quase conseguia sentir o cheiro do pão de ló que Thomas fazia ela e Billy comerem toda semana quando iam à casa dele. Alice trancada sozinha na saleta, Billups na cozinha com Thomas.

— Achei que fosse vomitar — continuou ela.

— Não quero falar sobre isso.

Alice inclinou-se para a frente na cadeira.

— O que você faria se o visse agora?

Billups não respondeu.

— O que você faria? — perguntou Alice.

— Nada — respondeu Billups.

— E se ele tentasse falar com você, e aí? — insistiu.

— Nada!

As mãos de Billups tremiam. Tinha as mãos tão grandes e fortes. No inverno ficavam feias, ressecadas e acinzentadas. Se Billups visse Thomas agora, com certeza o mataria com aquelas mãos;

bateria nele até virar um tomate que alguém tivesse pisado. Era terrível ver aqueles dedos grossos tremendo.

Quando Billups colocou o chá na bandeja na mesa de centro, a xícara escorregou no pires e se quebrou no assoalho de madeira.

— Ah, meu pobre Billy! — exclamou Alice.

Billups fechou os punhos no colo. Parecia que ia começar a chorar. O chá derramado se espalhou no tapete persa.

— Eudine! — chamou Alice. — Eudine!

Eudine apareceu com um balde e um esfregão e se ajoelhou para enxugar a sujeira. Olhou para Billups. Alice viu algo nos olhos dela. Julgamento? Pena?

— Agradeço se você só cumprir as suas funções, Eudine — falou.

— Alice! — bradou Billy.

Alice abraçou o irmão. Billups ficou rígido.

— Ele é amaldiçoado por Deus. Eu acredito nisso — continuou Alice. — Estava mancando. Provavelmente sofreu um acidente ou...

— Eu não quero mais falar sobre isso — gritou Billups.

A mãe e o pai, os irmãos e irmãs, nenhum deles tomava conta de Billups. Alice não esperava que soubessem do que ele precisava, ela e Billy nunca contaram a ninguém a respeito de Thomas. Era Alice que consolava o irmão em suas noites de terror, Alice que encontrou um apartamento num bom bairro da cidade para ele e o ajudava a pagar o aluguel, era Alice quem comprava suas roupas bonitas, suas melhores roupas. Sabia que Billups necessitava de cuidados, mesmo quando insistia que não. Alice era tudo o que Billups tinha. Precisou reunir todas as forças para não ir atrás quando ele saiu batendo a porta da frente.

1h30

Depois de duas tentativas, Eudine parou de chamar Alice para falar sobre os arranjos para a festa. Tudo bem, Eudine conseguiria fazer tudo com eficácia, e de qualquer forma Alice não conseguiria encará-la no momento. Em vez disso, preferiu inspecionar os quartos do segundo andar, apesar de a maioria não ser usada e não estar precisando de limpeza. O que será que Billups queria falar com ela?, pensou. Alice não gostava quando Billups tinha algo a dizer que ela não soubesse de antemão. Os dois sempre foram muito unidos. Royce dizia que o único problema real de Billups era se permitir humores sombrios. Aconselhava uma agenda diária mais ocupada e exercícios físicos. Ridículo. Royce era tão dedicado a aprimorar a raça — Billy era apenas mais um de seus projetos de melhoria.

Royce trabalhava como voluntário nas favelas, fazia doações para a Conferência Sulista de Liderança Cristã e para as campanhas de Edward Brooke. Claro que suas camisas eram compradas em Londres. Quando descobriu que Alice era cliente de um costureiro negro perto da Wayne Street, contou para a mãe, que correu com ela para uma confecção no centro, onde a costureira a tratava com desdém, mesmo quando se ajoelhava aos pés de Alice para pregar alfinetes. Os amigos de Royce eram amargos, triunfantes e invulneráveis, frios como a estrela mais longínqua. Como Alice queria ser igual a eles! E como os detestava — havia cinco anos tentava agradá-los e todos continuavam a tratá-la como um cão que não podia ser treinado.

Royce queria ter um filho. Convertera um dos aposentos em quarto de bebê logo depois de se casarem. Agora não deixava ninguém entrar lá. Alice abria a porta com a chave que guardava no fundo da gaveta de meias. As paredes foram revestidas com papel que tinha desenhos de patos amarelos usando chapéus, que serviam tanto para um menino como para uma menina, ele explicou. O filho não veio. Royce ficou amuado e a culpava. Em desespero, levou Alice a especialistas em Nova York e em Boston. A

infertilidade de Alice era a única coisa que provocava nele uma emoção genuína — mas isso ele não conseguiria fazer do jeito dele. Alice tinha certeza. Não era um ato de agressão, dizia ela a si mesma quando abria uma nova caixa de pílulas todos os meses. Só estava ganhando tempo até as coisas ficarem melhores entre eles. E ainda era uma mulher jovem. Ao sair do quarto do bebê, Alice guardou a chave no bolso do roupão. Deixou a porta escancarada.

O quarto de costura era no final do corredor. Pouco depois de estar equipado, Alice perdeu o interesse, mas manteve a máquina porque a fazia se lembrar de seu cantinho na sala de visitas da Wayne Street que Hattie havia transformado numa sala de costura improvisada. O que a mãe não teria feito por um quarto de costura naquela época. Hattie odiava a Wayne Street. Dizia que todos estavam espremidos como ratos num buraco. Não conseguia aguentar aquela pobreza. A cada dois anos pintava a sala de visitas de uma nova cor sofisticada: rosa antigo, azul Casanova ou verde brisa do mar.

Alguns meses antes, Hattie levava Alice para ver uma casa que queria comprar. Houvera tantas casas almejadas ao longo dos anos. O lugar era muito maior que o da Wayne Street, mas não precisava ser; a maioria dos filhos já estava crescida e havia saído de casa. Hattie levou Alice pelos quartos.

— Finalmente! — disse várias vezes. — Finalmente!

Ficou de assinar os papéis no banco dali a dois dias. Era absurdo contar com August para pagar sua parte, mas Hattie ficou muito desapontada quando a venda não foi fechada. E não quis aceitar a ajuda de Alice. Orgulho tolo, não dinheiro, era o que se interpunha entre Hattie e a única coisa que admitia querer.

Durante toda a vida, os filhos da família Shepherd ouviram Hattie declarar sua tristeza por não ter casa própria. Morar de aluguel os tornava pobres e comuns. Eram indefesos, dizia Hattie, sujeitos aos caprichos do senhorio.

— Em todos esses anos nós não conquistamos nada — uma vez Alice ouviu Hattie dizer a August. — Você não quer ter algo para deixar para os nossos filhos?

Quando Alice era criança, Hattie calculava periodicamente quanto tinha pagado de aluguel durante os anos em que morou na Wayne Street. Depois, ficava dias resmungando pela casa apontando as rachaduras na banheira e os rodapés arranhados e feios. Esses acessos eram perigosos. Ela culpava Franklin por ter deixado uma janela aberta durante uma tempestade e empenado o assoalho do quarto. Na época ele só tinha oito anos. Hattie o arrastara até o corredor e batera nele até o garoto urinar de medo e dor. Alice tinha passado mercurocromo nos machucados por uma semana.

Mamãe deve se sentir deprimida quando vem aqui, pensava Alice. Todos esses quartos e salas e nem uma criança. Todos esses aposentos cheios com as minhas coisas bonitas. Alice voltou para o quarto e sentou-se na beira da cama, as mãos caídas no colo. A festa iria começar às nove; na próxima semana ou no mês seguinte haveria outra reunião, e talvez outra e mais outra — tantas conversas seriam mantidas em todos esses recintos, tantos papos e rapapés e fingimentos ainda iam acontecer. Alice não conseguia imaginar que conseguiria se adaptar nos anos que tinha pela frente. Sentia a casa ao seu redor como se fosse uma grande mandíbula que a tivesse engolido.

15h

Alice saiu da banheira, a pele comichando do calor do banho. Passou seu perfume de gardênia favorito e escolheu as joias: a gargantilha de diamante com platina, os braceletes de diamantes, brincos de pérolas. Postou-se nua diante do espelho — as joias a estimulavam, tornavam-na mais corajosa. Sou uma mulher rica,

pensou. Não preciso mais ter medo de ninguém. Alice calçou os chinelos, vestiu o roupão e desceu para dizer a Eudine que precisava do vestido de festa.

A porta do quartinho de passar roupa estava aberta. Alice atravessou a cozinha e entrou. A janela do fundo estava embaçada, mas ela conseguiu divisar um lindo pássaro vermelho pousado num galho seco no carvalho do quintal. Quando se virou e viu Billups e Eudine agarrados, quase disse:

— Não é incrível? Um cardeal em fevereiro! — Como tanto o passarinho como o abraço pareciam impossíveis, Alice pensou que estava imaginando coisas e fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, o passarinho tinha ido embora. Mas lá estava Eudine arrumando o cabelo e Billups se afastando dela e pigarreando. Alice voltou para a cozinha. — Perdão — gaguejou. Como se fosse ela quem tivesse feito algo que não devia.

Billups veio atrás dela.

— Eu estava... Tentei contar... — hesitou.

Olhou para Eudine, que o havia seguido e estava a poucos metros. Ela fez um sinal de encorajamento para Billups; quando voltou a encarar Alice, os olhos dele estavam brilhantes e animados.

— Nós estamos juntos — falou.

Alice não conseguiu aguentar a autoridade do tom de voz dele. A declaração dessa coisa que tinha feito às suas costas, essa decisão que havia tomado sem consultá-la. Eudine mantinha a cabeça erguida, os olhos fixos em Billups, como se Alice não estivesse ali.

— Cobra — murmurou Alice. — Jezebel.

Eudine ajeitou o babado do avental, embora já estivesse arrumado, e disse:

— É melhor eu ir embora.

— Você devia se envergonhar — gritou Alice.

Ficou olhando enquanto Eudine saía pelo corredor. Billups bloqueou seu caminho.

— Calma, Alice. Você está exagerando.

Apoiou uma das mãos no ombro dela. Alice ficou tensa.

— Eu sei que é um choque, mas tentei falar hoje de manhã... Estou passando por algumas mudanças. Eu...

Billups olhou ao redor como se alguma coisa pudesse salvá-lo da discussão, como se algo pudesse recolhê-lo e transportá-lo para longe de Alice.

— Vou me mudar na semana que vem. Encontrei um lugar que posso pagar com o meu... — Billups hesitou — ... com o meu salário.

Alice ficou na frente do irmão, tremendo como um *terrier*, mas não disse uma palavra.

— Alice? Alice? — chamou ele. — Talvez eu deva ir embora. Não é um bom momento, com essa festa e tudo o mais.

— Era sobre isso que eu estava falando, Billy — disse Alice. A voz estava baixa e tensa. — Você não consegue tomar uma decisão certa. Um caso com a empregada? Mudar de apartamento? Para que bairro? Você não pode pagar um bom lugar.

— Consegui um emprego no atendimento do Hospital Girard, com um salário de cinco mil e seiscentos dólares por ano. Estou cansado de trabalhos de meio expediente e de mudar de uma coisa para outra.

Olha só para ele. Todo inchado de orgulho.

— Isso é emprego de mulher — observou Alice.

— É um bom emprego — replicou Billups sem convicção, os olhos baixos.

Pobre Billy! Não estava pronto para todas essas mudanças. Não conseguiria administrar tudo aquilo.

— Você não está pensando direito, Billy — falou Alice. — Nós já passamos por isso. Você sabe que empregos de meio expediente são melhores. Você nem precisa trabalhar se não quiser. Nós temos bastante dinheiro.

— *Você* decidiu que emprego de meio expediente é melhor — retrucou Billups. — *Você* decidiu que eu morasse num apartamento

caro. Mas eu sei me virar sozinho!

— Trabalhando de empregado no hospital.

Billups balançou a cabeça de um lado para outro.

— Eu sabia que você ia fazer isso. Já estou trabalhando há dois meses e não falei nada porque sabia que você ia agir dessa forma. Olha, olha só isso. — Billups tirou uns pedaços de papel dobrados do bolso, os cheques semanais de Alice, não descontados. — Estou indo bem sem você.

— Você acha que não precisa de mim? Por causa desse seu empreguinho? E da Eudine? Francamente, Billups. Ela limpa as minhas privadas.

— Quem é você para decidir quem é bom para quem? A família do Royce acha que você devia estar limpando as privadas deles.

— Eu só queria que você fosse feliz! Fiz tudo para você poder ser feliz.

— Eu nunca pedi nada. Sinto muito por se sentir tão culpada, mas não posso fazer nada a respeito.

— Culpada! Eu tenho tentado ajudar!

— Você quis ter dinheiro na vida. E o que isso fez de bom para você? Olhe para si mesma, Alice. Você virou uma falsa branca enfiada nesta casa, abobalhada com esses remédios que o Royce te dá... Perambulando como um zumbi e olhando pelas janelas. Sai dessa, Alice. Isso está deixando você louca.

— Olha como você me culpa. Você me culpava quando éramos crianças, e agora está me culpando por estar chateada com esta situação!

— Não era você que Thomas levava para aquela cozinha toda semana!

Os dois se entreolharam, chocados. Billups nunca tinha falado aquilo em voz alta. Respirou fundo e se recuperou.

— Eu não culpo você, Alice. Já cheguei a achar que você devia ter contado para alguém, por ser mais velha e tomar conta de mim. Mas não acho isso há muito tempo. Nós éramos crianças. Mas você

precisa parar de falar nesse assunto. Chega de se desculpar, chega de querer me arrastar até aquela situação de novo. Sabe o que eu quero, Alice? Quero ser normal. Estou com vinte e três anos. Quero me casar. Quero sair para trabalhar todos os dias. Quero pagar minhas contas e ser um homem adulto.

— Eu me casei com o Royce para poder tomar conta de você — disse Alice.

— Você se casou com o Royce porque queria o melhor para todo mundo.

— Você não me considera uma boa pessoa, não é? — perguntou Alice. — Como pode dizer que eu não cuido de você?

— Eu não disse isso.

Meu Billy não, pensou Alice. A única pessoa neste mundo que precisa de mim, que me leva a sério e não me sabota. Ele, não. Os dois ficaram em silêncio. Depois de algum tempo Billy mudou de um pé para o outro e ajeitou o paletó como se fosse sair.

— Billy? — falou Alice em voz baixa. — Eudine sabe sobre Thomas? Talvez fosse melhor ela saber. Talvez eu deva contar para ela. — Alice virou a cabeça na direção da sala de visitas: — Eudine!

Quando sentiu o tapa do irmão no rosto, Alice não conseguia acreditar que ele tivesse feito tal coisa. Caiu sob o impacto do bofetão. Devia ter gritado, pois Eudine entrou correndo na cozinha e a ajudou a se sentar numa cadeira. O lábio de Alice tremia, a coxa estava fria no local onde o roupão se abriu. Um dos brincos de pérola tinha caído no chão. Billups se abaixou para pegar, mas Eudine fez sinal para que se afastasse.

— Ela é uma criaturinha frágil, Billups — falou. — Você não devia encostar a mão nela.

— Eu sei — concordou ele, quase em lágrimas. — Eu sei.

— Vá dar uma volta para se acalmar — recomendou Eudine.

Ela estava falando com Billups, mas foi Alice quem se levantou. Passou pelos funcionários do bufê com uniformes pretos na sala de jantar. Afastou uma mulher que levava uma braçada de gerânios e

lírios e outra com uma bandeja de prata. Ninguém a chamou, e Alice se sentiu grata por isso.

17h30

O dia avançava de escuro para mais escuro, e lá estava Alice no alto da escada, como de manhã. Os convidados começariam a chegar em duas horas e meia. A volta de Royce era iminente. Havia algum tempo Alice estava tentando se animar e acabar de se vestir antes de Royce chegar em casa, pelo menos isso, para ser poupada de reprimendas e de suas consequências. Esfregou o lado do rosto que Billups tinha esbofeteado; o canto da boca estava levemente inchado. A família ia fofocar a respeito. Abraçou os joelhos para se proteger do frio que penetrava no andar de cima quando caía a noite.

— Sra. Phillips?

Alice não respondeu.

— Sra. Phillips — chamou Eudine de novo. — Preciso pegar o resto das minhas coisas na cozinha antes de ir. A senhora acha... Posso subir em vez de ficar gritando na escada?

— Não pode subir de jeito nenhum! — Alice desceu correndo a escada, mas quando se viu frente a frente com Eudine no corredor, de repente não soube mais o que dizer, com que tom atacar.

— Bem, acho que então está tudo certo — falou.

Queria perguntar sobre Billups, aonde ele tinha ido e se viria à festa mais tarde, mas não conseguia admitir que Eudine pudesse saber alguma coisa sobre o irmão que ela não soubesse.

— Eu gostaria de acertar as contas agora — disse Eudine.

— Acertar as contas?

— Meu pagamento.

— Ah, sim. Sim. — Alice não tinha como calcular as horas trabalhadas por Eudine, nem conseguiria encontrar o talão de cheques, por isso respondeu: — Eu mando seu pagamento pelo correio. Preciso verificar as horas trabalhadas.

— Não há nada a verificar. Eu trabalhei três dias nesta semana. É o pagamento que tenho a receber.

— O dr. Phillips precisa assinar o cheque, já que vai ser o último.

— Não entendi... — Eudine deu um suspiro. — Tudo bem. Mas seria bom se pudesse mandar o pagamento quanto antes.

Virou em direção à cozinha.

Os funcionários do bufê se esbarravam e faziam barulho na sala de jantar — uma tropa de estranhos contratados para arrumar a casa para a família de Alice, outra tropa de estranhos. Eudine logo iria embora. Não voltaria na manhã seguinte nem na outra, nem Billups. Ah, esta casa vazia!

— Você não pode ir embora desse jeito! — bradou Alice. — Sabe que existem coisas que precisam ser ditas!

— O que a senhora quer que eu diga? — perguntou Eudine, olhando para Alice.

— Que está arrependida! Será que não tem a decência de admitir que está arrependida?

— Eu sinto muito por a senhora ter descoberto dessa maneira. E sinto pelo que Billups fez hoje à tarde.

— Isso não é da sua conta! — retrucou Alice. — Não diga uma palavra contra ele! Você não devia nem mencionar o nome dele!

Eudine balançou a cabeça de um lado para outro. Alice sentiu sua reprovação como uma segunda bofetada. Furiosa, correu até a escrivaninha na sala de visitas e pegou um envelope.

— Pega isto aqui e vai embora — exclamou, tirando um maço de notas de vinte do envelope. — Nunca mais quero pensar em você! Depois de tudo o que eu fiz!

Alice agitou o dinheiro na cara de Eudine, e como ela não avançou para pegar, Alice jogou as cédulas em sua direção. Teria cuspidido

nela se tivesse pensado nisso. As notas, atiradas com tanto desprezo, flutuaram no espaço entre as duas e caíram aos pés de Alice. Mesmo com todo o seu desdém, ela se mostrou ineficaz. Um jovem uniformizado, empurrando um carrinho de bebidas, fez uma breve pausa na porta e apreciou o espetáculo — as notas de vinte no chão e a dona da casa gritando como uma megera vestida num roupão. Alice começou a soluçar com tanta intensidade que se dobrou e teve que apoiar as mãos nas coxas para recuperar o equilíbrio.

Eudine tirou um lenço da bolsa e estendeu a Alice. Apesar do pragmatismo, da falta de emoção, o gesto pareceu uma grande bondade para Alice. Era uma entidade faminta a quem tinham oferecido um bocado de comida, ainda que pouca. Alice se ajoelhou no tapete. Eudine desapareceu por um breve momento e voltou com um copo de água. Ficou ao lado da mulher chorosa, educadamente não olhando para ela, até Alice se acalmar.

— É melhor eu ir agora — falou, entregando-lhe o copo de água.
— Demora um bom tempo até chegar em casa.

Alice enxugou os olhos na manga do roupão.

— Você vai continuar sustentando o meu irmão? — perguntou em voz baixa.

— Não é a definição mais correta.

— Ele tem muitos problemas, você sabe. É um bom rapaz, mas não sabe cuidar de si mesmo. Talvez ele acredite que sabe, mas não sabe. O que vocês vão fazer, morar juntos em Filadélfia do Norte? Ele não está acostumado com esse tipo de...

— Eu não moro em Filadélfia do Norte.

— Bom, tanto faz, mas...

— Sem "mas". Eu não moro em Filadélfia do Norte. E não haveria nada de errado se morasse. É um lugar como qualquer outro, não quer dizer que a senhora pode me rotular.

— Eu nunca rotulei você.

— A senhora não fez nada a não ser me rotular, e agora está brava porque eu não aceito isso.

— Eu queria ajudar você!

— Me ajudar? Me rebaixando o tempo todo? A senhora é bem doidinha, sabe disso? Ou me rebaixa ou fica falando fiado comigo, como se eu tivesse de amar a senhora como a um bebê.

Alice sentiu-se à beira de uma revelação, como se naquele tempo todo houvesse algo que ela precisava saber, que se ficasse sabendo poderia estar livre. Esfregou o pescoço. Gostaria de pegar nas mãos de Eudine, que seriam quentes e secas, um pouco calejadas — mãos que curavam. O oposto do toque clínico e indiferente das patas trêmulas de Royce.

— Eu sempre fui sozinha, sabe? E também nunca tive ninguém para contar as coisas. Tanta coisa aconteceu comigo. Você não faz ideia. Às vezes eu fico confusa com... com o jeito que devo ser. Já tentei ser tantas coisas e não consegui ser nenhuma. Você parece... Achei que você sabia como lidar.

— Eu não sei nada mais que a senhora — disse Eudine.

— Você conhece o Billy. — Alice inclinou-se para a frente. — Você acha... que Billy vai me abandonar? — sussurrou.

Não era a pergunta certa. Assim que as palavras saíram de sua boca, Alice percebeu que tinha feito a pergunta errada e que não sabia a pergunta certa a fazer. Eudine olhou para outro lado. Alice tinha falado bobagem. Eu me fiz de boba, pensou. Mas quem sou eu se não tiver Billy para tomar conta? Que espécie de pessoa? Que espécie de vida eu teria se nós dois não fôssemos tão desgraçados? E mais, e se minha desgraça não for a mesma de Billy? Todo esse tempo Alice vinha pensando que Thomas era a aflição comum, mas talvez, talvez algo tivesse mudado, talvez agora só restasse ela, Alice, desgraçando a si mesma. Ali estava o seu precipício, ali estava o abismo. Alice fugiu como se estivesse na beira de um penhasco.

Levantou-se e enxugou os olhos, ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Você não pode imaginar o trabalho que dá tomar conta do meu irmão. Vai exigir tudo de você — disse Alice.

— Ele sabe tomar conta de si mesmo. A senhora tem que deixá-lo em paz.

— Eu tentei.

— Não é verdade.

— Você não vai conseguir cuidar dele. Só eu posso fazer isso.

— É uma pena que a senhora pense desse jeito — falou Eudine. — Para o seu próprio bem.

A porta da frente se abriu. Billups ficou na soleira. Estava pálido de frio.

— Billy! — gritou Alice.

Eles faziam as pazes; tinham de fazer. Alice deu um passo na direção do irmão. Eudine também. Billups inclinou-se na direção da namorada e sorriu. Sorriu como que dizendo sinto muito eu não queria desapontá-la e graças a Deus ainda está aqui. O abraço dos dois atingiu Alice como o primeiro lampejo de uma enxaqueca — súbita e de tirar o fôlego.

A luz do lustre da sala refletia nos cristais lapidados e os candelabros de prata iluminavam a janela. Lá estava Alice, pequena e opaca ao fundo. Do lado de fora, tinha começado a nevar. Os flocos, brancos e gordos como pétalas de dente-de-leão, cintilavam na lâmpada do poste de iluminação. Um homem, cabeça baixa, se aproximava da casa. A gola do casaco escuro levantada. Quando passou pela luz do poste, Alice viu que usava um chapéu de feltro.

— Billy! Está vendo ele ali? — falou, apontando a figura se aproximando na neve. — Chame a polícia! Ele está logo ali! — Alice olhou para Eudine e para o irmão. — Por que você está parado aí? Não está vendo aquele homem?

Atravessou a sala, foi até o telefone na mesa e começou a discar. Billups e Eudine se entreolharam.

— Billy, a gente precisa fazer alguma coisa! — exclamou Alice.

Billups tirou o telefone da mão dela com delicadeza e a levou de volta à janela. Pôs o braço ao redor dos seus ombros para ela parar de tremer.

— É o Royce, Alice — falou. — É só o Royce.

Alice olhou pela janela. Era verdade. A figura que se aproximava era o seu marido. Apesar de olhar para ela com ar preocupado, apesar de erguer a mão num cumprimento gentil, Alice sabia que depois da festa Royce a convenceria a se desculpar com Floyd e os convidados. Colocaria dois comprimidos brancos na sua mão e diria que ela precisava descansar. A noite transcorreria sem ela, que ficaria lá em cima no quarto, as cobertas amontoadas sobre o corpo, a pele dos lábios rachando no ar quente e seco. Acordaria na calada da noite sentindo-se leve e pesada ao mesmo tempo, como se a cabeça fosse um balão cheio de água. Hoje o dia tinha sido um fracasso: ainda não estava vestida, não conseguiu administrar a casa e tinha demitido Eudine. Billups também ia embora. Ia sair da casa e andar pela calçada escorregadia até que, como uma cortina se fechando atrás dele, sua silhueta se perderia na neve que caía. Algum tempo depois até suas pegadas desapareceriam. Alice sabia que essas coisas iam acontecer, e descansou a cabeça no peito do irmão. Gostaria que o homem lá fora fosse mesmo Thomas, para que ela e Billups pudessem mais uma vez ter o mesmo inimigo e o mesmo medo em comum.

Franklin

1969

Surge uma sampana. Baixa na água escura, à distância de uma granada do meu posto na praia, velejando para fora da bruma que caía com a noite.

Ontem de manhã recebi minha missão: estou num pebtão de dez homens desembarcando numa ilha ao largo de uma grande baía. Devo manter vigília na praia enquanto os outros plantam minas. Partiremos às quatro. As instruções são para estar atento a embarcações nativas, juncos e sampanas. Mais tarde naquele mesmo dia estávamos eu, Pinky e Mills caminhando para o refeitório quando o tenente gritou por cima do ombro:

— Marujo Shepherd! Não vai me foder essa missão.

Mills e Pinky deram risada. Pinky falou:

— Não dá para ver sampanas na baía à noite.

Perguntei por quê, e ele só respondeu:

— Você vai ver.

Três homens navegam a sampana, um em cada extremidade e um no meio; os chapéus cônicos estão enterrados na cabeça. Saem remando de uma barra na outra ponta da praia. Os braços se movimentam em arcos graciosos Os remos afundam; a água ondula. Os remos sobem; a água ondula de novo e a canoa avança. O que está no meio arrasta a mão na superfície da água. Entre as pernas há um saco grande de alguma coisa pesada e fofa, afundada no meio e tombando sobre si mesma. A sampana é preta e cor de madeira, menos de sessenta centímetros de altura com as pontas subindo, como uma banana. Os homens sentam-se eretos como palitos de dente, estreitando os olhos à luz da minha lanterna. O barco não tomba.

Disparo para o alto dois tiros de advertência.

— Identifiquem-se!

Os homens no barco levantam os braços e na pressa um deles derruba o remo na água.

Não se deve confiar em sampanas de pescadores. Nas suas ordens o tenente disse que nem sempre se deve imaginar que são pescadores. Eles remam do mesmo jeito tranquilo, mas de repente mexem nos amontoados de redes de pesca e tiram granadas

ou MAC-10. Alguns têm até napalm; o oficial não me disse isso. Mills e Pinky disseram, e eu acredito neles.

— De pé! Levantem-se com os braços erguidos.

Ouçõ o barulho molhado de botas pousando na areia atrás de mim. Mills grita:

— Larga isso! Larga essa merda! — Apesar de ninguém no barco estar segurando nada.

Um deles levanta primeiro, depois outro. O barco balança e desnivela. São disparados mais dois tiros.

— Eu disse para levantar, seus putos!

Isso, percebo, é a minha voz — áspera e frenética, gritando embora saiba que eles precisam se levantar devagar, um de cada vez, para a sampana não virar.

— Aquele do meio não está levantando, porra! — E olho para Mills à minha esquerda. — Ele não está levantando!

Tiro os olhos do alvo. Nunca se deve tirar os olhos do alvo. O do meio finalmente se levanta, e o barco quase emborca. Ele se agacha para se equilibrar. Eu quase disparo. Quase. Um dos homens se revela uma mulher. Está mais firme sobre os pés do que os outros. Vira a cabeça devagar e olha para nós como se fôssemos um bando de macacos selvagens.

— O que tem nesse saco? — pergunto.

Eles não respondem.

— Eles não falam inglês — diz Mills.

— Eles entendem. Estão fingindo. Joguem o saco! — Aponto o volume com o cano do fuzil.

Disparo um quinto tiro de advertência, este na água perto da sampana. O homem no meio se abaixa e lança o saco de lado, que afunda lentamente na baía.

— Saíam daqui — digo.

Não tiro os olhos da mulher. Ela parece mais dissimulada que os outros. É ela quem vai lançar a granada se houver uma para lançar. Mills gesticula para eles continuarem. Faz dois movimentos de lado com o fuzil.

— Vamos em frente. Vamos em frente, porra!

— Pode parar, Shep. Eles estão indo! — exclama Mills.

Não digo nada a ele sobre a queimação na base da minha coluna. Eu achava que a dor era só medo, mas agora sei que é uma premonição. A trouxa na sampana incendiou minhas costas.

— Saíam logo daqui, porra! — grito mais uma vez, embora os pescadores já estejam usando o remo que sobrou e a sampana tenha começado a se mexer.

Mills se afasta, balançando a cabeça de um lado para outro. Fico sozinho outra vez, andando no meu pequeno território, uma estreita faixa de areia na orla da ilha. Imagino que a trouxa do pescador estivesse cheia de granadas preparadas que vão ser levadas até a praia e explodir na areia.

Estreito os olhos na escuridão. Uma nuvem cinzenta passeia pela meia-lua alta no céu. A baía e a praia ficam iluminadas pela lua, depois escurecem, depois iluminam-se e escurecem mais uma vez. Agora, com a lua escondida atrás das nuvens, só vejo o contorno das coisas: blocos altos de rocha despontando da água, nosso junco ancorado a setecentos metros da praia, as silhuetas dos homens do meu pelotão ajoelhados na areia. Nas águas rasas, tartarugas batem os cascos umas nas outras e sibilam. Inclino a cabeça para o lado e tento ouvir sons humanos, mais remos na água, mais sampanas navegando no mar.

Em poucas horas teremos completado nossa missão e vamos recolher o junco e sair daqui. Atrás de mim meu pelotão está ocupado em cavar buracos na praia. Quando me casei pela primeira vez, eu morava perto de um açougueiro. Ele estava sempre trabalhando quando eu passava. Cantarolava enquanto trabalhava, o que me fazia pensar que era um homem feliz. Ouvindo o som úmido das pás na areia, lembrei o som da faca dele cortando a carne.

Tenho medo de que a bruma sobre a água paire até a praia e não me deixe ver cobras vindo em minha direção. Meu pescoço dói da tensão de rastrear a praia à procura delas. Aperto o gatilho devagar, suavemente, até sentir a pressão aumentar debaixo do dedo, até estar a uma fração de segundo do gratificante estalo do gatilho liberado. Acendo outro cigarro. Escrevi uma carta para minha mulher — minha ex-mulher, acho que devia dizer —, nossa primeira comunicação em quase um ano. Acho que dessa vez ela terminou mesmo comigo. Eu nunca vou terminar com ela.

Sissy. Ela voltou para Filadélfia. Se estiver na casa da irmã, deve estar rindo de boca aberta, os dedos gesticulando enquanto fala. Ou, mais provável, está um pouco triste e olhando pela janela com as mãos enlaçadas no colo. Conheço seus estados de ânimo e sei como interferem em suas feições, mas ainda me espanto com a configuração dos lábios e dos olhos e das bochechas que formam o rosto que eu amo. À parte todos os outros que posso ter amado. Minha Sissy.

* * *

Quando atravessamos a soleira do nosso apartamento no dia em que nos casamos, uma folha de bordo entrou com o vento na sala de estar. Era de um carmesim escuro que escurecia até ficar bordô nas beiradas. Sissy disse que o outono é todo de sangue e ouro, e eu segurei a folha e falei:

— Bem, aqui nós temos o sangue.

Voltamos para fora para ver o ouro. Encontrei uma folha amarela na calçada do outro lado da rua, sem uma mácula de marrom. Não

consigo me imaginar fazendo isso com mais ninguém — uma coisa tão boba quanto observar as folhas caídas na rua, mas com Sissy não era bobo. Dei aquela folha amarela a ela, que colocou junto com a vermelha e embrulhou as duas num lenço que tinha passado a ferro. Não tínhamos nenhuma fita, por isso ela cortou um pedaço do forro do vestido com que tinha casado, amarrou o lenço e guardou numa gaveta embaixo da cama. Faz apenas dois anos que isso aconteceu.

* * *

As nuvens passam, a luz do luar coloca a área em alto-relevo. Existem centenas de ilhotas nesta baía. Em alguns locais estão tão próximas umas das outras que, se eu boiar entre elas, meus pés podem tocar em uma e a cabeça na vizinha. As menores não passam de montes de terra não maiores que lajotas de cimento das cidades, mas têm umas flores de cores malucas crescendo em toda parte. Nem sei se chamam flores, são enceradas, espinhosas e brilhantes como placas de néon. Mills me disse que essa baía é uma das Sete Maravilhas, mas nunca ouvi falar dela. Faço a ronda na maior; tem uma floresta inteira crescendo no meio. Gostaria de poder ter visto isso tudo de outro jeito, sem fuzil e fora de um barco cheio de bombas.

Não sei onde Mills arranja tanta cerveja. Estamos bebendo desde o toque de alvorada. Vejo o lampejo de alguma coisa brilhando no céu — não pode ser uma estrela porque pisca muito, também não é um sinalizador porque não sobe e depois desaparece, nem um avião, porque está parado. Nunca tinha visto tantas luzes não identificáveis no céu antes de vir para cá. Pinky disse que o céu sobre a baía é mal-assombrado.

— Céu não pode ser mal-assombrado — respondi.

— Você vai ver — insistiu ele.

Depois deu risada, e percebi que estava gozando da minha cara.

A poucos metros da praia alguma coisa faz um barulho. Pego meu fuzil depressa. Alguma coisa está vindo da água na minha direção. Vou encher de bala; vou transformar num queijo suíço. Surge na superfície. Um peixe, a droga de um peixe-voador. Flutua por uns três metros e mergulha. Abaixo o fuzil. Alguma coisa preta e convexa flutua à minha direita, onde o peixe desapareceu na água. Não se mexe, portanto deve ser uma das ilhas. As menores não são maiores que uma mesa de centro. Deve ser uma dessas, deve ser.

Estou cheirando a fumaça de cigarro estagnada e carne rançosa. Sinto o cheiro na minha boca. Meus dentes e minha língua estão pegajosos. Nem consigo imaginar como

deve estar o meu hábito. Comi uma lata de atum e algumas bolachas mais cedo; minhas outras refeições foram cerveja e café. Não me lembro da última vez que passei um dia inteiro sem sentir vontade de vomitar. Minha barba cresce em tufo irregulares. Embaixo do cabelo, gabs vermelhos despontam em aglomerados.

Gostaria de pensar que Sissy não me reconheceria, mas isso é mentira. Ela já me viu feio desse jeito. Quando eu voltar ao navio, vou começar uma nova dieta: tomar cerveja só à noite, depois do rango. Não me envolver mais em brigas e não ser mais preso. Acho que posso fazer isso, dar um jeito na vida. Já fiz antes, embora às vezes ache que sou mesmo um beberrão e que nos períodos que passo sóbrio e útil e bem barbeado estou apenas me escondendo de mim mesmo.

Recebi uma carta da Sissy na semana passada. Ela escreveu: Você tem uma filhinha, nascida em 13 de setembro. Eu não ia contar, mas ela é muito parecida com você, até as pintas castanhas nos olhos. Não sei o que você vai fazer agora que eu contei. Não sei se quero que faça alguma coisa. Eu ia guardar segredo, mas sei que as coisas que tentamos esconder acabam aparecendo quando menos se espera. Não quero que minha filha tenha uma mãe mentirosa. Ela está com cinco meses. O nome dela é Lucille.

* * *

Conheci Sissy na praia do Osso de Frango. Os brancos deram esse nome porque diziam que nós jogávamos ossos de frango em qualquer lugar; é a única praia para negros em Atlantic City. Nós começamos a chamar assim também. Não é uma vergonha? Havia alguns ossos espalhados na areia. Minha mãe foi com a gente uma vez e passou a tarde toda balançando a cabeça e estalando a língua.

— Negros não sabem manter nada bonito — dizia.

A praia não era tão ruim como ela quis dar a entender, e não era que nós sujássemos muito, a prefeitura é que não limpava da mesma forma como limpava as praias dos brancos. As gaiotas mergulhavam para pegar os ossos de frango. Partiam os ossos com o bico, comiam a medula e deixavam o osso oco corando ao sol. Era preciso ter cuidado, eu lembro, para não ficar com lascas de ossos nos pés. Naquele verão o tio Lewis comprou um Buick novo em folha, mas só levava quatro de nós de cada vez. Disse que não

ficava bem dirigir um carro cheio de negros amontoados uns em cima dos outros.

Eu vi Sissy numa fila para comprar refrigerante de um homem que andava para cima e para baixo na praia puxando uma caixa de isopor na areia. Sissy tinha uma verruga marrom na bochecha, e a primeira coisa que pensei foi como ela era bonita apesar daquela mancha. Eu mal tinha saído da escola, mas já tinha as minhas garotas, gostava delas com coxas grossas e o rosto da Dorothy Dandridge. Sissy tinha aquela verruga, mas sabia segurar uma garrafa de refrigerante com a mesma delicadeza de uma porcelana chinesa. Não fui falar com ela naquele dia, mas passei a semana fazendo planos de como chegar à garota. Sabia que teria de dizer as coisas certas e controlar meus modos, talvez fazer algumas promessas. Ia contar que tinha um bom emprego como assistente de eletricista na Marinha. Ia pegar o Buick do tio Lewis emprestado e levá-la a um concerto no Latin Casino. Afastaria a cadeira para ela, pagaria um coquetel e olharia em seus olhos com a expressão de Romeu que tinha aperfeiçoado. Ela me daria um beijo quando eu a deixasse em casa e depois seria só uma questão de semanas. Eu sabia como agir. Ia começar na semana seguinte.

O sábado seguinte chegou e ela não estava lá. Bebi meu refrigerante e dei risada com meus amigos, mas não parava de procurá-la com o canto dos olhos, e quanto mais eu não a via, mais a praia ficava ruim. O sol estava quente demais; os corpos de maiôs ao redor eram oleosos e cobertos de pintas, pelos e manchas. Passei a tarde andando de um lado para outro da praia dos negros. Não era muito extensa, mas foi o suficiente para deixar as solas dos pés ardendo da areia e a pele do meu nariz e dos ombros queimada. As gaivotas me aborreciam. Fiquei tão chateado que nem saí aquela noite. Passei a semana seguinte tentando me convencer de que só estava desapontado por não ter dado um amasso numa garota legal no banco de trás do carro. Quando ela não apareceu no sábado seguinte, senti um zumbido nas têmporas.

Naquela semana perguntei a algumas pessoas e descobri o nome dela e onde morava. Não foi fácil; ela não era daquela parte da cidade. Peguei um ônibus para Filadélfia do Sul. Nunca tinha estado lá. Morei naquela cidade a vida toda e nunca tinha ido. Lembro que fiquei surpreso com a tranquilidade e com as casas alinhadas. Eu imaginava lixo nos bueiros e negros suspeitos nas esquinas. Sissy atendeu a porta, tirei o chapéu quando a vi. Ela ficou olhando para mim do outro lado da tela, e eu segurando o chapéu na mão disse:

— Meu nome é Franklin Shepherd. Lamento incomodar, mas vi você na praia em Atlantic City e pensei... pensei se não podíamos sair para dar uma volta uma noite dessas.

Eu nunca falava desse jeito, mas, ali na frente dela, só consegui falar essas coisas antiquadas e caipiras. Ela sorriu, concordou e falou para eu voltar na sexta à noite, e foi o que fiz. Eu tinha dezenove anos, Sissy tinha vinte e dois. Casamos seis meses depois.

* * *

Perdi o pôr do sol naquela tarde. A noite caiu enquanto estávamos patrulhando a área de barco. Eu estava bêbado e jogando baralho com Mills e Pinky. Num minuto era dia e no outro a noite já tinha caído. Eu faço questão de ver o pôr do sol. Mesmo quando estou de serviço, saio para o convés para ver o céu escurecer no lusco-fusco. Ajuda a lembrar que este lugar estranho ainda fica na Terra, e que ainda estou aqui.

Nas instruções eles nos disseram que essa ilha está cheia de esconderijos de inimigos. Se eu andasse um pouco mais para o interior, depois das árvores, encontraria uma aldeia. As pessoas que moram lá me ouviriam abrir caminho e cambalear pela mata e, quando eu chegasse, já teriam desaparecido na floresta, com bebês e tudo. O protocolo diz que devemos queimar aldeias que encontrarmos em território inimigo. Mas não precisamos fazer isso; estamos plantando minas em vez disso. O inimigo vai atracar suas sampanas na praia ou encostar seus juncos e sair da floresta. Vão pisar na areia levando suas cargas de suprimentos e as minas vão explodi-los. Os tímpanos vão romper; as pernas serão arrancadas do tronco.

— Que merda! — diz alguém atrás de mim. Viro e vejo alguns carinhas se afastando de um buraco na areia. — Merda, merda, merda — alguém diz. Eles acionaram uma mina, mas falhou. Não quero morrer como um bêbado decadente patrulhando uma

praia tão longe de casa que poderia ser na Lua. Tenho uma filha em Filadélfia que não sabe que precisa de mim. Lucille é feita de todas essas coisas meio que minhas — talvez tenha a minha boca e o queixo, ou talvez seja boa com números como eu — e nem sabe que estou em algum lugar no mesmo mundo que ela. Ainda é um bebê, mas, quando penso nela, vejo uma garota mais velha, de quatro ou cinco anos, num vestido verde-claro. Ela me chama de papai, ou talvez pai, e todo o trabalho que terei de fazer para provar que a mereço já ficou para trás.

Aquela coisa escura a uns trinta metros está borbulhando. Acho que não estava se movendo antes. Poderia pedir para um dos caras dar uma olhada, mas eles já pensam que eu sou louco, e é por isso que estou vigiando em vez de plantar minas. Aponto minha lanterna naquela direção, mas o facho não chega tão longe. Será que está mais perto da praia do que estava uns minutos atrás? Talvez seja um pouco mais escura do que as outras ilhas. Tudo lá é como uma silhueta, só que mais escuro, acho, que o resto. Entro na água até os joelhos. Gostaria de lembrar se vi aquilo durante o dia, se existia uma ilha bem ali. Ouvi dizer que o inimigo tem pequenos submarinos pretos com periscópios do tamanho de chaminés. O comando nos abocou aqui como patos numa galeria de tiro. Aquela coisa escura está se mexendo, agora tenho certeza.

Mais cedo, depois do reconhecimento da área, Mills, Pinky e eu tiramos a roupa e entramos no mar. Achei que ia sentir uma areia firme no fundo, como nas praias de casa. Mas escorreguei no musgo enlameado. A água parece tão clara, tão morna e transparente. Passei a tarde inteira pensando em dar uma nadada, mas a água do mar parecia um xarope na minha pele. Os outros urraram e mergulharam. Saí da água quase aos prantos. Eu queria o Atlântico. Queria a praia do Osso de Frango — a água sempre um pouco fria demais, o impacto das ondas tirando o fôlego, os grãos de areia arranhando as pernas quando a gente nadava no raso.

São três horas. Uma água-viva jogada na praia reluz na areia. O lugar todo parece ter sido cuspidado pelo mar. Estou com a resposta da carta de Sissy no bolso. Tiro o papel do bolso e agacho na areia perto do lugar onde o pebtão instabou umas luzes. Aliso o papel na coronha do fuzil e escrevo: Gostaria de pegar Lucille no colo e sentir o coração dela batendo e ver sua alma através de seus olhos. Minha caligrafia é rabiscada e desigual; a carta não parece ter sido escrita por um homem que mereça ser pai. O que escrevi é floreado e insuficiente. O que eu quero dizer é vamos tentar ser uma família. Estou aqui e ainda estou vivo. Quero mais uma chance de ser uma pessoa decente. Sissy não quer ouvir tudo isso de novo, por isso digo que vou ser dispensado em um mês. Ela gosta das coisas claras, e minha licença é o único fato concreto que posso oferecer. O papel está úmido de tanto ficar no meu bolso, e preciso apertar firme meu toco de lápis. Guardo a carta de volta no bolso.

Não falo da minha vida aqui. Não há muito que eu possa dizer que Sissy pudesse compreender — a cerveja quente, a espera e todas as tarefas que cumprimos para preencher o tempo, verificando todas as linhas e cabos que verificamos um dia antes ou polindo engrenagens que nem estão sujas. Eu achava que disciplina era uma coisa

nobre, mas agora me pergunto se os oficiais entendem que tem gente morrendo. É ridículo, até desrespeitoso, ficar lavando o mesmo pedaço de convés quando homens estão morrendo. Mills diz que é melhor participar das missões. Melhor do que o quê?, é minha pergunta. Já participei de muitas missões e acho que já comecei a me sentir menos humano do que quando cheguei. Não sei se vou conseguir desfazer essa impressão. Tento me concentrar na imagem de Lucille de vestido verde-claro, mas tenho outra visão, na qual, daqui a alguns anos, eu estou com Lucille na porta da escola. Todo dia eu a vejo subindo a escada de mãos dadas com Sissy. Ela ainda nem me conhece, e sei que é melhor assim. Ninguém vai pensar que ele virou um desses fracassados, esses vagabundos que as pessoas normais nem olham nos olhos, velhos cinzentos de cirrose, com o cabelo emaranhado e morando num quarto em um pardieiro. E ninguém nunca pensa — eu não pensava antes de receber a carta de Sissy — que esses velhos podem ter mulheres e filhos que tiveram de se esquecer deles.

Meu pelotão está quase acabando de minar a praia. Quando terminarem, vamos entrar no barco, concluir o trabalho e zarpar daqui.

* * *

Quando eu morava com Sissy na Bevere Street, frequentava um bar local chamado Fat's. Era um lugarzinho desagradável, que fedia a cerveja derramada e Lucky Strike. Às vezes uns caras do Sul iam tocar lá — velhos encarquilhados com olhos marejados e vozes roufenhas. Todas as músicas eram de trabalhadores ou blues sobre como alguma mulher de pernas tortas os abandonou no Alabama. Mas aqueles velhos cantavam, e eu senti meu coração se abrir. Sério, alguma coisa no meu peito destravou. Nunca experimentei algo tão profundo quanto aquelas canções; nem amor, nem arrependimentos ou maravilhas, nem ao menos, até vir para esta guerra, medo. Eu teria sido um músico como Floyd se tivesse descoberto esse lado meu antes. Agora é tarde demais. Estou sempre dizendo isso; fico me perguntando o que eu acho que ainda tenho tempo para fazer.

Eu ficava até tarde jogando baralho no Fat's três ou quatro noites por semana. Tinha sangue-frio para pôquer. Quanto mais eu bebia, melhor. Quando ganhava uma boa quantia de dinheiro, dava parte

para Sissy ou comprava alguma coisa para a casa. Uma vez comprei uma poltrona, paga à vista numa loja de móveis na Greene Street. Mandei entregar em casa quando Sissy estava visitando a irmã. Quando ela voltou, me encontrou sentado na poltrona novinha e sorrindo. Olhou para mim e para a poltrona e falou: "Fico feliz com a lembrança, mas não com os meios."

Ela nunca se sentou naquela poltrona. Mais tarde, depois que a poltrona se fora, ela disse que ela fedia a bebida que tinha vazado pelos meus poros; disse que o cheiro entristecia seu coração.

Chegou a um ponto em que os jogos do Fat's não eram mais suficientes e tive de viajar pela cidade toda. Joguei com homens que andavam com maços de notas de vinte nos bolsos e que podiam quebrar uma garrafa e cortar a gente se não gostassem de terem perdido dinheiro. Nunca tive problemas. A maioria desses caras gostava de mim porque eu fazia palhaçadas com eles e bebia melhor que qualquer um. Minhas mãos ficavam dormentes de tanto uísque, mas eu sempre conseguia tomar mais um e ninguém nunca teve de me carregar para fora de um bar. Esses jogos iam até as cinco ou seis da manhã, até ninguém ter mais dinheiro para apostar.

Certa vez um cara apostou a irmã. Que merda de mundo é este, pensei, mas ganhei o jogo e fiquei com o prêmio. Fiquei dias sem voltar para casa e para Sissy depois disso. Ficava jogando até altas horas e depois cambaleava e caía na cama com o meu prêmio. Não consigo lembrar o nome dela. Acredito que ela também nunca soube o meu. Estava sempre bêbada demais para fazer qualquer coisa além de cair no sono. De manhã eu voltava a beber. Havia um bocado de bares, mais do que eu teria imaginado, que abriam às oito horas da manhã. Fui a alguns e me senti como se estivesse imerso em toda a tristeza do mundo. Depois de alguns dias fiquei sem dinheiro e pedi algum emprestado. Esse dinheiro também acabou, por isso voltei a trabalhar na sede da Marinha. Quando

apareci, eles disseram que eu não tinha mais emprego. Fiquei sem voltar para casa mais dois dias, com vergonha de encarar Sissy.

No sexto dia, me arrastei para casa como uma barata. Sissy tinha ido embora. Eu estava bêbado demais para fazer algo a respeito, por isso dormi por muito tempo. Acordava em variados estágios do dia: no amanhecer, depois no meio da tarde, depois no crepúsculo, depois no meio da tarde outra vez. Quando me liberei do álcool no corpo, me sentei na cama tremendo e pensando em Sissy. Meu fígado doía, o que não devia acontecer, mas aconteceu. Eu tinha uma dor no fígado, e a única coisa que mantinha meu coração batendo era Sissy e a ideia de poder tê-la de volta. Tomei um banho e vesti um terno bonito. Fiquei parecendo os caras com quem jogava baralho. Vi o queixo caído no meu rosto, a pele opaca e empapuçada dos velhos bêbados. Existe uma expressão maldosa que acompanha esse aspecto pastoso; se alguém deixar uma moeda cair, esses caras correm para pegar a moeda, como um cão atrás de sobras de comida.

Borrifei quase meio frasco de colônia no corpo e saí atrás de Sissy, na casa da mãe e no apartamento da irmã. Elas olharam para mim como se eu fosse lixo e não me disseram onde ela estava. Descobri que estava na casa de uma amiga e fui até lá na manhã seguinte. Fazia frio, mas ela estava sentada na varanda, de casaco. Ela me viu antes que eu a visse. Me xingou de todos os nomes. Amaldiçoou minha mãe por ter me colocado no mundo, minhas irmãs por terem me estragado, e todos os bares da cidade por me servirem bebida.

“Você não tem respeito por nada?”, perguntou.

Caí de joelhos. Não era uma encenação só para ela voltar; eu teria deitado no chão se houvesse espaço na varanda. Disse que a amava e que ia melhorar e todas essas coisas que os homens dizem quando não merecem perdão. Havia sinceridade em todas aquelas palavras, mas ela não me aceitou de volta. Mas não é fácil se livrar de alguém como eu. Não sei o que há de errado comigo. Não que eu não saiba que estou errado ou que não tenha força

para me conter. Eu simplesmente sei o que vou fazer, a despeito do que vai me custar. Depois, fico realmente arrependido. Lamento quase tudo o que fiz, mas acho que isso não faz diferença.

O pai de Sissy era um bêbado e jogador. Ela conhecia bem os meus pecados. Consegui um emprego descarregando caminhões numa loja de departamentos e dava todo o meu salário a ela. Disse para ela guardar para a casa, para quando voltasse para casa. Não tomei uma gota nem joguei uma única partida. Demorou dois meses para ela concordar em tentar de novo.

No dia em que Sissy voltou, comprei uma vassoura e um esfregão para deixar a casa como nova. Não queria que ela tivesse de cozinhar, por isso fui até a Wayne Street buscar uma porção de frango frito com repolho. Minha mãe sabia que Sissy gostava de moela, por isso fritou um pouco para ela também — embora mal falasse comigo. Ela economizara quatro mil para uma casa que queria comprar, quatro mil dólares ganhos lavando roupa e trabalhando meio expediente na cozinha de um colégio. Eu quis contribuir com os outros mil. Tive de implorar para ela aceitar o dinheiro. Ela disse que era vergonhoso pegar dinheiro dos filhos, mas queria tanto aquela casa que afinal concordou. Bem, eu e ela sabíamos o que tinha acontecido com aquele dinheiro. Quando cheguei à Wayne Street, eu estava muito envergonhado de contar a ela; mas com certeza não estava muito envergonhado de aceitar o frango.

Pus a mesa para mim e para Sissy. Ela entrou no apartamento hesitante, como quando a gente anda numa camada de gelo sem saber se vai aguentar nosso peso. Olhou para a comida e disse:

— Imagino que tenha ido à casa da sua mãe.

Proseguiu até o quarto e cheirou a roupa de cama. Na sala de estar, foi até a ponta da mesa e arrumou a manta do encosto do sofá. A comida esfriou enquanto ela percorria aposentos rearranjando as coisas.

— Eu gosto de guardar o óleo de cozinha nesse armário perto do fogão — explicou.

Depois, sacudindo uma caixa vazia:

— Como você consegue viver sem açúcar? Deve estar tomando café na lanchonete.

Depois:

— Eu não quero nem sombra de bebida na casa.

Desfez a mala e pendurou as roupas no armário. Que alívio foi ver os vestidos dela pendurados ao lado dos meus ternos. Pôs um pedaço de sabão azul no prato perto da pia e passou os dedos numa linha escura de limo em uma ranhura da superfície.

— Eu consigo limpar isso com um pouco de detergente.

Depois de tirar os sapatos, ela falou:

— Acho que devíamos comer o jantar preparado pela sua mãe.

Comemos quase em silêncio, como esses casais ricos de cinema. Tentei pegar na mão dela, mas ela recuou, por isso esperei alguns minutos antes de tentar de novo. Parecia que uma das rugas da sua testa tinha se aprofundado, e notei que ela estava de ruge e batom. Não gostei daquilo. Queria que voltássemos a ser marido e mulher, sem fingimentos, sem nada para mostrar. Sissy deixou de usar maquiagem quando começamos a namorar, e aquilo fazia com que me sentisse um homem que ela não conhecia e que não a conhecia. Queria que andasse de chinelo como antes, com bobes no cabelo preso com um lenço de seda.

— Eu nunca achei que você fosse boba — falei. — Nunca confundi a sua bondade com fraqueza.

Ela deu um suspiro.

— Bom, imagino que você não tenha feito de propósito. E imagino que meu pai também não fizesse essas coisas de propósito com a minha mãe. Mas ele fazia.

— Eu não sou ele.

— Não está muito longe disso.

— Eu não sou ele — repeti.

Pela primeira vez naquela noite, Sissy olhou nos meus olhos.

— Eu abandonei minha sensatez por sua causa. Tomei essa atitude quando você apareceu na minha casa e me convidou para dar uma volta no nosso primeiro encontro, e estou fazendo isso agora. Estou apavorada, mas estou fazendo assim mesmo. Gostaria que você entendesse.

Veio até o meu lado na mesa para tirar o meu prato. O pó e o aroma de chapinha que exalavam dela me deixaram tonto. O sussurro do náilon das meias raspando uma na outra fizeram minhas mãos tremerem.

— Minha querida — falei.

Sissy tirou os pratos da mesa e me levou para o quarto. Quando acordei às seis e meia para trabalhar, ela ainda dormia, mas o quarto estava quente, e percebi que tinha levantado um pouco antes para ligar o aquecedor para mim.

* * *

— Que porra é essa? — É Mills falando. Estamos gritando um com o outro. O sangue lateja nas minhas têmporas e as palmas das minhas mãos estão ensecadas. — Que porra é essa? — grita ele de novo.

— Tem alguma coisa ali, cara — digo, apontando o volume escuro perto da praia.

— Aquilo é uma porra de uma pedra, Shep! E você nem mirou todos os tiros na água. Simplesmente descarregou metade da munição numa praia cheia de minas. Que diabo é isso?

— Não está vendo aquilo? Estou observando aquela coisa há horas.

Ergo meu fuzil, cambaleando um pouco com o esforço.

Mills está bravo.

— Abaixa isso! Abaixa isso!

Ponho o fuzil na areia, e Mills está na minha frente, com o dedo no meu peito e gritando. Dou um empurrão nele; a força do movimento me faz cair para trás na areia. Ele está em cima de mim, dando murros e com cuspe voando. Também está meio bêbado e só consegue me acertar um soco no ombro antes de Pinky vir nos separar. Pinky me levanta do chão, diz que é melhor eu dar um tempo, melhor nós três darmos um tempo. Os outros caras do pelotão pararam de cavar. Está escuro, mas juro que um deles está olhando para mim e balançando a cabeça.

— Eu não preciso dar um tempo. Estou protegendo vocês, seus filhos da puta. Tem uma espécie de submarino ali. O que mais eu podia fazer, porra?

— E você achou que devia atirar no submarino? — pergunta Pinky.

— Logo ali, uns setenta metros à frente, à esquerda.

— Não tem nada lá. Só uma pedra.

— Olhe com atenção — digo.

Mills está a poucos metros de mim, mas sei que ele continua querendo me bater.

— Estou vendo. É uma porra de uma pedra — responde. — Você precisa se acalmar.

Ele me leva até o mangue e nos sentamos na areia. Demora alguns minutos até perceber que ele tirou o meu fuzil e encostou nas raízes das árvores. Acho que vou vomitar.

— Era um submarino — digo, apesar de agora não ter mais tanta certeza.

Pinky acende um baseado e passa para mim.

— Tudo bem, cara. Certo. Se fosse um submarino, você não acha que já teria atacado? Nós ficamos aqui a noite toda. — Pinky está dando risada. — E você ia afundar um submarino com um fuzil, é?

Ficamos ali fumando o baseado por alguns minutos. Meus nervos se acalmam. Não sei se por causa do baseado ou do Pinky. É verdade, se quisessem nos atacar, eles já teriam atacado. Ele chama Mills.

— O negão acha mesmo que viu um submarino.

Mills não responde.

— Vamos lá, cara. Ninguém explodiu. Vem cá me ajudar a dar risada desse imbecil.

Mills vem e se senta. É assim com a gente. Num minuto você está furioso a ponto de querer matar, no minuto seguinte está dividindo um baseado. Eu quero outra cerveja, mas acho que eles não vão me dar.

Pinky tem uma tatuagem no braço com o nome Black Patti. Ele diz que foi a que escapou. Como estou precisando rir um pouco, digo:

— Fala para gente sobre a Patti.

Pinky tem milhares de histórias com a Black Patti.

— Não, cara. Agora não — responde ele.

— Vamos lá. O Mills aqui quer ouvir — insisto.

Mills abre um sorriso.

— É — concorda. — Vamos ouvir um pouco sobre a Black Patti.

— O que ela fez? — pergunto.

— O que ela aprontou com você? — acrescenta Mills.

Agora Pinky também está sorrindo.

— A putinha me bagunçou a cabeça — responde. — Eu ia até a casa dela, depois de ter marcado um encontro e tudo o mais. Quando eu aparecia, a mãe dela atendia a porta e dizia que Patti não estava em casa. Então eu digo: "Com todo o respeito, senhora, aonde ela foi?" E aquela mulherona levantava a cabeça e dizia: "Acho que a Patricia marcou outro encontro." Era uma figura, aquela mulher. Tinha o nariz tão

empinado que podia cheirar peido de passarinho. Achava que era uma Leontyne Price. E depois fechava a porta na minha cara. Aí eu ia a uma festa e lá estava Black Patti com outro sujeito.

Mills tira uma cerveja do bolso de trás. Passamos a lata entre os três.

— Bom, vocês já sabem que Patti era cambaia. Não era uma garota bonita. Mas sabia seduzir. Aposto que ganharia qualquer um de vocês. Ela bagunçou a minha cabeça.

— Ela parecia uma galinha, certo? — pergunta Mills. — Com aquelas perninhas de galinha.

— E a mãe dela não sabia nada sobre como ela era — continua Pinky. — Lembro uma vez que ela me convidou para ir lá numa tarde. A mãe dela estava dormindo numa poltrona com a Ladies Home Journal no colo. Roncando com a cabeça caída. Lendo uma receita de merengue de limão e fazendo barulhos como os de um caminhão. Então eu e Black Patti fomos para o quarto e mandamos ver. Não sei quanto tempo ficamos lá. Mas foi um bom começo. Patti gostava de se fingir de tímida, sabe? Então era preciso falar manso com ela. Tinha que dizer: "Você é uma garota muito bonita" e chamar de meu amor e todas essas coisas. O sorriso dela era lindo, tenho que reconhecer. E tinha perfume de paraíso, como seda e mulheres ricas. A pequena penteadeira do quarto era forrada de perfumes que a mãe tinha comprado para Patti seduzir o médico negro que morava depois da esquina. Bom, aí a gente tava numa boa quando de repente a Leontyne começa a gritar na sua voz mais musical. "Patricia, Patricia, o dr. Nelson veio fazer uma visita, não é uma surpresa adorável?"

— Que merda — diz Mills.

— Ela começou a me empurrar! Tentei segurar, pois a gente tava no meio da coisa, sabe? Mas ela levantou com o sutiã aberto e começou a me espancar. Batendo na minha cabeça e pescoço como se eu fosse uma criança levada. Depois começou a cochichar: "O dr. Nelson está aí. Levanta, seu idiota. Vamos acabar isso mais tarde." Ela me empurrou para o chão, e eu fiquei lá meio atordoado. Patti tinha uma força de camponês. Eu vi estrelas. Ela ficou em frente ao espelho passando quase todos os perfumes daquela penteadeira. E eu no chão enroscado na calça. Depois ela olha para mim e diz: "Ah, você vai ter que ir embora daqui." E começa a bater em mim outra vez. A putinha ficou batendo em mim até eu chegar ao banheiro e sair pela janela. Eu despencando da janela e a última coisa que escuto é a mãe de Patti dizendo: "Patricia, o dr. Nelson está esperando." Aí eu estou quase nu atrás de um arbusto e, pode acreditar, Patti sai com uma limonada numa bandeja de prata. Eu atrás do arbusto com a bunda cheia de grama e Patti tomando uma limonada na varanda.

Mills está rindo, batendo nas coxas.

— E quanto tempo durou isso?

— Um ano. Um ano inteiro entrando pela janela e sendo expulso. Foi uma tristeza.

Mills gargalha.

— Foi mesmo, cara. Acho que a Patti plantou umas raízes em mim. Eu andava pela cidade todo nervoso. Ia à loja de ferragens e gritava com as ferramentas.

Agora Pinky está rindo de si mesmo.

— Algumas mulheres entram na alma da gente — digo.

Mills e Pinky olham para mim.

— Não é tão fundo assim, cara. Que droga — comenta Mills. — E o que aconteceu depois de um ano? — pergunta, mas nesse momento chega o nosso comandante.

— Vocês querem um ventilador e uns coquetéis enfeitados com guarda-chuvinhas? Vamos acabar logo com isso para poder ir embora daqui. — Vê a cerveja que Pinky tenta esconder atrás das costas. — E joga essa coisa fora — ordena.

Provavelmente ele também tem uma cerveja no bolso.

Pego meu fuzil e volto à minha posição, com cuidado. É verdade, aquela coisa preta não tem tamanho para ser um submarino. Mas podia ser uma mina. Podia ser o que aquele pescador jogou da sampana. Podia ser as costas de um mergulhador, se ele estivesse de preto com a cabeça e as pernas submersas. Mas por que iria flutuar desse jeito? Não faz sentido. Pinky e Mills disseram que é uma pedra, então é uma pedra. O efeito da erva passou. Estou tão cansado que nem consigo sentir as pernas, mas o medo ainda vibra em mim como um motor. Ando até a beira do mar e vomito na água. Talvez o vômito chegue até aquele mergulhador flutuando. Rá. Seria uma péssima surpresa para ele.

* * *

Sissy comprou umas plantas novas para a casa e pegou um tapete emprestado da casa da mãe. O apartamento ficou bonito, mais parecido com um lar de verdade do que era antes. Acho que foi por merecimento, por termos superado alguma coisa.

Fazia um mês que tínhamos voltado quando dois cobradores bateram na porta. Eu não tinha dinheiro para pagar a dívida, e os meus pedidos e minhas súplicas não impediram que levassem a poltrona que eu tinha comprado e o sofá, a mesa e a cama com gaveteiro embaixo.

Pelo menos posso dizer que dessa vez não fugi. Quando Sissy voltou para casa, fiquei na sala de estar vazia e expliquei o que tinha acontecido. Lembro que mantive as mãos nos bolsos, porque queria me comportar como homem. Não queria gesticular e cobrir o

rosto com as mãos. Aqueles caras tinham esvaziado a gaveta que ficava embaixo da cama, virado de cabeça para baixo e deixado tudo no chão. As coisas de Sissy ficaram amontoadas numa pilha no meio do quarto: uma camisola e um chinelo, a caixinha de música com a tampa quebrada por ter caído no chão. Havia uma marca de sola de sapato no lenço dobrado com as folhas de sangue e ouro dentro. Não sei por que não pensei em recolher aquelas coisas. Até hoje eu queria ter feito isso. Queria que ela não tivesse visto as coisas dela espalhadas no chão daquele jeito.

Sissy olhou para mim como a mãe dela deve ter olhado o pai centenas de vezes, com desprezo, resignação e desapontamento. Ficou um longo tempo olhando suas preciosas coisas, depois recolheu tudo e guardou numa mala.

— Depois volto para pegar o resto — falou.

Aí eu comecei a chorar.

— Desculpe — disse. — Desculpe. Eu ia pagar os caras quando pudesse... Isso é uma coisa de antes.

Sissy avançou para mim, de punhos fechados. Bateu na minha barriga. Quer dizer, me bateu com tanta força que perdi a respiração. Mas sabe que foi um alívio? Sissy começou a me bater com ambas as mãos, e eu me sentia muito aliviado porque estava acontecendo uma coisa de verdade entre nós. Ela ia me deixar para sempre, porque eu era a ruína da vida dela. Muitas vezes eu tinha olhado para o meu pai e pensado como ele conseguia aguentar saber que havia sido a ruína da vida da minha mãe. Ele era muito fraco para se separar dela. Minha mãe deveria ter expulsado ele de casa para salvar os dois, como Sissy estava fazendo para nos salvar.

* * *

Meu pelotão planta as últimas minas no solo. Nivelam os montinhos de areia onde as minas foram enterradas. Se o inimigo vier, agora é o momento. Em vinte minutos vamos estar longe daqui. Percebo que passei as últimas vinte e quatro horas achando

que ia morrer. Eles só têm vinte minutos para me matar. Ando para cima e para baixo na praia com meu fuzil apontado para aquela coisa escura na água. Vinte minutos escoam em quinze. Minhas pernas tremem e meu peito está oprimido, mas continuo andando. Eu quero ver minha filha. Quero explicar a Sissy que não há possibilidade de eu ser o mesmo idiota depois de ter passado por esta noite. Estive tão perto da morte nas horas que fiquei nesta praia que sou quase um fantasma de mim mesmo.

Acabamos de recolher nossas coisas. Tento tomar outra cerveja, mas Mills me recusa. Atrás de mim, um sujeito me joga uma lata. Mills vê e diz:

— Você quer que ele comece a atirar num helicóptero invisível dessa vez?

O cara dá de ombros.

— Podia ser pior — responde.

Vamos na direção do barco e só consigo ouvir os sapos coaxando e o chiado da minha cerveja abrindo.

Nosso junco é preto e velho e cheira a podre e a peixe como tudo nesta baía. Pego meu lugar atrás a estibordo e nos afastamos da praia. O cabombo preto na água está bem visível na minha mira. Conseguí escapar, digo. Saímos das águas rasas e dois de nós abrem uma escotilha na parte de trás do barco. Uma prancha retrátil é estendida e dois marujos rolam as minas marítimas pela rampa. Elas caem com um pequeno ruído na água escura. Vão detonar quando alguma coisa interromper seu campo magnético. Me disseram que um peixe não tem tamanho para fazer isso, nem um homem nadando sozinho. Seguimos em direção ao mar aberto.

Mills está ao meu lado. Eu sussurro:

— Enganamos a morte e envergonhamos o diabo.

— Você é um negão maluco — responde ele.

— Mas continuo vivo — insisto.

— É, ainda não foi hoje.

Não quero olhar para aquela ilha nem mais um minuto. Fico na proa e olho em direção ao mar além da baía. Vou ter que reescrever minha carta. Ensaio fazer a dobra de duas formas diferentes; se ficar bonita, talvez Sissy não a jogue no lixo. Talvez deixe Lucille segurá-la, um brinquedo de papel que o papai fez para ela. Faço a dobradura em forma de barquinho, bem simples, sabe, com uma vela triangular, mas acho que garotinhas não gostam de barcos, por isso mudo para um cisne.

* * *

Sissy arranjou dinheiro para pegar a cama de volta; eles deixaram que ficasse com a poltrona. Poucos meses depois entrei no serviço militar, e quando parti ela ficou com um homem que não apostava a mobília no jogo. Alice me contou isso no pós-escrito de uma de suas

cartas. Só um pós-escrito me informando que minha mulher estava morando com outro homem. Imagine. A mãe de Sissy deve estar morrendo de vergonha. Quando tirei uma licença, fui para Filadélfia.

Cheguei ao apartamento de Sissy no meio da tarde. Ela e o tal homem moravam num lugarzinho numa rua da zona oeste da Filadélfia onde nenhum dos dois conhecia ninguém. Fui com meu uniforme azul. Os botões de latão brilhavam ao sol. Me senti o filho de um rei chegando para exigir sua noiva. Eu não merecia estar me sentindo daquele jeito, mas a fantasia me ajudou a manter a cabeça erguida. Enquanto subia a escada até o apartamento, percebi que era notável que Sissy não tivesse encontrado outro homem antes. Mas vou dizer que vim falar sobre o divórcio. Poderíamos ir a um tribunal naquela mesma tarde. Ela ficaria livre e poderia ter uma vida decente com esse homem que conheceu. Mas, quando ela abriu a porta, era a minha Sissy em cada centímetro, com a verruga na bochecha e o olhar férreo.

— Eu vim te buscar — falei.

Ela ficou parada na porta, olhando para mim e piscando. Achei que ia chorar, mas ela não me daria essa satisfação.

— Nós ainda estamos casados — continuei. — Que jeito é esse de viver?

— Eu estou vivendo como uma mulher, Franklin — respondeu ela. — Minha mãe e minha irmã não falam comigo, mas mesmo assim vale a pena viver como uma mulher. Não sei em que momento você começou a ficar preocupado com os meus sacrifícios.

E lá estávamos os dois num filme em que eu era o marido penitente e Sissy era a esposa enganada. Eu disse minhas falas e ela disse as dela. Não sei por que não peguei meu chapéu e fui embora.

— Eu vim porque amo você — falei.

— Eu acredito que você pense que isso é verdade — retrucou.

Sissy não saiu da frente da porta. As mãos ficaram ao lado do corpo, ela fechava os punhos, depois abria outra vez, como fazia

quando ficava nervosa. Pequenos círculos dourados, reflexos da luz do sol nos meus botões de latão, brincavam no seu rosto. Olhei por cima dela para a sala de estar. Parecia agradável; era aconchegante. Tudo no recinto era leve e diáfano, cortinas brancas, um sofá creme, um tapete claro no chão.

— Eu me tornei uma pessoa melhor depois de servir na Marinha.
— Eu sabia que não adiantava falar isso para ela, mas não consegui pensar em nada mais. — Contratei um caminhão para transportar suas coisas. Posso chamar agora mesmo. Chegaria aqui em dez minutos.

— Um caminhão!

Sissy não conseguiu deixar de rir.

Ela sabia que não existia caminhão nenhum. Não sei o que teria feito se ela acusasse meu blefe.

— Um caminhão! — repetiu, balançando a cabeça.

Ela me deixou entrar no apartamento. Sentei no sofá branco. Ela se sentou à minha frente numa cadeira de encosto reto e braços de madeira. Eu devia ter comprado uma cadeira como aquela para ela, não a poltrona. Era mais apropriada; Sissy não era mulher de se esparramar.

— Eu não bebo nada há semanas — falei.

— Dessa vez eu não posso ir com você, Franklin.

— Então vai continuar vivendo desse jeito com esse homem!

— Ele gosta de mim de verdade. Eu não poderia dizer que é amor, mas ele é companheiro e bom. Eu me sinto exatamente como uma dama numa clínica de repouso. Já viu essas mulheres em livros, aquelas que se sentam numa espreguiçadeira o dia todo e ficam observando as flores? É isso que eu faço. Saio para trabalhar, volto e cuido da casa e não penso em mais nada. Você me cansou, Franklin.

Eu já tinha implorado a Sissy uma vez, e ela me deu uma surra e foi embora. Eu não tinha mudado depois disso, e ainda era tão arrogante que pensei que pudesse ir lá e convencê-la a voltar.

Pensei em todas as coisas que poderia fazer: surtar e arrastá-la de lá à força, me jogar no chão e implorar seu perdão. Poderia dizer de novo que eu era outro homem. Mas eu já tinha feito tudo isso. Gastei todos os meus trunfos, e Sissy não se deixaria convencer ou enganar. Vi meu reflexo na janela da sala de estar. Eu parecia uma pilha de ouro de tolo, era preciso discernir em todo o brilho saindo de mim — botões, sapatos, dragonas. Perguntei a mim mesmo por que eu a queria tanto de volta. Não consegui responder à pergunta, mas também não era capaz de sair do apartamento.

Levantei do meu lugar no sofá e comecei a chorar no meio da sala.

— Eu te amo — falei.

— Nós precisamos terminar, Franklin.

Sissy levantou e pegou minha mão. Não entendia como ela podia segurar minha mão daquele jeito e dizer não. Roçou os dedos na palma da minha mão. Apoiei-me nela porque precisava de alguma força para andar até a porta, e ela era a única fonte disponível. Ficamos abraçados um bom tempo, depois eu a beijei no rosto e no ombro. Beijei os olhos e o oco da clavícula, e os dois afundamos no sofá branco agarrados.

Depois, enquanto abotoava a blusa, ela disse que ia me acompanhar até a esquina. E não é que andamos até aquela esquina de mãos dadas, como fazíamos quando começamos a sair juntos, antes de eu estragar tudo?

— Se cuida — disse ela e começou a voltar para casa antes de eu responder.

Isso foi há um ano. Desde então eu não tinha mais ouvido nada sobre Sissy, até receber a carta falando sobre Lucille.

* * *

Manobramos o barco em direção ao golfo. A velocidade é baixa, mas estamos nos afastando. As estrelas e a bruma desaparecem antes da alvorada, e o céu se ilumina.

Atrás de nós a ilha é uma silhueta rochosa, cada vez mais distante. Uma sampana desliza pela superfície da água perto da praia da ilha. Provavelmente um barco de pesca, eles costumam chegar a esta hora. Os ocupantes, um garoto e um velho, olham para a água e depois para nós. O garoto está apontando para o nosso junco, para mim. Juro que está apontando direto para mim. O velho abaixa o braço do garoto.

A sampana é erguida por uma onda baixa, suavemente, como um bailarino levantando a parceira, e é impulsionada para mais perto da ilha. Ouve-se um bum. O barco sobe numa coluna de água. A explosão ecoa e ecoa. Ressoando numa ilha depois da outra. Atinge meu cérebro e meu peito. Estou prendendo a respiração, mas só percebo quando fica tudo em silêncio outra vez, e eu respiro fundo tão fundo que me faz tossir e engasgar. Mills solta um assobio baixinho e diz em voz baixa:

— Merda.

Pego outra cerveja e tomo metade num gole só. Olho para a água em busca de pedaços flutuantes. Quero ver a cabeça do garoto. Eu deveria ser obrigado a ver o que fiz. A maioria das minhas missões é noturna. Atiro no escuro e saio navegando sem ter de contar os cadáveres. Era a mesma coisa com Sissy. Eu era uma violência na vida dela, e me retirei antes de ter de encarar os estragos que fiz; agora com Lucille haveria mais negligências, mais mágoas, mais promessas não cumpridas, mais destruição das pessoas que eu amo.

Faço uma promessa: se avistar qualquer prova do garoto cuja vida nós tiramos, nunca mais vou beber. Apoio a cerveja no convés e espero. Examino a água. Uma coisa difusa e irreconhecível flutua em minha direção. Inclino-me tanto para a frente que quase caio na água. Pinky grita atrás de mim:

— Suicídio não é a solução!

Ouçó um coro de gargalhadas.

Me inclino um pouco mais e forço os olhos. O objeto flutuante parece um dedo, depois uma folha, depois uma atadura descartada. A correnteza muda, levando aquela coisa para longe de mim. Pego minha cerveja e bebo até o fim. Quando voltarmos para o navio, eu vou dormir, e vou acordar com tremedeira e não vou ter a força de vontade para ficar sentado na minha cama suando e vomitando até eliminar o álcool do corpo. Vou tomar um trago do uísque escondido no meu armário, e os dias vão seguir do jeito que são. E não é que eu não saiba que apostei minha família no corpo de um garoto despedaçado. Eu sei disso. Sei o que significa ser o tipo de homem que me tornei. Ou sempre fui? Já não sei mais. É quase um alívio saber que as pessoas que eu amo estão livres de mim, que não preciso mentir para mim mesmo, que não preciso fingir que Lucille estaria melhor se me conhecesse.

Enfio a mão no bolso e jogo na baía minha carta para Sissy. Havia uma foto no envelope, que cai na água perto da dobradura de papel em forma de cisne. Na foto estou na doca com meu navio ao fundo. Uso o uniforme azul com o quepe branco puxado sobre um olho. No verso da fotografia está escrito: Para você e a pequena Lucille. Com amor, Franklin. Saigon, 1969.

Bell

1975

QUANDO WALTER FOI EMBORA, Bell resolveu se deitar e não se levantar mais. Durante um mês ela ficou na cama olhando pela janela a rua lá embaixo. O vidro estava coberto de fuligem. Se soubesse que essa janela seria seu último e único portal para o mundo exterior, teria limpado enquanto ainda tinha força e vontade. A música pulsava no apartamento ao lado. O baixo penetrava seus ossos e o crânio com um tum-tum como um prego em madeira mole. Bell apoiou-se nos cotovelos. Estava febril; o lençol machucava sua pele. Ela renunciou à dor, como havia renunciado à própria vida um mês antes. Foi surpreendentemente fácil decidir morrer. Apenas parou de fazer as coisas que exigiam dela: tomar os remédios, sair da cama de manhã para ir trabalhar ou ficar esperando Walter voltar. Não havia mais nada para comer no apartamento. Bell estava com fome. Era como se não houvesse nada além de ar dentro do corpo — se levantasse da cama, flutuaria leve acima do chão como um balão.

Se ficasse quieta, a tosse não incomodava tanto. Não era muito ruim durante o dia, mas à noite era persistente. Como a maioria dos homens que tinha conhecido, pensou. Ah! Algumas noites, entre a tosse e ter de levantar para beber água e voltar a deitar, ela mal dormia. Os acessos a dobravam e a deixavam arfando por ar. Quando criança, Bell tinha chiadeira nos brônquios e fingia que os sibilos eram causados por mariposas adejando em seu peito.

Minhas mariposas estão agitadas hoje, dizia, ou minhas mariposas estão dormindo. Agora as mariposas estavam sempre agitadas, e o peito doía como se as asas fossem lâminas se debatendo nas paredes dos pulmões. Já era magra e estava emagrecendo ainda mais. Logo depois que Walter foi embora e ela ainda tinha alguns desejos, Bell enfiava a mão embaixo das cobertas para se dar prazer e sentir os quadris proeminentes como os cantos de uma mesa. Sempre quis ser magra como as irmãs. Cuidado com o que você deseja. Ah! Agora sua barriga estava quase côncava. Bell passou a mão nela e tossiu.

Quando conseguia dormir, Bell sonhava com as mariposas. Em seus sonhos ela era um pedaço de tronco de árvore quebrado, de uma árvore pequena. Os braços e pernas eram galhos que cresciam do corpo da árvore. Tinha a tonalidade marrom lustrosa igual à da bengala de Walter. No topo de seu longo tronco, a cabeça era alongada e graciosa como as das estátuas vendidas nos bazares africanos da zona oeste da Filadélfia. A tosse nunca doía em seus sonhos; era uma vibração no peito que passava pelos pulmões. Quando chegava à garganta, ela jogava a cabeça para trás e abria a boca. As mariposas saíam voando — legiões de mariposas, todas prateadas como a lua.

Se continuasse na cama por tempo suficiente, poderia se fossilizar como uma escultura de madeira de si mesma, pensou Bell. Em algum momento alguém entraria no apartamento e, em vez de encontrá-la em carne e osso, acharia uma estaca seca envernizada e muito lustrosa. Provavelmente seriam os oficiais de justiça, e não ficariam surpresos de estar despejando um pedaço de madeira! Um aviso fora passado por baixo da porta: Bell tinha trinta dias para desocupar o apartamento por não pagar o aluguel. Ficou imaginando quando Walter havia parado de pagar o aluguel e o que fizera com o dinheiro que ela dera para esse propósito.

Alguns meses antes, Walter lhe dera um vestido de presente, um negócio berrante e feio, fúcsia, que a fazia parecer uma puta. Não

tinha etiqueta nenhuma, provavelmente ele pegara do armário de outra mulher. Talvez tivesse dado aquele presente para abrandar sua culpa, se é que ele sentia isso. O mais provável é que tivesse dado o vestido por querer que ela parecesse vulgar. Bell ficava feliz em contentá-lo desse jeito. Era do tamanho certo, ainda que na época do presente ela já estivesse emagrecendo e o vestido tenha ficado muito largo.

Walter disse:

— Você está perdendo sua doçura.

— Não estou perdendo nada, amor — replicou Bell. — Minha doçura está bem aqui.

Empurrou o quadril na direção dele. Com Walter ela podia ser sacana quanto quisesse. Ele não se interessava por sua origem ou com quem ela tivesse se relacionado antes de se conhecerem. Bell disse que tinha nascido numa zona parecida com aquela em que eles moravam agora, com lixo nos bueiros e rapazes maneiros e predadores perambulando em frente ao delivery de frango frito. Fingia falar como ele, se comportar como ele e ser igual a ele, embora não fosse verdade, apesar de ela ser Bell Shepherd, de Germantown, ter se formado no ensino médio e cursado um ano de faculdade. Mas essas coisas estavam tão distantes que pareciam detalhes da vida de outra pessoa. Agora sabia que sempre fora uma mulher de instintos básicos. Tinha passado por homens de muitos matizes e possibilidades antes de chegar a Walter, com quem podia se permitir todos os caprichos e diante de quem não era responsável por nada.

Walter não falava muito sobre o próprio passado. Não falava muito de nada, e quando falava em geral era sobre algo que havia acontecido nas últimas poucas horas. Já tentara sobreviver como banqueiro de loteria clandestina, cafetão e traficante de drogas, mas não tinha dado certo porque ele não conseguia reter o passado na memória, nem mesmo o passado recente. Então acabou se tornando um ladrãozinho barato e capanga do agiota do bairro.

Nunca teve muito problema com a lei. Era um ferrado, mas tinha sorte, e até era esperto para alguém que não conseguia se lembrar do que aconteceu anteontem. Bell gostava disso nele. Já tivera experiências com homens manipuladores ou que estavam sempre construindo castelos de areia nas nuvens. Todos aqueles sonhos eram feitos de nuvens; quando chovia — e sempre chovia —, só ficavam com as camisas ensopadas grudadas nas costas. Esse tipo de decepção era cansativo. Walter era cruel como um rato, mas não a sobrecarregava daquela forma. Era o homem perfeito, pois o espírito de Bell já estava cansado.

Nos dois anos em que ficaram juntos, Walter nunca tentou fazer Bell acreditar em nada. Nem ao menos tentava fazê-la rir. Claro: ele tinha o senso de humor de um carro de combate. Uma vez contou uma história, quando estavam no carro dele esperando um dos credores do agiota.

— Isso é uma perda de tempo. O homem não tem dinheiro para pagar — disse Walter.

— E o que você vai fazer quando ele sair? — perguntou Bell.

— Não se preocupe com isso — replicou Walter.

Ficaram em silêncio por alguns minutos.

— O dinheiro que ele recebeu quando foi dispensado do Exército não dá nem para pagar uma rodada num bar. Não dá para comprar um par de sapato. Não dá para nada.

— Que pena — comentou Bell. — Pena mesmo.

Encostou a cabeça no banco e fechou os olhos. Walter tamborilava no volante.

— Amor, você precisa mesmo fazer isso? — perguntou Bell. — Eu queria dar uma cochilada.

Walter demorou a responder.

— Eu lavava janelas pelo lado de fora. — Cutucou Bell com o cotovelo. — Está ouvindo?

Bell, que tinha adormecido, endireitou-se no banco.

— O quê? Tudo bem, amor, uhum.

— Eu disse que lavava janelas.

— Eu ouvi o que você disse.

— Meu primo abriu uma empresa de lavar janelas e foi até a casa da minha mãe e me convidou para trabalhar porque eu não tinha medo de merda nenhuma.

— Uhum — concordou Bell, lutando para manter os olhos abertos.

— Eles me levantavam até lá em cima. Aquela coisa fica balançando. E tem um monte de mosquito morto nas janelas. Não dá pra imaginar que eles voam tão alto. Você já esteve num barco?

Bell negou com um aceno de cabeça.

— Era como estar num barco — continuou Walter.

— Uhum.

— Eu ia bem lavando janelas. Eles me penduravam numa corda amarrada no alto do prédio. Mas uma vez virei o balde e a água entornou. Ouvi uma mulher gritando na rua. Ei, ei. Mas não olhei para baixo, para não ficar zonzos.

— Claro — concordou Bell.

— Eu parecia um surfista lá em cima. Como um cabrito montanhês, com o passo firme, sabe?

— Achei que você tivesse dito que entornou o balde.

— Você vai me ouvir ou não?

Walter acendeu um cigarro.

— Tudo bem, amor. Você ficava lá em cima como um cabrito.

— Lavei quarenta prédios na primeira semana. Mais prédios na segunda semana. Talvez uns sessenta. Ganhava um bom dinheiro por todas aquelas acrobacias.

— Quanto?

— Isso não vem ao caso — respondeu Walter.

— Ah — aquiesceu Bell.

— Talvez uns cem por prédio.

— É mesmo? É um bocado de dinheiro.

Walter lançou um olhar sacana para ela.

— Normalmente era só eu lá em cima, nunca via ninguém na janela. Mas um dia tinha uns caras brancos.

— Onde? — perguntou Bell.

Walter deu um suspiro, exasperado.

— No escritório! Você não está prestando atenção?

— Estou, amor, mas você disse...

— Uns caras de terno. Falando. Eu tentei ser profissional, amigável. Dei um sorriso simpático e acenei para eles.

Os sorrisos de Walter pareciam o esgar que se vê num animal prestes a atacar.

— Os canalhas fecharam a cortina! Na minha cara, porra. Falei a mim mesmo que aquilo não tinha sido legal, nem profissional ou amigável. Certo?

— Acho que sim — concordou Bell.

— O que você está achando? E se eu sorrisse para você agora, e em vez de retribuir meu sorriso você desse partida no carro e saísse? Foi assim.

— Entendo o seu ponto de vista — disse Bell.

— Qualquer um me daria razão. Qualquer macaco me daria razão.

— Tudo bem.

— Merda!

— Tudo bem.

— Eu dei um pontapé na janela. Enfiei o sapato no vidro. Quase caí da plataforma. De repente percebi que eles estavam me descendo do prédio. Quando cheguei lá embaixo eles me fizeram um monte de perguntas. Fui até a rua, pois meu primo estava lá, junto com a polícia. E estava falando que eu tinha tido um surto por causa da guerra. Eu disse: "Negão, eu tô fora." E ele disse para a polícia: "Está vendo, eu falei, ele não consegue se controlar."

— E o que aconteceu? — perguntou Bell.

— Parei de lavar janelas.

— Só isso?

— O que mais você queria que acontecesse? Que merda.

Bell deu risada. Esse Walter. De repente teve muita vontade de tomar a sopa que a mãe fazia quando ela era menina. Se ela estivesse na Wayne Street, Hattie aplicaria mostarda quente em seu peito e providenciaria um xarope feito de cebolas cozidas e mel. Não faria diferença se Bell tivesse uma tuberculose, nem que aquela substância nojenta não fizesse bem nenhum; Hattie daria o remédio mesmo assim. Quantas vezes ela e os irmãos tiveram de engolir aquela mistura? Na maioria das vezes funcionara. Hattie havia mantido todos vivos com sua pura força de vontade, cachecóis verdes e alguns velhos remédios do Sul. Sempre amargos como o demônio. Bom, agora a mãe estava velha, pensou Bell. Não via Hattie havia quase uma década. Não tinha uma única foto dela e iria morrer sem voltar a ver aquele rosto. Alice e Ruthie disseram que Hattie estava mais branda, que gargalhava de vez em quando, sorria muito e embalava os netos no colo. Você devia ver pessoalmente qualquer hora, diziam. Mas era Hattie que não a tinha procurado em todos aqueles anos, Hattie que não a perdoava. Claro, Bell não merecia seu perdão, isso era verdade.

Quando Bell se juntou a Walter e foi morar na Dauphin Street, as irmãs pararam de visitá-la; Walter era um criminoso, Dauphin Street era um gueto. Bell matutava se sabiam em que prédio ela morava ou em que travessa ficava o prédio. Ela havia sido excomungada pela família. Era o jeito dos Shepherd — se um caía em desgraça, era cortado como o pedaço podre de um legume. Talvez a família nem ficasse sabendo de sua morte antes de ela ser colocada num caixão de pinho e enterrada como indigente. Será que ainda existia um cemitério para indigentes? Talvez o legista simplesmente jogasse o corpo no rio, para Bell não fazia diferença. Talvez ela deixasse um bilhete para quem a encontrasse: Juguem-me no Schuylkill para os peixes comerem. Gostava da ideia de que os homens que pescavam no rio comeriam pedaços dela nas suas refeições.

A vontade de tomar sopa aumentou. Se conseguisse sair da cama, poderia ir até o restaurante chinês para uma sopa de *wonton*. Havia semanas não sentia vontade de nada. Era uma sensação emocionante. Jogou as pernas para fora da cama, pousou os pés no chão e apoiou as mãos no colchão ao lado das coxas. Mais um impulso e ela estaria de pé. A igreja no meio do quarteirão oferecia um sopão aos sábados. Como se as pessoas só precisassem comer aos sábados! Enfim, nem era sábado. Ela teria visto a fila de almas famintas se estendendo da porta da igreja até a esquina — a maioria homens, algumas mulheres também. Ah! Reconhecia alguns dos homens que costumava atender no Belmore Lounge, bêbados esfarrapados tentando descolar uma bebida barata. Raramente recebia gorjetas naquele lugar, embora de vez em quando algum maluco mostrasse um dinheiro — imagine, mostrar dinheiro numa pocilga como o Belmore — na esperança de ir para a cama com ela.

O Belmore foi o pior lugar em que Bell trabalhou, e o mais sujo. Costumava se aliviar no beco atrás do bar; era mais limpo que o banheiro e havia menos risco de um bêbado entrar de repente. Os clientes eram inofensivos em sua maioria, ainda que Evelyn, a colega de Bell, usasse uma faca embainhada no tornozelo, como um vilão de faroeste. Era rápida para sacá-la. Abaixava-se como se fosse amarrar o sapato e num instante a arma como um dente de prata na sua mão. O patrão dizia:

— Você não pode ficar ameaçando os fregueses.

— E de que outra forma eles vão saber como se comportar? — respondia Evelyn.

— Eu não quero que a polícia entre aqui — observava ele.

— Não vai entrar, se as pessoas se comportarem direito.

A primeira vez que Walter foi ao bar, Bell o apresentou a Evelyn, e os dois passaram a noite olhando um para o outro como gatos selvagens. Walter jogou bilhar com um dos clientes e perdeu vinte e cinco dólares. Depois do jogo, convidou o homem para ir até o

beco fumar um baseado. Voltou sozinho quinze minutos depois, com dinheiro caindo dos bolsos e as juntas dos dedos esfoladas. Evelyn virou-se para Bell depois que ele saiu e disse:

— Se for para ficar com negões como esse, é melhor você aprender a usar a minha faca.

Certa noite, Bell estava tendo um acesso de tosse do lado de fora do Belmore quando Evelyn apareceu para tomar um pouco de ar.

— Isso não parece coisa que um xarope possa curar — comentou.

Bell ainda tinha um resto de xarope. Não adiantava para a tosse, mas ajudava a dormir. O vidro tinha rolado para baixo da cama. Meu Deus, o que não havia lá embaixo: restos de sanduíches de pasta de amendoim, cotões do tamanho de um punho, baratas mortas. Vão encontrar o meu corpo em cima de lençóis sujos com toda essa nojeira embaixo da cama. Ela deveria morrer em lençóis brancos e bem passados, com um pouco de sopa no estômago. Só um impulso com as mãos e ela ficaria de pé, não poderia ser mais fácil. Respirou fundo e foi sacudida por um acesso de tosse. Os olhos lacrimejaram. Esqueceu que não podia mais respirar fundo. Aquelas mariposas agitadas atacavam. Olhou pela janela e tentou acalmar a respiração. Pensou ter visto o carro de Evelyn na esquina. Evelyn vindo resgatá-la, como um são-bernardo. Ah! Como se Bell estivesse perdida numa montanha à espera de resgate. Ela não estava perdida; tinha feito uma escolha. Bell acenou para o carro na rua abaixo.

* * *

NUMA TARDE NO INÍCIO DO VERÃO, meses antes de Walter ir embora, Evelyn levou Bell para ver uma amiga que poderia receitar alguma coisa para sua tosse. Dirigiu o carro pela rua 19, depois entrou na Morse. Pela janela Bell viu homens reunidos na calçada. Ficaram olhando o automóvel de Evelyn passar, olhos atentos como um

grupo de leões caçando uma gazela. Um jovem passou pela frente do carro. Quando Evelyn pisou no freio, ele pôs as mãos no capô e se debruçou para olhar dentro. Bell teve um sobressalto. Ele viu que eram duas mulheres e voltou calmamente para a calçada.

Evelyn disse que a amiga morava no final do quarteirão. Aproximaram-se do que parecia um beco sem saída. Bell olhou para Evelyn e percebeu que nunca a vira à luz do dia. O Belmore estava sempre mergulhado num perpétuo crepúsculo; as janelas de vidros opacos mantinham a penumbra até mesmo durante o dia. Evelyn tinha algo do tom cinza e pálido do Belmore — muita fumaça de cigarro e pouca luz do sol —, mas tinha os malarres proeminentes e o cabelo era moldado num corte afro curto que brilhava à luz. Usava uma camisa masculina de colarinho grande, calça boca de sino justa e sapatos com cadarços duplos. Bell achava bom que Evelyn amarrasse bem os cadarços, para não tropeçar e perder o equilíbrio. Não conseguia imaginá-la sem os pés firmes no chão. E a maneira como dirigia, com confiança e facilidade, uma das mãos no volante e o outro braço caído no banco. Bell se inclinou para encostar a cabeça de leve no braço de Evelyn, e Evelyn trocou de marcha e os dedos roçaram o ombro de Bell.

No fim do quarteirão as aglomerações desapareceram. Não havia ninguém em frente à última casa, como se uma barreira invisível a mantivesse isolada, e havia vasos com flores dispostos dos dois lados da porta. Subiram a escada e Evelyn bateu de leve com a aldrava da porta. Uma velha atendeu.

— Esta é a amiga de que falei a respeito — disse Evelyn.

— Boa tarde, senhora — cumprimentou Bell.

Sabia que tinha sido formal demais. Evelyn a olhou de relance. No bar, Bell baixava a voz meia oitava e vulgarizava sua dicção. Dizia a si mesma que aquela afetação fazia os colegas e frequentadores se sentirem mais à vontade ao seu lado, mas na verdade era para não parecer uma turista naquele lugar e por se considerar melhor do que os outros, e supôs que eles concordavam. O falso tom de voz

Ihe dava a impressão de ser generosa — como uma rainha descendo do trono para beijar o rosto de uma pobre mulher. Agora a situação ficara constrangedora, Evelyn a tinha surpreendido numa mentira.

A casa da velha era fria e escura e cheirava a torta e terra. Evelyn e Bell a seguiram por um corredor até a cozinha no fundo da casa.

— Puxa, senhora, como é bonito aqui atrás! — disse Bell, observando as paredes amareladas, as cortinas rendadas e a luz entrando como se o sol fosse uma limonada se despejando de um jarro.

A mesa estava posta para três, com uma torta ao lado de uma jarra de chá gelado.

— As pessoas acham que tem uma caverna aqui porque eu mantenho o recinto fresco desse jeito — falou a velha, com uma risada grave que borbulhou da barriga. Revirou a gaveta em busca de alguma coisa.

Ela devia ter uns cem anos, pensou Bell. Tinha a pele marrom-escura e o cabelo branco bem curto recobrando o escalpo.

Estreitou os olhos ao fitar Bell.

— Como é mesmo o nome dessa garota? — perguntou para Evelyn. — Qual é o seu nome, garota?

— Bell, senhora.

— Bell.

— Sim, senhora.

— Quem é sua família?

— Meu sobrenome é Shepherd.

— Eu sabia! Nunca me esqueço de um rosto — falou. — Você é filha da Hattie, da Wayne Street.

Examinou Bell outra vez, avaliando suas roupas, sapatos e cabelo. Encarou-a por tanto tempo que deixou Bell constrangida.

— O que está fazendo consigo mesma, garota?

— Não sei o que está querendo dizer, senhora — respondeu Bell.

— Em primeiro lugar, meu nome é Willie. Não aguento ninguém me chamar de senhora. Em segundo, você sabe o que estou dizendo. Você trabalha com Evelyn naquele bar maluco?

— Sim, senhora. Willie.

— Quando viu sua mãe pela última vez?

— Eu não...

— Aposto que faz mais de um minuto.

Willie a havia exposto. Bell sentiu-se grata pela delicadeza de Evelyn ao manter os olhos no prato de torta. O que Walter faria numa situação dessas? Viraria a mesa, provavelmente, gritaria obscenidades para a velha. Bell se levantou da cadeira.

— Muito obrigada por sua hospitalidade, senhora, mas acho melhor ir embora — falou.

— Ah, senta aí, garota!

Bell sentiu um tranco no peito. Tossiu forte e durante muito tempo. Evelyn se levantou e pôs as mãos nas costas dela.

— É melhor você sentar, garota — repetiu Willie.

O acesso de tosse enfraqueceu Bell; não teve mais energia para sair. A cozinha de Willie a fazia sentir saudade da mãe, embora a cozinha da Wayne Street fosse imaculadamente branca e Hattie a administrasse como uma cantina de quartel. Nunca foi um lugar para se sentar ao sol e tomar uma limonada. Não era culpa da mãe, mas mesmo assim Bell ficava furiosa por isso — ela sempre viu em Hattie alguém para botar a culpa. Willie empurrou um copo de chá na mesa.

— Há quanto tempo está com essa tosse?

— Ah, ela vai e volta — respondeu Bell.

— Parece que mais volta do que vai — observou Willie. — O Belmore não é um bom lugar para alguém com tuberculose.

— Eu não tenho tuberculose! As pessoas nem pegam mais isso. É só uma tosse.

— Já consultou um médico?

— Não.

- Onde você mora?
- Na Dauphin Street.
- Está bem longe de casa.
- Só meia hora no ônibus 23.
- Você sabe do que estou falando.
- Estou bem onde moro.

— Não parece, mas só você pode fazer alguma coisa a respeito — comentou Willie. Deu um suspiro. — Eu estive na sua casa em metade dos aniversários da sua família. Imagino que você não se lembre. Faz muito tempo que morei na Wayne Street. Lembro-me do último garoto que sua mãe teve, um cabeção. Parecia que queria trazer metade da sua mãe junto quando saiu, como lembrança. — Deu uma risada. — Mas no final deu tudo certo. Sua mãe era forte como um burro de carga. É difícil ver negras claras fortes desse jeito.

Willie inclinou-se para examinar Bell.

— Você não é forte como ela. Tem uma alma que não consegue acalmar. Sua mãe também já foi assim, mas conseguiu se controlar. Mas sua alma parece que está ganhando a parada.

Bell enxugou o suor que se formava na testa e no lábio superior com o guardanapo.

— Venha comigo — disse Willie.

Bell a seguiu por uma porta atrás da cozinha e entrou num corredor com um piso de madeira que rangia. O cheiro de fora se intensificou, não o cheiro do ar da cidade, de árvores cansadas e asfalto quente, mas de raízes limpas e de chuva. Willie abriu outra porta, e Bell entrou em um lugar arejado e primaveril. Janelas altas em três das quatro paredes davam para os fundos de outras casas enfileiradas no beco. O recinto era quente e iluminado, o chão, forrado de agulhas de pinho. Vasos de barro se alinhavam, alguns do tamanho de um punho e outros tão grandes que Bell poderia entrar e se sentar no fundo. No meio do aposento uma mesa de piquenique estava coberta com garrafas coloridas, conta-gotas e

mexedores de vidro, pilões e macetes de pedra, frascos com líquidos de vários tons de marrom, plantas de tintura penduradas de ponta-cabeça de uma pequena arara de arame e jarros transbordando pós. Willie puxou uma cadeira de armar do canto e abriu-a perto de uma bancada de madeira. Bell ficou imóvel.

— Espero que já tenha ficado bastante de pé com a boca aberta — disse Willie.

Longas gavinhas verdes pendiam de vasos pendurados em ganchos no teto, de forma que o recinto parecia forrado de cortinas verdes. Bell não se surpreenderia se um bando de colibris saísse de um dos vasos e pairasse sobre sua cabeça.

— Metade dos problemas das pessoas hoje em dia é não ter um lugar aonde possam ir para se sentir em paz. Acho que você não tem um lugar assim.

— Não, senhora, não tenho — respondeu Bell.

— Eu não poderia viver sem o cheiro desses pinheiros.

Bell aquiesceu e se sentou na cadeira de lona. Willie perguntou outra vez quanto tempo tinha que ela estava com aquela tosse, se piorava à noite e se ela suava e como vinha dormindo. Perguntou se os sonhos dela tinham mudado desde o início da doença e como eram antes disso. Será que Bell sonhava com sangue, perguntou Willie, ou com travessias de leitos secos de rios? Enquanto ouvia as respostas de Bell, as mãos de Willie remexiam entre os frascos e as garrafas. Colocava alguns na frente dela e fazia uma pergunta. Dependendo da resposta de Bell, despejava alguma coisa numa cuia ou afastava uma garrafa e pegava outra.

— O que é isso? — perguntou Bell, apontando uma casca num jarro.

— Um louva-a-deus. Mas não se preocupe, você não vai precisar disso.

— Para que serve?

— Para um monte de coisas. Pode servir para conseguir um homem que você deseja mas que não queira manter por muito

tempo. Pode ser para se livrar de um homem que não quer ir embora. Mas é principalmente para exhibir. As pessoas gostam de ver coisas estranhas quando vêm aqui.

Willie esmagou o conteúdo da cuia até virar pó. Despejou um líquido transparente e fez um xarope.

— O que é isso? — perguntou Bell.

— Água.

Willie passou a mistura por um funil para um frasco marrom.

— Esteja sempre com alguma coisa no estômago quando tomar isso. Não leite de vaca nem queijo, nada sem cozinhar a não ser um pouco de fruta. Só alimentos quentes, e temperados, se puder.

Entregou o frasco a Bell.

— É a pior coisa que você já tomou. Duas colheres numa xícara de água quente. Tape o nariz e tome três xícaras por dia. E se tiver um homem ou alguém junto de você o tempo todo, vai ter que dizer que está com tuberculose.

— Eu não estou...

Willie levantou da mesa e saiu da sala antes que Bell terminasse a frase. Ela seguiu a velha, piscando para adaptar a visão ao corredor escuro.

— Já acabaram? — perguntou Evelyn quando elas voltaram para a cozinha.

— A maior parte do que pode ser feito, acho — respondeu Willie. Virou-se para Bell. — O orgulho já derrubou muita gente. Um dia desses você vai ter que olhar ao redor e entender do que está fugindo.

Evelyn pôs um dinheiro na mão de Willie, mas a velha recusou. Depois as duas saíram da casa e partiram de carro pela multidão. Quando Evelyn a deixou em casa, Bell sentou-se na escada do prédio por muito tempo antes de jogar fora a garrafa que Willie dera. No apartamento do andar de cima, Walter enrolava baseados e ouvia o aparelho de som num volume que fazia os dentes de Bell vibrarem. Foi para o quarto e se deitou na cama com a voz tenor de

Stevie Wonder nos ouvidos. Adormeceu e acordou no silêncio e no escuro. Bell não voltou mais ao trabalho no Belmore.

FAIXAS LARANJA E PÚRPURA apareceram no horizonte acima dos prédios do outro lado da Dauphin Street. A fome de Bell tinha passado, os braços estavam rígidos de flexionar e relaxar os músculos nos esforços da tarde para levantar da cama. Ela não ia tomar aquela sopa; estava fraca demais para ficar de pé. Mais uma noite estava chegando, e ela iria tossir e sonhar com as mariposas e talvez acordar na manhã seguinte, talvez não. Estava cansada demais para encher o jarro de água que mantinha ao lado da cama.

Walter, seu covarde, pensou Bell. Seu mentiroso. Que cena você fez, chutando a parede e gritando que não ia tomar conta de mim como se eu fosse uma mulher branca de um bairro chique. “Isso não é um seriado de televisão, porra”, você disse. “Se não arrumar outro emprego, de jeito nenhum que vou pagar as contas enquanto você fica o dia inteiro na cama.” Ah, foi um show fantástico. Ele virou uma cadeira e empurrou Bell no chão, levantou a mão como se fosse dar um murro no queixo dela. E tudo isso só para não admitir que tinha medo de pegar tuberculose, ou medo de já ter contraído. Era fantástico — afinal o desgraçado do Walter tinha um instinto de autopreservação.

Bell tinha fantasiado que ela e Walter morreriam juntos de uma forma romântica e decadente em algum pardieiro. Tinha acreditado no vazio, na maldade e no profundo desprezo que Walter sentia por si mesmo e tudo o mais. Mas acontece que Walter não era nada destemido. E se o selvagem e indomável Walter não era destemido, então ninguém era. Talvez ninguém conseguisse se mostrar passivo em face da morte, nem mesmo Bell. É verdade que tinha se enfiado na cama e se recusado a se levantar, mas isso era o

contrário de apatia — era suicídio. Todo esse tempo ela estava querendo morrer e querendo alguém para morrer junto, e achou que Walter era perfeito, pois quase tudo o que havia de humano nele já estava morto quando ela o conheceu. Você é uma fraude, pensou. Saiu de casa numa grande explosão de raiva e voltou no dia seguinte com um amigo para ajudar a levar suas coisas. Levaram tudo menos a cama. Bell não soube dizer se foi um ato de compaixão ou se ele não precisava da cama no lugar para onde ia.

Bell olhou para o quarto ao redor. As paredes eram manchadas; a pintura estava descascando. O tapete era sujo e desbotado. Animou-se com a súbita necessidade de andar até a cozinha — uma última caminhada, para sentir os músculos se mexendo e o chão sob os pés uma última vez. Talvez tenha alguma coisa viva naquela geladeira que me faça um pouco de companhia. Ah! Antes de perder suas forças, ela pagou um vizinho para ir ao mercado comprar pão e um pote de pasta de amendoim. Restava ainda uma fatia de pão desmanchada num armário. Quando Bell era criança, Hattie não podia comprar pasta de amendoim. Doente como estava, Bell se sentiu meio decadente, sentada na cama mordiscando um sanduíche de pasta de amendoim. Gostaria de poder chamar o garoto do vizinho agora e mandar ao mercado para comprar uma lata de canja.

Que confusão ela fizera com as coisas. Permitiu-se ter vontade de tomar sopa e agora um monte de outros desejos marchavam às centenas. Ela ia morrer pisoteada por todas aquelas coisas que desejava. O que mesmo Marvin Gaye dizia que não se pode evitar? *Impostos, a morte e problemas*. Bem, eu estou morrendo e já tive a minha porção de problemas, mas há cinco anos não pago impostos. Segura essa, Marvin! Ah! Bell recostou-se na cama. Não sabia se era a tuberculose que provocava a falta de ar ou se era a sensação de todas as decepções, os equívocos e sua solidão. Bell levou a mão ao peito. O coração estava acelerado demais. Bell flutuava

numa maré de agonia, e logo seria levada para tão longe que nunca mais voltaria.

Os olhos de Walter passeavam pelo quarto todo quando Bell tinha um acesso de tosse, olhando para todos os lugares menos para ela. Que canalha. Daria tudo para um último vislumbre dele, e da mãe. Imagine os dois juntos num quarto. Hattie olharia para Walter como se fosse uma barata, fingiria que ele não estava lá.

A sopa que Hattie fazia devia ser um caldo de legumes; não havia dinheiro para comprar carne quando Bell era criança. Era salgada, com pedacinhos de batata. Bell pensou na sopa do restaurante chinês, o líquido quente descendo pela garganta e a firmeza do *wonton* sob os dentes. Lembrou-se de uma padaria que vendia pãezinhos que costumava comprar anos atrás. Não conseguiu se lembrar bem do gosto, mas recordava a caminhada com Cassie até a Henry Avenue, segurando os pães quentes numa das mãos e afastando o papel encerado para não entrar na boca quando desse uma mordida. Cassie fazia questão de que as duas voltassem para casa a pé para queimar calorias. As irmãs de Bell a levavam aos bailes. Ela nunca era a mais bonita do salão, mas ainda assim conseguia conhecer alguns garotos. Dois quiseram se casar com ela — homens bons e decentes que agora tinham famílias e moravam em casas bonitas na Tulpehocken Street. Bell os desprezava; considerava-os humildes e vulgares. Tinha prazer em dizer não às suas propostas e magoar seus corações. Mulheres que se casavam com homens como aqueles morriam de tédio. Mas aqui estou eu morrendo de qualquer forma.

* * *

BELL LEMBROU-SE de estar no ônibus escolar com a amiga Rita quando as duas eram garotas de dezesseis ou dezessete anos. Voltavam de uma aula no campo quando o ônibus parou num sinal vermelho em

um bairro a certa distância de Germantown. Aonde elas tinham ido naquela viagem? Bell tentava se lembrar disso havia anos. Ela e Rita estavam muito envolvidas numa conversa, sentadas pertinho e encostadas uma na outra do jeito que as meninas fazem. O ônibus parou num solavanco, elas olharam para cima e pela janela.

— Ah! — falou Bell. — Olha lá a minha mãe!

Hattie estava com pouco mais de quarenta anos, a idade de Bell agora. A pele tinha a cor de amêndoa e o cabelo castanho caía ondulado nas costas. Parecia uma mulher de vinte e cinco anos. Quando a avistou, Bell queria gritar: “Não é linda a minha mãe?! Não é maravilhosa?”

Em sua surpresa, não percebeu que Hattie não estava sozinha.

— Aquele é o seu pai? — perguntou Rita.

Hattie andava de braço dado com um homem alto e magro. Os dois tinham os mesmos passos largos, o mesmo ritmo de movimento pela rua, como se tivessem sido feitos para caminhar juntos pela avenida. O homem olhou para Hattie e disse alguma coisa. Pareciam íntimos, aconchegados e à vontade entre si. Hattie jogou a cabeça para trás e riu. Bell quase chorou. Nunca vira a mãe rir daquele jeito. Nunca vira a mãe alegre de jeito nenhum. Hattie sempre se mostrara severa e zangada desde que Bell tinha nascido, e lhe ocorreu que a mãe devia se sentir muito infeliz quase o tempo todo. Queria conhecer a mãe que estava vendo nesse momento, tão bonita e feliz que a tarde luminosa empalidecia em comparação. Aquele homem inspirava uma luz em Hattie que Bell nunca teve esperança de ver.

— Não — respondeu Bell a Rita. — Aquele não é o meu pai.

* * *

BELL PUXOU um fio na colcha da cama. Tossiu. Como minha mãe era austera e inabalável, agitada e insondável. As irmãs de Bell

costumavam dizer que Bell tinha o temperamento de Hattie — reservada e de pavio curto. Nunca teve medo de ninguém como tinha medo da mãe, nunca se sentira tão furiosa com alguém e nunca desejara tanto que alguém a amasse quanto queria o amor de Hattie. Mas Hattie estava sempre tão distante, como uma praia se afastando à medida que o navio se distancia no mar.

Bell insistia em seu desapontamento com Hattie. Revia todos os momentos de sua infância, sempre plenos das mãos de Hattie descendo o cinto na coxa dos filhos, cheios de raiva e dos silêncios de Hattie. Talvez ela estivesse tentando proteger os filhos, ou ensinar disciplina e respeito, mas Bell mal conseguia se lembrar de uma palavra afetuosa ou de um beijo. Bell sentia falta dela. Não era engraçado o fato de ter se desintegrado aos poucos depois que se afastou da mãe e dos rigores de sua casa? Esteve em queda livre até vir parar nessa cama na Dauphin Street.

Bell estava com sede. Vai passar, pensou. Minha sede vai passar e essas ondas de desejos vão passar, eu vou me cansar. Vou estar cansada demais para fechar o punho, cansada demais para pensar, depois vou adormecer e é isso aí. Vou ficar aqui deitada e mariposas prateadas vão sair voando da minha boca e então... Se for para acreditar na igreja, eu já fiz sujeira para ser mandada para o inferno três vezes. Eu devia estar com medo, pensou Bell. Mas só sentia arrependimento.

Os olhos de Bell ardiam e ela fez uma careta como se estivesse chorando, mas o corpo não conseguia produzir lágrimas. Era uma casca vazia, uma velha folha seca curvada sobre si mesma.

Lawrence, da forma como estava quando Bell o viu andando pela rua com Hattie há tantos e tantos anos, veio a sua mente. Usava um terno cinza e uma camisa branca desabotoada no colarinho, sem gravata e sem chapéu. Era elegante, forte e atlético. Lawrence não era mais bonito que August, mas era um tipo diferente de homem. Havia alguma coisa nobre e impressionante nele. Sua imagem ficou na memória dela como a de um ator de cinema.

Ainda conseguia visualizá-lo naquele momento, com um lenço bordô no bolso do paletó e o vento colando o paletó em seu corpo.

* * *

BELL RECONHECEU Lawrence na hora, apesar dos quase vinte anos desde que o vira com a mãe. Na época ainda estava saudável, não podia imaginar que Walter e a tuberculose chegassem em menos de uma década. Estava comprando um chapéu. A balconista embrulhava a compra quando a campainha da porta soou e Lawrence entrou com um terno muito parecido com o que Bell lembrava. O cabelo estava grisalho e as faces mais fundas, mas continuava bonito e elegante.

— É um belo chapéu — comentou Bell quando ele parou diante de um branco de abas largas.

— Você acha? Não entendo muito de chapéus femininos — replicou ele.

— É muito elegante. — Fez uma pausa. — Mas depende, é claro, da idade da mulher a que se destina.

— Mais ou menos a sua idade. Jovem demais, se quer saber, para usar chapéus de gente adulta.

— Deve ser uma mulher de bom gosto. Pouca gente usa chapéu hoje em dia.

— Fico contente por se considerar uma mulher de bom gosto — observou ele, rindo e apontando com a cabeça para a caixa de chapéu na mão de Bell.

Lawrence foi se aproximando de Bell enquanto conversavam. Disse que o chapéu era para a filha. Bell entendeu por que um homem tão elegante e autoconfiante tinha encantado sua mãe. Era um homem que poderia ter qualquer mulher aos seus pés. E sabia disso: sessenta anos bem vividos e ainda se virando muito bem.

— Meu nome é Lawrence Bernard — falou.

— Eu sou Caroline — respondeu Bell. — Caroline Jackson.

Saíram da loja juntos.

Três semanas depois de terem se conhecido, Bell convidou Lawrence para um concerto de jazz. Tomaram conhaque Alexanders. Bebida de velho, ela pensou. Enquanto dançavam ao som da banda, Bell disse que gostaria de conhecer a casa dele. Depois do concerto, sentaram na pequena varanda da casa tomando limonada com rum. A noite de abril estava fresca. Ele a abraçou. Beijou seus ombros e levou-a para a cama. Foi recatada ao fazer amor com ele. Apesar de manter os olhos fechados, a experiência não foi totalmente desagradável, até Bell pensar em Hattie. Sacudiu a cabeça violentamente para se livrar da imagem da mãe. Lawrence interpretou o gesto como um êxtase sexual. Ele adormeceu logo depois. Bell levantou os lençóis e o examinou; o corpo ainda estava firme. Era vaidoso — as unhas dos pés aparadas e lixadas, os calcanhares bem cuidados. Não parecia velho, como ela imaginara. A barriga era flácida, mas não era protuberante. De repente se sentiu culpada e constrangida. Rolou para o outro lado da cama. Lá estava o amante da mãe, nu ao seu lado. Sentiu-se emocionada e revoltada, e resolveu passar a noite com ele.

Bell acordou Lawrence na manhã seguinte e fingiu que ia embora. Enrolou-se nas cobertas como se se sentisse tímida em sua nudez. Ele a quis mais uma vez, como sabia que iria querer. Sentiu-se encorajado pela noite anterior. Eles se esqueceram de fechar a cortina, e a luz do sol iluminou o quarto como se fosse uma praia ao meio-dia. Bell ofereceu-se a ele de quatro. O recato da noite anterior tinha se esvaído. Lawrence foi quase agressivo; os grunhidos que emitiu eram primitivos e guturais. Divertiu-se por tê-lo reduzido a um homem grunhindo no cio, como qualquer outro. Bell sentiu um triunfo passageiro. Tinha se vingado da mãe, embora, é claro, nunca fosse contar aquilo a ela. Estava fazendo algo terrível, mas tornou-se então igual a Hattie; igual na dor infligida e no castigo dosado. Mais do que isso, de alguma forma

tinha se transformado na mãe — não na Hattie cansada e furiosa, mas na mulher linda e sorridente que Bell viu da janela do ônibus escolar.

Bell resolveu não permitir que Lawrence transformasse o caso num romance, embora ele continuasse convidando-a para jantar e a ir a uma de suas apresentações. Se não mantiver a vantagem, pensou, eu posso ser esmagada. Recusava-se a ir vê-lo em público. Preferia encontrar Lawrence na varanda da casa ao entardecer e comer sanduíches acompanhados de muitos copos de limonada com rum. De vez em quando iam com o carro dele até o restaurante chinês a alguns quarteirões e levavam comida para casa. Lawrence falava sobre os Panteras Negras, como os considerava violentos.

— Esse Huey Newton vai morrer, pode anotar o que digo — explicou.

Disse a ela que talvez fosse ao Mississippi ou ao Alabama para fazer campanha para Robert Kennedy. As igrejas andavam fazendo um bom trabalho no registro de eleitores, explicou. Meu irmão Six tem uma igreja lá, Bell quase contou. Aquele imbecil está casado há quinze anos e tem filhos com mais mulheres do que se pode contar numa mão, mas isso não o impede de falar sobre como o Senhor pode aprimorar a raça se rezarmos e agirmos corretamente. Essa é a igreja para você! Mas claro que Caroline não tinha irmãos, por isso Bell se manteve em silêncio.

— Acho que estou velho demais para aqueles cabelos afros e punhos erguidos. Fico triste de ver gente de cor normal, com suas roupas normais e cabelos normais naqueles balcões. Nunca vi nada tão corajoso.

Quando ele fazia perguntas sobre Boston, Bell respondia com generalidades abrangentes que passavam a impressão de ser verdade. Tinha sido criada em Roxbury e um dos tios gostava do Red Sox, e, sim, os invernos eram mais frios. Ele olhava para Bell e dizia:

— Que coisa estranha. Às vezes parece que eu te conheço. Depois piscava, ria e dizia: — Eu devo ter visto você nos meus sonhos.

Não era difícil manter Lawrence na ignorância; na verdade ele não queria saber muito sobre ela e, de seu jeito gracioso e de boa índole, era tão reservado a respeito da própria vida quanto ela. E afinal os dois sabiam que aquelas conversas eram apenas um prelúdio. Bell preferia comer aquelas comidas chinesas no quarto, refestelada nos travesseiros, nua e suarenta chupando macarrão das embalagens de papelão. Mas Lawrence insistia em servir na mesinha na varanda. O que nós vamos fazer no inverno?, refletia Bell. Será que comeriam na sala de estar ou na cozinha? Até lá o caso com certeza já teria acabado. Até lá Caroline seria chamada de volta a Boston para uma emergência na família e nunca mais voltaria à Filadélfia. Em alguns meses, talvez menos, Bell sabia que se cansaria de Lawrence. A pele do pescoço dele começava a perder a firmeza, suas ereções às vezes falhavam. Gostaria de sentir nojo dessas coisas, mas não sentia. Tinha parado de se encontrar com outros homens, mas isso, dizia a si mesma, só porque lhe faltava tempo. Não podia negar que ele havia se transformado no Lawrence Bernard que conhecera numa chapelaria uns meses antes e cada vez menos o homem que vira com a mãe tantos anos antes. Mas isso era normal, claro, e não significava que seus sentimentos por ele ficaram mais profundos.

No quarto mês do relacionamento, o clima mudou bruscamente. Bell acordou uma manhã envolvida pelo ar puro e cristalino do outono. Naquela tarde, depois do trabalho, de repente ela estava pulando numa pilha de folhas recolhidas perto da cerca de um gramado. E de salto alto e roupas sociais. Ah! Voltou para casa sorrindo e ligou para Lawrence.

— Talvez seja porque eu ficava toda entusiasmada quando era menina por causa do novo ano letivo, mas me sinto muito feliz no outono. É como se tudo começasse outra vez — disse a Lawrence.

— Você quer começar tudo outra vez comigo também? — perguntou ele.

— Ah, para com isso.

— Para com isso, você. Estou cansado de você se esconder de mim em casa e me usar só para o prazer. — Deu risada. — Só porque sou velho não significa que não quero sair com minha namorada.

— Sua o quê? Sua na...

— Foi o que eu disse.

— Bom, eu não estou escondendo ninguém — replicou Bell.

— Então encontre comigo na Wanamaker's amanhã às seis horas — propôs ele. — Você vai ter uma surpresa.

Às seis horas do dia seguinte, Bell apressava-se pelo corredor central da Wanamaker's em direção à estátua da águia de bronze, onde tinha combinado de se encontrar com Lawrence. Lá está ele!, pensou quando o avistou. Acelerou o passo. Ele tinha comprado flores — um buquê vermelho-vivo no fundo cinza chapado de seu terno. Uma pequena sacola de compras pendia de seus dedos. A loja estava lotada. Consumidores enxameavam à volta dele levando caixas e sacolas ou arrastando crianças. Como ele se destacava naquela multidão, como era bonito.

— Lawrence! — chamou Bell.

Só então percebeu que ele conversava com alguém atrás da águia.

Ela chamou outra vez enquanto se aproximava.

— Lawrence!

Ele se virou.

— A minha garota chegou! — falou, estendendo a mão para cumprimentar Bell.

O tecido da saia roçava suas pernas. Ficou contente por ter comprado um vestido novo para aquela ocasião; ele era o tipo de homem que gostava de um vestido novo.

A mulher com quem Lawrence estava conversando saiu de trás da estátua, sorridente e expectante. A mão dele a segurava pelo cotovelo.

— Esta é a minha grande amiga Hattie.

Meu Deus, pensou Bell, olhando para a mãe, como nós somos parecidas. Sabia que devia dizer alguma coisa, sentir alguma coisa, mas fixou a atenção no nariz achatado e de traços leoninos de Hattie — a mesma curva do nariz de Bell. E os nossos olhos têm a mesma inclinação para baixo nos cantos externos. Mãe e filha ficaram frente a frente, as duas com a mão no peito logo abaixo da clavícula. De repente Bell ficou furiosa com Lawrence. Velho patético! Tão facilmente iludido pelo sexo, pela juventude e pela lisonja. Se tivesse de fato me visto, pensou, se tivesse se dado o trabalho de olhar para mim, teria enxergado minha mãe no meu rosto. A semelhança teria saltado aos olhos, como saltaram aos olhos de Bell naquele momento. Mas aí lembrou que também estivera cega à semelhança entre as duas. Tinha negado aquilo como uma espécie de vingança contra Hattie. Como se dissesse: eu também não quero você, nem mesmo a vejo.

— Bell! — exclamou Hattie.

Lawrence olhou do rosto de Bell para o de Hattie e depois para Bell outra vez. Sua mão voou para a boca, que gesto mais feminino.

Hattie afastou-se dos dois. Trombou com um homem atrás dela e perdeu o equilíbrio. Lawrence deu um passo à frente, derrubando o buquê e segurando Hattie para ela não cair. Com a mão de Lawrence em seu braço, ela se aprumou de forma desajeitada. Pareceu mais velha; Bell teve a impressão de que a pele no rosto dela estava flácida e balançava no queixo. Apesar do horror do momento, a doçura com que Lawrence aparou Hattie fez Bell pensar num velho segurando a velha esposa, que amava havia anos e anos, que a tinha segurado quando se desequilibrava durante anos e anos. Hattie segurava uma sacola de compras que caiu no chão quando ela tropeçou. Lawrence pegou a sacola e estendeu

para ela. Hattie pegou e apertou a sacola no peito. Estava chorando.

— É melhor eu pegar as minhas compras — falou Hattie, abaixando com a sacola.

Tentou recolher os objetos, mas sua mão tremia.

— Vou terminar minhas compras — repetiu, mas sem se mexer.

Lawrence estava falando. Tinha falado o tempo todo, Bell percebeu, mas ela não o ouvia porque a mãe estava à sua frente remexendo uma velha sacola de compras e chorando.

— Ela me falou que se chamava Caroline — contava Lawrence. — Disse que morava em Boston. Eu não sabia, Hattie. Juro que não sabia.

Hattie balançou a cabeça de um lado para outro. Seus pés não se moveram. Uma funcionária se aproximou e perguntou se estava tudo bem. Estava bem-vestida e parecia desconfiada. Hattie se virou para ela.

— Eu só... — Respirou fundo. — Só estou procurando a seção de tecidos.

A funcionária começou a dar orientações, mas Hattie foi em direção à saída.

Bell ficou sozinha com Lawrence. Não havia nada que pudesse dizer. Deu um passo em direção a ele. Lawrence deixou que ela pusesse a mão em seu braço por um instante. Recolheu as rosas e a sacolinha, entregou a ela, depois saiu disparado atrás de Hattie. Bell nunca mais soube de nenhum dos dois.

* * *

AS MARIPOSAS BATIAM as asas afiadas no peito de Bell. A dor era espantosa. Os membros estavam moles e os olhos se fechavam, e de repente ela mergulhou numa escuridão semiconsciente da qual tinha certeza de que não voltaria. Sonhou que alguém batia na

porta. Estava numa casa como aquela em que Lawrence morava, seu corpo era saudável como quando estava com ele. Bell andava pelos quartos sem fazer esforço, respirando grandes golfadas de ar, sentindo o oxigênio no sangue. Abriu a porta da frente. Chovia granizo. O granizo batia na cobertura e nos parapeitos. Alguém chamou seu nome. Não conseguia localizar a fonte da voz na tempestade.

— Bell!

Queria que as vozes se calassem.

— Bell! Bell!

Acordou. A alucinação persistiu.

— Bell!

Estava fraca demais para atender a porta. Não conseguia manter os olhos abertos por mais de alguns segundos.

— Por favor, pare — murmurou. — Por favor, pare.

— É Willie. Você está aí, garota?

Willie. Willie Vodou com a floresta no quarto dos fundos — agora eu sei que estou sonhando, pensou Bell.

Alguma coisa caiu na sala de estar. Ela ouviu madeira rachando e depois uma voz.

— Não tem luz aqui? Que fedor é esse?

Depois ouviu passos e alguém a sacudiu pelos ombros.

— Bell! Meu Deus do céu. Bell?

Abriu os olhos por tempo suficiente para ver o rosto de Hattie pairando sobre ela e Willie um passo atrás.

— Está viva — disse Hattie.

Algum tempo depois, houve uma comoção de luzes e mãos, sirenes e barulhos de tráfego. Alguém pôs uma máscara em seu rosto. Uma agulha espetou seu braço. Ela adormeceu.

* * *

BELL ACORDOU com diversos incômodos: uma coceira na bochecha onde a peça de plástico da máscara de oxigênio irritava sua pele, a boca seca, a mão doendo por causa da cânula do soro. Se movesse os dedos, podia ver a agulha se mexer debaixo da pele. Como nós somos frágeis, pensou. Um aparelho ao lado da sua cabeça piscava em verde e vermelho e apitava regularmente. Tudo isso só para manter o corpo de alguém funcionando.

O quarto de hospital não tinha janelas para a rua. Metade de uma das paredes era um retângulo de vidro que dava para um corredor movimentado. Hattie dormia numa cadeira arrastada para perto da janela. A cabeça inclinada descansava no encosto. Alguém tinha jogado uma coberta sobre ela; só o rosto era visível. Olha, pensou Bell, como fez quando era menina no ônibus escolar, olha lá a minha mãe. Bell poderia ter gritado de gratidão. O pescoço dela vai estar dolorido quando ela acordar. Ela deveria ter um travesseiro.

Bell não sabia se era dia ou noite, um relógio acima da mesa da enfermeira dizia apenas onze horas. Enfermeiras passavam depressa pelo corredor fora do quarto, mas isso não dava nenhuma indicação da hora. E Hattie estava dormindo, mas isso também não queria dizer nada. As mariposas de Bell estavam quietas. Sentia o peso delas esmagando o peito, as legiões de asas afiadas agarradas aos seus pulmões como morcegos dormindo numa caverna.

Uma enfermeira usando máscara cirúrgica se aproximou da porta do quarto de Bell. Hattie acordou e gesticulou na direção da filha. A enfermeira balançou a cabeça e entrou sozinha. Hattie ficou em pé na janela com a mão no vidro. Bell levantou a mão num cumprimento e a mãe acenou com a cabeça. Outra enfermeira entrou, pôs o braço ao redor dos ombros de Hattie e entregou um copo de isopor com algo quente. Que chocante era ver Hattie prestando tanta atenção.

A enfermeira disse a Bell que ela estava havia três dias no hospital. Encontrava-se de quarentena e ficaria ali até a tuberculose

não ser mais contagiosa — pelo menos três semanas, talvez mais. Tomando remédios para matar as bactérias que causaram a doença e outros medicamentos para aliviar a congestão no peito. Ia tossir muito, mas não como antes. Até a função pulmonar melhorar, não deveria tentar falar. Deram uma lousa e um pedaço de giz a ela. Foi muita sorte; ela quase morrera. A enfermeira aplicou alguma coisa na cânula, e o sono envolveu Bell como água sobre um afogado.

Walter veio visitá-la. Estava apavorante; os olhos vermelhos, andando na frente do quarto de Bell como um leopardo enjaulado. Será que ele sempre foi assim tão assustador? Dava a impressão de que poderia estrangular uma enfermeira. Quando ela acenou, ele entrou no quarto.

— Walter! Você não pode entrar aqui. Vai pegar tuberculose.

— Você já me passou. Olhe os meus olhos. Está vendo como estão vermelhos? E os meus dentes.

Ele abriu a boca. Os dentes tinham sumido. Uma bolinha preta, não maior que uma bola de gude, descansava em sua língua.

— O que é isso? — perguntou Bell. Ele explicou que era a doença dela, que tinha sugado dela com tanta força que os dentes caíram. Depois engoliu a bola preta e saiu do quarto. — Walter! — ela gritou às costas dele.

Uma enfermeira a acordou.

— Srta. Shepherd! Acalme-se. Acalme-se. — Hattie olhava pela vidraça, com as mãos no vidro.

Bell cuspi na bandeja prateada que as enfermeiras traziam. Com o passar dos dias, cuspi cada vez mais. Primeiro o catarro era espumoso e vermelho como refrigerante de morango. A garganta doía de tanto tossir, mas o peito não estava tão pesado quanto antes e a respiração era mais fácil. Em sua pequena lousa ela perguntava as horas às enfermeiras, ou outras questões práticas, como em que dia tiraria a próxima radiografia. Não conseguia pensar em nada mais para escrever. Queria ter morrido, mas lá

estava, viva. Agora sua vida se estendia interminável e tediosa à sua frente. Devia arrancar aquela cânula do braço.

Uma tarde a enfermeira entrou com copinhos de papel com comprimidos numa bandeja. Bell escreveu: *Não*. Balançou a cabeça quando a enfermeira retirou a máscara de oxigênio e segurou os comprimidos na frente dela.

— Srta. Shepherd — disse a enfermeira. — Isso não tem graça.

Bell balançou a cabeça outra vez. Pelo canto dos olhos, viu Hattie levantar da cadeira ao lado da janela de vidro. Quando Bell era garotinha, e ficava doente, Hattie a pegava pelo queixo e empurrava o remédio goela abaixo. Na época Bell não reconhecia aquilo como amor. Agora, quando andou em direção à porta do quarto, o braço estendido para abrir a maçaneta e entrar, a mãe tinha a mesma expressão. Bell viu a ternura naquilo — a ternura de Hattie, que era sempre severa. Engoliu os comprimidos oferecidos pela enfermeira.

Hattie vinha todos os dias. A interação entre as duas consistia em acenar uma para a outra. No sexto dia Bell escreveu *Como está o clima* na pequena lousa e levantou para Hattie ver. Sentiu-se ridícula na mesma hora. Provavelmente a letra estava pequena demais para a mãe enxergar, e de qualquer forma Bell não conseguiria ouvir a resposta. Hattie acharia aquilo bobo e trivial. Havia tantas outras coisas que ela queria dizer, mas só tinha um giz e lhe faltava coragem. Lágrimas verteram de seus olhos. Hattie pegou um pedaço de papel e uma caneta da bolsa. Escreveu alguma coisa no papel e pôs contra o vidro: o desenho de uma grande nuvem escura de onde caía uma cascata de traços inclinados. “Chovendo”, falou Hattie sem emitir som.

Dali em diante as visitas começavam com os desenhos de Hattie ilustrando o clima. Passou a trazer um novelo de lã e ficava fazendo crochê na cadeira perto do vidro. Hattie continuava tão inescrutável como sempre, mas era verdade o que diziam as irmãs de Bell — estava mais calma, a antiga fúria esmaecera. Havia uma

naturalidade entre as duas que jamais existira. Sempre ficaram desconfortáveis uma na presença da outra, muito antes da relação de Bell com Lawrence. Quando Bell ia passar feriados na Wayne Street ou nos jantares de domingo, ela e Hattie evitavam se olhar e agiam com rigidez e formalidade, como se estivessem sozinhas numa sala. Talvez, pensou Bell, Hattie a odiasse porque sabia que Bell a tinha visto com Lawrence quando era adolescente. Mas não é verdade, pensou Bell. Sou eu que a odeio porque ela era feliz com Lawrence, e tudo o que eu tinha em casa era uma mulher infeliz que aplicava castigos aos filhos — por subir a escada correndo, por qualquer sugestão de insubordinação, por desejar coisas que ela não achava possível propiciar.

A idade adulta trouxe alguma liberdade a Bell, mas não alívio. Sentia-se imperfeita de alguma forma vital, incapaz de fazer a coisa certa. Sempre com medo de que alguma força a fulminasse por seus fracassos. Queria perguntar se as irmãs e os irmãos sentiam o mesmo. Mas eles tinham feito as pazes com Hattie anos antes, talvez porque já soubessem que a força que os fulminaria não seria a mãe, mas algo de sua própria lavra. Em algum momento de suas vidas as irmãs de Bell deixaram de culpar Hattie por seus problemas. Talvez a mãe não soubesse que deveria nos amar, pensou Bell. E agora está velha e a vida não exige mais que ela seja tão feroz.

Na manhã em que a quarentena acabou, um auxiliar passou a cadeira de Hattie para o quarto de Bell e a colocou perto da cama. Enfermeiras levaram Bell para tirar radiografias. Quando voltou para o quarto, Hattie estava sentada na cadeira fazendo crochê.

— Eu fico emocionada de ver vocês duas no mesmo quarto! — disse a enfermeira. — Você sabe que sua mãe esteve aqui dia e noite. Dia e noite.

Bell e Hattie sorriram. A velha rigidez retornou. Era fácil se sentir à vontade uma com a outra quando havia uma parede de vidro

entre elas. Ela não vai me perdoar, pensava Bell. A enfermeira saiu do quarto.

— A enfermeira disse que amanhã você pode sair um pouquinho — falou Hattie. Fez uma pausa e pegou um ponto do crochê. — O tempo está ótimo. Ensolarado.

Bell assentiu.

— Tem um parquinho atrás do hospital. Nem precisa atravessar a rua para chegar lá. Acho que consigo levar você na cadeira de rodas.

Bell pegou a lousa, depois lembrou que os médicos tinham dito que ela podia falar. Respirou fundo e disse:

— Aaaah. — Foi uma tentativa de som, como a de alguém se apoiando numa perna que acabou de ter o gesso retirado. — Aaaah — disse Bell outra vez. — Estou falando como um sapo. — A voz era áspera e entrecortada.

— Acho que você devia tentar não falar muito — observou Hattie.

A agulha de crochê de Hattie adejava pelos enlaces de lã. Bell queria ter uma janela para a rua — um pedaço de céu ou uma nuvem, qualquer coisa para distrair a atenção do quarto. Concentrou-se na respiração. Ouvia um leve cascalhar quando inalava e uma débil sensação de tosse quando exalava.

— Como você soube que devia me buscar?

— Willie.

— E como ela soube?

— Uma garota que trabalhou com você. Um sujeito que você conhece disse que você não estava muito bem.

— Walter.

Bell se perguntou se ele também estaria doente em algum lugar, tossindo e definhando na cama de alguma mulher. Walter, aquele canalha. Tudo de bom para ele. Fechou os punhos para não chorar só de pensar nele.

— Um mulato escuro esteve por aqui um dia desses logo depois de você chegar. Não me disse uma palavra e só ficou na janela,

parecendo um demônio, e foi embora.

— Walter.

— Não parecia ser muito bom da cabeça.

Bell deu de ombros.

— Willie disse que fazia um tempo que você estava doente. Contou que você a visitou uns meses atrás.

Hattie descansou o crochê no colo.

— Você mandou a gente embora quando nós fomos buscá-la. Ficava dizendo: “Parem, por favor. Me deixem onde estou.” Achei que era a voz da febre, mas depois entendi que você estava...

Voltou a pegar o crochê.

— Acho que sabe que não vai poder voltar àquele apartamento. Imagino que ninguém tenha contado que eu e seu pai estamos comprando uma casinha em Jersey. Tem lugar para você lá.

— Finalmente vocês conseguiram, hein?

— Só demorou cinquenta anos — falou Hattie com amargura. — O lugar é pequeno, dois quartos, mas seu pai vai gostar muito de ter você lá.

— Você vai gostar? — perguntou Bell.

Ela não queria dizer isso.

— Disseram que o ar pesado e úmido não é bom para você. Acho que vamos comprar um ar-condicionado. Nunca gostei desses aparelhos. Me dão dor de cabeça.

Bell tossiu, Hattie despejou água num copo e passou para ela.

— Disseram que você precisa tomar muita água.

Uma enfermeira enfiou a cabeça no quarto.

— Está tudo bem? — perguntou com jovialidade. As duas anuíram. — Remédios daqui a uma hora — anunciou, antes de se esgueirar.

Hattie ficou olhando enquanto ela desaparecia no corredor.

— Não aguento pensar que você ia se deixar morrer como se não tivesse ninguém — falou Hattie. — Montou tudo para se mandar deste mundo, e nós nem sabíamos de nada. Talvez daqui a alguns meses a polícia fosse bater na minha porta para me contar. Ou

talvez nunca viessem. Você teria desaparecido da terra como se nunca tivesse existido.

Tirou um fiapo de lã do novelo no colo.

— Não sei o que a levou tão para baixo. Eu devia ter percebido. Não a via muito, mas, quando via, você parecia estar sendo rasgada por alguma coisa. Nunca soube o que fazer para animar o espírito dos meus filhos. Não soube como ajudar ninguém nesse sentido.

— Eu simplesmente não queria mais nada — falou Bell.

Hattie olhou para ela e balançou a cabeça.

— Todo mundo já esteve aí. Todo mundo que já conheci. Mas você não pode... Eu não fiz isso quando estava lá embaixo.

Bell disse em voz baixa:

— Fui eu que levei você até tão baixo.

— Por causa do Lawrence? — Hattie deu um suspiro. — Não. Aquilo me magoou mais do que consigo descrever com palavras, mas eu já estive em lugares mais escuros. Meus filhos morreram. Não existe lugar mais escuro que esse, a não ser talvez outra filha querendo se matar.

— Não era um suicídio — disse Bell.

— Ah, não?

Bell tinha ensaiado o momento em que teria de se explicar para a mãe, mas, agora que havia chegado, só conseguia pensar em se desculpar.

— Desculpa — falou.

— Tem coisas que não se pode desculpar, só se pode tentar contornar — replicou Hattie. — Para o seu bem também, para poder ter um pouco de paz.

— Você não está brava?

— Claro que estou! — Olhou para Bell como se quisesse sacudi-la pelos ombros. — Provavelmente vou ficar para sempre. Mas tenho sido brava a vida toda, e afinal descobri que não poderia levar isso

comigo. É muito pesado e estou cansada demais. O tempo vai cuidar disso, como faz com tudo.

— Você sabe que Willie tem uma floresta no quarto no fundo da casa? — perguntou Bell.

— Ela me preparou alguns remédios com aquelas plantas. Eu... joguei tudo fora.

— Eu conheci uma macumbeira na Geórgia. Conseguia fazer um cego enxergar. Todo mundo pensava que era louca.

Ficaram em silêncio. Bell notou que o monitor cardíaco não estava mais lá. Tentou se lembrar de quando tinha sido retirado do quarto. Lawrence provavelmente falou mal dela para Hattie naquela noite, na porta da Wanamaker's. Alcançou-a e contou como Bell tinha mentido e o manipulado. Bell fechou os olhos para se proteger da lembrança. Nunca mais queria vê-lo. Falou que Hattie era uma amiga, mas Bell achava que ele ainda a amava. Queria saber como tinha terminado o caso entre eles. Imaginou muita amargura entre os dois e anos de separação, depois um encontro recente e casual. Era muito doloroso pensar que Lawrence tinha sido o único amigo de Hattie durante as décadas de solidão de sua mãe, e que Bell tinha destruído aquilo também. Queria dizer à mãe que nunca fora amada por ninguém que valesse a pena a não ser Lawrence, e depois do primeiro mês o relacionamento com ele não tinha nada a ver com Hattie. Bell continuou com ele porque era um homem bom e porque gostava dela. Bell e a mãe tinham em comum essa alegria de topar com o amor depois de anos de decepções.

— Eu vi você com Lawrence na rua quando era menina. Nunca o esqueci. Fiquei com ele por despeito e peço desculpas, mesmo sabendo que isso não vai ajudar em nada — disse Bell. Piscou para descartar uma lágrima que se formou no canto do olho. — Eu queria parte da felicidade que vi em você quando estava com ele. Quis ver se ele podia me fazer sentir aquela mesma alegria.

— Meu Deus, como você é difícil de amar — observou Hattie.

— Você nunca riu assim com a gente, do jeito como ria com ele.

— Deixe minhas lembranças em paz! São minhas lembranças. Minhas e de Lawrence, todos esses anos, são minhas e você não pode me tirar.

— Você nunca vai me perdoar, não é? — perguntou Bell.

— Passei os últimos oito anos tentando. Já perdoei o máximo que posso — respondeu Hattie. Enrolou o novelo de lã. — A casa nova tem um quintal bonito na frente... Vou fazer uns canteiros de flores ali. Vai ser só um jardinzinho, mas pode se espalhar. Nunca achei que eu poderia me espalhar.

— Ah! Já eu sinto que só o que fiz foi me espalhar por toda parte.

— Como uma casa pegando fogo. Você nunca aprendeu que às vezes só nos restam a nossa dignidade e autocontrole.

Ruthie tinha dito uma vez que Bell e Hattie eram iguaizinhas. Não era verdade. Hattie era mais forte do que Bell jamais conseguiria ser. Não sabia como cuidar da alma dos filhos, mas lutava para mantê-los vivos e se manter viva. Era mais do que Bell poderia dizer. Todas elas — Hattie, Willie e Evelyn — eram como luzes; faíscas piscando em lugares escuros, tentando se manter acesas apesar de serem compelidas em direção às cinzas. Quase se extinguíam num momento, depois estavam luminosas e alaranjadas. Quem era Bell para ter tentado se extinguir em face de tanta força? Talvez fosse sua covardia, assim como sua traição, que Hattie não poderia perdoar.

Hattie espetou a agulha de crochê no novelo de lã.

— Vou trazer uma sopa para você amanhã — falou.

— Tudo bem — respondeu Bell.

Hattie recolheu as coisas; guardou o crochê e o suéter numa sacola de pano. Bell lembrou ter visto a mãe guardar roupas numa sacola de pano muito tempo atrás, talvez um ano depois de ter visto Hattie e Lawrence da janela do ônibus escolar. O estômago de Bell apertou, ela não queria aquela lembrança.

Bell era adolescente. Estava lendo na sala de estar quando ouviu Hattie e August gritando no fundo da casa. Houve um barulho e o

som de reboco partido. August saiu da cozinha de roupão, e quando a porta bateu atrás dele, Bell viu a mãe de relance. Hattie apoiada na bancada, cabeça baixa. Abraçando a filhinha muito forte, em desespero, como se Ruthie fosse tudo o que tivesse no mundo. August subiu a escada depressa, voltando alguns minutos depois. Saiu batendo a porta da frente e, nisso, Hattie saiu da cozinha tão furiosa que Bell se escondeu atrás do sofá. Hattie mandou todos os filhos para fora. Estava chorando.

— Saiam! Todos vocês, vão passear no parque! — gritava.

Acenava com os braços, mandando todos saírem de casa. Subiu a escada e voltou com Ruthie no colo e uma mala de roupas. Uma camisa caiu da sacola, e Hattie pôs o bebê no sofá e a guardou de novo. Pegou Ruthie no colo — quem ela havia escolhido entre todas as outras —, abriu a porta da frente e saiu com tanta determinação que Bell saltou de seu esconderijo.

— Mãe? Mãe, aonde você vai? — perguntou.

A sacola de pano caiu da mão de Hattie quando ela se virou para Bell.

— Eu mandei todo mundo ir para o parque!

— Você volta mais tarde para buscar a gente?

Hattie deu uma bofetada tão forte em Bell que a garota cambaleou.

— Não me faça perguntas! Nunca me faça perguntas sobre a minha vida! — gritou Hattie, e desceu correndo a escada da varanda.

— Mãe! — chamou Bell enquanto ela corria. — Mãe! Volta, mãe!

Hattie parou no meio da calçada. Bell tinha certeza que faria meia-volta, mas depois de alguns segundos ela continuou andando, afastando-se da Wayne Street, afastando-se de Bell.

— Mãe — chamou outra vez, num sussurro. — Mãe. Por favor.

* * *

HATTIE ESTAVA DE COSTAS para Bell, andando em direção à porta do quarto.

— Mãe — chamou Bell.

Hattie se virou.

— Você vai vir amanhã, certo?

— Claro, garota! Acabei de dizer que vou trazer uma sopa — respondeu Hattie.

— Tudo bem.

— Certo.

Quis chamar outra vez: “Mãe! Volta!” Mas Hattie já tinha saído do quarto.

Cassie

1980

EU GOSTARIA de lavar a cabeça, mas quando entro no banheiro, penso na maneira como a água vai escorrer pelo meu corpo, cheia de partículas de pele morta e fezes, e preciso voltar ao meu quarto. Não aguento ver a água empoçando ao redor do ralo. Mesmo agora, no banco traseiro seco e quente da caminhonete do papai, penso nisso e fico toda encolhida; contraio os dedos do pé. Minha Sala, minha filha linda, é a única coisa limpa que conheço.

Hoje de manhã minha mãe sugeriu que eu tomasse um banho antes de ir ao médico. Me levou até o banheiro e abriu a torneira, experimentando a temperatura como se preparasse o banho de um bebê. Me lavei rapidamente, menos o cabelo e as partes íntimas. Quando a água caiu sobre mim, eu queria me atirar na porta do boxe. Saí me sentindo fétida, como se tivesse vadeado um pântano. Quando terminei, minha mãe falou:

— Vai se vestir. — Pela quarta vez naquela manhã, ela disse: — Sua consulta é hoje.

Sentei na cama e fiquei olhando ela arrumar as roupas que escolhera para mim: a saia e o suéter, a calcinha e a meia-calça. Quando eu era criança, ela nunca fazia esse tipo de coisa. Não tinha tempo para arrumar as roupas dos nove filhos. Será que faria isso se não fôssemos tantos? Isso exige certa ternura, acho, ajeitar a roupa de uma criança. Minha mãe nunca foi carinhosa. Continua não sendo. Pôs as roupas na cama para mim como se fossem

ingredientes para um frango assado, como se eu estivesse para ser trinchada. Minha mãe sempre fez o necessário. Imagino que acha que está fazendo isso agora me levando para outro lugar — mas está errado, ela está enganada. Rezei por ela. Me pergunto se ela sabe o que está fazendo por mim, se está consciente e se tem prazer ou se simplesmente faz isso como um espírito sequestrado agindo sob o comando de alguém. Eu me identifico com ela. Sei como é difícil resistir a certos impulsos. Meus impulsos são repugnantes. Têm vozes que murmuram sugestões de uma forma tão natural e calma que se eu não fosse cuidadosa pensaria que são meus pensamentos: olhe para a virilha daquele homem, elas dizem; pense em como ele deve ser sem a calça. Lembra? Lembra como era estar com um homem? Eu sei, claro, que não são meus pensamentos. Sei que eles vêm do que quer que esteja controlando esse negócio, seja qual for esse mal. Não posso contar isso a mamãe e papai. Não sei se eles entendem até onde foram corrompidos. Gostaria de acreditar que não sabem. Desconfio que sabem, mas não contei a Sala porque não quero que ela tenha medo dos avós.

— Isso também — disse minha mãe, segurando minha prótese mamária.

Tremia na mão dela como um ovo mal cozido. A mão dela também tremia. Ela piscou. O pescoço se movimentou como se ela estivesse engolindo alguma coisa sólida. Talvez estivesse. Minha mãe sempre leva balas nos bolsos do vestido. Naquele exato momento percebi uma coisa grande e terrível nela, uma expressão facial que me remeteu a anos atrás.

Lembrei-me da minha mãe de avental na cozinha, na minha infância. Eu estava na porta. Ela desfolhava uma couve e a lavava na pia dupla. Joelhos de porco cozinhando no fogão, a chama do gás alta e chiando embaixo do caldeirão. De vez em quando ela parava e olhava pela janela, uma das mãos gotejando no quadril, e suspirava. A luz do sol iluminava um lado do seu rosto. A expressão

era ao mesmo tempo tranquila e inquieta. Havia alguma coisa indomável naquela tarde. Entrava pela cozinha em lufadas, como a música que meu pai ouvia quando minha mãe mandava as crianças para a cama — a música que subia pela escada até os nossos quartos. Envolvia-nos e vibrava como um gato ronronando e roçando nossos corpos. A música insinuava coisas que não podíamos saber: meus pais mal se falavam, odiavam-se, me parecia, mas nas noites de sábado, depois que brigavam, os dois subiam e fechavam a porta do quarto. Lembrei-me daquela música também quando uma mulher de vestido justo rebolou na nossa varanda uma noite, cheia de gingas e quadris. Papai gostava de mulheres assim. Eu o vi com uma dessas quando era adolescente. Os dois agarrados num carro estacionado enquanto minha mãe estava em casa fazendo o que precisava ser feito. Não a culpo por ficar tão furiosa, mas não podia deixar de imaginar se ela se arrependia de nós. Quando aquela mulher desfilou na frente da nossa varanda, todo mundo estalou a língua menos eu e minha mãe. Tia Marion disse que a mulher espalhafatosa era uma perdida, mas eu achei que era uma mulher livre.

Minha mãe lavava as folhas de couve com uma expressão no rosto de quem queria pegar seu vestido justo, sair de casa e nunca mais voltar. Em vez disso, ela falou:

— Pega a garrafa aí no armário.

Serviu-se de um copo e sentou à mesa da cozinha bebericando. Quando acabou, virou o copo de cabeça para baixo e despejou a última gota na língua. Minha mãe era uma mulher bonita; a casa era muito simples, pequena demais para ela. Fiquei olhando para ela; pela primeira vez entendi que minha mãe possuía uma vida interior que não tinha nada a ver comigo ou com meus irmãos e irmãs. Ela sorriu e fez que sim com a cabeça como se tivesse lembrado de uma melodia.

A Voz veio ontem à noite. Ainda está comigo: uma vibração delicada nas minhas costelas, uma ondulação na água, morna como

a respiração de Sala no meu ouvido quando ela era bebê. A voz diz: "Vai com calma." Também diz: "Não lute." Conheço a minha Bíblia. Deus disse a Jesus que os soldados estavam chegando; ele ouviu o tinir dos metais em seu lugar e ficou esperando. Quando a Voz vem, eu posso descansar. Quase sempre eu só conseguia ouvir as Banshees gritando comigo como hienas. Às vezes tão alto que acho que outras pessoas também devem ouvir, mas sei que não ouvem. Eles são o meu tormento, minhas Fúrias, apesar de não saber o que fiz para merecer isso. Durante dias eles me disseram para não dar o jantar a Sala.

— A comida está envenenada — disseram. — A água está envenenada.

Estou jejuando para que Sala possa comer; quando eles virem que não estou comendo, não vão envenenar a comida. Eu não me importo. Já me acostumei a passar fome.

As Banshees gritaram:

— Tudo está espionando você, tudo tem ouvidos, tudo faz relatórios.

Algumas plantas que crescem no jardim da minha mãe poderiam neutralizar o veneno. Tentei colher algumas mas não encontrei as que servem. Passo por tudo isso, por tudo isso para manter Sala em segurança. Estou muito cansada e assim mesmo as Banshees ficam dizendo: "Você está perdendo. É pequena demais. Você e essa criança estão desgraçadas." É como se minha vida estivesse fugindo de mim como uma pipa em meio a um tornado. Rezo por orientação e alívio. Quando estou no fim, quando estou prestes a desfalecer, a Voz vem e me diz para descansar. Mamãe e papai vão me levar a algum lugar hoje. Não acredito que seja uma consulta ao médico, apesar de dizerem isso.

Tento encontrar qualquer amor existente em alguma coisa, mesmo nesta tarde quando entro no carro e meu pai dá a partida no motor e minha mãe fica me olhando de forma furtiva pelo espelho retrovisor.

Tento encontrar a beleza nas coisas. Às vezes sou sobrepujada por elas. Já me senti como se fosse uma única nota musical, um dó agudo vibrando de uma garganta, brilhante e batendo asas. É uma grande coisa se sentir música, se sentir como que transformada em música. Não costumo me sentir mais assim com tanta frequência, mas me lembro do êxtase.

Mamãe e papai me dizem meias verdades. Não consigo olhar para eles, por isso me concentro na estrada e no dia que se apaga. Existe um tipo específico de sol da tarde que só acontece no outono. Uma luz dourada se estende sobre o mundo nessa hora. Cai sobre o céu da tarde, fina e diáfana como volteios de fumaça de cigarro soprada ao vento, quase transparente. Tão suave, essa luz, insistindo com uma suavidade dourada nas janelas.

Tento encontrar a beleza nas coisas. Nos dias mais escuros eu sento na minha poltrona observando as nuvens. Penso no vapor subindo dos lagos e rios e das poças sujas nas esquinas e como as nuvens absorvem as partículas de água e chovem até a exaustão para desaparecer em fiapos. Essas nuvens, elas se sacrificam. A impressão que tenho é de que tudo está a caminho de se transformar em outra coisa, entregando-se pelo bem de algo mais. Daqui a pouquinho essa luz vai esmaecer. Os últimos mosquitos vão se retirar, e as criaturas da noite vão devorá-los. Não sei onde vou estar então.

Papai mexe no dial do rádio no banco da frente e deixa por um momento na estação cristã. Mamãe diz:

— August, deixa aí. É o programa do reverendo Bill. Não aguento quando você fica virando esse botão. Essa estática me dá nos nervos.

Ele responde:

— Estou procurando um programa bom, Hattie.

Ele diz:

— Quero ouvir aquela música bonita que Cassie me ensinou no piano quando era menina. É isso que eu quero. Lembra aquela

música, Cassie?

Olha para mim pelo espelho retrovisor. Eu não respondo. Ontem Sala me fez uma pergunta muito estranha. Perguntou se eu amava minha mãe quando tinha a idade dela. Não me lembro de quem eu era aos dez anos, só que tentava ser uma boa garota porque não queria provocar a ira da minha mãe. O que sinto por Sala eclipsou tudo o que achava que era amor antes de ela nascer; me fez pensar se cheguei a amar qualquer coisa antes dela. Quanto à minha mãe, acho que eu a amava. Acho que ainda amo. Foi o que respondi a Sala.

— Você não vai achar essa música, August. Deixa isso para lá. Meu Deus, por favor, deixa isso para lá — diz minha mãe.

No rádio, o reverendo Bill recebe ligações de pessoas perguntando sobre a Bíblia. Um homem liga da Carolina do Sul. Faz uma pergunta interessante, que eu mesma já fiz. Espero enquanto o reverendo Bill faz uma pausa para refletir antes de responder. Espero pelo que parece uma eternidade. Espero tanto que fico pensando se meu pai desligou o rádio. Quando finalmente o reverendo fala, já esqueci a pergunta, e as palavras soam lentas e distorcidas, como um disco tocando em rotação alterada. Quanto mais me concentro, mais parece que as palavras não têm nada a ver umas com as outras. Me concentro na voz do pastor. Apuro o ouvido com seu ritmo e as palavras ficam inteiras: o apóstolo Paulo e Damasco. Tento juntá-las como se fossem contas de um colar. Elas se afastam de mim. Mamãe e papai acenam com a cabeça, concordando com o que o reverendo está dizendo. Sei que eu também devia entender. Por favor me ajude, Senhor. Esses desvãos da minha cabeça — abro um deles e encontro um tigre. Dando o bote.

A Voz está diminuindo. As Banshees se recolhem. Cada uma ocupa um espaço invadido e planta suas estridentes e terríveis bandeiras; começam a murmurar de novo. Eu sei como isso funciona. Fico esperando pelo horroroso crescendo. Algo sombrio

salta no limite da minha visão. As Banshees, três, negras e terríveis. Ou talvez sejam apenas grandes insetos na janela do carro. Está ficando difícil distinguir uma coisa da outra. A tarde vai avançando e esses macaquinhos pulam nos meus ombros. Arreganham os dentes e ladram. Meu coração bate muito depressa. Ponho a mão no peito para acalmar.

— Aonde você está indo? Aonde você está indo? — cantam eles.

No banco da frente minha mãe está rígida como um palito de dentes. Um pouco do pescoço está visível entre o tecido da gola e o lugar onde os cabelos grisalhos se acumulam. Fico olhando para aquele pedaço de pele. Isso me acalma.

— Está ouvindo os metais tilintando? — perguntam as Banshees. — Olhe para a sua terrível mãe. Ela nunca amou ninguém. Diga a sua mãe que ela nunca amou ninguém.

Balanço a cabeça para me livrar delas. Não vou dizer isso. Minha mãe fica tensa no banco da frente mas não vira a cabeça. Meu pai pega na mão dela.

— Parabéns, garota — dizem as Banshees. — Agora se atire do carro. Abra a porta e se jogue.

Vejo uma verruga marrom e macia na pele acinzentada da nuca da minha mãe.

— Pule do carro, pule do carro — entoam as Bashees.

Levo a mão à maçaneta da porta. Agarro, meus dedos flexionam.

Papai reduz a velocidade antes da rampa de saída. Estamos na fila de carros que entram na via. Chegou o momento. Eu poderia pular do carro e rolar pelo acostamento da rodovia. Posso pegar Sala na escola e fugir com ela. Vamos para a Califórnia ou New Hampshire. Já estive lá uma vez. Foi a única ocasião em que voei de avião. O dia estava cinzento. Subíamos e subíamos, e por um bom tempo eu só conseguia enxergar uma névoa espessa. De repente rompemos o dossel de nuvens e não existia mais nada — só o zumbido do motor e o céu azul e o sol refletindo nas asas do avião. Me senti leve. Imaginei que estava voando sem um aparelho,

sem motor ou invólucro de metal, sem meu corpo, só a melhor parte de mim — minha alma? — sendo levada pela corrente de ar. Não seria ótimo? Não seria o máximo?

Abro a porta do carro. Caio rolando. Um lado do meu rosto arde; pedaços de cascalho rasgam as palmas das mãos. Sinto gosto de metal; minha boca se enche de líquido. Levanto e saio correndo. Não limpo os detritos da estrada do casaco. Meus sapatos me atrasam, por isso me livro deles e continuo correndo. Um bosque ladeia a estrada. Estou correndo bem depressa. Minhas pernas têm três metros de comprimento. A cada passo, percorro uma enorme distância. As Banshees estão contentes comigo; batem os dentes para comemorar. Eu poderia correr para sempre. Respiro grandes golfadas de ar. Átomo por átomo, o oxigênio invade meu sangue e bombeia ondas pelas minhas veias; é uma maré, esse sangue bombeado. Meu coração bate muito forte. Se eu correr mais depressa, meus pés vão pedalar no ar. Poderia planar acima da rodovia, os carros parecendo fileiras de besouros, brilho de cromo e lampejos de calota. Atrás de mim freios guincham, soam buzinas. Alguém chama o meu nome, Cassie, Cassie, Cassie. Não olho para trás; não tem nada lá para mim. As Banshees dizem:

— Deixe que sejam consumidos pelo fogo.

Continuo correndo na tarde cor de cobre. Vou correr até encontrar Sala.

Ela deve estar no ônibus da escola agora, indo para casa. Não sabe que não estou em casa. Vai entrar no nosso quarto correndo e ver que está vazio, a cama desfeita. Vai perambular pela casa me procurando e depois se sentar na escada da frente espetando o chão com uma vareta. As sombras se alongarão, vai começar a esfriar. As lâmpadas dos postes serão acesas, suas bochechas vão ficar frias e ela vai continuar esperando. Vai saber que vou voltar porque eu sempre volto; minha garotinha querida, vai estar assustada mas vai esperar. Eu nunca a deixei na mão e não vou fazer isso agora.

Tropeço num pedaço de pneu estourado. Um caminhão entra no acostamento da estrada e vem em minha direção, buzinando. Um homem põe a cabeça na janela ao passar.

— Tudo bem, querida?

Acho que ouço ele rir. Meu peito queima. Viro na direção do bosque. Uma valeta demarca o limite entre a estrada e a floresta. Está cheia de restos de viajantes: latas de cerveja, sacos de batatas fritas, tocos de cigarro. Pulo lá dentro. A uns metros de distância alguma coisa sibila, uma coisa viva e ferida — um gato que alguém abandonou. A pata está retorcida num ângulo esquisito e o pelo está emaranhado e esticado sobre a costela.

— Vem cá, gatinho — digo. — Aqui, gatinho. — Ele sibila quando chego mais perto. Coitadinho. — Tudo bem, gatinho — falo. — Tudo bem. A pata boa arranha o ar. Não tem força para levantar a cabeça quando sibila, mas os olhos dardejам de um lado para outro. — Vem, vem — chamo. — Psiu. — Viro meus bolsos pelo avesso procurando algo para dar a ele. Examino o lixo na valeta. Não quero mexer nessa imundície, mas reviro os restos com as mãos. — Já estou indo, gatinho — digo. — Vai dar tudo certo. — Não quero assustá-lo, por isso dou passos pequenos em direção ao seu corpo caído. A lama da valeta suga os meus pés. Escorregadia, fria e cheia de protuberâncias. Ajoelho ao lado do pobre gato ferido. Ele levanta a cabeça do chão, põe a língua para fora e depois, como que usando suas últimas forças, arranha o meu pulso. O sangue escorre da pele perfurada. Coitadinho. Agacho perto dele. Psiu, psiu, coisa linda — cochicho.

As Banshees me mandam prosseguir.

— Vai — dizem. — Vai, é melhor ir logo.

Mas acho que não se pode deixar ninguém morrer sozinho, por isso fico ajoelhada ao lado do gato esperando seu último alento. Fico sussurrando até que me deixe acariciar seu pelo eriçado. Ele mia.

Dois pares de botas aparecem na beira da valeta. Dois policiais olham para baixo. Um deles diz:

— Moça, pode sair daí. Você deu um susto nos seus pais. Pode sair daí.

— Quem mandou vocês? — pergunto.

As Banshees estão furiosas. Gritam.

— Nós avisamos. Agora olha só o que você fez, sua mulher estúpida. Sua vadia infeliz.

Agora estou ouvindo tudo: a respiração fraca do gatinho, os homens na beira da valeta, os carros passando, os galhos das árvores estalando no bosque, os pneus na estrada, os pássaros cantando, o som de lixa do vento na minha pele, o mato ao vento, minha respiração difícil. Tudo corre na minha direção, horrivelmente articulado. Estendo a mão para me proteger do ataque. Os guardas estão falando de novo. É impossível ouvir com toda a cacofonia. Me concentro. Olha para os lábios se movendo. Um deles estende a mão e sou retirada da valeta.

O acostamento é um circo de carros de polícia e luzes piscando. Alguns motoristas param e um guarda manda seguir. O carro do papai está parado com a porta aberta. Mamãe conversa com um guarda. Sou levada em sua direção. As Banshees dizem que eu devia fugir, mas faço que não com a cabeça.

— Não. Não não não não.

Achei que tinha falado baixo, com a voz que uso para conversar com elas na minha cabeça, mas devo ter falado alto porque minha mãe e o guarda ouviram e olham para mim. Papai está encostado no carro com a cabeça entre as mãos.

Uma policial me pega pelo cotovelo e me leva até a viatura. Abre a porta e eu me empoleiro na beira do banco enquanto ela se agacha à minha frente. Estou tão cansada... Estou cansada demais para ouvir ou entender qualquer coisa. Se ao menos as Banshees parassem de gritar, mas elas não me deixam em paz. Minha mãe

gesticula em minha direção e depois na direção do carro do papai. O guarda balança a cabeça.

Chegam os paramédicos. Levam-me até a ambulância, onde eu entro sem resistir. Hoje de manhã A Voz disse para ir com calma. Meus pais estão no carro; luzes azuis e amarelas refletem no parabrisa. Uma paramédica não amarra as correias da maca e me dá um cobertor, pelo qual me sinto agradecida. Tento procurar a beleza das coisas. Minha mãe de avental há tantos anos, a tonalidade âmbar da bebida no copo, e aquela música que só ela e eu conseguíamos ouvir.

Sala

1980

SALA ACORDOU ao pôr do sol. O frio penetrava pela janela ao lado da cama. As cobertas estavam muito apertadas. A avó de Sala tinha enfiado as cobertas no colchão, e apertado tanto que os braços da menina estavam presos e ela precisava fazer força para mexer os pés. Não sabia quanto tempo fazia que estava dormindo. Fora, as árvores e as casas, os fios e postes telefônicos eram silhuetas negras no fundo vermelho-alaranjado do céu. Algumas folhas caídas pendiam como morcegos adormecidos dos galhos secos de um carvalho.

A mãe de Sala tinha sido levada na semana anterior. Não se viam mais a mala de Cassie e os bobes dos cabelos, o pente de dentes espaçados e o suéter marrom, nem o tubo cor de amêndoa que usava para maquiar embaixo dos olhos.

No fundo, uma luz saía da oficina do vovô. Ele saiu no quintal e fez uma parada, o corpo virado em direção à janela de Sala.

— August! — gritou Hattie da cozinha. — August, o jantar!

O rosto de August estava oculto na penumbra. Inclinou o corpo para a frente, como se tentasse espiar no quarto de Sala. Não andava muito firme das pernas ultimamente. Sala tinha medo que ele caísse. A porta dos fundos se abriu com um rangido, e um longo retângulo de luz iluminou o gramado. Hattie saiu no quintal, com seu avental. August andou na direção dela com a mão estendida.

Ela pegou na mão dele e o ajudou a subir a escada. A porta se fechou atrás deles e o quintal ficou escuro.

O bosque atrás da casa estava escuro e silencioso. Boa noite, árvores, pensou Sala. Esperou o avô entrar e acendeu a luz do quarto; tirou todas as cobertas, contorcendo-se nos lençóis. Tinha medo de vomitar. Sala voltara da escola mais cedo naquele dia. Sentira uma espécie de vertigem no meio da manhã. O estômago queimava, a sala de aula se tornou um cubo de luz tão branca e desorientadora que, mesmo se ela quisesse, seu corpo não ficava na cadeira. Deslizou para o chão. Seguiu-se uma grande celeuma. Alguém falou em ambulância. Sala foi levada para um leito na enfermaria, onde os adultos falavam sobre ela como se ela não estivesse lá.

— Acho que tem alguma coisa acontecendo em casa — disseram.
— Ela anda distraída nas aulas.

O rosto da enfermeira da escola pairou sobre ela.

— Já chamamos sua mãe para vir te buscar.

August chegou vinte minutos depois.

A tampa de um caldeirão se fechou com um ruído. Hattie estava no fogão, cozinhando contrariada. Sala lutou para sair de debaixo das cobertas e se sentou na cama, determinada a parecer bem quando a avó viesse ver como estava. Ia entrar e ver que Sala estava recuperada — perceberia que as pessoas ainda podiam se curar e iria buscar sua mãe. Os olhos de Sala coçavam, como se houvesse areia sob as pálpebras. Pegou um travesseiro e o abraçou, tinha o cheiro da loção capilar da mãe. Cochilou um pouco e acordou sobressaltada outra vez. Algum tempo depois, duas mãos a viraram de lado e ajeitaram as cobertas até o queixo. Dedos calejados roçaram sua bochecha.

— Está dormindo — sussurrou August para Hattie.

E saiu do quarto assobiando uma melodia baixinho.

* * *

DOIS DIAS ANTES de ser levada, Cassie estava cavando o quintal da frente no meio da tarde. Sala chegou da escola e encontrou o gramado cheio de buracos e tufos de grama amarronzada espalhados junto com montes de raízes retorcidas. Havia terra esparramada na rampa que levava à porta da frente, terra empilhada sobre o cascalho da entrada, terra no cabelo de Cassie. As flores de inverno de Hattie, umas coisas roxas com folhas grossas, foram arrancadas e espalhadas com as raízes para cima no meio dos canteiros arruinados. Cassie estava ajoelhada perto da acerácea. Segurava uma pá pela lâmina com ambas as mãos e tentava cavar na terra com o cabo.

— Mãe? — chamou Sala. — Mãe?

Cassie ergueu os braços acima da cabeça e tentou fincar o cabo na terra. As luvas de couro estavam rasgadas, cortadas pela lâmina da pá. Os vizinhos dos dois lados da casa assistiam de suas varandas. A avó de Sala parou na porta com as mãos abertas apoiadas na tela, como se quisesse empurrar aquela cena para longe.

— Sala! — disse Cassie, sem fôlego. — Ajude aqui a puxar esta raiz.

Sala não se mexeu.

— Vem logo! Vem me ajudar.

— O que você está fazendo? — perguntou Sala.

Cassie deixou a pá de lado e usou as mãos para cavar o buraco que tinha começado.

— Você não quer entrar? Vamos entrar — disse Sala.

Puxava a barra do casaco da mãe com as mãos. Começou a chorar.

— Mãe, por favor, vamos entrar.

— Entrar? — questionou Cassie. — Agora?

Olhou para Hattie em pé na porta. Inclinou o corpo até Sala e cochichou:

— Precisamos tomar cuidado com a vovó e o vovô. Eles estão pondo alguma coisa na nossa comida. Mas tem umas plantas aqui que posso usar para curar a gente — continuou, examinando um monte de ervas.

— Tem gente olhando — falou Sala.

— Não ligue para eles. Eles fazem parte do plano. — Cassie olhou para uma vizinha em pé na varanda. — Eu sei o que vocês estão fazendo! — gritou.

Hattie saiu correndo para o quintal.

— Cassie! Cassie, venha para casa. Agora já chega.

Cassie remexeu a terra com as mãos.

— Pelo menos deixe-me levar a Sala para dentro. Você não vai querer que ela fique aqui fora desse jeito.

Sala puxou outra vez a barra do casaco da mãe, mas Cassie tinha voltado a escavar e afastou a mão dela como se fosse uma mosca. Hattie levou Sala para dentro e as duas ficaram lado a lado na soleira da porta, observando Cassie andando pelo quintal recolhendo montes de terra em sacolas. Tremiam ao ar frio da tarde que entrava pela tela da porta. Sala se perguntou se devia ficar tão perto assim da avó, se Hattie não estaria transmitindo alguma coisa venenosa pelas roupas. Conjecturou se na verdade existia algum veneno, depois se preocupou por estar traindo a mãe com suas dúvidas. Cassie só tinha Sala na vida, mas a vovó e o vovô tinham um ao outro e os tios e tias de Sala. Sala calculou esses laços, mediu a escala de carência e desproteção; e sempre concluía que a mãe precisava dela mais do que qualquer outro. Afastou-se um passo da avó. Decidiu que poderia ficar perto dela, desde que houvesse alguns centímetros entre as duas. Dessa forma poderia contentar todos os envolvidos. Dessa forma ela não perderia o amor de ninguém.

Cassie só entrou em casa quando escureceu. Correu com Sala para o quarto que dividiam e trancou a porta ao entrar. Espalhou um pacote de lâminas de barbear e um par de luvas de borracha

amarelas na mesa de cabeceira. Cassie esvaziou os sacos de raízes arrancadas em cima de folhas de jornal e picou-as com a lâmina de barbear. Sala ficou olhando da cama.

— Não chore! — disse Cassie. — Lembra aquela canção sobre o exército do Senhor? Somos nós, os soldados do Senhor. Ele está cuidando de nós.

Sala não sentia que havia alguém cuidando dela. Cassie não tinha trocado de roupa — a calça estava enlameada e suja de grama, o rosto manchado de terra, as unhas encardidas. Mal olhava para Sala enquanto picava as raízes. Cortou o dedo, o sangue gotejou no jornal. Cassie cantava baixinho: *Estou no exército do Senhor.*

— Cante comigo, Sala: *Posso jamais marchar na infantaria, galopar na cavalaria, disparar na artilharia...* Vamos, Sala. Cante comigo. *Estou no exército do Senhor. Sim, senhor!*

Não havia nada a fazer senão cantar junto. Quando estava desse jeito, Cassie era incansável; podia ficar cantando e cortando raízes a noite inteira. Às vezes Sala acordava com a primeira luz do dia e encontrava a mãe atravessada na cama, ou deitada no chão, ou às vezes, o que era muito pior, acordada e rezando na poltrona perto da janela. Agora Sala cantava, para consolar a mãe, e Sala não se sentia tão separada dela e tão sozinha.

Na terceira repetição, Sala e Cassie estavam aos berros. Talvez, pensou Sala, houvesse algum medicamento nas raízes que a mãe tinha tirado do quintal. A mãe dela sabia um monte de coisas. Eu só tenho dez anos, o que sei sobre as coisas?

— Não ligue para esse barulho — disse Cassie.

Os avós de Sala estavam esmurrando a porta do quarto. Queriam que as duas parassem de cantar, que saíssem para conversar.

— Pelo menos deixe a Sala jantar — pediu August.

Cassie os ignorava. Sala não se atrevia a dizer que queria jantar com os avós. No decorrer da noite, o telefone da cozinha tocou cada vez com mais frequência. Bem depois da hora em que a casa

já costumava estar em silêncio, Sala ouviu as vozes dos avós e os passos no tapete.

Cassie forrou o chão do quarto com folhetos de mercados empilhados com as raízes. Sala ficou no meio da cama com a colcha cobrindo os ombros.

— Você já andou de barco? — perguntou à mãe. — Esta cama é um barco, e os papéis são o mar. Está vendo? — falou Sala, balançando na cama para simular o movimento das ondas. Encostou os joelhos no queixo. — Mãe — chamou. — Mãe, eu não estou me sentindo bem.

O que ela estava querendo dizer era: o que está acontecendo? O que ela estava querendo dizer era: por favor, pare com isso.

— Mãe — chamou outra vez.

— Cante um pouco mais — disse Cassie sem afastar o olhar das raízes que cortava.

— Eu não estou com vontade.

Sala estava cansada de cantar. Queria que a mãe lavasse o rosto e penteasse o cabelo. Podiam ficar na sala de visitas assistindo à televisão e comendo sanduíches de queijo se Cassie voltasse a si, mas essa outra mulher selvagem não a deixava.

— Eu estou com fome — falou. — Mãe? Você ouviu? Minha barriga está roncando. Estou com fome.

Cassie deixou de lado a lâmina de barbear. Atravessou o quarto e sentou-se ao pé da cama. Sala chutou a mão dela.

— Saia daqui. Eu não conheço você — disse.

Cassie engatinhou na cama, tentando segurar uma parte do corpo da filha, mas Sala se retorcia e esperneava. Cassie agarrou os dois pés de Sala e ficou segurando, de cabeça baixa, enquanto a garota esmurrava seus ombros.

— Saia daqui! Saia daqui! — gritou Sala.

Golpeava a mãe com os joelhos e agitava os braços. Bateu no rosto e no pescoço de Cassie. Cassie subiu em cima dela,

prendendo Sala na cama. Sala esperneava, afogueada pelo peso do corpo da mãe. Cassie beijou a testa de Sala, o rosto e as lágrimas.

— Sou eu, Sala. Sou eu, sou eu — disse Cassie.

Foram as primeiras palavras que ela falou sem a estridência que vinha na voz quando Cassie estava em um de seus surtos. Exausta, Sala se deixou puxar para o colo da mãe e ser embalada.

Na manhã seguinte, quando Sala acordou, Cassie tinha limpado o quarto. As raízes picadas estavam em sacos de papel pardo no parapeito da janela. Era muito cedo; o céu ainda estava alaranjado. Durante a noite, Cassie tinha despido Sala e vestido o pijama. O cabelo de Cassie estava penteado e os restos de grama haviam sumido. Usava um batom vermelho, que tinha borrado, fazendo com que a boca parecesse que estava sangrando, esmurrada. Ainda assim, ela tinha tentado, e Sala, ao despertar com a luz do sol e encontrar a mãe arrumada, poderia tentar esquecer a noite anterior. Eram muitas as coisas que Sala tentava esquecer; às vezes conseguia, por uma hora ou um dia. Era mais comum Cassie deixá-la exausta e confusa. Saber o que era real ou verdadeiro se tornara impossível, e Sala estava sempre com medo. Aprendeu a colocar de lado as coisas confusas demais, ou dolorosas demais. Por isso deixou a noite anterior de lado e saiu da cama perguntando à mãe se podia usar a calça de veludo roxa para ir à escola naquele dia.

* * *

SALA ACORDOU na parte mais profunda da noite, quando as criaturas peludas e entocadas se encontravam quietas em suas cavernas e os caçadores noturnos já tinham comido sua parte ou desistido da caçada. Hattie estava sentada na poltrona perto da cama. Tinha acendido a luz do abajur. Um pedaço do quintal escuro era visível através de uma fenda entre a cortina e o batente da janela; Sala

queria sair para ver as estrelas e o silêncio. Queria sentir algum tipo de encantamento.

— Vamos lá fora ver as corujas — disse Sala, meio que sonhando.

Sua avó pegou o termômetro e sacudiu com duas torções rápidas do pulso.

— Abre a boca — falou.

— Tem corujas na floresta, não tem, vovó? — perguntou Sala.

Hattie deu um suspiro.

— O que eu sei é que você desmaiou na escola e agora está falando absurdos no meio da noite. Abre a boca.

— Você nunca vai lá fora à noite?

— Eu já fui lá fora à noite. É como durante o dia, só que mais escuro.

— Você já viu alguma coruja?

— Claro.

— Quando?

— Sei lá, Sala, não me lembro.

— Era bonita?

— Eu não estou brincando, criança. Abre a boca.

— Onde está minha mãe? — perguntou Sala em voz baixa.

A mão de Hattie desceu para o colo. Ela se recostou na cadeira.

— Sua mãe está bem. Ela está bem onde está.

— Eles são bons para ela lá?

— Acho que são. Eu fiz o melhor possível... Espero que sim.

As duas permaneceram no escuro e em silêncio. Quando Sala começou a chorar, Hattie não a abraçou nem pegou sua mão ou esfregou seus ombros, mas também não pediu que ficasse quieta. Depois de algum tempo Hattie falou:

— Elas ficam meio prateadas quando são iluminadas pela lua. Havia muitas corujas na Geórgia quando eu era menina. Uma vez vi uma com um coelhinho na boca.

Aqui estou eu, aos setenta e um anos de idade, ainda cuidando de uma criança doente, pensou Hattie. Agora isso, e quem vai cuidar

dessa pequena se Cassie não melhorar? Que Deus a ajude.

Quando os filhos de Hattie eram pequenos, eles a chamavam de a General. Achavam que ela não sabia, mas ela sabia tudo de cada um deles. Podia sentir as vibrações de suas almas. Quando era garoto, Franklin brincava que Hattie tinha superpoderes, pois sempre sabia qual filho estava no andar de cima, quais estavam fora na varanda, qual tinha ido ao armazém da esquina. Ela estava na cozinha e tinha uma estranha sensação na nuca, como se alguém estivesse batendo nas suas costas. Tirava os olhos do que estivesse fazendo e chamava uma das meninas.

— Vai dizer para o seu irmão parar de fazer bagunça no sótão.

Sem dúvida, era onde ele estava, prestes a despencar pelo alçapão e cair no segundo andar.

Sala adormeceu outra vez. Sinto muito, pensou Hattie, olhando para a neta. Tinha visto Sala correndo atrás do carro na tarde em que levaram Cassie ao hospital. Mas não disse nada a August. Ele ia querer parar e explicar as coisas. E o que poderiam ter dito? Hattie viu pelo espelho retrovisor Sala correndo e fazendo sinais; olhou para Cassie, que estava hipnotizada pelo que dava na cabeça dela, algo que não a deixava ver nada além de si mesma. Tudo em Cassie repuxava: os olhos e as mãos repuxavam, a mente e a própria alma repuxavam. Como Hattie queria estar sentada no banco traseiro e segurar a mão da filha até ela parar de tremer... Quando Hattie era garota na Geórgia, eles teriam levado Cassie ao pastor, e se ele não a curasse eles continuariam a mantê-la agasalhada e alimentada e a deixariam em paz como era. Hattie fungou. Nós não podíamos ir ao hospital nem se estivéssemos sangrando e morrendo, muito menos quando alguém ia mal da cabeça. Era verdade que Hattie acreditava que a condição de Cassie era devido a uma falha de caráter, uma fraqueza insidiosa que tinha tomado conta dela. Mas quando viu Sala correndo atrás do carro, sabia que Cassie não desejaria que a filha a visse naquele

estado. Foi um gesto de bondade de Hattie. Tinha poupado essa dor à filha e à neta.

Hattie sabia que os filhos achavam que ela não era boa pessoa — talvez ela nem fosse, mas não havia tempo para sentimentalismos quando eles eram mais novos. Ela os havia desapontado de formas vitais, mas de que adiantaria passar os dias aos beijos e abraços se não havia nada para pôr na barriga deles? Eles não entendiam que todo o amor que tinha fora tomado pela necessidade de alimentos, roupas e de preparar todos para enfrentar o mundo. O mundo não os amava; o mundo não seria bondoso.

Ela era enérgica com os filhos, e com August, que só lhe decepcionava. O destino tinha arrancado Hattie da Geórgia para criar onze filhos e se estabelecer no Norte, mas ela mesma era uma criança, totalmente despreparada para o que a tarefa exigia. Ninguém podia dizer a ela por que as coisas deram no que deram, nem August, nem o pastor, nem mesmo Deus. Hattie acreditava no poder de Deus, mas não em suas intervenções. Na melhor das hipóteses, ele era indiferente. Deus não era problema dela, nem ela era problema de Deus. Aos domingos na igreja, olhava para o santuário e pensava se alguém mais sentia o mesmo, se outra pessoa ali acreditava mais no ritual e nos hinos cantados e nos bons sermões do que num deus sensível e solidário.

Hattie já era idosa quando August começou a frequentar a igreja com regularidade. Foi levado a dizer que a amava — e Hattie deixou, pois ele disse que tinha a ver com sua recém-adquirida fé em Cristo. Além disso, o que mais eles tinham depois de sessenta e seis anos juntos a não ser um ao outro, e agora, com o corpo perdendo a vitalidade, não havia mais o desejo de largar dele e começar de novo. August estava com setenta e quatro, doente e ficando cada vez mais doente — era tão típico dele, correr para os braços de Deus quando o coração estava fraco demais para correr para os braços de outra mulher. Convenceu Hattie a ir junto com ele à igreja do bairro, e ela descobriu, para sua surpresa, que era um

lugar de beleza e consolo. A igreja lhe transmitia uma grande paz, e se ela só fingisse acreditar, se fosse um embuste, bem, era o preço que precisava pagar pelo consolo e pela camaradagem.

Hattie ajeitou uma mecha de cabelos na testa da neta. Não fazia sentido acordar a criança para medir a temperatura e, de qualquer forma, Hattie conseguia perceber a febre, e Sala não estava febril. Devia ir se deitar, mas estava cansada demais até para se levantar da cadeira; essas crianças doentes a deixavam exausta.

No carro a caminho do hospital, Cassie disse — como podia ter dito aquilo? — que Hattie não gostava de nada. Foi só um murmúrio, quase inaudível.

— Você nunca amou nada.

Hattie fizera o melhor que pôde. Não precisava mais de lamentos e recriminações, não tinham mais sentido para uma velha. E foram tantos filhos: filhos chorando e filhos andando, filhos para alimentar e filhos para trocar fraldas. Filhos doentes, filhos ardendo em febre. Os primeiros filhos de Hattie. Ficaram doentes em 12 de janeiro e morreram dez dias depois. Penicilina. Era do que precisava para salvar aquelas crianças. Teriam cinquenta e seis anos agora, grisalhos ou ficando grisalhos, cinturas largas e rugas em torno da boca. Talvez já tivessem netos. As vidas que teriam vivido ficaram desocupadas; quer dizer, as pessoas que teriam amado, as casas que poderiam ter tido, empregos, tudo foi deixado ocioso. Não passava um dia sem que Hattie sentisse a ausência deles no mundo, o espaço vazio onde seus filhos teriam vivido.

Sala fingia estar dormindo. Espiava a avó por baixo das pestanas. Hattie olhava para o teto, e Sala se perguntou no que estaria pensando. Não se atreveu a indagar. Hattie era como um lago de gelo liso e prateado, sob o qual nada podia ser visto ou conhecido. Quando estava zangada, o gelo trincava e rangia; ameaçava quebrar e arrastar tudo, do jeito que Cassie foi arrastada. Cassie dizia que não havia nada errado com ela, que a mãe tinha se voltado contra ela num ato de traição tão impressionante que

chegava a ser inacreditável. August dizia que Cassie tinha saído de casa para se curar. Hattie, pensava Sala, não diria absolutamente nada.

* * *

NO DOMINGO, Sala já estava bem para ir à igreja com os avós. Os membros da congregação foram mais simpáticos do que o normal. Curvaram-se para cumprimentá-la, pegaram na mão dela. O irmão Merrill, o pastor, se ajoelhou para conversar com ela.

— Nós estávamos rezando — falou.

— Que garota corajosa — disse a esposa.

Hattie pareceu constrangida.

A igreja era uma construção marrom e achatada perto da rodovia de Nova Jersey. Era um lugar pobre, com um estacionamento de terra e uma grande cruz branca que foi sujando com o tempo. O santuário era escuro e cheirava a óleo para móveis, mas o púlpito era de madeira boa e os bancos, muito bem envernizados. Irmão Merrill estava economizando para uma janela de vitral. Por conta desse empenho, Sala deixava cinquenta centavos na bandeja de coleta em cada missa. Tinha duas moedas de vinte e cinco no bolso que August lhe dera naquela manhã. Ficou passando os dedos nas moedas enquanto os avós se encaminhavam ao banco da frente.

— E aí, mocinha — disse um dos congregados —, será que vai nos brindar com uma canção esta manhã?

Em alguns domingos, depois dos hinos corais e antes do sermão, Sala cantava "Amazing Grace" ou "His Eye is on the Sparrow". Cantava à capella, com as mãos cruzadas na frente do corpo, os joelhos tremendo. Durante seus solos, a igreja ficava em silêncio total, e quando ela terminava, os párocos bradavam "Louvado seja Jesus" e repetiam até que ela se sentasse novamente. Irmão Merrill dizia que aquele canto era em si uma espécie de veneração,

embora Sala sentisse algo mais próximo de orgulho que de reverência. Mas não haveria cantoria naquele domingo.

Depois dos anúncios e dos hinos de abertura, o irmão Merrill começou seu sermão:

— “Mas o homem nasce para a tribulação, como as faíscas voam para cima.” Irmãos e irmãs, neste domingo quero falar sobre o livro de Jó. O Senhor nos diz em Jó, capítulo cinco, versículo sete, que o homem e os filhos do homem nascem no sofrimento. Bem, Jó era um homem decente, mas o Senhor resolveu testá-lo. Fez com que perdesse casa, perdesse os camelos, as ovelhas, as cabras. E quando pensou que tinha chegado ao seu momento mais triste, Jó perdeu os filhos e as filhas. Foi coberto de bolhas da cabeça às solas dos pés. Esfregava-se em cinzas, e sua esposa falou: “Blasfema de Deus, e morre.”

Os avós de Sala ouviam totalmente absortos. O rosto de Hattie era inexpressivo — o lago plácido, de gelo prateado —, mas a mão agarrava com tanta força o banco da frente que os nós esbranquiçaram e os tendões saltavam na pele. O dedo de August pousava no versículo que o irmão Merrill lia. Sala também estava lendo. Blasfema de Deus. Já tinha ouvido palavras ríspidas e desagradáveis de alguns garotos com quem brincava no parque da escola. Elas se formaram agora em sua cabeça. Foda-se e droga e merda. Como minha mãe pôde se deixar levar para longe de casa?, pensou Sala. E se ela fosse normal, simplesmente normal, nada disso teria acontecido. Ela fez isso por nós. Sala queria juntar as palavras: Foda-se e Deus, Foda-se e mãe, mas, quando tentava, um temível lugar dentro dela não permitia.

Sala viu quando levaram Cassie embora. Tinha chegado em casa mais cedo naquela tarde. Ninguém lembrou que as aulas seriam de meio período. Andou do ponto do ônibus escolar pelo esparso bosque de pinho que acompanhava a estrada. A casa apareceu no meio das árvores. Pensava sobre o que a mãe tinha feito com o quintal dois dias antes. A maior parte dos buracos já estava tapada,

embora as cercas de arame branco ao redor dos canteiros de Hattie ainda continuassem tortas. Se não estivesse olhando para aquelas cercas, Sala teria visto a mãe e os avós saindo da casa. Teria visto August lutando para carregar a pequena valise de Cassie. Teria visto tudo aquilo, mas não viu porque estava olhando para aquelas cerquinhas estúpidas, e quando viu os pais colocarem a mala de Cassie no porta-malas, era tarde demais. Cassie deu um pulo quando August fechou o porta-malas. Hattie ficou no banco de passageiro, debruçada na direção de Cassie como fosse saltar nela como faria num animal prestes a escapar.

— Mãe! — gritou Sala, e correu na direção do carro.

Mas nesse momento Cassie abriu a porta de trás e entrou. August deu marcha a ré pela entrada, pegou a rodovia e eles se foram.

O irmão Merrill continuava:

— Jó não amaldiçoou seu Deus. Lembrou-se dos filhos, da casa e do celeiro. O Senhor o havia abençoado muito, amém, por tanto tempo, amém, tão lindamente que mesmo que Ele não quisesse proporcionar mais uma só bênção a Jó, já dera o bastante para mil vidas. Agora, nós lutamos, irmãos e irmãs, e nos esforçamos. Temos nossas aflições e tribulações, mas somos abençoados. Vamos para a cama, louvamos Jesus, e acordamos na manhã seguinte. E se isso não for uma bênção, não sei o que será.

“E além disso tudo, o Senhor nos dá mais. Ele deu mais a Jó. Sim, Ele deu. “Pois ele faz a ferida.” Prestem atenção. “Ele mesmo a liga; ele fere.” Mas estou aqui para dizer a vocês hoje que “Suas mãos curam”. Deus seja glorioso.

As mãos do pastor estavam fechadas. A Bíblia de August escorregou do seu colo. Hattie bradou “Amém!”. O sermão foi num tal crescendo que Sala de repente batia o pé no ritmo das palavras do reverendo. O pastor arregaçou as mangas, e antes de abaixá-las, Sala avistou de relance a tatuagem esmaecida de seu antebraço. O vovô dissera que o irmão Merrill já tinha andado por caminhos perigosos, que o Senhor o havia salvado de algo terrível e

que por isso era um pregador tão bom. Sala olhou para ele do banco e notou que seu avô estava certo: o pastor tinha olhos selvagens, círculos de transpiração se espalhavam embaixo dos braços e pelas costas. Esmurrava o púlpito com as mãos.

Se estivesse com Cassie agora, Sala teria aquiescido brevemente e sorrido, seus olhos brilharham. Sala ouviu com atenção; tentou guardar as palavras do irmão Merrill na memória para repeti-las para a mãe se ela ligasse.

Era a hora dos gemidos. A congregação balançava.

— Seus braços estão sempre abertos. Sua graça chega bem a tempo — disse o irmão Merrill. — Só precisamos dizer sim para Ele. Sim para a glória. Sim para a alegria.

O espírito do Senhor desceu, os párocos fecharam os olhos e ergueram os braços para o céu, Hattie baixou a cabeça, mas não fechou os olhos. Observava a congregação. Sala teve a impressão de que ela e a avó eram as únicas pessoas que não estavam fora de si.

— Alguém aqui neste dia gostaria de entregar sua alma a Cristo?

Uma vez Sala perguntou ao avô qual o tamanho de Deus, e ele respondeu que Deus era menor que um grão de sal e maior do que o oceano. Quando o vovô rezava, podia ouvir a voz de Deus como um lindo pássaro branco cantando em seu ouvido.

— Espero que você ouça isso um dia — dissera.

Sala só ouvia o murmúrio do órgão e alguém chorando baixinho no banco de trás. Lágrimas arranharam sua garganta. Levantou a mão, como faziam as mulheres da congregação — só para ver qual era a sensação, só para ver se alguma coisa divina fluía por ela.

— O Senhor não se importa com o que vocês fizeram — continuou o irmão Merrill. — Ele vai dispersar sua tristeza e o seu sofrimento. Aceitem o Senhor como salvador. Venham. Venham para o banco da piedade.

Um homem andou até o altar. O irmão Merrill disse:

— Louvado seja Jesus, venha.

O homem andava com passinhos vacilantes, como se tivesse acabado de aprender. O pastor desceu do púlpito e abraçou os ombros do homem. Domingo após domingo, Sala via pessoas andarem soluçando pelo corredor; tinha visto gente cair de joelhos. A mãe e os avós de Sala tinham encontrado Deus da mesma maneira, e foram salvos.

— Alguém mais?

Sala sentiu uma pontada de carência materna tão forte que perdeu o fôlego. Saiu para o corredor central. O pastor estendeu os braços para ela. Alguém disse:

— Louvado seja Deus, Ele está trazendo as crianças para seu rebanho.

Sala foi envolvida pela corrente do fervor da congregação. As mulheres choravam nos bancos atrás dela. Sala tornou-se uma criança de Deus, e todas aquelas mulheres seriam sua mãe em Cristo. Chegou ao altar e o pastor pegou sua mão.

— Você compreende o que é ter Jesus no coração? — perguntou.

Sala não entendia nada. Não se sentia como os outros párocos pareciam se sentir. Tinha apenas uma leve noção de sua devoção, como se fosse uma imagem vista de relance no espelho por uma porta semifechada. Mas aquiesceu em resposta à pergunta do irmão Merrill — porque o som do órgão a compelia, e o pastor tinha oferecido uma promessa de amor.

— Você aceita Jesus como seu Senhor e salvador? — perguntou o irmão Merrill.

A congregação começou a cantar baixinho. Faziam isso todos os domingos durante o chamado para o altar. Sala sempre se surpreendia com a precisão em que começavam e qual melodia deviam cantarolar. Agora eles cantavam para ela. Sentiu uma comichão no alto da cabeça. Deixou o corpo relaxar nos braços do pastor.

— Você aceita Jesus como seu salvador? — perguntou mais uma vez o irmão Merrill.

— Aceito — respondeu Sala.

Fechou os olhos e esperou pelo espírito. Seria envolvida por ele, abraçada por ele. Sentiu uma mão em seu ombro, quente, urgente e crispada. Abriu os olhos. A avó estava ao seu lado.

— Não — falou Hattie.

— Irmã Shepherd? — disse o pastor. — Qual é o problema, irmã?

— Não — repetiu Hattie, afastando Sala do pastor.

O som do órgão parou, assim como o coro da congregação. O santuário ficou em silêncio. Hattie puxou a neta pelo corredor central. Não podia permitir aquilo. Já tinha perdido Six para o altar. Foi mandado para o Alabama só com uma Bíblia nas mãos, para se tornar um mulherengo e impostor. Quando ela compreendeu a profundidade da infelicidade dele, já era tarde demais para salvá-lo. Os gêmeos estavam mortos. Ella tinha ido para a Geórgia. Era tarde demais para Cassie, que Hattie também mandou embora. E era tarde demais para Hattie, que era uma falsa cristã e tinha mostrado a Sala o caminho da falsidade. Não podia suportar que a menina já estivesse tão alquebrada a ponto de ser atraída pelo banco da piedade. Ainda havia tempo para Sala. Hattie não sabia como salvar a neta. Sentia-se tão sobrecarregada e despreparada quanto se sentira ao se tornar uma jovem mãe aos dezessete anos. Já estamos há sessenta anos longe da Geórgia, pensou, uma nova geração tinha nascido, e persistiam as mesmas mágoas e a mesma dor. Não posso permitir. Balançou a cabeça. Não posso permitir.

As duas voltaram ao banco em que August as esperava.

— Não sei por que você fez isso, Hattie — cochichou ele.

Claro que não sabia. A fé de August era simples e absoluta. Tinha envelhecido e se transformado num idoso que rezava e amava o Senhor. Se entendia mais do que transparecia, se fosse mais sábio do que aparentava, ele guardava isso para si mesmo. Era mais fácil dar uma de bobo, pensou Hattie, e August sempre fizera isso com facilidade. Sentiu uma centelha de sua antiga raiva. Mas os dois já

havam passado desse ponto — não resolveu nada quando era jovem e não iria resolver agora.

Hattie olhou ao redor, para as expressões contrariadas da congregação. Aquela indignação ia passar — tudo passava, mais cedo ou mais tarde, e se não passasse, ela desistiria da igreja também, desse querido consolo de sua velhice. Não era tão velha, podia aguentar mais um sacrifício. Hattie abraçou Sala e apertou-a mais junto de si; bateu nas costas da neta rudemente, desacostumada que estava à ternura.

Agradecimentos

É uma grande honra expressar minha gratidão às pessoas que, direta ou indiretamente, tornaram este livro possível.

Muito obrigada a James Michener e à Copernicus Society of America, à Maytag Fellowship e à Flannery O'Connor Fellowship. Ao Iowa Writer's Workshop, com quem tenho uma grande dívida. À Philadelphia High School for Girls, por ser uma luz na minha vida e por me preparar para enfrentar o mundo em formas que ainda estou descobrindo.

À minha agente Ellen Levine, a melhor defensora e orientadora que poderia ter conhecido.

À minha editora Jordan Pavlin, pela elegância e sutileza, por sua inabalável fé neste romance e por enxergar todas as coisas que eu não conseguia.

Aos professores e professoras que estabeleceram os mais altos padrões e exigiram que eu os seguisse: minha professora de inglês no ensino médio Sandra Johnson, que se recusou a me deixar cair. Jackson Taylor, que me inspirou, estimulou e persistiu até perceber que eu tinha perdido o medo. Obrigada, Edward Carey; Alexander Chee; Allan Gurganus, que me inspiraram com seus exemplos; e Michelle Huneven. Paul Harding por seu apoio e estímulo.

A Lan Samantha Chang e a Connie Brothers: à primeira por ser uma excelente professora, à última pela sabedoria, e a ambas por me darem uma chance.

A Marilynne Robinson por sua amizade, por seu exemplo de vida e pela fé e pelo rigor de seus padrões, que me impulsionaram mesmo quando tinha atingido os meus limites.

Aos romances e ensaios de Toni Morrison, cujas palavras foram ao mesmo tempo um farol e uma âncora, e cujo trabalho abriu caminho para todos nós. Também ao lindo *Thomas and Beulah*, de Rita Dove, que nunca deixou de me ensinar e maravilhar. E a *The Warmth of Other Suns*, de Isabel Wilkerson, um trabalho mais essencial do que podemos imaginar.

Ao poema "Those Winter Sundays", de Robert Hayden, citado neste romance. E a "After Great Pain, A Formal Feeling Comes", de Emily Dickinson, também citado.

Obrigada também a Sally Dorst, Ames Giganous, Jill Herzig, minha amiga ruiva Jenna Johnson, William Johnson, Tanya McKinnon, Cassandra Richmond, Victoria Sanders e A Public Space. A Emma Borges-Scott, Angela Flournoy e Alexander Maksik por serem leitores compenetrados e por terem cérebros lindos e grandes.

Por me acompanharem todos esses anos: Ayana Byrd, Karin Kissiah e Laurence Vagassky.

Ao meu querido Justin Torres, sem o qual este livro não existiria e a cuja amizade eu nunca conseguirei retribuir como deveria. Meus agradecimentos e meu amor, por tudo e para sempre.

Com amor, para Nikki Terry pela profundidade e abrangência de seu coração generoso, por sua paciência e espírito infatigável.

Finalmente, e em especial, para meus avós Leroy e Lucille Hundley, com respeito e admiração. E a minha mãe, Norma Hundley, uma mulher de extraordinários talentos e extraordinário amor.

Sobre a autora

© Elena Seibert



Ayana Mathis formou-se pelo Iowa Writer's Workshop e recebeu a Michener-Copernicus Fellowship. *As doze tribos de Hattie*, seu primeiro romance, tornou-se best-seller do *The New York Times*, foi eleito pelo jornal um dos melhores livros de 2013 e selecionado pela apresentadora Oprah Winfrey para o Oprah Book Club 2.0, a nova versão de seu famoso clube do livro. Ayana ministrou a disciplina de escrita de ficção como professora-visitante no Iowa Writer's Workshop e integra o corpo docente do mestrado em escrita criativa da Writer's Foundry. A autora mora e trabalha no Brooklyn, em Nova York.